

SYLVIA MERCEDES

VISIONS
OF
FATE

THE VENATRIX CHRONICLES BOOK 2



Avisos

A PRESENTE TRADUÇÃO FOI EFETUADA DE MODO A PROPORCIONAR AO LEITOR O ACESSO À OBRA, INCENTIVANDO POSTERIORMENTE A AQUISIÇÃO.

O GRUPO NÃO TEM O OBJETIVO DE OBTER LUCROS, SEJA DIRETA OU INDIRETAMENTE.

SELECIONAMOS LIVROS QUE ESTÃO SEM PREVISÃO DE PUBLICAÇÃO NO BRASIL, ASSIM, AFIM DE PRESERVAR DIREITOS AUTORAIS E CONTRATUAIS DE AUTORES E EDITORAS, O GRUPO PODERÁ RETIRAR SEM AVISO PRÉVIO E SUSPENDER O ACESSO AOS LIVROS QUE SERÃO LANÇADOS POR EDITORAS.

PREZE PELO GRUPO, NÃO DISTRIBUA LIVROS FEITOS POR NÓS EM BLOGS, PÁGINAS DO FACEBOOK E CANAIS ABERTOS COMO OS DO TELEGRAM.

NÃO MENCIONE NOSSAS TRADUÇÕES EM REDES ABERTAS, TAIS COMO: TIK TOK E INSTAGRAM.

NUNCA FALE SOBRE LIVROS QUE FORAM FEITOS POR NÓS PARA AUTORES (AS), DIGAM QUE LERAM NO IDIOMA ORIGINAL.

PRESTIGIE SEMPRE QUE PUDER OS AUTORES COMPRANDO SEUS LIVROS, AFINAL ELES DEPENDEM DISSO NÃO É MESMO?

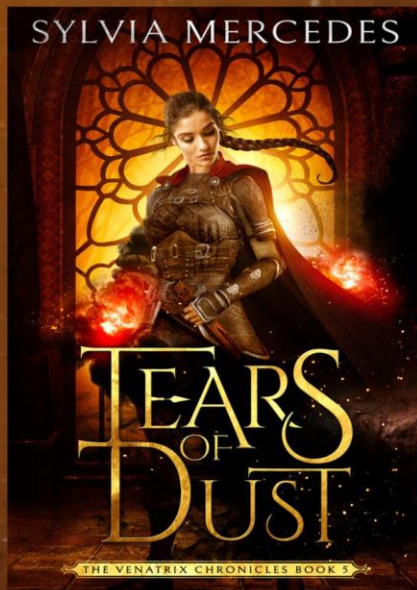
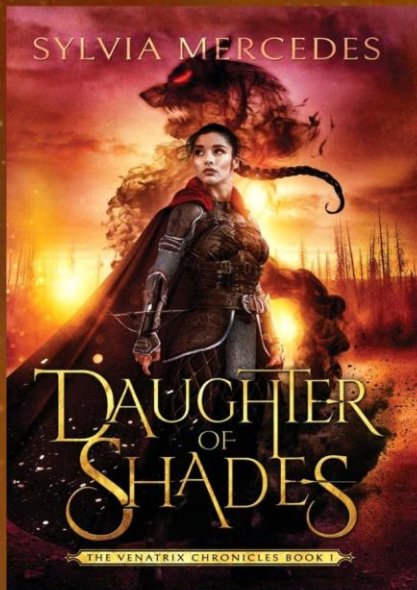


DORRINGS



THE VENATRIX CHRONICLES

ORDEM DE LEITURA



SUMÁRIO

Sinopse

Glossário Das Sombras

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Epílogo

SINOPSE

Uma caçadora sem passado. Um rival com um segredo.

O destino de um reino está em jogo...

A caçada começou.

Mas quem é o caçador e quem é a caça?

Ayleth e Terryn sobreviveram a Floresta da Bruxa, mas não estão mais perto de resolver o mistério do caçador de sombras morto. Em sua busca por respostas, eles descobrem que uma bruxa escapou pela Grande Barreira e está deixando um rastro de cadáveres em seu rastro.

Uma bruxa assassina é apenas um dos problemas de Ayleth, no entanto. Terryn, seu rival irritante e intrigante, dará tudo de si para vencer a competição. E Kephan, seu Mestre, esconde mais de um segredo perigoso.

Pior de tudo, enquanto perseguia uma pista, Ayleth se viu à caça de uma menina de três anos... uma garota possuída por uma sombra única e poderosa.

De repente, Ayleth deve questionar os ensinamentos de sua Sagrada Ordem. É sempre certo matar humanos possuídos por sombras? Mesmo uma criança?

THE VENATRIX CHRONICLES

Skada Mountains

Drauvall Borough

Aalis River

Castra Breca

Wodechran Borough

Sang River

Telamor City

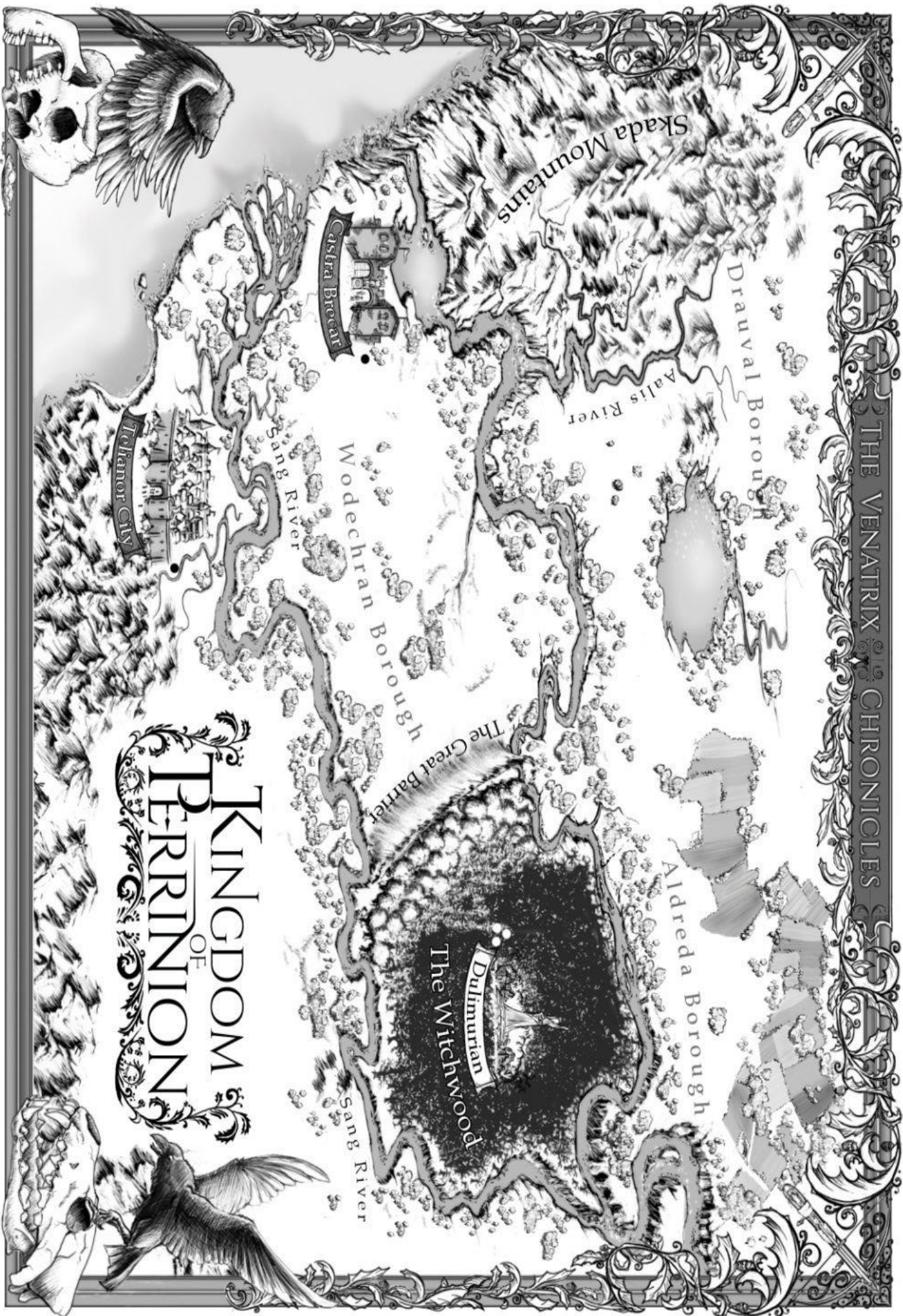
The Great Barrier

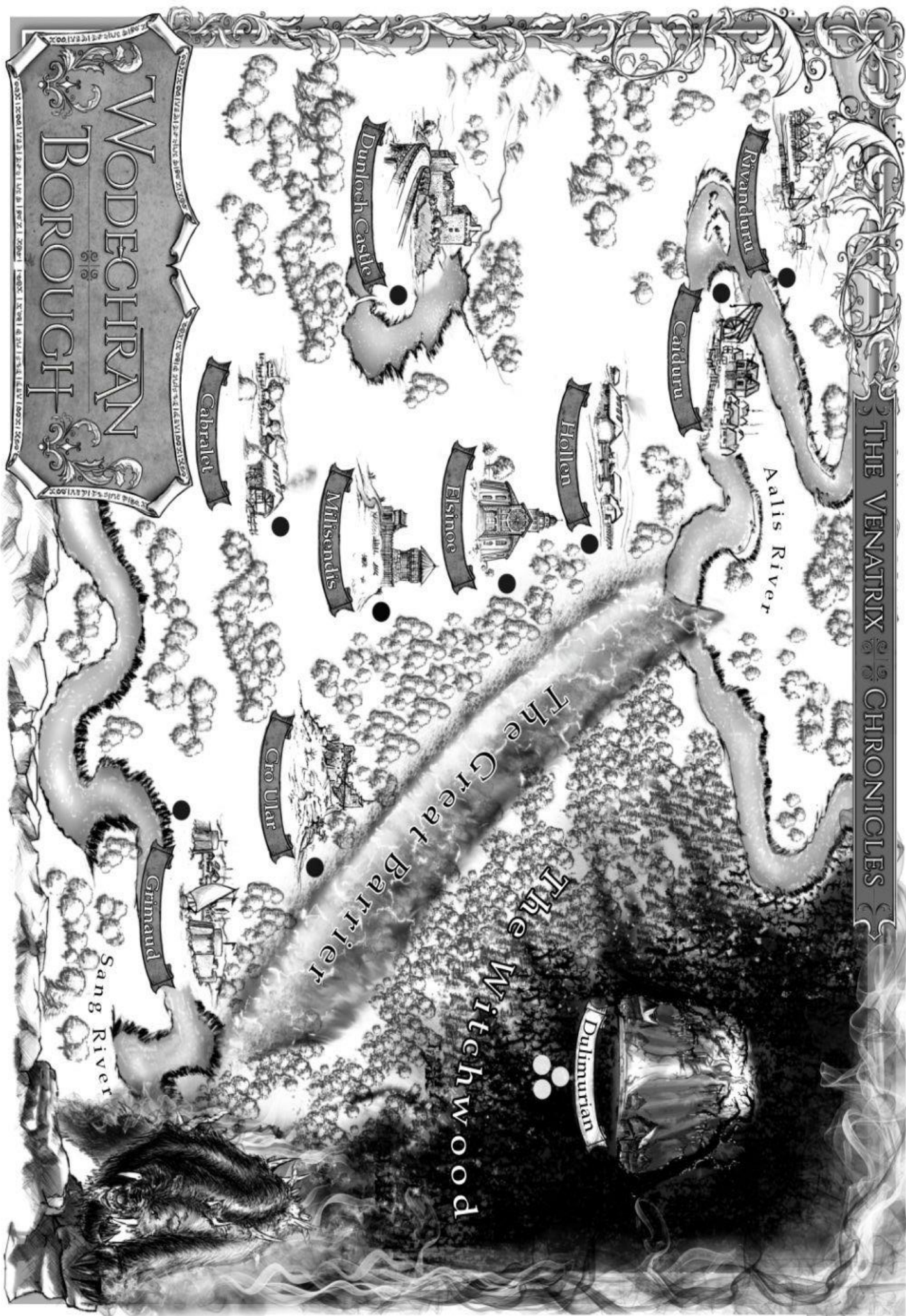
Aldreda Borough

Dulmurian
The Witchwood

Sang River

KINGDOM
OF
TERINION





Alis River

Rivanduru

Caiduru

Hollen

Elsmoe

Milsendis

Cro Ular

Gimaud

Sang River

Dulimurian

The Great Barrier
The Witchwood

Dunloch Castle

Cabralet

GLOSSÁRIO DAS SOMBRAS

Sombras: Seres espirituais desencarnados que escaparam de sua dimensão infernal - as Assombrações - e entraram no mundo mortal. Eles não podem existir em uma realidade física sem hospedeiros mortais, a quem possuem e dotam de poderes não naturais. Se não forem controlados, eles ganharão ascendência dentro de um corpo hospedeiro e expulsarão a alma original, tomando posse total.

A seguir estão as variedades conhecidas de tonalidades, conforme catalogadas pela Ordem de Santo Evander:

ANATHEMAS

Habilidades pertencem ao sangue e lançamento de maldições.

APARIÇÕES

Habilidades pertencem ao controle e manipulação da mente.

ARCANES

Entidades misteriosas com habilidades não totalmente compreendidas, mas que parecem pertencer a energias como calor, movimento, luz, magnetismo e eletricidade.

ELEMENTARES

As habilidades pertencem aos elementos naturais do vento, fogo, água e terra.

EVANESCER

As habilidades pertencem à *evanescência*, ou viagem de distância instantânea.

FERAIS

Habilidades referem-se a sentidos aguçados, força aumentada e agilidade.

LURES

As habilidades referem-se a vozes encantadoras e cantos de sereias.

VISTORES

As habilidades pertencem a visões, previsões e adivinhação. Também pode olhar para o passado.

SHIFTERS

Habilidades pertencem à transformação temporária de corpos hospedeiros.

TRANSMUTADORES

Habilidades dizem respeito à transformação e manipulação de substâncias materiais.

PRÓLOGO

Ele sabia que eles estavam mortos. Ele podia ver as feridas de morte feias, ainda sangrando.

Mas eles caminhavam um de cada lado dele, silenciosos e estranhamente graciosos em seus movimentos, forçando o menino a se manter no centro da estrada pavimentada enquanto ele se arrastava atrás dos outros prisioneiros.

O homem à sua direita... seu nome era, ou tinha sido, Bryat. Ele era um lacaios a serviço da princesa, alto, esguio e bonito em seu uniforme do palácio. O menino gostava dele, pois Bryat às vezes lhe roubava nozes salgadas da cozinha quando ninguém estava olhando. Ele foi morto por um golpe na cabeça, seu crânio esmagado. Todo o sangue havia drenado de seu rosto, deixando-o horrível enquanto deslizava ao longo da beira da estrada.

O homem à sua esquerda não era familiar para o menino. Um senhor de Talmain, parte da comitiva da princesa, vestido em vermelho berrante e ostentando uma corrente de ouro e medalhão, vestiu aquela manhã em preparação para o banquete real que ele esperava desfrutar naquela noite. Ele foi morto por uma faca na garganta. O menino podia ver o cabo ainda sobressaindo de seu pescoço.

Havia outros também, outros mortos por todos os lados, em frente e atrás dos prisioneiros. Todos perfeitamente silenciosos sob o céu nublado, o vento forte da primavera assobiando em seus cabelos, soprando em seus rostos sem vida. Treze ao todo, a menos que o menino tivesse contado errado. Afinal, ele era muito jovem e ainda não tinha confiança em números além do que podia contar com os dedos.

A estrada descia por uma inclinação íngreme em um vale muito abaixo. O menino tropeçou e caiu com força sobre as mãos e os joelhos, raspando as palmas e depois o queixo nas pedras pretas do pavimento. Ele não chorou de dor. Ele estava com muito medo de chorar. Mas ele permaneceu onde caiu, fechando os olhos com força e tentando fingir que não existia. Talvez os mortos deslizassem sem notá-lo. Talvez a figura alta a cavalo atrás deles simplesmente girasse o cavalo ao redor dele e seguisse seu caminho.

Em vez disso, um par de mãos o agarrou por baixo dos braços, colocando-o de pé em um único movimento poderoso.

— Vamos, Terryn. — Uma voz profunda sussurrou perto de seu ouvido. — Mantenha sua coragem. Esse é meu menino corajoso.

Terryn enxugou o queixo dolorido, deixando uma mancha de sangue nas costas da mão. Ele olhou para um par de olhos cinza claros em um rosto moreno. O sangue escorria de um corte na linha do cabelo do homem e um hematoma feio marcava um olho. Mas o pai de Terryn ainda conseguiu dar-lhe um sorriso encorajador.

— Vamos. — Ele disse novamente. — Nós não estamos fora disso ainda. Eu preciso que você seja forte, Terryn. A Deusa está conosco...

Uma batida repentina de cascos atrás deles assustou Terryn e pressionou contra as pernas de seu pai. Então, uma voz áspera gritou: — Mova seus pés, ou vou levar o menino e garantir que ele não te atrapalhe novamente.

Terryn olhou por cima do ombro de seu pai para aquela figura a cavalo. Naquele capuz carmesim profundo puxado para baixo, obscurecendo o rosto. Mas não os olhos. Os olhos brilhavam através das sombras do capuz, discos brilhantes através dos quais espíritos mortais olhavam.

Seu pai imediatamente saiu com passos largos, arrastando Terryn atrás dele pelo ombro de sua vestimenta, uma vestimenta de veludo tão fina, que a

própria princesa o vestira naquela manhã, dizendo que precisava que ele ficasse elegante quando eles conhecessem o Rei Escolhido. Ela sorriu para ele com tanta ternura e beijou sua bochecha antes de enxugar as próprias lágrimas perdidas.

Terryn não tinha entendido por que ela chorou. Ele segurou o rosto dela com as mãos pequenas e disse: — Não fique triste, princesa. Eu não vou te deixar.

Isso não deve ter sido a coisa certa a se dizer. Suas lágrimas vieram com mais força, e a princesa levantou-se rapidamente de seus joelhos, chamando sua dama de companhia. — Por favor, Mylla. — Ela disse. — Leve-o embora. Eu não posso... Eu não posso suportar isso agora. Não hoje, de todos os dias.

Senhora Mylla o tirou do pavilhão da princesa e terminou de prepará-lo para a viagem do dia. Eles estavam viajando por duas semanas agora ao longo dessas estradas solitárias. Um grande grupo de senhores e damas da corte, sacerdotisas e irmãs sagradas, servos e soldados. E, claro, a guarda pessoal da princesa, capitaneada pelo pai de Terryn.

Além disso, cinco Capuzes Vermelhos, destinados a escoltá-los pelo território da Rainha Bruxa.

O que aconteceu com a princesa? Terryn não a tinha visto desde o início do ataque. Ela morrera junto com tantos outros? Mas Terryn não a viu entre os mortos caminhando ao lado dele. Ele esperava que ela tivesse fugido.

Seu pai o arrastava tão rápido agora que muitas vezes ele perdia o equilíbrio e só ficava de pé devido ao aperto forte em seu ombro. Seus pezinhos não conseguiam acompanhar o ritmo e o terror que pulsava em suas veias não era suficiente para levá-lo mais rápido. Ele era muito pequeno. Mas seu pai não desistia.

Terryn viu Senhora Mylla à frente, na frente da procissão. Ela não parecia estar morta. Ela tropeçava com a cabeça baixa. Sua touca e véu haviam sido arrancados, e seu adorável cabelo dourado caía solto em suas costas. Seu vestido lilás estava manchado de lama e sangue, e às vezes Terryn a ouvia chorar. Os mortos não podiam chorar, então com certeza ela deveria estar viva.

Uma torre ergueu-se na paisagem como a presa de um animal selvagem projetando-se do solo. Era bastante alta, mais alta do que as torres mais altas de Venerandon, a casa no palácio de Terryn. Um enorme muro de pedra cercava a torre, com apenas um único portão, aberto como uma boca faminta para receber os prisioneiros e os mortos. Terryn hesitou ao ver aquele portão e tentou se livrar das garras de seu pai.

— Não. — Seu pai sussurrou. — Eles vão matar você. Faça o que você disse. Eu vou... Vou encontrar uma maneira de sair dessa.

Era mentira. Jovem como era, Terryn sabia quando ouvia uma mentira, mesmo falada dos lábios de seu pai. Não haveria uma explosão de força de última hora, nenhuma fuga ousada, nenhuma reversão repentina de sua sorte. Mas ele se agarrou às palavras de seu pai, agarrou-se a sua voz. Apegou-se a essa mentira como sua única esperança.

Eles passaram pela boca aberta do portão, cambaleando para o pátio sob a torre iminente. Os mortos, movendo-se sob o comando de seu mestre, empurravam e cutucavam os vivos em uma linha, Senhora Mylla de um lado, e Terryn e seu pai do outro. Oito outros estavam entre eles, incluindo alguns rostos que Terryn reconhecia. Embaixador du Jyne, que se considerava alto e orgulhoso. E Senhor Lulas, que desabou e chorou onde estava.

Terryn não suportava olhar para Senhor Lulas. Ele olhou para suas botas em vez disso. Mesmo assim, ele percebeu quando a porta da torre se abriu e uma mulher saiu. Ele lançou um olhar furtivo para ela por baixo de seu

emaranhado de cachos escuros. Ela não era velha, mas movia-se com dificuldade, mancando a cada passo. Cada respiração que ela tomava sibilava por entre os dentes, como se lhe causasse dor, mas ela avançou de qualquer maneira, seu ritmo determinado. Seu rosto pode ter sido lindo uma vez. Não tão bonita quanto a princesa, não, mas adorável à sua maneira, com traços delicados e pele cremosa. Agora estava muito distorcido pela dor para ser belo.

Um símbolo preto estava tatuado em sua testa, totalmente acima de suas sobrancelhas claras.

— Guillotin. — Ela gritou. — O que é isso que você trouxe pelos meus portões?

A bruxa com o capuz carmesim desmontou e se aproximou da mulher. Ele puxou o capuz para trás, revelando um rosto largo e bonito, com sobrancelhas grossas e negras e feições fortes. Sua testa trazia um símbolo exatamente igual ao da mulher, um corte horizontal de onde se erguiam cinco cortes verticais, como o desenho de uma coroa de criança.

— Um presentinho para você, Ylaire. — disse ele. — Eu os encontrei na patrulha sul, um grande grupo de Talmain. Metade deles escapou, havia evanderianos em número, mais do que eu poderia controlar sozinho. Mas achei que você gostaria desta pequena amostra de carne mortal. A garota bonita no final pode ser de particular interesse para você.

A mulher tatuada não disse nada em resposta. Ela se colocou entre dois dos mortos, empurrando-os para o lado. Eles se separaram sem resistência, e a bruxa se aproximou dos prisioneiros. Ela manteve uma mão pressionada ao quadril, fazendo uma careta enquanto se movia pela fila, olhando para cada um deles. Seu olhar pousou por alguns longos momentos em Senhora Mylla, que soluçava incontrolavelmente. Mas a bruxa se afastou dela, estudando cada rosto que ela encontrou.

Por fim, ela alcançou o fim da linha e olhou para Terry. Ela fez uma pausa.

— Meu, meu. — Um sorriso afastou a dor em seu rosto, tornando suas feições mais bonitas. E muito mais terrível. — Meu Deus, que criaturinha doce você é.

O bruxo deu um passo para o lado dela, cruzando os braços sobre o peito. — Ele é muito jovem para ter alguma utilidade. Mas achei que você e Inren gostariam de ter um animal de estimação. Algo para iluminar esta sua torre sombria.

— Inren não liga para essas coisas. — A mulher disse com um gesto de desprezo de sua cabeça. — Eu, por outro lado...

Ela estendeu a mão e tocou a bochecha de Terry com a ponta de uma unha comprida e curva.

Um movimento de estocada ao lado de Terry, e seu pai se colocou entre ele e a mulher. Ele a empurrou, rugindo como um leão: — Não toque nele! — Terry nunca tinha ouvido tal voz vindo da boca de seu pai. Isso o assustou ainda mais do que as bruxas.

A mulher cambaleou para trás, praguejando, o rosto contorcido de dor. — Gillotin! — ela rosnou sem tirar os olhos do capitão alto. — Mantenha seus fantoches sob controle.

— Sinto muitíssimo, Ylaire. — O bruxo levantou a mão e torceu-a bruscamente no pulso.

O pai de Terry gritou e caiu de joelhos. Seus braços estavam presos ao lado do corpo, as costas arqueadas e os olhos fixos em sua cabeça. As cordas de seu pescoço se projetaram nitidamente e sua mandíbula cerrou-se com força.

— Papa! — Terryn chorou e se atirou sobre seu pai, agarrando seu ombro, puxando seu braço, tentando fazê-lo se levantar. Os olhos de seu pai giraram nas órbitas para olhar para ele. Mas, fora isso, ele não conseguia se mover.

A bruxa se endireitou, zombando de seu agressor. — Ele parece forte o suficiente. — disse ela. — Você está planejando levar o corpo dele?

— Sim. — respondeu Gillotin. — Em breve... ainda não. Este anfitrião que estou usando ainda está em boas condições, mas achei melhor ter um sobressalente à mão.

A bruxa fungou. — Muito bem. Apenas mantenha o controle sobre ele. E tire-o da minha vista. Pegue tudo isso. — Ela acrescentou com um movimento de sua mão na linha de prisioneiros. — Exceto a garota no final. E esta criança.

— Achei que você gostaria deles. — Gillotin deu um sorriso. — Aproveite seus presentes, Ylaire.

Dizendo isso, ele acenou com a mão novamente. O pai de Terryn se levantou tão abruptamente que a ação derrubou Terryn no chão. Sem uma palavra ou olhar para Terryn, ele se virou para a direita, permanecendo em perfeita atenção. Então, ele e os outros prisioneiros começaram a marchar a passos largos, como se a tempo de alguma batida de tambor ouvida apenas por seus ouvidos.

— Não! — Terryn gritou e tentou correr atrás de seu pai, tentou agarrar sua mão.

— Fique onde está, garoto.

Com o latido da bruxa, ele parou de repente. Não havia outra compulsão além do medo para forçar sua obediência, mas o medo era mais do que suficiente. Ele ficou parado como se estivesse congelado, observando seu pai e os outros desaparecerem em um prédio sem janelas dentro das muralhas. O

bruxoa encapuzado seguiu atrás deles, levando seus mortos silenciosos em seu rastro.

A bruxa deu um passo para o lado de Terryn novamente. Ele a viu em sua visão periférica, mas não conseguia olhar para ela. Em vez disso, ele olhou para suas botas. As lindas botas novas que a princesa deu a ele pouco antes de partirem nessa jornada. Agora manchadas de lama. E sangue.

Uma mão repousou em sua cabeça, gentil a princípio. Em seguida, dedos agarraram seus cachos e puxaram seu rosto para cima, forçando-o a olhar para aquele rosto queimado de dor.

— Está tudo bem, doce criança. — A bruxa sussurrou. — Todos os seus medos logo desaparecerão. Mas primeiro, devo reivindicá-lo.

Suas longas unhas brilharam diante de sua visão. Então uma daquelas unhas perfurou sua pele, e ele gritou e gritou quando a bruxa esculpiu um padrão circular perfeito em seu rosto.

CAPÍTULO 1

A torre de vigia do Posto Avançado de Milisendis aparecia totalmente contra o céu listrado de laranja. O sol se pondo além do horizonte lançava um clarão no rosto de Ayleth, mas ela puxou o capuz para baixo para proteger os olhos e apressou o cavalo a trotar. Ela estava pronta para acabar com este dia.

— Foi realmente um único dia? — ela sussurrou. O vento forte do outono chicoteou seu rosto e levou sua voz para o crepúsculo que escurecia. Ela estremeceu, seu corpo de repente tão cansado que ela temeu cair da sela lá na trilha estreita muito antes de chegar ao posto avançado.

Se ela tivesse alguma ideia do que significaria seu primeiro dia inteiro servindo em Wodechran Borough, ela nunca teria fugido de casa, nunca teria desobedecido a Hollis. Ela nunca teria ousado se apresentar ao Príncipe Dourado.

Que loucura a fez pensar, pelos Assombrados, que ela queria esse maldito trabalho?

Cascos pisaram na trilha atrás dela, Terryn, Venador du Balafre, também retornando de sua pequena aventura além da Grande Barreira. Ayleth endireitou-se na sela, não querendo que nenhum arquear de ombros ou cabeça baixa denunciasse seu cansaço. Não havia razão para deixar Terryn pensar que ele tinha mais vantagem sobre ela do que já tinha. Os dois podem ter sobrevivido à venenosa Floresta da Bruxa trabalhando juntos, mas isso não significava que eram amigos ou mesmo camaradas. Eles eram competidores. Quase inimigos.

No final do período de experiência de três meses, o Príncipe Dourado escolheria apenas um deles para preencher o lugar vago do Venador du Vincent em Milisendis. O outro seria enviado de volta.

Ayleth não ousaria falhar. A própria ideia a fez estremecer diretamente em sua alma. O Venador Terryn apenas enfrentaria o retorno a Castra Breçar, onde logo receberia outra missão em algum lugar de Perrinion ou de um dos outros reinos de Gália. Mas Ayleth... ela não tinha nenhum outro lugar para ir. Eles não a conheceram no castra, pois ela nunca havia sido apresentada oficialmente. Ela não podia esperar encontrar um lugar para si ali.

Que outra opção ela tinha? Será que ela rastejaria de volta, envergonhada, até os pés de Hollis e imploraria perdão, imploraria por seu antigo emprego de volta? E então retornaria ao trabalho de aprendiz servil que ela havia superado há muito tempo. Sem mais responsabilidades. Sem mais aventuras. Sem mais caças.

O tempo todo sabendo que Hollis estava manipulando sua mente, suas memórias...

Não. Não, ela não podia voltar. Embora o pensamento tenha causado uma torção de dor em seu coração, ela sabia que essa porta estava fechada. Para sempre.

Ela voltou seu foco para a torre do posto avançado à frente enquanto a resolução crescia dentro dela como uma árvore, suas raízes mergulhando fundo. Ela terminaria esta competição e provaria seu valor ao príncipe. Ela tomaria seu lugar em Milisendis. Ela já enfrentou a Floresta da Bruxa e sobreviveu. Ela lutou contra os Diabos Carmesins e saiu inteira. Que pior infortúnio o bairro poderia lançar em seu caminho?

Ela realmente queria fazer essa pergunta? Muito menos descobrir a resposta...

Ayleth balançou a cabeça sob o capuz. Agora era a hora de lutar por um objetivo e um só objetivo: um banho. Ela fedia, realmente fedia, a sangue, podridão, pus e infecção. Ainda pior do que isso, ela cheirava a oblivis, o ar dos Assombrados. Permeava sua pele, seu cabelo. Parecia sair de seus poros e cobrir seus dentes com uma camada de gosma arenosa. Ela estava coberta disso da cabeça aos pés, e ela respirou fundo em seus pulmões. Parecia que ela usava o mal em uma crosta espessa por toda a pele.

Então sim. Primeiras coisas primeiro. Um banho. E se ela fosse rápida, se ela conseguisse passar pelo portão do posto avançado e entrar na casamata primeiro, ela poderia reivindicar a grande banheira de cobre antes de Venador Terryn. Ele estava igualmente nojento, após sua fuga da Floresta da Bruxa, mas ele poderia apenas ficar na soleira da porta e esperar a sua vez até que ela se esfregasse na frente do fogo.

Ela correu com seu cavalo para o vale rochoso onde ficava o Posto Avançado de Milisendis. O posto avançado parecia um tanto familiar a seus olhos, construído como era no mesmo estilo de Gillanluòc, onde ela havia passado os anos de seu aprendizado. A torre erguia-se três andares acima da paisagem circundante, e uma alta parede de madeira cercava a fortificação atarracada e alguns outros edifícios. Era uma fortaleza pequena, mas eficiente, destinada a abrigar não mais do que quatro ou cinco evanderianos de cada vez. Apenas dois, após as depredações da guerra e o severo esgotamento das fileiras evanderianas.

Uma intuição perturbadora picou no fundo do cérebro de Ayleth quando ela se aproximou do portão. Quando ela chegou, apenas na noite anterior, o posto avançado tinha sido equipado com uma série de armadilhas de maldição. Algumas delas eram mortais, enquanto outras eram apenas

inconvenientes. Tendo encontrado e desmontado quase meia dúzia delas, Ayleth sabia que era melhor não ignorar qualquer sentimento desconfortável.

Sentiu algo em Milisendis... expectante, de alguma forma.

— *Laranta*. — ela falou dentro de sua cabeça. Apenas o zumbido distante de um feitiço de música respondeu, e ela estremeceu com a lembrança. Ela suprimiu sua sombra após o uso extremo de seus poderes ao longo do dia. Ela deveria convocar seus poderes de volta agora? Será que a inquietação que escorria por sua espinha justificava a retirada de seus tubos Vocos para desfazer o feitiço de supressão e chamar Laranta a uma ascensão superior?

Uma perspectiva exaustiva. Além disso, ela percebeu com um baque surdo de seu coração, ela não tinha mais um Vocos. A bruxa do vento roubou seus dois tubos de osso enquanto ela estava paralisada no altar da casa do santuário em ruínas. Ela não tinha tubos, venenos e escorpiões.

Que tipo de venatrix ela era?

Venador Terryrn se aproximou rapidamente atrás dela. Ela ouviu o movimento dos cascos de seu cavalo batendo na pedra em vez de na terra quando ele começou a descer para o vale rochoso. Ela teria que se apressar se quisesse tomar aquele banho antes dele.

Cerrando o queixo, Ayleth empurrou o cavalo em direção ao portão. Nenhuma maldição foi lançada contra ela, e tudo estava quieto do outro lado da parede. A sensação de expectativa não diminuiu, porém. Ela desmontou, sua mão movendo-se por hábito até a bainha de adaga vazia em seu cinto, e se aproximou daquele lugar na parede onde ela sabia que o mecanismo secreto para abrir o portão pelo lado de fora estava escondido. Seus dedos exploradores, depois de tatear nas sombras cada vez mais profundas da noite, finalmente encontraram o pino e o interruptor. O portão se abriu com um silêncio assustador.

Ela teria se sentido mais confortável se tivesse rangido. Pelo menos um pouco.

Com os olhos alertas e a mão direita ainda alcançando uma adaga que não estava lá, ela conduziu seu cavalo pelo portão, e parou abruptamente.

Um dardo envenenado, pairando no ar a menos de um centímetro de sua orelha direita, estava empurrando suavemente para trás a ponta de seu capuz vermelho.

— Querida senhora, gostaria muito de assumir que você é uma irmã de minha Ordem. — uma voz suave como o mel falou do espaço escuro logo além daquele dardo. — Na verdade, seria um prazer indizível recebê-la de braços abertos e uma saudação muito fraterna. Mas não consigo discernir a cor do seu capuz sob toda essa sujeira, então você vai ter que me convencer.

Os olhos de Ayleth giraram o mais para a direita que podiam. No escuro e sem os sentidos de Laranta, ela não conseguia ver ou cheirar que tipo de veneno pairava tão perto de sua pele. Algo sinistro subjacente a essas palavras tão doces disse a ela que era a Morte Gentil.

Sua garganta engrossou e ela ficou perfeitamente imóvel, mal ousando respirar. — Eu sou Ayleth, Venatrix di Ferosa. — ela engasgou. — Eu sou uma Evanderiana, uma da Ordem. Você... você pode acreditar em mim...

— Oh, relaxe, adorável. — O dardo foi embora, permitindo que seu capuz caísse de volta no lugar. A figura à sua direita se moveu para ficar na frente dela, abaixando o escorpião afixado em seu braço direito e tirando-o do modo de disparo. — Eu posso ouvir os feitiços da música tocando dentro de você. Se você não é uma venatrix, a Ordem está ficando bastante relaxada em guardar segredos. O que significa que estamos todos condenados de qualquer maneira, então você pode muito bem entrar.

Ayleth ficou olhando. Parado diante dela com um sorriso estranho e não exatamente acolhedor esticado em seu rosto estava um homem de uns trinta e tantos anos, quadrado e forte, e não tão alto quanto ela. Um cavanhaque esfarrapado circundava seu queixo e lábio, e uma barba pálida salpicada por suas bochechas, presumivelmente depois de alguns dias na estrada aberta.

— Venador... Venador du Tam? — Ayleth arriscou. Seu coração bateu forte como se estivesse se preparando para a batalha. Mas ela não estava em perigo. Ou... ou ela estava?

— Sim, sim, sou eu. — O homem respondeu com um aceno de cabeça, mesmo enquanto seu olhar corria para cima e para baixo em seu uniforme. — Querida Deusa que me ama, você parece como se tivesse mergulhado de cara no chiqueiro. E você cheira pior. Você estava perseguindo porcos tomados pela sombra enquanto eu estava fora? Melhor você do que eu, devo dizer. — Ele estremeceu, sua boca torcendo como se temesse que fosse ficar doente. — Ainda assim, o Príncipe Dourado aparentemente considera você uma maravilha, pelo menos de acordo com a mensagem que encontrei esperando por mim na minha mesa. Confesso que esperava alguém bem diferente, segundo uma carta recente do Venador Dominus.

Terryn. Ele estava esperando Terryn, é claro. O próprio protegido do Venador Dominus, escolhido a dedo para assumir o cargo vazio em Milisendis. O estômago de Ayleth se contraiu com o pensamento. Mas não era uma indicação do Venador Dominus. Apenas o Príncipe de Ouro poderia determinar o resultado final desta competição. O príncipe cuja vida ela salvou há menos de dois dias.

Ela ainda tinha uma chance. Um tiro no escuro, mas... ela era uma atiradora habilidosa.

Nesse momento, Ayleth ouviu a aproximação do cavalo de Terry n às suas costas. Ela se endireitou e se ergueu, assumindo uma expressão severa sob a lama endurecida em seu rosto. — Não sei de nenhuma mensagem do Dominus. — disse ela, determinada a recuperar o equilíbrio nesta conversa. — Eu sou Ayleth di Ferosa, e é meu...

— Nós cobrimos isso. O que não cobrimos é por que você está coberta do topo de sua linda cabecinha até a sola de seus pés impressionantemente grandes no que parece ser uma combinação repulsiva de sangue, lama e esterco. Há uma história aqui, eu imagino. Vale a pena ouvir ou não, dificilmente ous o adivinhar.

Ayleth engoliu em seco. — Eu fui além...

— Ah, espere. Quem é? — Venador du Tam contornou Ayleth e mais uma vez ergueu seu escorpião, colocando-o em modo de disparo e mirando ao longo de seu braço erguido. — Levante-se e declare-se! — ele chamou noite adentro.

— Essa coisa está armada? — A voz de Terry n retumbou.

Ayleth piscou. Não era a resposta que ela teria dado a tal comando. Venador du Tam, entretanto, apenas fungou, abaixando o braço e mais uma vez desengatando o mecanismo de disparo. — Claro que está armado. Eu sei melhor do que apontar uma arma vazia para um inimigo em potencial surgindo das sombras.

— Com o que está armado?

— Uma coisinha de minha própria invenção. Se isso te picar, você espirrará incontrolavelmente por duas horas seguidas. Eu gostaria de ver alguém tentar lutar comigo então!

Ayleth, carrancuda, olhou para o lado do rosto quadrado do estranho venador, tentando decidir se ele estava brincando ou não. Era impossível

saber. O erguer perpétuo de sua sobrancelha e o torcer de seu lábio poderiam denotar sarcasmo, mas poderiam facilmente denotar um indivíduo verdadeiramente perigoso com talvez uma pitada de loucura misturada. Ela captou um brilho nos olhos mais próximos dela, mas poderia muito bem ser um traço da sombra do venador e nenhum vislumbre de bom humor.

Venador du Tam se afastou do portão, permitindo que Terryn cavalgasse e desmontasse no pátio, então fechou o portão atrás dele. Quando Terryn desceu de seu cavalo, com a capa girando, o venador mais velho gritou e ergueu a mão para cobrir o nariz. — Assombrados nos condene ao esquecimento! Você fede tão mal quanto di Ferosa aqui. Vocês dois estavam brigando na lama juntos? Algum rito de passagem ou iniciação? Não permitirei nada disso aqui, meu rapaz! Você não é mais o favorito do castra, e faria bem em se lembrar disso. Agora, o que você está fazendo aqui?

Terryn olhou furiosamente sob a sombra de seu capuz. — Vim apresentar minha candidatura ao Príncipe Dourado.

— Disseram-me que o cargo era tão bom quanto o seu. — respondeu du Tam. — Mas eu o encontro na companhia de di Ferosa aqui, e de acordo com a carta do Príncipe Dourado, deixada em minha mesa por um de vocês, suponho, vocês devem competir pela posição nos próximos três meses. É mesmo essa a situação?

Terryn lançou um olhar rápido para Ayleth e ergueu o queixo friamente. — Sim.

O venador olhou atentamente para Ayleth, depois de volta para Terryn novamente. — Interessante. Quem entre nós pode prever os caprichos de nossa realza, hein? — Ele balançou a cabeça e acenou com a mão desdenhosa. — Mas não importa tudo isso. Expliquem-me a razão por trás de sua atual confusão.

— Ultrapassamos a Grande Barreira. — Terryn respondeu sem preâmbulos.

Mesmo na escuridão cada vez mais profunda, Ayleth pôde ver o sangue sumir do rosto de Venador du Tam. Sua outra sobrancelha se ergueu, e seu lábio perdeu sua curva característica enquanto sua boca estava ligeiramente aberta. — Além da barreira? — ele murmurou. Um músculo em sua bochecha se contraiu estranhamente e ele balançou a cabeça, voltando o olhar para estudar Ayleth também. — Vocês dois?

Ela acenou com a cabeça. — O Príncipe Gerard solicitou que nos esforçássemos para descobrir o que aconteceu com o Venador du Vincent. Já faz algum tempo desde o seu desaparecimento e...

— Seis semanas.

Ayleth parou, sem saber como proceder. Os olhos do venador não se desviaram dos dela, sustentando seu olhar com uma intensidade grande demais para seu conforto.

— Seis semanas. — Ele disse novamente. — Até o dia. Desde que Nane desapareceu. E o príncipe, você me diz, não achava que eu tinha cumprido meu dever suficiente ao tentar localizar meu irmão caçador perdido? Ele acredita que não estou agindo como deveria?

— De jeito nenhum. — Terryn interrompeu imediatamente. — Ele está apenas preocupado que você esteja sobrecarregado com as muitas tarefas envolvidas na manutenção de um bairro tão grande como Wodechran. Ele quis dizer isso como...

Du Tam ergueu a mão silenciosa. — O que quer que nosso estimado Príncipe de Ouro quisesse dizer... — ele disse, seu rosto deslizando de volta para a expressão mais familiar para seus traços, sarcástico e um pouco duro. — Ele certamente não pretendia que vocês dois partissem galopando além da

Grande Barreira. — Seu olhar percorreu nos para cima e para baixo, um após o outro. — Embora, aparentemente, vocês tenham se divertido muito.

Com isso, o venador mais velho avançou rapidamente, fazendo com que Ayleth e Terryn recuassem rapidamente para que ele pudesse passar entre eles. — Arg! — Ele grunhiu enquanto caminhava, acenando com a mão na frente do rosto. — Nenhum de vocês está pisando no meu fortim. Há um poço no quintal e um balde. Vou jogar um pouco de sabão pela janela e vocês fazem o que puderem antes de chegar perto da porta da frente. Eu fui claro, crianças?

Dizendo isso, ele cruzou o pátio do posto avançado para o fortim, deixando Terryn e Ayleth olhando para ele até que ele empurrou a porta, entrou e fechou-a com força. Alguns momentos depois, um projétil voou por uma janela aberta. O sabonete prometido, provavelmente.

Ayleth se voltou para Terryn. Ele não olhou para ela. — Temos um balde. — disse ela. Ele não respondeu. — E um pátio aberto. — Acrescentou ela.

Ela observou os músculos de sua garganta se contraírem.

Ayleth cruzou os braços. — Então, o que você propõe, Venador du Balafre?

— Eu vou... — Terryn engoliu em seco novamente, então estendeu a mão e arrancou as rédeas de seu cavalo de suas mãos. — Vou cuidar dos cavalos. — Sem nem mesmo olhar em sua direção, ele puxou sua égua vermelha e seu cavalo castanho atrás dele em direção ao estábulo.

CAPÍTULO 2

Com o bloco duro de sabão agarrado em uma das mãos, Ayleth ficou um longo momento ao lado do poço. Pensamentos desamparados da grande banheira de cobre na casamata passaram por seu cérebro, junto com aquelas imaginações afetuosas de um luxuoso banho diante de uma lareira.

Em vez disso, ela tinha um balde. E um cocho, atualmente cheio de água da chuva um tanto espessa. E todo o céu aberto acima dela, lentamente enchendo-se de estrelas, e um vento forte de outono assobiando pelas pequenas fendas na parede para congelar sua pele.

O quanto ela queria que Venador du Tam a deixasse entrar?

Ayleth respirou fundo, inalando mais uma vez o cheiro horrível de suas roupas e de seu corpo. Motivação suficiente, bem aí.

Deixando a barra de sabão de lado na borda do cocho, ela começou a trabalhar, jogando o balde no poço e puxando-o novamente, cheio e pingando. Em seguida, ela tirou o capuz, a capa e o gibão. Despir-se levou menos tempo do que o normal sem suas armas. A bruxa do vento nem mesmo poupou suas duas braçadeiras. Deusa do céu, era melhor ela torcer para que algum equipamento sobressalente fosse mantido neste posto avançado, ou sua parte na competição seria interrompida abruptamente! Ela não conseguia nem convocar sua sombra novamente, a menos que alguém lhe emprestasse um Vocos.

Rangendo os dentes, ela jogou todas as suas vestimentas externas no cocho e girou-as vigorosamente até que a água ficou preta com sujeira da Floresta da Bruxa. Ela fez algumas esfregadas indiferentes com o pedaço de

sabão, mas no final desistiu e simplesmente colocou suas roupas ensopadas ao redor da borda do poço para secar e, com sorte, pegar um pouco de sol pela manhã. Pelo menos ela tinha um uniforme sobressalente dentro, que ela poderia usar até que ela encontrasse a oportunidade de lavar esses itens adequadamente. Enquanto isso, ela estava com frio, com fome, cansada... e ainda nojenta.

Sua pele se arrepiou sob o tecido fino de sua roupa leve e desgrenhada, e seus pés descalços pareciam pedaços de gelo. Seus braços, molhados até os cotovelos de lavar suas vestes exteriores, tremeram quando o vento soprou contra eles. Mas ela sabia que não estava nem perto de estar limpa o suficiente para passar pelo Venador du Tam e obter acesso à lareira.

Firmando a mandíbula, Ayleth ergueu o balde pesado e jogou-o sobre a cabeça e os ombros, ensopando-se até os ossos. Ela engasgou, a respiração roubada de seus pulmões. Seus longos cabelos, ainda parcialmente presos em uma trança, grudados em seu rosto e pescoço, e sua camiseta grudada no peito e na barriga. Riachos de água enegrecida rolaram por seu corpo, suas calças e se acumularam em torno de seus pés descalços dançantes.

— Maldição do Assombrados, maldição do Assombrados, maldição do Assombrados! — ela gritou ferozmente. Pegando o bloco de sabão novamente, ela esfregou os braços, o pescoço, o rosto. Ela puxou a camisa do corpo e enfiou o sabonete bem na frente, esfregando com tanta força que provavelmente teria hematomas pela manhã. O fedor ardente de soda cáustica começou a substituir o fedor da Floresta da Bruxa e, embora seus olhos ardessem, ela gostou da mudança.

Puxando a barra de sabão de baixo da camisa, Ayleth apertou com muita força, e ela caiu de sua mão. Ela girou, agarrando-a, mas não rápido o

suficiente, e observou-a cair no chão e derrapar pelo pavimento de pedra, deixando um rastro de bolhas viscosas ao passar.

Parou, gentilmente pressionada sob uma bota.

Ayleth, com o cabelo molhado pingando no rosto, olhou para um par de olhos tão frios que pareciam congelar a água em pingentes de gelo em sua pele.

Venador Terry n a olhava fixamente, seu olhar fixo em seu rosto. Com cuidado, não deslizando para baixo em seu corpo molhado, com cuidado, não observando como sua fina camisola de linho se moldava a sua figura, não preservando qualquer modéstia.

De alguma forma, o cuidado dele fez Ayleth se sentir muito mais exposta.

Ela cruzou os braços sobre o peito. Então, sibilando outra maldição por entre os dentes batendo, ela virou as costas para o venador, agarrou seu capuz vermelho encharcado por modéstia e, deixando o resto de suas roupas enroladas ao redor do poço e suas botas de lado, correu através do pátio do posto avançado o mais rápido que ela poderia ir.

— Venador du Tam! — ela latiu, segurando o capuz sobre o peito com um braço para liberar um punho para bater na porta. Um repentino vento gelado renovou seus estremecimentos. — V-Venador, de-deixe-me entrar! Pp-por favor!

A porta se abriu e o olho do venador apareceu na abertura estreita. Ele a olhou de cima a baixo criticamente. Então, com um suspiro de sofrimento, ele deu um passo para trás, abrindo a porta. — Patética. — disse ele enquanto ela cambaleava ao longo da soleira para a sala principal iluminada pelo fogo do fortim. — Pronto, di Ferosa, sente-se perto do fogo antes de pegar um resfriado.

A solicitude em sua voz não fez nada para aliviar a dureza em seu rosto, mas Ayleth não iria reclamar. Ela correu pela sala, contornando a longa mesa

que ocupava a maior parte do espaço e desabou em um banquinho de madeira puxado para perto do fogo. Venador du Tam havia alimentado o fogo para um calor estrondoso, e o brilho do fogo contra sua pele parecia o paraíso. Ayleth largou o capuz ensopado nas costas de uma cadeira e estendeu as duas mãos para as chamas, como se quisesse abraçá-las.

— Não se queime. — disse du Tam, dando um passo para o lado dela. Ele estendeu um cobertor de lã, que Ayleth agarrou com a intenção de colocá-lo sobre os ombros dela. — Aguenta! — O venador recuou um passo. — Tire a camisa e as calças e pendure-as naquele cabide ali. Não adianta se embrulhar toda molhada.

Ayleth, com a primeira onda de conforto do fogo passado, franziu a testa para o venador, retirando sua mão estendida das dobras do cobertor. Ele percebeu a expressão dela e riu um único bufo zombeteiro de risada.

— A modéstia da senhora treme? Que venatrix que você faz, garotinha. Se você acha que eu não vi minha parcela de carne feminina ao longo dos anos, pense novamente. Não tem mais interesse para mim agora do que nunca. No entanto, para poupar seu rubor de donzela...

Ele jogou o cobertor em seus braços e apontou para o meio da sala, virando as costas para ela, com as mãos nos quadris. Com as sobrancelhas franzidas em um nó apertado, Ayleth observou o venador de perto. Ela não tinha certeza se confiava nele, mas... se ela se aventurasse em sua própria câmara na torre, corria o risco de congelar até a morte antes mesmo de conseguir tirar as roupas molhadas de seu corpo.

Então, mantendo um olhar cauteloso em du Tam, ela desfez os laços de cima da camisa e puxou-a pela cabeça. Sua pele nua arrepiou com puro alívio por estar livre da roupa fria.

— Eu notei várias maldições de proteção do meu irmão caçador desfeitas quando eu voltei. — disse du Tam, ainda de costas para ela. Ele estudou as unhas antes de esfregá-las desinteressadamente no ombro. — Eu confio que nem você nem o Venador du Balafre foram vítimas de qualquer um dos piores? Elas não foram feitas para afetar outros evanderianos, você sabe. Apenas invasores de postos avançados.

Levantando-se para tirar as calças, Ayleth bufou baixinho. — Encontramos algumas. Nós conseguimos desfazê-las. — Ela começou a afrouxar os fechos em volta da cintura.

A porta se abriu. Terryyn, com o peito nu e pingando, entrou.

Ayleth gritou e girou para enfrentar o fogo, caindo de joelhos e agarrando o cobertor, a trança molhada batendo em seu ombro nu. Um segundo depois, a porta se fechou novamente, e Venador du Tam deu uma grande gargalhada. Olhando por cima do ombro e puxando o cobertor ao redor do corpo, Ayleth observou o venador cambalear pela sala até a porta, parando por um momento para se encostar na parede em um esforço para se recompor.

— Terryyn, meu querido menino! — ele gritou, abrindo a porta novamente. — Você não pode ficar aí encharcado na porta a noite toda! Entre, entre. Irmãos e irmãs de caça não devem ser tímidos uns com os outros. Não, não saia correndo para os estábulos! Você não vai passar a noite com seu cavalo. Di Ferosa está perfeitamente decente agora. — Isso com um olhar por cima do ombro para Ayleth, que estava enrolada em pregas de lã que coçava. — E eu odiaria ter que escrever para Dominus e explicar a ele como seu protegido morreu de vergonha logo após sua chegada. Entre, eu digo!

No momento em que Venador du Tam conseguiu agarrar Terryyn e arrastá-lo de volta para dentro, Ayleth estava rastejando para a escada de seu

quarto na torre acima. Du Tam a avistou, porém, e saltou pela sala, agarrando-a pelo cobertor e puxando-a com tanta força que, se resistisse, ela o perderia por completo. Não querendo se expor novamente, Ayleth seguiu o venador enquanto ele a conduzia e Terryyn de volta ao fogo.

— Sentem-se, vocês dois. — disse ele, empurrando Ayleth para seu banquinho e Terryyn para outro ao lado dela. A pele de Ayleth ficou tão quente que ela pensou que se secaria em questão de segundos, com ou sem fogo. Se Venador Terryyn achava difícil olhar para ela antes, ela poderia muito bem ser invisível agora. Ele fixou seu olhar gelado nas chamas da lareira com tanta concentração, que ela temeu que ele congelasse o calor para fora do quarto. O brilho do fogo contornava os músculos tensos de seu peito e braços nus e, embora a escuridão de sua pele disfarçasse qualquer rubor, Ayleth tinha quase certeza de que o venador estava tão quente quanto ela.

Ayleth mexeu-se no banquinho, a calça úmida espremendo-se desconfortavelmente. De jeito nenhum ela tentaria removê-la agora!

Venador du Tam, ainda rindo, colocou um cobertor sobre os ombros de Terryyn. — Meus amigos, obrigado. — Ele se afastou deles e puxou a cadeira quadrada da mesa a alguns metros de distância. Ele se sentou e se recostou, enxugando os olhos com o polegar. — Eu precisava daquela risada mais do que vocês podem imaginar. Oh, ser jovem e estúpido de novo! Vocês não percebem o quão abençoada é a estupidez juvenil até que ela vá embora. A estupidez madura simplesmente não é a mesma.

Ayleth franziu o cenho ainda mais. O rosto de Terryyn não se moveu, nem mesmo uma centelha. Ele pode ter se transformado em pedra. O único sinal de reação foi um leve embranquecimento dos nós dos dedos quando seus dedos cerraram nos joelhos.

Mudando de posição em seu banquinho, Ayleth enfrentou Venador du Tam. Ele se afastou da lareira, sua atenção agora fixada nos papéis espalhados pela superfície da mesa. Papéis que a própria Ayleth havia folheado mais cedo naquela manhã. Ela se lembrou das anotações feitas pela caligrafia de du Tam sobre o que parecia ser uma sombra que mudava de corpo, mortes inexplicáveis, aparentemente por suicídio, de hospedeiros animais e humanos, sempre seguidas por uma nova aparência de sombra em um raio de alguns quilômetros. A morte de um corpo hospedeiro normalmente deixava uma sombra possuidora vulnerável à atração dos Assombrados, mas uma morte violenta poderia fortalecer a sombra residente com tal força que seria capaz de escapar da atração dos Assombrados e, se tivesse sorte, encontrar um novo corpo hospedeiro.

As anotações do Venador du Tam indicaram as sucessivas mortes violentas de um velho tomado pela sombra, um gato e uma vaca. Ayleth se perguntou se o venador havia conseguido rastrear a sombra e expulsá-la deste mundo. Ela quase criou coragem para perguntar a ele quando o venador ergueu os olhos e encontrou seu olhar.

— Tudo bem. — disse ele, todos os traços de alegria sumiram de sua voz, embora aquela sobrancelha sardônica deslizou de volta para a posição. — Todos nós já demos uma risadinha. É hora de começar a trabalhar. Então, vocês dois se aventuraram na Floresta da Bruxa em sua busca por meu irmão caçador. Vocês o encontraram?

Ayleth assentiu, sem esperar que Terryyn contasse sua versão da história. — Descobrimos seu corpo do outro lado da Grande Barreira. Houve uma abertura no feitiço, como se ele tivesse tentado sair, mas havia sido mal reparada por alguém que não conhecia as variações do feitiço da música. Achamos que talvez você tivesse...

Sua voz sumiu. Venador du Tam não estava mais ouvindo o que ela dizia. No momento em que ela pronunciou a palavra corpo, todo o sangue foi drenado de seu rosto, deixando-o pálido. Com um cotovelo apoiado na beirada da mesa, ele ergueu uma mão trêmula, apoiando a cabeça como se de repente a achasse muito pesada para o pescoço. Seu olhar desviou-se para algum lugar distante acima do ombro de Ayleth, tão concentrado que ela se virou para ver se havia algo de interessante no suporte da lareira. Não havia nada, e ela olhou para trás em direção ao venador, franzindo a testa.

Então a compreensão a atingiu.

— Oh. — Ela sussurrou. Algumas das coisas que du Tam havia dito antes agora voltaram para ela sob uma nova luz. Do jeito que ele sabia até o dia a data do desaparecimento de Nane. Sua frustração expressa pelo príncipe pensar que ele não estava “suportando” a perda de seu irmão caçador. Até mesmo sua observação superficial sobre sua falta de interesse pela carne feminina.

Ayleth fechou a boca e baixou os olhos antes que o Venador du Tam pudesse pegá-la olhando. A Ordem, ela sabia, não via com bons olhos os relacionamentos românticos entre irmãos caçadores. Se o vínculo da caça se fortalecesse em uma paixão mais profunda, sempre havia o risco de uma criança nascer dessa paixão. Qualquer criança nascida de uma mãe tomada pela sombra ou de um pai tomado pela sombra carregaria em seu corpo mortal uma sombra recém-gerada. Desde o momento da concepção, essa progênie profana estava condenada ao sofrimento eterno dos Assombrados, pois a alma mortal estava muito entrelaçada com a sombra inata para que os meios comuns de separação funcionassem.

A única esperança para essas crianças era uma morte violenta: morte pelo fogo.

Nenhum venador, por mais devoto que fosse, apreciava a perspectiva de queimar crianças vivas. Era uma necessidade misericordiosa, mas mesmo assim um horror. Portanto, era contra todas as leis e ensinamentos de Evander que um venador e uma venatrix se envolvessem nos prazeres naturais nascidos da paixão, e tais laços românticos eram puníveis com a morte.

Mas um vínculo entre dois irmãos de caça? Tal amor, embora não oficialmente sancionado pela Ordem, nunca foi expressamente proibido pelo próprio Santo Evander. Afinal, não havia risco de produção de crianças inatas. Na maioria dos casos, o castra simplesmente fazia vista grossa.

Venador du Vincent e Venador du Tam serviram juntos em Wodechran Borough por muitos anos. Quão profundo o vínculo se formou entre eles? A julgar pela expressão no rosto de du Tam, um profundo apego, de fato.

— Eu sabia que ele estava morto. — Kephane falou finalmente com uma voz que parecia muito pequena, quase abafada pelo crepitar do fogo. — Eu sabia. Ele teria me contatado de outra forma, teria encontrado um jeito... Mas não. Não, ele se foi. Se foi e...

A voz do venador engasgou e ele colocou o rosto nas mãos. Ayleth quase pôde ouvir o pensamento que ele não ousou falar. Nane morreu no campo. Sozinho. Sem um companheiro venador por perto para separar sua alma da de sua sombra. Ninguém o salvou do mal que o possuía. Sua alma não voou para a Luz da Deusa.

Ayleth olhou para Terryne, que se virara na cadeira para olhar, não para du Tam, mas para ela. Seu olhar era duro, advertindo. Ele sabia sobre os dois venadores então, sabia o tempo todo. Ele provavelmente foi informado pelo Venador Dominus sobre todos os vários segredos e complexidades do bairro de Wodechran. E ele obviamente conhecia du Tam muito bem, com base em seu relacionamento fácil.

Outra vantagem que ele tinha sobre ela nesta pequena competição, Deusa o abençoe.

Por fim, Du Tam se recuperou, endireitando-se na cadeira. Ele balançou a cabeça como se pudesse de alguma forma afastar o coração partido de seus olhos e fixou um olhar firme não em Ayleth, mas em Terryn. — Então, você o encontrou na Floresta da Bruxa. E o que, se posso perguntar, meu estimado colega estava fazendo naquele lugar esquecido pela Deusa?

— Não sei. — respondeu Terryn.

— Não sabemos. — Acrescentou Ayleth.

Du Tam continuou a se dirigir a Terryn. — Se for esse o caso, o que você estava fazendo todo aquele tempo além da barreira? Além do banho de lama, é claro.

— Localizamos e investigamos o corpo. — disse Terryn. — Enquanto estávamos nessa tarefa, Venatrix di Ferosa foi... levada.

— Levada? — Com isso, o olhar do venador mais velho finalmente deslizou de Terryn de volta para Ayleth, e sua sobrancelha se franziu. — O que ele quer dizer com levada?

Algo doentio e horrível rastejou nas entranhas de Ayleth, a memória daquelas vinhas venenosas agarrando seus membros e arrastando-a para a floresta de árvores feridas. Ela estremeceu e tentou afastar a sensação, para apresentar um rosto robusto ao venador. Por que Terryn tinha que dizer assim? Não foi culpa dela. Ela não controlava a Floresta da Bruxa e certamente nunca pediu a Terryn para ir buscá-la!

Concedido, se ele não tivesse, ela quase certamente estaria morta agora.

Ela abriu a boca para tentar explicar. Mas por alguma razão, as palavras não saíram bem. Como ela poderia começar a dizer a ele que a própria Floresta da Bruxa a havia capturado? Tinha-a pendurado nos galhos de uma árvore

como uma espécie de enfeite de dia sagrado? Floresta da Bruxa era uma maldição, não um ser senciente. Não era?

Havia muitas coisas que ela não entendia. Então ela disse apenas: — As bruxas. Zilla d'Utrehd e seu irmão, Zarc. Fui capturada por eles. O Venador du Balafre me encontrou e lutamos para sair novamente.

— Esperem. — Du Tam ergueu a palma da mão, seus olhos se arregalando enormemente. — Vocês encontraram dois Diabos Carmesins? E vocês sobreviveram?

Ayleth concordou com a cabeça.

O venador balançou a cabeça lentamente, sentando-se para a frente na cadeira e apoiando os cotovelos nos joelhos. — Não estou dizendo que acredito, mas... por favor, vão em frente. Esta é uma história que vale a pena ouvir.

Ayleth percebeu o olhar de soslaio de Terryn. Em seguida, os dois começaram uma representação fragmentada de sua aventura, muitas vezes interrompendo um ao outro ao longo do caminho. Ayleth teve a impressão de que Terryn também estava achando difícil explicar suas experiências com a própria floresta, e Ayleth deixou de fora mais do que contou. Ela descreveu como reconheceu as duas bruxas, como elas ainda tinham a marca da tatuagem da Terrível Odile em suas testas. Ela descreveu seu estado decrépito depois de ter vivido e respirado o ar venenoso da Floresta da Bruxa todos esses anos.

Mas ela não tentou descrever a conversa que ouviu entre Zarc e Zilla, como Zarc argumentou por sua morte enquanto sua irmã insistia que eles deveriam mantê-la viva. Ela não tentou descrever a obsessão dos gêmeos em tirar e preservar seu sangue.

Ela não tentou dizer aquele nome que os ouviu pronunciar com tanto pavor. Esse nome falado com lábios mortais e língua espiritual: *Oromor*.

Percebendo que ela havia caído em um longo silêncio, deixando Terryyn dominar a narração de sua história, ela puxou sua mente de volta para o presente e fixou seu olhar no rosto dele. Ele desviou o olhar novamente, ciente de seu retorno repentino de atenção. Então seu olhar baixou, apenas brevemente. Seu cobertor começou a escorregar de seus ombros. Ayleth rapidamente o apertou com mais força. A lã úmida e coceira estava começando a ficar desconfortável tão perto do fogo, mas mesmo assim ela estava grata pela cobertura.

Terryyn se voltou para o Venador du Tam novamente. — Eu consertei a parte problemática do feitiço da música da Barreira. Mas alguém já havia tentado preencher a lacuna e não havia tecido o feitiço corretamente. Eu... Presumi que fosse você.

— Estou lisonjeado. — disse du Tam, seus lábios se curvando mais uma vez. — Mas não, não fui eu. Não chego perto da Grande Barreira há meses. Esse era o trabalho de Nane, não meu. Eu conheço a teoria do feitiço da música, mas não o suficiente para implementá-la sozinho. Eu mal poderia levantar uma barreira em torno deste posto avançado.

— Mas... mas alguém fechou a lacuna. — Inseriu Ayleth. — Se não foi você, quem foi?

O velho venador encolheu os ombros, sua expressão desdenhosa, mas um brilho em seus olhos traiu uma preocupação muito mais profunda e sombria. — Quem quer que tenha sido, devemos a ele nossa gratidão. Mesmo uma barreira mal consertada é melhor do que uma barreira com um buraco enorme. Quem sabe o que poderia ter acontecido de outra forma?

— Quem sabe o que aconteceu antes do reparo. — Terryyn acrescentou sombriamente, e Ayleth estremeceu.

— E em meio a todas essas outras perguntas, você ainda não sabe o que exatamente matou Nane?

— Um golpe na nuca. — disse Ayleth.

Os olhos de Du Tam brilharam para os dela, cortando como duas lâminas afiadas. — Mas entregue por quem?

Para isso, Ayleth não tinha resposta.

— E o diário de bordo? — ele continuou, recostando-se na cadeira. — Nane sempre manteve um registro fiel, embora abreviado, de sua pessoa. O que isso te disse?

— Nós nunca o encontramos. — Terryn disse. — Nós revistamos seu corpo, mas ele não o estava com ele, ou foi tirado dele no momento de sua morte.

— Interessante. — A voz de Du Tam estava grossa em sua garganta, como se ele lutasse para reprimir algum sentimento forte. Mas, como qualquer venador treinado, ele afastou a emoção, concentrando-se na informação que recebera.

Ayleth mordeu o interior da bochecha. Ela não parou para considerar o mistério da ausência do diário de bordo. Em meio a todo o resto, não parecia particularmente importante. Mas era significativo, pois o registro poderia oferecer uma pista sobre as caçadas mais recentes de Nane. Poderia até oferecer uma visão sobre sua motivação para cruzar a Grande Barreira para a Floresta da Bruxa.

— Parece-me... — disse o Venador du Tam, levantando-se da cadeira e cruzando os braços sobre o peito quadrado. — Que a próxima tarefa de vocês é simples. Voltem para a floresta periférica, de volta ao local onde vocês encontraram a lacuna na barreira. Vejam se conseguem encontrar um vestígio do diário de bordo de Nane. Se o que estou sentindo em di Ferosa estiver

correto, ela possui uma poderosa sombra Feral. É poderosa o suficiente para detectar vestígios de Nane tantas semanas depois... depois de cruzar a barreira? Forte o suficiente para sentir o cheiro do livro?

Ayleth hesitou antes de responder. — Talvez. — Ela disse. — Se você tiver algo de Nane, posso usar para começar. Uma... uma mecha de cabelo, talvez?

Du Tam olhou nos olhos dela, seu rosto era uma máscara. — Eu poderia ter. Vou ver o que posso encontrar.

Ayleth engoliu em seco e acenou com a cabeça. — Nesse caso, posso rastrear o diário de bordo. Qualquer coisa que ele tocou com as próprias mãos.

— É um começo. Também cuidarei da reposição de seus tubos e venenos. — Acrescentou du Tam. — Eu sei que temos um Detrudos sobressalente por aqui em algum lugar, e eu acredito que há um Vocos escondido também. Ambos estão velhos e possivelmente um pouco azedos, mas acredito que você possa fazer com que sirvam.

— Sim. — disse Ayleth, aliviado. — E obrigada.

O venador encolheu os ombros e dispensou Ayleth e Terryn com um gesto de mão. — Durmam um pouco esta noite. Amanhã, refaçam seus passos até onde Nane cruzou a Barreira e vejam se vocês não podem trazer aquele diário de volta para Milisendis.

— O quê, nós dois? — Terryn se levantou de seu próprio banquinho e se ergueu sobre Ayleth e du Tam. Ele deixou cair o cobertor no processo, e a visão de Ayleth foi preenchida mais uma vez com a visão de seu peito nu e os músculos rígidos de seu abdômen. Ela corou e baixou o olhar para o colo, com os olhos arregalados.

— Nós dois não precisamos cobrir o mesmo terreno. — Terryn persistiu. — Existem outras pistas que eu poderia seguir.

— Que outras pistas? — du Tam exigiu, inclinando a cabeça ligeiramente para um lado.

Embora Terryn abrisse a boca e seus lábios se movessem, nenhuma resposta veio.

— Isso foi o que eu pensei. — O lábio do venador mais velho torceu-se novamente, desta vez na aparência de um sorriso. — Lembre-se, Venador, de acordo com a vontade de nosso príncipe, você e di Ferosa aqui são meros candidatos a este cargo. Nenhum de vocês foi nomeado, o que os torna meus subordinados. Não meu irmão ou irmã de caça. Vocês são meus, por falta de um termo melhor, lacaios. Então, vocês vão fazer o que lhes for dito. Cavalguem amanhã e encontrem aquele registro para mim. Nesse ínterim, permita-me desejar-lhe boa sorte e irei para o meu quarto. Acabei de voltar de uma longa e infrutífera caçada e tenho quase certeza de que ouço meu travesseiro cantando meu nome. Di Ferosa, vou cuidar dessa mecha de cabelo. Boa noite!

Com essas palavras, ele ofereceu uma saudação preguiçosa e cruzou a sala até a escada estreita, suas botas batendo forte em cada degrau enquanto ele subia para o quarto acima. Terryn permaneceu de pé, seus punhos tão apertados que os nós dos dedos se destacaram pálidos de sua pele escura. A cicatriz circular rosa cobrindo sua bochecha direita parecia brilhar em vermelho à luz do fogo.

Seu olhar baixou repentinamente para encontrar o de Ayleth, pegando-a observando-o. Um lampejo de ira pura e quente queimou seu rosto.

— Isso é culpa sua. — disse ele, sua voz profunda retumbando baixa e tensa em seu intestino.

Ayleth abriu a boca para responder, para protestar. Mas antes que ela pudesse decidir sobre uma resposta para cuspir de volta, Terryn girou nos

calcanhares e pisou forte através da sala para a escada. Alguns momentos depois, Ayleth ouviu claramente a porta do antigo quarto de Nane se fechar.

CAPÍTULO 3

Sozinha no nível inferior da casamata, Ayleth deixou o calor perto do fogo apenas o tempo suficiente para caçar alguns bolos de cevada nos depósitos. Três deles agarrados ao peito, ela correu de volta para seu banquinho e empoleirou-se lá, mordiscando e jogando migalhas na lareira. Os bolos estavam secos e um pouco difíceis de engolir, mas ela estava com tanta fome que nem ligou. Terryrn, ela percebeu, tinha esquecido de comer antes de fazer sua fuga amuada. Ayleth sorriu com outro bocado empoeirado. Com sorte, ele acordaria no meio da noite absolutamente faminto.

Forçando os últimos goles, ela se levantou e testou a umidade de sua camisa pendurada no gancho. Estava apenas meio seca, então ela decidiu deixá-la. Uma mão agarrando o cobertor em volta dos ombros, ela apagou o fogo, então correu escada acima no escuro.

Ela parou no patamar do segundo andar do lado de fora das duas portas fechadas da câmara. Atrás de uma porta, ela podia ouvir os passos agressivos de Terryrn. Apesar da exaustão do dia, ele ainda estava acordado e andando pelo quarto. Talvez esperando para ouvi-la subir as escadas da torre antes de se aventurar a descer para buscar uma refeição para si mesmo. O mais provável era que estivesse planejando algum esquema astuto para se livrar da concorrência. Ayleth olhou com desprezo na direção de sua porta.

Em contraste, no quarto do Venador Kephan, ela não sentia nada além de... quietude.

Ela deu um passo mais perto, prendeu a respiração e inclinou a orelha. Mesmo sem os sentidos ascendentes de Laranta, ela percebeu uma

espécie de inquietação estranha e desperta sobre aquele silêncio, ainda mais inquieta do que os passos surdos de Terryn. Ayleth se lembrava de ter ouvido um silêncio como aquele apenas uma vez, três anos atrás, quando ficou do lado de fora do quarto da patroa, encostando o ouvido na porta, com medo de bater.

O silêncio absoluto de um coração partido.

Ayleth curvou os ombros sob as dobras protetoras de seu cobertor e subiu apressada as escadas íngremes.

Um quarto frio e hostil esperava por ela no topo da torre. Concebido como vigia, não como dormitório, não continha nenhum tipo de mobília. As malas de viagem de Ayleth estavam no chão ao longo de uma parede onde ela as havia jogado na noite anterior. Seu saco de dormir estendia-se ao lado dos tijolos da chaminé e, quando colocou a mão sobre eles, Ayleth descobriu que ainda estavam quentes do fogo abaixo. Não iria durar. Pena que ela não ousou deixar o fogo aceso a noite toda.

Em vez disso, ela pegou sua camisa reserva de uma de suas malas e a vestiu sobre a pele formigando. Ela se enrolou em seu próprio cobertor e no cobertor de lã do Venador Kephan, desejando poder adicionar sua capa também. Mas ainda estava encharcada e pingando ao redor da borda do poço lá fora, e ela não tinha um sobressalente. Com sorte, secaria pela manhã.

Sentando-se no saco de dormir, ela deitou a cabeça no travesseiro fino e fechou os olhos. Instintivamente, ela olhou em volta na escuridão por trás de suas pálpebras e sussurrou: — *Laranta?*

Apenas o zumbido da canção do feitiço de supressão respondeu a ela.

Ayleth apertou os olhos com força e esperou que o sono a reclamasse. Mas no momento em que seus olhos se fecharam, as imagens passaram por sua mente. Imagens do dia, de momentos cheios de terror, de tantos horrores que ela desejava ignorar, mas que sabia que estariam com ela

pelo resto de sua vida. O cadáver de Nane caído quebrado na lama com trepadeiras rastejando pelas órbitas e boca. Os tumores cobrindo os rostos das duas bruxas e as tatuagens marcadas em suas testas. O teto abobadado de um santuário bem acima dela enquanto ela estava paralisada em um altar de pedra.

E outra imagem... uma imagem esmaecida em sua memória, como os restos fantasmas de um sonho. A imagem do rosto de uma mulher que ela conhecia e não conhecia, e a coroa em sua cabeça. A coroa ardente, azul e líquida e viva.

Possuída.

Ela rolou para o lado, colocando o cobertor mais perto, e estremeceu, não de frio desta vez, mas de frio em seu interior. Mas foi apenas um sonho. Não poderia ser outra coisa. As sombras não podiam possuir objetos inanimados. Eles exigiam que existissem hospedeiros vivos neste mundo. Então, seja o que for que ela tenha visto, era apenas um sonho, uma imagem frenética conjurada por seu inconsciente em um momento de extremo estresse.

Mas por que ela não conseguia se livrar da sensação de que tinha... olhado para ela?

Que a tinha reconhecido.

Seus lábios se moveram na escuridão, soando uma palavra que não poderia ser totalmente falada por uma língua humana. Mas ela sussurrou, ou algo parecido, e sua respiração girou em vapores frios diante de seu rosto.

— *Oromor.*

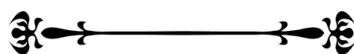
Um raio de terror percorreu seu coração. Ayleth sentou-se ereta como se acordasse repentinamente de um sonho. Sua respiração engatou dolorosamente, e ela olhou ao redor do quarto da torre, seus olhos selvagens,

procurando por demônios nas sombras. Mas não havia nada. Apenas suas malas e pertences. Apenas a chaminé atrás dela. Apenas as solitárias janelas de vigia com suas venezianas quebradas, através das quais ela vislumbrou um céu estrelado.

Ela tinha adormecido? Sonhado de novo?

Laranta agitou-se sob os feitiços de supressão. *Senhora?* ela rosnou.

– *Quieta, Laranta.* – disse Ayleth imediatamente. Ela se deitou novamente, enrolando-se de lado em uma bola apertada. Ela fechou os olhos com força e desejou dormir.



vUma batida implacável na porta acordou Ayleth depois do que pareceu meros momentos de descanso. Ela se endireitou, livrando-se do monte de cobertores e rastejou para fora do saco de dormir. Ela estava na metade do caminho antes de conseguir se levantar, seu cabelo desgrenhado, seus olhos com crostas. Ela caiu contra a porta, tateou à procura do trinco e abriu-a para fitar um par de olhos de gelo.

A mão erguida de Terryn caiu para o lado dele. – Cinco minutos. – disse ele, sua voz um grunhido profundo em seus ouvidos entorpecidos pelo sono. – Ou eu vou sem você. – Seus olhos se estreitaram ligeiramente. – Não vou esperar que você dê polimento nas fivelas.

Os lábios de Ayleth se curvaram com essas últimas palavras, um eco dela mesma falada no dia anterior, quando foi ela quem despertou Terryn de um sono profundo. Um sono mais profundo que o dela... e, para ser honesta, um despertar mais rude. Seu sorriso desdenhoso transformou-se em um meio sorriso antes que ela pudesse detê-lo, e ela ficou parada na porta de seu quarto,

a camisa de linho para fora da calça, o cabelo pendurado em cachos flácidos de cada lado do rosto, sorrindo.

O rosto de Terryn se endureceu. Ele girou no salto da bota e marchou escada abaixo sem dizer uma palavra, abaixando-se para colocar a cabeça sob o arco da porta. Sentindo-se como se tivesse ganhado uma rodada apesar de não ter falado uma palavra, Ayleth voltou para seu quarto. Seu sorriso derreteu.

Maldição, não havia chance de ela estar pronta para cavalgar em cinco minutos!

Ela se apressou no que deveria ser considerado uma rotina matinal, puxou os laços da camisa com força, trançou o cabelo para esconder os emaranhados e caminhou descalça até a sala principal abaixo. O ar estava cortante na escada, mas alguém havia reavivado o fogo na lareira. Venador du Tam estava sentado à mesa comprida, uma seleção de dardos em leque à sua frente e uma série de potes de barro ao seu alcance. Ele estava removendo cuidadosamente a ponta de um dardo de uma dessas panelas quando Ayleth fez sua aparição, e ele não desviou o olhar de seu trabalho quando gritou: — Suas botas e gibão estão perto do fogo. Eles vão ficar apertados.

Ayleth grunhiu. Alguém havia levado suas roupas de onde ela as havia deixado enroladas ao redor do poço e as pendurado para pegar o calor do fogo. Presumivelmente, Venador du Tam, já que Terryn sem dúvida preferia vê-la lutar com botas frias e molhadas nesta fria manhã de outono. Do jeito que estava, suas botas estavam secas, embora, como du Tam tinha avisado, bastante apertadas. Ela lutou para colocá-las, apoiando um pé na parede e empurrando todo o seu peso nela. Seu calcanhar finalmente se encaixou no lugar e ela quase caiu com a rapidez.

Ela olhou na direção de du Tam, perguntando-se se ele tinha visto sua exibição indigna. Ele estava, no entanto, absorvido em seu trabalho, delicadamente colocando um dardo recém-inclinado para um lado e alcançando outro. Ele mergulhou sua extremidade em uma das painéis e segurou-a enquanto seus lábios se moviam em uma contagem silenciosa. Em seguida, retirou-o, sacudiu o excesso e mergulhou-o em uma segunda painél para outra contagem.

Ayleth começou a forçar a segunda bota, olhando para o venador enquanto o fazia. Esta foi a primeira vez que o observou à luz do dia. Ele se sentou de costas para a janela, então seu rosto ainda estava parcialmente sombreado. Mesmo assim, Ayleth viu que ele estava dolorosamente pálido. Suas bochechas, limpas do crescimento desganhado da noite anterior, estavam cavadas em seu rosto quadrado e seus olhos estavam rodeados por manchas roxas. Ele parecia como se sua alma tivesse sido espremida, deixando-o vazio. Ele parecia...

Ayleth fez uma pausa no meio do puxão, franzindo a testa. Laranta ainda estava profundamente reprimida para invocar sua visão sombria. Ainda assim, Ayleth havia trabalhado com espíritos e almas por tempo suficiente para detectar uma sensação de erro, mesmo sem poderes ascendentes. Seu primeiro pensamento ao ver a aparência áspera do venador foi que seu desgosto estava levando o melhor dele. Mas esse sentimento, esse quase sentimento, era outra coisa.

Ela estava simplesmente captando um traço da própria sombra de Du Tam? Ou era...

Os olhos do venador giraram para encontrar os dela. Pegando-a olhando para ele, ele se virou na cadeira e a encarou de frente. — Minha cara di Ferosa, embora o fascínio que pareço ter inspirado em você seja inegavelmente

lisonjeiro, acredito que você tem coisas melhores para fazer com o seu tempo do que ficar sentada aí com uma bota só e de boca entreaberta. Você deixa um homem um pouco nervoso, eu não vou mentir.

Ayleth corou furiosamente e enfiou o pé na bota o resto do caminho. — Sinto muito, Venador, é só... Eu estava só... Deixa pra lá. — Pegando seu colete, ela o colocou sobre os ombros e prendeu as fivelas claramente não polidas. Seus dedos tremiam, pois agora Venador du Tam a observava com uma espécie de atenção zombeteira que tornava repentinamente difícil realizar tarefas simples.

— Preparei uma seleção de venenos para você. — disse o venador, assim que Ayleth terminou de se recompor. — Apenas dois de cada variedade, você terá que se preparar mais conforme o tempo permitir. Mas isso deve ajudá-la ao longo do dia.

A gratidão aqueceu o coração de Ayleth. Em sua exaustão, ela nem pensou em preparar dardos antes de cavalgar esta manhã. Não que ela previsse encontrar qualquer sombra esta manhã, mas uma venatrix nunca deveria cavalgar despreparada.

Venador du Tam enfiou cada par de dardos em sua aljava apropriada antes de passá-los para Ayleth para pendurar em seu peito. Ele então se moveu para o armário do outro lado da sala, abrindo-o para recuperar um escorpião e uma braçadeira um tanto desatualizados. Enquanto Ayleth prendia a braçadeira em seu braço e prendia o coldre em sua perna, Kephan fincou as raízes no armário para recuperar um Vocos amarelado, um Detrudos rachado, uma adaga, bainhas e outra braçadeira, esta com uma ponta de ferro enferrujada. Cada um desses itens ele entregou a Ayleth.

— Tome cuidado com esse escorpião. — Ele disse enquanto Ayleth verificava o rígido mecanismo de disparo. — Ele dispara para a esquerda. Não é um modelo atual, então não espere o mesmo alcance.

Ayleth concordou com a cabeça. — Eu me viro.

— Esse Detrudos também pode não tocar como você espera. — Continuou du Tam, indicando a rachadura perto do porta-voz. — Tome cuidado com suas variações. O Vocos é verdadeiro, pelo menos, apenas antigo.

Velho, surrado, torto, isso dificilmente importava. O alívio puro inundou Ayleth quando ela vestiu cada uma das armas. Ela se sentiu como uma verdadeira venatrix novamente.

Mais de cinco minutos certamente se passaram quando ela terminou de prender a segunda braçadeira no lugar. Ela só podia esperar que Terryn tivesse cumprido sua ameaça e cavalgado sem ela. Mas quando ela olhou para a porta, du Tam pareceu ler sua mente. — Não se preocupe. — disse ele. — O jovem potro ainda está lá fora, disputando sua parte. Agora, antes de você ir...

Ele fechou as portas do armário, então se virou para encarar Ayleth, colocando a mão na frente do colete. Com um estranho capricho nos lábios, ele retirou uma pequena bolsa e a estendeu para ela. Ainda estava quente por ter estado perto de sua pele. Sobre seu coração.

— Dentro há uma mecha de... de seu cabelo. — disse du Tam. Ele não pronunciou o nome de Nane e, embora sua expressão levemente zombeteira permanecesse no lugar, ele também não encontrou o olhar de Ayleth. — Use-o bem.

Ayleth aceitou a bolsa, enfiando-a na frente de seu próprio gibão. — Não se preocupe, senhor. — disse ela, prendendo a frente de seu gibão para ter certeza de que a bolsa permaneceu no lugar. — Vamos encontrar quem matou Venador du Vincent.

O olhar de Kephan encontrou o dela por um instante antes de ele desviar o olhar novamente. Uma sobrancelha se ergueu e ele respirou fundo pelo nariz. — Vá embora, di Ferosa. — Ele rosnou e voltou aos seus venenos.

Ayleth saiu da casamata para a fria manhã lá fora.

CAPÍTULO 4

A viagem de volta para a floresta periférica foi silenciosa. O céu nublado respingava condensação, o que era de alguma forma pior do que um verdadeiro aguaceiro, ensopando o capuz, a capa e as calças com uma umidade que congelava lentamente. Ayleth se encolheu miseravelmente nas profundezas de seu capuz, observando as costas de Terryn enquanto ele cavalgava à sua frente.

Ele esperou por ela, apesar de suas ameaças. Quando ela finalmente saiu da casamata e tropeçou no pátio para resgatar seu cavalo, Terryn a considerou muito como alguém que contempla um desastre natural feito de carne, sem dizer nada. Ele, é claro, parecia tão polido e organizado como se tivesse acabado de cunhar na Castra Breçar.

Quantos uniformes extras o homem possuía para que ele pudesse se tornar tão impecável após a provação de ontem? Assombrados maldito.

Eles não falaram enquanto conduziam seus cavalos para fora de Milisendis e fechavam o portão. Eles continuaram sem falar enquanto montavam, enquanto cavalgavam pelo vale pedregoso, enquanto entravam no campo aberto além. Terryn assumiu a liderança e Ayleth deixou, feliz por não ter seu olhar de desaprovação fixo em suas costas durante as longas horas desta cavalgada. A julgar pela postura de seus ombros, ele pretendia passar o dia inteiro sem dizer outra palavra a ela.

Bem, tudo bem, então. Não era como se salvar a vida um do outro na Floresta da Bruxa devesse tê-los unido de alguma forma. Não era como se devesse haver qualquer camaradagem entre eles, qualquer vínculo de irmão e

irmã de caça. Ele era sua competição, nada mais. Se ele quisesse afundar em um mau humor, ele poderia ajudar a si mesmo. Ela não o deixaria chegar até ela.

E, que a deusa a ajudasse, ela não se permitiria pensar na memória dele caminhando com ela na noite passada. Aquele instante em que os olhos se encontraram, alargando-se, aquela onda de vergonha e calor hediondos. Ele, com o peito nu ao lado dela no fogo, o brilho quente das chamas brincando em seu corpo musculoso, água pingando de seus cachos escuros para respingar em seus ombros largos...

Homem insuportável.

Ajustou o aperto nas rédeas de Chestibor e mais uma vez ansiava pela presença de Laranta. Parte dela estava tentada a pegar seu Vocos e invocar sua sombra, apenas para sentir aquela familiaridade reconfortante. Mas... Ayleth bufou um hálito frio pelos lábios. Terryn apenas a desafiaria nisso. Um bom evanderiano não usava o poder de sua sombra sem motivo.

A floresta periférica surgiu à vista. Terryn entrou na frente dela, desaparecendo nos galhos cinzentos ainda grossos com folhas marrons encharcadas. Ayleth o seguiu logo depois. Embora um trecho de floresta tendesse a se parecer com qualquer outro, ela acreditava ter reconhecido sua localização. Eles haviam cruzado a paisagem em uma linha quase reta, sem se preocupar com estradas ou trilhas, assim como Laranta havia conduzido Ayleth no dia anterior ao perseguir o fio da maldição.

Cedo demais, as árvores diminuíram ao redor deles. Os ossos de Ayleth estremeceram, atingidos pela vibração da música da Grande Barreira, o enorme feitiço da música que mantinha Floresta da Bruxa à distância. Mais alguns minutos cavalgando, e Ayleth olhou para um trecho de terreno limpo onde as florestas da orla haviam se afastado vários metros da Barreira, como

se tivesse medo de tocá-la, medo de se aproximar demais da escuridão do outro lado. Sem acesso aos seus sentidos de sombra, Ayleth não conseguia ver o feitiço em si. Isso se manifestou para sua visão mortal como uma névoa obscurecida.

E invisível além daquela névoa, agachada na paisagem como um vasto predador esperando o momento certo para atacar sua presa, estava a Floresta da Bruxa. A maldição final da Terrível Odile.

Ayleth estremeceu. Apenas um vislumbre dessas profundezas sombrias fez sua garganta engrossar como se ela respirasse profundamente oblivis. Seu banho gelado da noite anterior não tinha lavado totalmente o fedor de infecção e podridão que permeava sua pele até os ossos.

Terryn desceu da sela e se aproximou da borda daquela terra limpa. Uma palidez acinzentada manchava suas bochechas escuras, e a tensão em sua mandíbula e pescoço indicava a Ayleth que ele experimentava quase a mesma sensação de repulsa que mesmo agora lhe dizia para ir embora, virar as costas para a Floresta da Bruxa e correr. Mas eles tinham um trabalho a fazer.

Ayleth desmontou e amarrou as rédeas de Chestibor a uma árvore próxima. A menos que ela estivesse enganada, era a mesma árvore que ela o amarrou no dia anterior. A grama e a vegetação rasteira ao redor pareciam completamente danificadas. Terryn os tinha conduzido ao lugar certo, mesmo sem poderes Feral para guiá-lo. Ayleth ficou impressionada apesar de si mesma.

Mas nenhuma quantidade de habilidade natural iria ajudá-los a encontrar o diário de bordo de Nane. Essa tarefa exigia algo mais forte. Algo sobrenatural.

Mantendo os olhos em Terryn enquanto ele se aproximava lentamente da Barreira, Ayleth tirou os tubos Vocos amarelados de sua bainha em seu

cinto. Embora a forma fosse a mesma de seus canos antigos, eles pareciam estranhos em suas mãos enquanto ela os encaixava na posição. Mesmo assim, ela levou o bocal aos lábios, preparando-se para chamar sua sombra.

Mas ao invés de começar a Canção de Convocação, ela se viu observando seu companheiro venador enquanto ele se aproximava da Barreira. Algo na postura de seus ombros a preocupava. Ele viu algo do outro lado? Por que ele se aproximou tanto? Pessoalmente, ela preferia nunca mais perscrutar o feitiço novamente.

Por que nos três santos nomes da Deusa Nane escolheu cruzar a Barreira? A pergunta a atingiu novamente, assim como várias vezes desde que ela avistou pela primeira vez o pobre corpo quebrado do venador bem do outro lado do feitiço da barreira. Foi o ato de um homem desesperado. Ele poderia ter sido capturado e carregado? Ou ele foi perseguido?

As respostas não surgiram do nada. E Terryyn, não importava o quão de perto ele olhasse através da névoa de feitiço, não iria espiá-las também. Eles precisavam encontrar aquele diário de bordo.

Tomando o bocal Vocos entre os lábios, Ayleth deu vida ao feitiço da Canção de Convocação. Primeiro, o estrondo profundo do tubo se espalhou no ar ao seu redor, reverberando no chão sob seus pés. Talvez fosse um pouco mais profundo do que seu instrumento anterior, mas seu tom formou uma base sólida sobre a qual construir a melodia complexa. Esta melodia saiu da segunda cabeça do tubo, as notas complexas vibrando hesitantemente no início enquanto ela se ajustava ao novo instrumento, mas rapidamente ganhando velocidade.

A música em si era diferente de qualquer música do mundo mortal. Era muito mais complexa e inaudível para ouvidos mortais. Quando tocava bem, Ayleth sabia que os feitiços de sua música eram o mais próximo que ela

chegara de falar a língua das próprias sombras. As frases que ela tocava, se formadas corretamente, exerciam uma influência poderosa sobre os espíritos.

Ela fechou os olhos, jogando-se no feitiço. Na escuridão por trás de suas pálpebras, a alta floresta de pinheiros de sua paisagem mental tomou forma. Ela viu a canção do feitiço como um fio de prata fluindo dela para a floresta. Ele pegou algo, ficou tenso e começou a puxar. Ela sentiu o peso de Laranta, que ofereceu apenas uma resistência simbólica quando o feitiço a atraiu para o primeiro plano da mente de Ayleth.

A sombra se manifestou para a consciência de Ayleth em sua forma de lobo gigante, balançando a cabeça com alívio quando as supressões que a prendiam relaxaram. Seus olhos brilharam para Ayleth. *Nós vamos caçar, senhora?* ela perguntou ansiosamente.

Ayleth concordou com a cabeça. Ela terminou a variação que tocou, então modulou a melodia na Canção de Comando. — *Eu preciso que você encontre um rastro mortal e o siga. O homem que procuramos está morto, mas ele tinha um livro com sua pessoa e devemos encontrá-lo.*

Laranta deu de ombros, mas pelo brilho em seus olhos, Ayleth sabia que ela estava intrigada. Sua sombra nunca poderia resistir à atração da caça, embora ela preferisse uma presa viva.

Ayleth terminou o feitiço da música, permitindo que o tubo durasse um pouco mais depois que a própria melodia estivesse completa. Então ela embainhou os tubos e disse: — *Saia, Laranta.* — Sua sombra de lobo saiu de sua mente para aparecer no mundo mortal ao lado dela. Ela era um ser de puro espírito, invisível para todos os outros olhos, mas para Ayleth parecia quase sólida, como um lobo de verdade.

Ayleth puxou a bolsa de seda que Kephan lhe dera da frente de seu colete. Afrouxando o laço, ela olhou para dentro, notando uma espessa mecha

de cabelo castanho com mechas grisalhas, amarrada com uma tira de couro. Um símbolo de amor, talvez. Um útil nas circunstâncias. Ela arrancou o cabelo e o estendeu para Laranta cheirar. Como um ser de espírito, Laranta não se limitava aos sentidos mortais, como visão, audição ou olfato. Suas percepções eram muito mais complexas. Mas para Ayleth, ela parecia nada mais do que um grande lobo preto farejando um cheiro interessante.

Morto, declarou Laranta quase imediatamente. *Já encontrei este. Morto.*

— *Sim, eu sei.* — respondeu Ayleth. — *Mas agora estamos procurando seu livro. Acreditamos que alguém pode tê-lo levado para fora da Floresta da Bruxa. Ele o teria tocado com as próprias mãos. Você pode encontrá-lo?*

Os lábios de Laranta se curvaram, não tanto em um rosnado quanto em um sorriso de lobo. *Eu posso encontrar qualquer coisa*, ela declarou. Ayleth sorriu com o entusiasmo e observou sua sombra se afastar, o focinho na terra, procurando. Em seu zelo, ela perdeu a maior parte de sua forma de lobo e se tornou uma nuvem negra e contorcida de substância espiritual, flutuando como uma sombra vários centímetros acima do solo.

Ayleth olhou na direção de Terryrn. Ele estava a alguma distância dela agora, ainda olhando para a Barreira. Ele convocou sua própria sombra? Olhando para ele com visão de sombra, ela não conseguiu detectar nenhum traço de um segundo espírito. Lembrando-se do poder que ela testemunhou de sua sombra no dia anterior, ela dificilmente o culpava. Ela não iria querer tentar controlar um espírito tão intenso sozinha. Laranta era o suficiente para ela.

A exploração de Laranta a levou até a Grande Barreira. A menos que Ayleth estivesse muito enganada, ela se concentrou no mesmo remendo de feitiço que Terryrn havia trabalhado para consertar ontem, após sua aventura,

a abertura que Nane fizera ao tentar escapar, que outra pessoa havia fechado atrás dele.

Ayleth franziu a testa. Fazia sentido que o Venador du Tam tivesse fechado a quebra na Barreira. E ainda assim ele negou absolutamente. Mas se não ele, então quem foi? Não havia outros venadores ou venatrizes no bairro de Wodechran, havia?

Um arrepio percorreu as bordas da alma de Ayleth. Ela se lembrou novamente de estar deitada naquela laje de pedra do altar à mercê das bruxas. A bruxa do vento havia usado um dos venenos de Ayleth para paralisá-la. Todos os sete Denônios Carmesins sobreviventes haviam sido membros da Ordem de Santo Evander, e eles sabiam como manejar os tubos assim como os venenos.

Será que um deles escapou e fechou a Grande Barreira atrás dele? Mas usando qual instrumento? Não de Nane. Ayleth e Terryn haviam encontrado seus Vocos e seus tubos de Detrudos em seu corpo na Floresta da Bruxa.

Era um quebra-cabeça, um quebra-cabeça sombrio e perigoso, que sem dúvida ficaria mais complexo antes de começar a fazer sentido.

De repente, a massa escura que era Laranta saltou para a forma de lobo e latiu com entusiasmo: *Caçada! Caçada!*

Ayleth pôs-se em movimento. Sem se preocupar em chamar Terryn ou esperar para ver se ele a seguiria, ela caminhou atrás de sua sombra, seguindo a corrente de alma que sempre as unia. Laranta a conduziu para longe do feitiço de barreira de volta para a floresta, em direção ao norte. O coração de Ayleth bateu em um ritmo eletrizante e sua alma se ergueu do atoleiro de confusão e exaustão que a mantivera cativa nas últimas vinte e quatro horas. A emoção da perseguição percorreu seu sangue. Esta era sua vocação, seu

propósito. Todos os outros mistérios, todos os outros deveres podiam esperar. Por enquanto, havia apenas a caça.

Laranta saltou por entre as árvores e Ayleth correu atrás dela, cada vez mais rápido até de repente... ambas pararam. Laranta, vários passos à frente, abaixou a cabeça, rosnando baixinho. Ayleth estendeu a mão, percebendo o que podia através dos sentidos de sua sombra.

Ela sentiu o cheiro da morte. E decadência.

Encontrei o rastro do morto, disse Laranta, voltando-se para olhar para Ayleth. *Termina aqui.*

Ayleth se aproximou, colocando cuidadosamente um pé de cada vez. Sob a folhagem escurecida do outono, ela viu um braço esquelético estendido, uma mão. Os dedos ossudos ainda seguravam a capa de couro do diário de bordo de um venador.

Quem quer que tenha roubado os registros de Nane já havia encontrado um fim horrível.

CAPÍTULO 5

Os olhos de Terryyn brilharam com a luz da sombra enquanto ele olhava para a parede enevoadada, estudando a complexa trama do impressionante feitiço da canção.

Enquanto todos os membros da Ordem de Santo Evander aprenderam a tocar os mesmos feitiços básicos em seus instrumentos, as variações desses feitiços eram exclusivas para cada venador individual e sua sombra. Terryyn não teve problemas em reconhecer o trabalho de seu antigo mestre. Fendrel carregava uma sombra Anathema, que ele controlava com habilidade impecável. O feitiço da música que ele havia tecido trazia todas as marcas de uma variação do Anathema.

Mas essa lacuna, aquele lugar no feitiço onde Nane havia feito uma abertura ao tentar escapar de volta pela Barreira, essa lacuna trazia vestígios de duas outras variedades de tonalidades. Arcano, é claro: a própria sombra de Terryyn, que ele havia usado para consertar a lacuna ontem. Mas por baixo estava o feitiço mal tecido trabalhado por uma terceira sombra.

Terryyn franziu o cenho, seus olhos se estreitaram enquanto concentrava seu olhar. Ele poderia jurar que o feitiço foi criado usando o poder Feral. Como o espírito alojado no Venador du Tam.

Por que Kephan negaria ter feito o reparo? Não havia nenhuma falha aqui, nenhuma transgressão. Ele não foi devidamente treinado para a manutenção da Grande Barreira, é verdade, mas qualquer venador que descobrir uma abertura deve fazer o que puder para preenchê-la até que

apareça um melhor equipado. E ainda assim Kephán se recusou a reconhecer seu papel. Além disso, ele pareceu sincero em sua negação.

O que significava que alguma outra sombra Feral treinada no uso dos tubos evanderianos tinha aparecido e preenchido a lacuna...

Terryn não olhou para trás por cima do ombro. Ele tinha ouvido a venatrix tocando seus Vocos, convocando sua sombra. Era possível que ela tivesse vindo a este lugar antes de ontem? Ela agiu como se sua sombra a tivesse levado aqui, seguindo um fio de maldição quebrado. Terryn tinha ficado impressionado com isso, era necessário uma sombra poderosa e, mais do que isso, uma venatrix poderosa controlando tal sombra, para seguir um fio de maldição uma vez que fosse quebrado.

Talvez as coisas não fossem como pareciam. Talvez a venatrix soubesse que tinha vindo exatamente a este lugar porque ela já tinha estado aqui antes.

Talvez ela tenha encontrado e consertado a lacuna.

Ela tinha chegado ao bairro há dois dias, mas quem poderia dizer se essa história era verdade? Ela poderia ter percorrido as estradas secundárias de Wodechran por dias, até semanas.

Um calafrio percorreu a espinha de Terryn enquanto estudava a magia Feral quase desaparecida no feitiço da canção. Uma série de perguntas surgiram em sua cabeça. Por que, em todos os seus anos de treinamento e aprendizado, ele nunca tinha posto os olhos nesta Ayleth di Ferosa antes? Onde ela esteve durante esse tempo? Treinando com Venatrix di Theldry como ela alegou? Certamente ela viajaria com a patroa para Castra Breçar para sua inspeção anual com os fasmatores. Terryn conhecia de vista todos os irmãos próximos de sua idade e deveria ter visto Ayleth em algum momento. Ele certamente se lembraria de um rosto como o dela.

Não, não! Ele não estava pensando nisso. Agora não. Nunca.

Ele se aproximou da Grande Barreira, concentrando-se naqueles fios sinuosos, naquelas três variações do feitiço da canção entrelaçadas. Ele não deveria ter sido tão rápido em corrigir o feitiço ontem. Se ele tivesse deixado, ele poderia ter uma ideia melhor hoje, para verificar se pertencia a Kephan ou à venatrix. Assombrados amaldiçoe sua miopia!

Algo mudou.

O coração de Terryyn saltou para a garganta e se alojou ali. Seus olhos mudaram por vontade própria da visão da sombra para a visão mortal, perscrutando a névoa. Mas isso foi inútil. Seu olhar mortal não conseguia penetrar aquela obstrução densa. Ele piscou de volta para a visão das sombras, olhando através dos fios cintilantes da música.

As sombras da Floresta da Bruxa assumiram uma forma sólida. Embora tivesse passado horas caminhando sob aquelas árvores carnudas, Terryyn não estava de forma alguma insensível ao horror. O próprio ar do outro lado da Barreira estava denso de sujeira, uma sujeira que ele ainda sentia revestindo o interior de seus pulmões.

Ele deveria recuar. Ele estava aqui em uma missão, afinal. O feitiço da música foi reparado e o que quer que estivesse além não poderia escapar. E, no entanto, Terryyn se aproximou ainda mais, olhando entre os fios do feitiço, lutando para penetrar na escuridão sob aquelas árvores.

Um homem se afastou do tronco de uma árvore. Uma alma brilhava à vista da sombra de Terryyn, uma alma humana ligada inextricavelmente a outro ser estranho, uma sombra totalmente ascendente e ainda totalmente controlada de Anathema. O homem se aproximou do feitiço da Barreira, deixando o abrigo das árvores para trás.

Olhos cinza pálidos se encontraram com o olhar de Terryn, prendendo sua atenção tão completamente como se seu próprio coração tivesse sido pego em uma armadilha.

Ele conhecia essa figura. Ele conhecia esse rosto. O corpo alto, largo e poderoso do hospedeiro dificilmente foi afetado pelo ar venenoso que ele respirou, apesar de seus longos anos de prisão. Seu cabelo caía comprido e solto nas costas, uma cortina preta com reflexos prateados. Sua pele escura quase se misturava às sombras, mas sua alma brilhava muito forte para se esconder da visão das sombras. A alma errada para aquele corpo.

O homem caminhou direto para a Grande Barreira e sorriu para Terryn. Sorriu usando a boca do pai.

Mas foi a alma do Bruxo Cadáver que apareceu através dos olhos de seu pai.

Terryn deu um passo. Ele nem percebeu que estava fazendo isso. Sua mão foi para sua adaga, puxando-a de sua bainha, e seus pés o levaram direto para o feitiço da Barreira. Outro passo e ele passaria pela Floresta da Bruxa, balançando sua lâmina direto para a garganta de seu pai.

Ele assustou-se, entretanto, com a sensação de magia envolvendo-o. A razão voltou com um solavanco e ele cambaleou vários passos para trás, a adaga brilhando à luz do sol.

O Cadáver jogou a cabeça para trás e riu.

Terryn não podia ouvir o som através do zumbido do feitiço, mas o gesto o feriu no coração. Era assim que seu pai costumava rir, aquela mesma sacudida de cabeça, aquele mesmo lampejo de seus dentes, aquela mesma alegria encorpada. Ele se virou, a cabeça baixa, os ombros curvados, a adaga firmemente presa em seu punho. Seus olhos estavam fixos no chão, mas sua visão parecia voar anos atrás. Ele se viu novamente, uma criança pequena, com

apenas quatro anos de idade, observando enquanto seu pai era levado com uma série de prisioneiros, seu corpo não sendo mais seu para comandar...

Terryn aterrissou com força em suas mãos, o impacto sacudindo seus ossos. Ele conseguiu se segurar antes de cair de cara. Ele engasgou, cuspiu, balançou a cabeça como se pudesse se livrar de cada instante daquela memória horrível.

Seu rosto queimava sob as cicatrizes circulando em sua bochecha. Queimado como se uma lâmina em brasa mesmo agora estivesse entalhada em sua carne.

Fechando os olhos, Terryn se concentrou em sua respiração. Uma longa respiração, presa e solta, seguida por outra e outra. Lentamente, seu coração se acalmou. Essas memórias... estavam muitos anos no passado. Ele estava livre. Fendrel o havia encontrado. Fendrel o salvou. Ele estava livre.

O calor dos olhos de seu pai quase queimou a parte de trás de sua cabeça quando Terryn se levantou e endireitou sua camisa e capa, enquanto embainhava sua adaga. Ele se recusou a olhar para trás. A vingança não era sua missão hoje. Não importa como seu coração lutasse dentro dele, ele deveria manter o controle. Gillotin du Visgarus era um prisioneiro de Floresta da Bruxa. Ele nunca escaparia. E algum dia, eventualmente, o ar venenoso mataria seu corpo hospedeiro, deixando sua alma e a de sua sombra vulneráveis à atração do Assombrados. Esta seria justiça da Deusa.

Dando a sua cabeça uma última sacudida vigorosa, Terryn se virou para onde o cavalo da venatrix estava amarrado a uma árvore. Para onde a própria venatrix tinha ido sem sua montaria? Seu próprio cavalo, ainda solto, mordiscava desinteressadamente um pedaço de capim marrom próximo. Terryn a buscou e segurou ao lado do cavalo castanho, o tempo todo

dizendo a si mesmo que não sentia o olhar do Bruxo Cadáver seguindo cada movimento seu.

Ele estava se virando para estudar o chão da floresta, em busca de algum sinal de onde a venatrix poderia ter ido, quando ouviu um grito, quase, mas não exatamente um grito. Sua cabeça disparou, e ele lançou sua visão sombria à frente, o mais fundo possível na orla da floresta. Foi um brilho de alma Feral que ele detectou?

Outro grito... seguido por um rugido, profundo como um trovão.

Terryn ergueu seu braço escorpião, colocando a arma em modo de disparo. Ele saiu correndo para a floresta, deixando a Grande Barreira para trás.

O Bruxo Cadáver, ainda sorrindo com o sorriso do pai, observou-o ir embora.

Ayleth observou Laranta circundar o corpo, farejando cuidadosamente e às vezes levantando o focinho para olhar em várias direções. Depois de alguns momentos, a sombra do lobo sentou-se, inclinando a cabeça para Ayleth.

— *O quê?* — exigiu Ayleth.

Sombra, Laranta respondeu. Sinto cheiro de sombra.

— *O quê, aqui?*

Mas Laranta abanou a cabeça. Foi embora agora. Desprovido.

Apesar dessa garantia, o pulso de Ayleth se acelerou. Ela colocou seu escorpião em modo de disparo enquanto se movia em direção ao corpo. Buscando os sentidos de Laranta, ela tentou obter alguma impressão do cadáver. O cadáver de uma mulher, ela pensou, embora isso fosse apenas um

palpite. A decadência já havia feito seu trabalho e pouco restava além do esqueleto. — *Este corpo foi levado à sombra?* — Ela perguntou a sua sombra.

Laranta rosnou em afirmação.

Interessante. Então, essa misteriosa tomada de sombra roubou o diário de bordo de Nane. Ela matou Nane no processo? Ayleth agachou-se ao lado do braço estendido, a mão estendida para o livro. Ela fez uma pausa, no entanto, seus olhos se arregalando enquanto ela entendia mais a situação.

O crânio foi esmagado. Um único golpe por trás, bem na base do pescoço. Uma ferida violenta, sem dúvida a causa da morte. E, a menos que ela estivesse muito enganada, a mesma ferida que ela encontrou no corpo de Nane.

O que isso poderia significar? Essa pessoa, essa mulher tomada pela sombra, roubou o diário de bordo de Nane apenas para ser morta pelo assassino de Nane? Por quê? Não pelo diário de bordo, presumivelmente, já que ele havia sido deixado para trás. Ela estava trabalhando com Nane de alguma forma? Após seis semanas de exposição, todas as suas roupas apodreceram, não deixando nada para Ayleth estudar.

Não, espere. Algo brilhava no dedo da mulher.

Abaixando-se para olhar mais de perto, sem realmente tocar a mão esquelética, Ayleth inspecionou o anel de ouro com sinete. A sujeira manchou sua superfície, mas Ayleth conseguiu discernir a forma de um... Isso era um touro?

Ayleth recuou lentamente, as sobancelhas unindo-se em uma linha estreita. Ela não conhecia bem os vários brasões das grandes casas de Gaulia, mas sim as cinco famílias reais que conhecia: a águia e a coroa de Perrinion, o golfinho e o lírio de Campionarre, o leão e o machado de Nion, o dragão e a árvore de Linorne e o touro e a estrela de...

— Talmain. — Ela sussurrou. — A casa real di Taureau du Talmain.

Como um anel de sinete da família di Taureau acabou no dedo de uma mulher morta tomada pela sombra aqui, de todos os lugares? Nas florestas da periferia abandonadas pela Deusa de Wodechran Borough?

Os olhos de Ayleth pousaram naquela ferida mortal. Uma morte tão violenta, sem dúvida, empurrou a sombra interior para longe deste local. Teria encontrado um novo corpo hospedeiro antes que os Assombrados a pegassem e arrastassem de volta para suas profundezas caóticas? A sombra ainda estava ativa neste mundo?

E se sim, ainda estava interessada em encontrar este diário de bordo?

Sombra, Laranta rosnou. Sombra, sombra.

— *Eu sei, eu sei.* — Murmurou Ayleth, silenciando seu lobo com um olhar. Ela pegou o livro de Nane, deslizando-o cuidadosamente para fora daquela mão frágil. Os ossos se quebraram ao menor movimento, e o anel de ouro brilhou na luz. Ayleth hesitou, depois tirou o anel também. Deve haver uma conexão em algum lugar, de alguma forma...

Sombra! Sombra, sombra, sombra!

Os sentidos de Ayleth explodiram. Com um grito, ela se levantou, enfiando o diário de bordo de Nane na frente de seu colete enquanto o fazia. — *Mostre-me!* — ordenou ela, permitindo que Laranta desviasse o olhar para onde precisava ir. Um espírito poderoso moveu-se por entre as árvores, ganhando velocidade à medida que avançava. Uma sombra. Uma sombra totalmente ascendente. Mas em que tipo de hospedeiro?

Ayleth deu um passo para trás, depois outro.

Ela estava tomando um terceiro quando o urso irrompeu pela vegetação rasteira, rugindo com magia e raiva.

CAPÍTULO 6

— *Laranta, dê-me sua força!* — gritou Ayleth. Imediatamente, Laranta saltou sobre ela, fluindo em sua cabeça, seus poderes percorrendo os membros de Ayleth, suas veias, até seu núcleo.

O urso, sentindo o influxo de magia, engoliu seu rugido e virou a cabeça pesada em sua direção. Um terrível lampejo de inteligência sobrenatural passou por aquele rosto de animal idiota, e os pequenos olhos escuros brilharam com a luz da sombra. Ela sentiu a alma contida dentro do corpo do urso estendendo-se, estudando-a, medindo-a. Determinando exatamente que tipo de ameaça ela representava.

Por um instante, Ayleth ficou tão dominada pela força daquele espírito que congelou. O vínculo espiritual dominou seu corpo e alma até que ela não conseguia se mover, não conseguia respirar. Ao longe, ela sentiu o baque surdo de seu coração e o poder pulsante de Laranta queimar em suas veias, mas parecia pertencer a outra pessoa.

Então o urso atacou.

Com uma sacudida de terror, o vínculo do espírito se despedaçou. Não havia tempo para pensar ou planejar, apenas para reagir. Ayleth saltou para cima, colocando toda a força da sombra que possuía nas pernas. Sua cabeça e ombros atingiram pequenos galhos acima, mas ela explodiu através deles, subindo três metros no ar.

O urso passou por baixo dela a uma velocidade incrível, mandíbulas enormes abertas. Suas enormes patas esmagaram os restos do esqueleto da mulher de Talmain enquanto passava.

Caindo de novo com força, Ayleth caiu, rolou e se agachou defensivamente, com uma das mãos na adaga. Ela precisava usar seu escorpião, mas até que soubesse que tipo de sombra se escondia dentro daquele urso, ela não ousaria dar um tiro. Usar o veneno errado não apenas deixaria de derrubar a sombra, mas também serviria para enfurecer ainda mais a sombra interior, levando-a a uma violência ainda maior.

O urso, tendo errado seu alvo, parou pesadamente e virou a cabeça, procurando por Ayleth. Seu olhar pousou nela, e Ayleth se preparou para saltar novamente. A força de Laranta era páreo para esse inimigo? Ela não podia saber com certeza, não quando ela deixou tantos feitiços de supressão no lugar. Mesmo um urso comum representaria uma ameaça que ela não queria enfrentar, e um tomado pela sombra era outra história. Ela precisava determinar a variedade ou então...

— Assombrados maldito! — Ela gritou.

O urso mudou diante de seus olhos. Com um grito que soou como a voz de uma mulher, ele se ergueu nas patas traseiras e jogou a cabeça para trás. Seus ossos se mexeram sob a espessa camada de pele. Ayleth podia vê-los se dobrando e se quebrando, podia ver os músculos se retorcendo, empenados. Magia, sombria e maliciosa, jorrava da boca, narinas e olhos da besta, mas Ayleth ainda não conseguia discernir que tipo de sombra poderia fazer isso, faria isso com seu próprio corpo hospedeiro. O urso gritou e gritou novamente.

Então caiu de quatro, rugindo mais uma vez, uma explosão de som que fez Ayleth perder o equilíbrio. Ela pousou nos cotovelos, olhando para o monstro. Não era mais um urso. A estrutura básica do urso permaneceu, mas de sua espinha se projetavam enormes espinhos gotejando com o próprio

sangue do animal. Sua mandíbula distendeu-se, desequilibrada para acomodar uma enorme gaiola de presas de navalha.

Ayleth saltou e correu. Não longe, como seu bom senso lhe disse para fazer. Não para a árvore mais próxima, que ela duvidava que faria muito bem contra tal inimigo de qualquer maneira.

Ela correu para o monstro, direto para aquela boca aberta.

O urso se encolheu. Por um momento, a sombra oscilou em seu olhar, como se não pudesse acreditar no que via, não pudesse acreditar que esta pequena humana ousaria algo tão incrivelmente estúpido. Ele se recuperou apenas o suficiente para dar um golpe com uma pata na ponta de enormes garras curvas. Confiando nos poderes de Laranta dentro dela, Ayleth saltou, não alto, mas apenas o suficiente para evitar aquele golpe. Uma garra agarrou e rasgou a ponta de sua capa, muito perto de agarrar sua perna.

Ela desceu com força, mas imediatamente firmou os pés e, colocando no braço tudo que Laranta podia lhe dar, puxou o braço e deu um soco no nariz do urso.

O monstro caiu de costas no chão. A terra tremeu. Ele piscou, toda a luz da sombra esvoaçando de seus olhos redondos. Pelo espaço de três batidas de coração, parecia um urso comum, apesar da distorção demoníaca de sua estrutura. Ele virou a cabeça ligeiramente para o lado, como se contemplasse algum problema difícil.

Ayleth não esperou que chegasse a uma conclusão. Ela socou novamente, desta vez acertando o urso na orelha. O poder de Laranta disparou através de seu braço, desferindo um golpe como uma maça de quarenta e cinco quilos.

O urso caiu de lado. Mas o espírito dentro daquela moldura monstruosa saltou de volta à ascensão total. A visão sombria de Ayleth explodiu em seu

cérebro com a explosão repentina de magia, poder e ira. Ela saltou para trás bem a tempo quando as garras rasgaram o ar a poucos centímetros de seu rosto.

Ela caiu de costas e começou a rolar. Ela continuou rolando enquanto as garras do urso rasgavam o chão onde sua cabeça estivera um momento atrás, três vezes. Na quarta rotação, ela bateu em um tronco de árvore e ficou lá, olhando para um turbilhão vertiginoso de galhos e raios de sol e a sombra elevada do urso de dorso espinhal. Ela viu sua morte em uma gaiola de dentes amarelos.

Uma adaga acertou o olho direito do urso.

Ela apareceu do nada como um milagre, estremecendo onde atingiu. O espírito flamejando dentro do urso estremeceu, entorpecido.

Ayleth colocou os braços sobre o rosto antes que a explosão do poder da sombra estourasse sobre ela. O corpo sem vida do urso caiu, uma grande pata pousando ao lado de sua cabeça, empurrando seu braço, as garras rasgando o chão a um mero sopro de sua pele. Sua mente reverberou com a tempestade estridente de uma sombra violentamente arrancada de seu hospedeiro. Ela sentiu um clarão e uma queimadura, não como fogo ou qualquer outro calor natural, mas a explosão não natural de um espírito dividido, rasgar sua própria alma.

Tudo ficou terrivelmente parado.

A próxima coisa que ela ouviu foram passos batendo nas folhas secas. — Venatrix! Venatrix! — uma voz gritou como se estivesse de muito, muito longe. — Você está viva?

Ela não se incomodou em responder, mas baixou os braços do rosto assim que Terry n a alcançou. Ele a agarrou pelo cotovelo, puxando-a antes que ela estivesse pronta. Com um grunhido, ela afastou a mão dele, usando muito

mais da força de Laranta do que o necessário. Sua cabeça girou e ela lutou para recuperar o fôlego.

Um estremecimento, uma reação à violência de sua morte, convulsionou o corpo do urso. Ayleth recuou, embora soubesse que a besta certamente estava morta, o espírito dentro dela se foi. Ela ficou de pé, usando a árvore como apoio, e olhou para a coisa horrível. Essas espinhas sangrentas! O fedor das sombras encheu o ar.

Estupidamente, ela percebeu que a mão de Terryn estava em seu cotovelo novamente, que ele estava falando. — Venatrix, você está ferida?

Ela balançou a cabeça, sem se preocupar em afastá-lo dessa vez. Em vez disso, ela desviou o olhar do urso, olhando para ele. — O que no maldito Assombrados você estava pensando?

Suas sobrancelhas se juntaram e sua mão soltou seu cotovelo. — Eu imploro seu perdão?

— Uma morte violenta? Sério? — Ayleth balançou a cabeça, bufando com raiva por entre os dentes.

— Você estava prestes a ser destripada.

— Então você deveria ter atirado com alguma coisa!

— Não consegui discernir a variedade da sombra.

— Então você deveria ter adivinhado! — Todo o seu corpo estremeceu, tanto com a pulsação contínua do poder de Laranta em suas veias quanto com o puro choque humano. Ela tentou dar outro passo para trás do urso, de Terryn, mas acabou caindo contra a árvore novamente, batendo com força no tronco com o ombro enquanto se inclinava pesadamente para ficar de pé. — Agora ele encontrará algum outro hospedeiro. Vai levar algum inocente, destruir algum outro corpo e alma.

— E quando ele matasse você? O que aconteceria então? — A voz de Terryn retumbou baixo, muito uniforme, muito controlado. — Sua sombra violentamente solta teria encontrado, possuído e amaldiçoado algum outro corpo hospedeiro com a mesma facilidade. Então, eu escolhi salvar sua vida. Use-a com sabedoria e salve muito mais por sua vez.

Ayleth ergueu o olhar ainda girando para observar o venador enquanto ele se afastava dela e se postava sobre o urso, estudando-o, seu rosto era uma máscara ilegível. Ele estava certo, Assombrados o amaldiçoem. Escolher salvá-la deu a eles uma chance mais forte de derrubar e expulsar essa sombra mortal mais tarde, ao passo que se ele a deixasse morrer, deixasse Laranta solta no mundo, ele ainda teria que enfrentar o urso sozinho. E possivelmente morrer também.

Sim, ele tomou a decisão certa. Mas, a Deusa a perdoasse, ela não estava disposta a admitir isso.

Ayleth pendurou-se no tronco da árvore até que o mundo parasse de girar, observando Terryn enquanto ele inspecionava o urso. Seus olhos se arregalaram mais e mais quando ele percebeu a amplitude do monstro, os horrores extremos de sua distorção. Algo cintilou em seu rosto, alguma emoção que ia e vinha muito rápido para ela discernir.

— O que é? — ela exigiu de uma vez. — Você sabe de alguma coisa? Sobre esta sombra?

Os olhos de Terryn se moveram para encontrar os dela por um instante. Então ele se afastou do urso vários passos, seus sentimentos mais uma vez escondidos atrás daquela máscara de controle sem emoção. — Posso ter visto esse tipo de magia antes. Esta mutação do corpo hospedeiro.

— Pode ter? Você não sabe?

Ele cruzou os braços. — Foi há muito tempo. — Encarando-a novamente, ele disse: — O que a trouxe aqui?

A mão de Ayleth foi para a frente de seu colete. Seu coração deu um salto quando ela percebeu que o diário de bordo havia caído, mas um olhar rápido da área circundante revelou que estava perto. Ainda insegura, Ayleth cambaleou até onde o livro estava aberto, as páginas movendo-se suavemente ao vento. Fechando-o com um estalo, ela o agarrou e entregou a Terryn.

— Diário de bordo de Nane. — disse ela, observando sua sobrancelha subir lentamente. — E isso. — Acrescentou ela, enfiando a mão no bolso. Para seu alívio, o anel de sinete ainda aninhado lá. Ela o puxou e o deixou cair na palma da mão de Terryn. Ele o segurou perto do rosto, virando-o lentamente.

Desta vez, ele não foi rápido o suficiente para disfarçar a expressão em seu rosto. Ayleth viu a surpresa escrita ali, associada a algo muito mais forte, muito mais profundo. Ela saltou imediatamente. — Você sabe? Você conhece este anel?

— É a insígnia real de di Taureau...

— Sim, claro, mas você conhece isso. Você sabe algo sobre isso.

Todo o sangue foi drenado de seu rosto, deixando suas bochechas escuras de um cinza doentio. A feia cicatriz circular se destacou como uma ferida aberta. — O touro e a estrela. — disse ele, falando baixinho como se estivesse falando consigo mesmo. — E a rosa.

— A Rosa? — Ayleth deu um passo e tentou arrancar o anel de volta. Estava manchado de sujeira quando ela olhou para ele, e ela não notou nada adicionado ao brasão real. Terryn foi muito rápido para ela, puxando o anel antes que ela pudesse pegá-lo. — O que isto significa? — ela persistiu. — Por que uma rosa?

— Esta insígnia foi feita especialmente em homenagem à Princesa Leurona di Taureau. A noiva do Rei Escolhido. Quando o acordo de casamento foi finalizado, o Rei Guardin encomendou este anel a um artesão Campionarre e o enviou para a princesa como um presente.

Ayleth olhou boquiaberta para ele, depois voltou lentamente o olhar para a massa de ossos pisoteada sob os pés do urso. Terryn seguiu seu olhar e, vendo os restos mortais, moveu-se rapidamente até eles, exigindo: — O que é isso? O que você achou?

— Ela estava segurando o diário de bordo de Nane com uma das mãos. — disse Ayleth, seguindo-o e ficando perto enquanto ele se agachava sobre os restos mortais, tentando entender o desastre. — Ela usava aquele anel no dedo.

Terryn baixou a mão para se equilibrar. Os músculos de sua bochecha, sob a cicatriz, marcavam estranhamente. — Eu sei quem é esta. — Ele sussurrou. — Eu sei...

Com a visão sombria brilhando em seus olhos, Ayleth observou o tom sombrio de horror que se abateu sobre a alma de Terryn. Era terrível de se olhar, então ela piscou rapidamente de volta à visão mortal. — Isto... não pode ser Leurona. Pode? — ela disse. — A princesa se casou com o rei Guardin e morreu alguns anos depois.

— A princesa Leurona deu o presente do rei para sua dama, Mylla di Hersent, em agradecimento pelos serviços que Mylla lealmente prestou para sua senhora.

— O que? Como você sabe disso?

Terryn se virou para olhá-la por cima do ombro, os cachos escuros caindo de sua testa. — Porque eu estava lá. — disse ele.

Ayleth olhou para o venador. — Você... você está dizendo que viu a princesa dar o anel a esta senhora. Você estava lá. Presente. naquele lugar e naquele momento.

Terryn assentiu.

Ela piscou. — Eu não... Isso é... Como?

O venador respirou fundo. Ele ficou acima das ruínas do cadáver, olhando para todos os lados, menos para Ayleth. — Senhora Mylla me reivindicou como seu filho. — disse ele por fim.

— Ela era sua mãe?

— Eu não disse isso.

Ele certamente não parecia um homem que acabara de descobrir os restos mortais de sua mãe. Mas então, ele era Terryn du Balafre. Talvez evasivo e taciturno fosse sua maneira de manifestar profundo pesar. Ayleth não acreditou. Ainda assim, pela posição de sua mandíbula e o brilho de advertência em seus olhos, ela sabia que era melhor não empurrar.

— Então... Senhora Mylla. — ela disse ao invés. — O que aconteceu com ela? Ela era tomada por uma sombra quando você a conheceu?

— Não. — ele respondeu. Ele se virou e a encarou de frente, olhando-a bem nos olhos, os pés firmes como se estivessem preparados para a batalha. — Senhora Mylla estava possuída por Ylaire di Jocosa. Eu vi acontecer.

Ayleth conhecia esse nome. Ela o tinha visto não muito tempo atrás, escrito pela mão de sua patroa nas páginas de um livro encadernado. Havia sete nomes listados. Esse nome estava no topo... e ao lado, um título.

— A Bruxa do Ardor. — ela sussurrou. Então ela balançou a cabeça com tanta força que sua longa trança balançou sobre o ombro. — Você está me dizendo que essa mulher carregava dentro dela o espírito da Bruxa do Ardor. Tenente-chefe da Terrível Odile, senhora dos Diabos Carmesins.

Terryn acenou com a cabeça uma vez. Seus olhos brilharam com a luz da sombra. — E agora o espírito dela está solto em algum lugar no bairro de Wodechran.

CAPÍTULO 7

Nenhum deles falou durante toda a longa viagem de volta ao Posto Avançado de Milisendis. Encolhidos profundamente em suas capas contra a rajada de vento frio e as ocasionais rajadas de chuva, eles refizeram o caminho que haviam aberto pela paisagem ondulante. Em algum momento, Ayleth percebeu que esta era a primeira vez que eles realmente cavalgavam juntos, lado a lado. Sua boca se curvou com o pensamento. Depois de suas experiências recentes, talvez eles estivessem começando a formar algum tipo de vínculo.

Um olhar de soslaio para o rosto do venador parcialmente oculto sob seu capuz... e ela mudou de ideia. Não, este não era um homem com quem alguém pudesse se relacionar. Exceto, talvez, Príncipe Gerard. Mas ele era um homem melhor do que a maioria, sendo o cumprimento profetizado da vontade da Deusa e tudo mais. Seria necessária uma intervenção divina para fomentar um sentimento afetuoso por alguém como Terryn du Balafre!

E se o que ela agora sabia sobre o venador frio fosse verdade, poderia haver um vínculo mais forte entre ele e o Príncipe Dourado do que a mera amizade.

Através da memória de Ayleth apareceu uma imagem recente, o vislumbre que ela tivera da Rainha Leurona, retratada em um retrato idealizado pendurado na galeria do Castelo Dunloch. Ela foi atingida na época pela intensidade da raiva nos olhos da rainha. Os olhos frios da rainha...

Ayleth mudou de posição na sela. As especulações que se aglomeravam em sua cabeça eram incômodas e ela não conseguia adivinhar aonde poderiam

levar. Melhor nem pensar nisso. Melhor se concentrar nas muitas tarefas à mão.

A tarde já estava bem avançada quando eles voltaram a Milisendis. Venador Kephan apareceu na porta da casamata para saudá-los, olhando para o quintal. Seu rosto estava pálido, seus olhos avermelhados. Ele estivera chorando naquelas poucas horas de privacidade enquanto Ayleth e Terryn estavam fora? Sua expressão era tão dura, tão severa que Ayleth achou difícil imaginá-lo se entregando às lágrimas.

Eles levaram seus cavalos para o estábulo, deixando os dois selados, mas enrolando sacos de ração sobre o nariz. Pelo menos alguém teria uma refeição adequada hoje. Ayleth esfregou a bochecha de Chestibor e depois correu para alcançar Terryn enquanto ele saía do estábulo, cruzando o pátio úmido até a casamata.

Venador Kephan encostou-se no batente da porta, observando a aproximação deles. — Vocês encontraram? — ele os chamou.

Ayleth pegou o diário de bordo e o estendeu ao venador. Nem ela nem Terryn o tinham lido ainda. Sua mente ainda estava girando com as revelações que Terryn fizera com tanta relutância. Ainda assim, ela observou com grande interesse enquanto Kephan abria o livro, folheando as últimas entradas, seus olhos indo e voltando enquanto ele observava a escrita de seu antigo irmão caçador.

— Um inato. — Ele murmurou.

O coração de Ayleth despencou. Ontem de manhã, enquanto folheava as notas perdidas na mesa da sala principal do fortim, ela encontrou uma mensagem de Castra Breçar, uma confirmação de que uma amostra que Nane enviara para o castra havia voltado positivamente identificada como pertencente a um inato tomado pela sombra. Uma criança inata.

De acordo com os ensinamentos de Santo Evander, só havia uma maneira de salvar a alma de uma sombra inata.

A doença engrossou sua garganta. Ayleth engoliu em seco com alguma dificuldade. Aparentemente, a última caçada de Nane, sua última entrada em seu diário de bordo, tinha sido na trilha do inato. Ele tinha encontrado a criança? Ele tinha... feito o que era exigido por lei?

Kephan olhou para Ayleth e Terryn. Seu rosto estava ferido. — Vocês leram isso?

— Não, senhor. — disse Ayleth enquanto Terryn balançava a cabeça. Kephan empurrou o livro nas mãos de Terryn e cruzou os braços. Terryn começou a examinar a página e Ayleth se apoiou em seu braço para ler também:

Santuário de Elsinoe, ao sul da Vila Hollen. Mãe Vesta mandou recado. A criança veio para o santuário. Tem visões. Possivelmente a nascida desaparecida, filha de Jerlo du Bucheron. Cavalgando para investigar.

Esta foi a última entrada no diário de bordo, datada de seis semanas antes, quase no mesmo dia. Ayleth ergueu os olhos da página, tentando chamar a atenção de Kephan. — Você sabia onde Nane cavalgou em sua última caçada?

— Eu estava no circuito oeste na época. — Kephan balançou a cabeça e passou a mão pelo rosto. — Ele nunca mencionou uma criança inata para mim. Provavelmente não queria que eu soubesse.

Terryn fechou o livro com um estalo. — Pode estar conectado com a morte de Nane, ou não. Mas há outra coisa que você precisa saber, Venador. Este livro foi encontrado com os restos mortais de uma mulher

morta, e tenho motivos para acreditar que ela foi o corpo hospedeiro de Ylaire di Jocosa.

— O que? — Os olhos de Kephan brilharam de horror e ele deu um passo para trás para o fortim. — A Bruxa do Ardor?

— A mesma.

— Eu pensei que você disse que os Diabos Carmesins ainda estavam presos atrás da Grande Barreira. — Kephan declarou, seu tom de acusação. — Você me disse que encontrou a abertura reparada, embora mal, e que você mesmo reforçou esse reparo.

— Essa mulher foi morta na mesma época que Nane. — acrescentou Ayleth. — Eu vi o corpo. Não era longe de onde Nane entrou na Floresta da Bruxa. Eu vi a ferida mortal. Foi o mesmo golpe que matou Nane. Eu não conseguia discernir muito de um cadáver até então decomposto, mas apostaria que eles foram assassinados no mesmo momento pela mesma pessoa.

— O que você está implicando? — Kephan cuspiu. — Aquele Nane estava de alguma forma aliado ao Bruxa do Ardor? Que eles estavam trabalhando juntos?

— Eles não precisavam trabalhar juntos para compartilhar um inimigo comum. — Terryn respondeu rapidamente. — Não sabemos o que liga as duas mortes. Temos apenas as informações que demos a você.

— E que prova? — Kephan persistiu. — Como você pode ter certeza de que foi o corpo da Bruxa do Ardor que você encontrou?

Terryn pescou o anel com o sinete que Ayleth lhe dera do bolso da frente do paletó. — Eu mesmo testemunhei a Princesa Leurona di Taureau presenteando este anel para uma Senhora Mylla de Talmain. Vinte anos atrás. Apenas duas semanas depois, observei a bruxa Ylaire cortar a garganta de seu próprio corpo hospedeiro, conduzindo seu espírito e o de sua sombra

em Senhora Mylla. De acordo com os últimos relatórios, Ylaire ainda estava usando a forma de Mylla quando ela fugiu para a Floresta da Bruxa.

— Vinte anos é muito tempo. — disse Kephan. — Tem certeza de que se lembra corretamente?

O canto da boca de Terryn se curvou para baixo. — Sim.

Kephan comprimiu a boca em uma linha tensa. Ele pegou o anel de Terryn, segurando-o contra o rosto, e olhou para ele como se pudesse de alguma forma, pela força de seu olhar, fazê-lo deixar de existir. — Alguém pode ter tirado dela. Os anéis podem ser passados facilmente.

— Verdade. — Terryn respondeu. — Mas seria sensato operar com o pressuposto de que Ylaire di Jocosa escapou de Floresta da Bruxa e reentrou em nosso mundo. Que seu corpo hospedeiro foi morto, e sua alma violentamente liberada e sua sombra foram transferidas para outro lugar.

— Possivelmente várias vezes. — Acrescentou Ayleth. Ela apressadamente informou a Kephan sobre o encontro deles com o urso, a terrível deformação que ela havia observado em seu corpo. Embora a Bruxa do Ardor fosse famosa por sua habilidade de controlar e deformar qualquer número de escravos, ela era conhecida, em raras ocasiões, por deformar seu próprio corpo também. O urso tomado pela sombra, embora possivelmente não fosse mais do que um escravo da bruxa, poderia muito bem ter hospedado a própria bruxa.

— Você não tem perseguido um saltador nas últimas semanas? — ela adicionou. — A maioria das sombras não pratica a transferência intencional de hospedeiros. Isso é um truque de bruxa.

— Verdade. — Kephan concordou relutantemente. — E você está certa: não temos ideia de quanto tempo aquela abertura na Grande Barreira pode ter permanecido aberta antes de alguém tentar bloqueá-la. Eu odeio imaginar que

um dos Diabos Carmesins tenha escapado, mas... como você diz, Terry, seria sensato presumir isso.

— E ainda não sabemos quem matou seu corpo hospedeiro. Ou Venador Nane. — disse Ayleth. — Quem quer que seja deve ser poderoso de fato. Ou com muita, muita sorte.

— Tolo é a palavra que eu usaria. — disse Kephan, torcendo o anel de sinete nos dedos. — Só um idiota enfrentaria Ylaire di Jocosa. Nem mesmo Nane teria tentado, e ele foi o homem mais corajoso que eu já... — Ele balançou a cabeça, fechando o anel com força em seu punho. Depois de uma longa inspiração, sua cabeça se ergueu e ele se dirigiu a Terry. — Você sabe para onde devemos ir em seguida.

Terry assentiu com a cabeça, sua mandíbula cerrada.

Ayleth piscou entre os dois homens. Perfeito. Mais informações que Terry possuía, das quais nada sabia.

— Eu não sei. — Ela disse irritada. — Onde estamos indo?

Kephan lançou-lhe um olhar de desprezo. — Você, di Ferosa, seguirá essa pista. — Ele arrancou o diário de bordo de Nane das mãos de Terry e o pressionou contra o dela. — Encontre este Santuário Elsinoe e questione Madre Vesta. Descubra o que puder sobre a criança inata. Descubra se Nane chegou tão longe e siga as pistas que descobrir.

— E? E quanto a vocês dois? O que vocês vão fazer?

— Vamos caçar a Bruxa do Ardor. — Kephan respondeu, encontrando os olhos de Terry.

A mandíbula de Ayleth ficou aberta. Seria esse o seu futuro aqui em Wodechran? Embaralhada nas tarefas menos importantes enquanto o Terry favorecido pelo castra perseguia as verdadeiras caçadas?

— Eu não tenho medo de nenhuma bruxa! — ela disse, sua voz quente. — Enfrentei Zilla d'Utrehd e sobrevivi. Eu quase a matei!

— Zilla não é Ylaire. — respondeu Kephan sombriamente. — Todos os demônios de Terrível Odile eram mortais, mas alguns eram piores do que outros. São piores. A Bruxa do Ardor é a pior de todos.

— E eu dei um soco no nariz dela hoje!

Mas Kephan balançou a cabeça com firmeza. — Se aquela fosse a Bruxa do Ardor e não apenas um de seus escravos. Mesmo assim, você não a enfrentou sozinha, e se o que você me diz for verdade, ela a teria despedaçado se não fosse pela intervenção de du Balafre. — O rosto de Ayleth inflamou e ela abriu a boca, mas o Venador Kephan levantou a mão. — Você não pode enfrentá-la sozinha. Acredite em mim. Se você se encontrar em qualquer lugar perto dos arredores de Ylaire di Jocosa, não se envolva. Recue e encontre Venador du Balafre ou eu. Somente juntos podemos esperar derrubá-la.

— Juntos? — Ayleth ergueu as mãos. — Então por que você está me mandando embora? Me leve com você. — Ela sentiu o olhar de Terryyn em seu rosto, mas se recusou a olhar em sua direção. Ela odiava que ele a visse praticamente implorando, implorando para ser tratada como sua igual, como uma concorrente legítima para este posto. Maldito seja ele, sua presunção, suas conexões do castra e seu estúpido rosto estoico!

Ela deu um passo para mais perto de Venador Kephan. — Você precisa de um rastreador. Eu tenho um Feral dentro de mim. Sou muito mais adequada para esta caçada do que ele. — Isso com um movimento brusco de sua cabeça na direção de Terryyn.

— Eu carrego um Feral também, caso você não tenha notado. — Kephan respondeu, sua sobrancelha deslizando para cima. — De qualquer forma, não estamos rastreando, di Ferosa. Como você deve se lembrar, a bruxa, se de fato

era ela, foi transferida para um novo hospedeiro. Sem nenhuma ideia de onde seu espírito está alojado, não podemos rastreá-la.

— Então, para onde você está indo?

O rosto do venador mais velho, já duro, transformou-se em ferro. — Isso não é da sua conta. Você não é minha irmã caçadora. Você não foi nomeada. E se continuar assim, serei forçado a fazer um relatório ao Príncipe Dourado e providenciar para que você nunca o seja. Lembre-se do seu lugar e faça o que lhe é dito. — Ele bateu na capa do diário de bordo com um dedo. — A casa do santuário. Mãe Vesta. Descubra o que você pode e relate aqui. Está entendido?

Com a cabeça rugindo de frustração e o zumbido contínuo das canções de supressão mantendo sua sombra afastada, Ayleth curvou os ombros. Então ela se endireitou e fez uma saudação inteligente. — Sim, Venador. — Ela disse com os dentes cerrados.

CAPÍTULO 8

— Diga-me que você está pronto para isso, Venador du Balafre.

Terryn estremeceu do devaneio em que ele havia mergulhado ao longo dos quilômetros de uma longa cavalgada. Nem ele nem o Venador Kephan se preocuparam em falar mais do que algumas palavras após uma breve troca enquanto juntavam suprimentos e preparavam seus cavalos. Não havia muito a dizer, ainda não. Ambos sabiam seu destino. Ambos sabiam o cuidado que deveriam ter durante a abordagem. Mas, no momento, havia apenas quilômetros de campo aberto no bairro de Wodechran em todos os lados.

Muito tempo para pensar.

Ele olhou de soslaio para Kephan cavalcando ao seu lado. A preocupação no rosto do velho venador era irritante. Por que Kephan o tomava? Algum aprendiz verde?

— Estou pronto. — disse ele, forçando sua voz a permanecer nivelada, recusando-se a permitir que qualquer sinal de tensão o traísse. Ele não ofereceu mais nada e Kephan não o pressionou, graças à Deusa. Apenas um aperto de ferro de autocontrole impediu Terryn de impelir sua égua a galope para escapar dos olhares inquietantes do outro venador. Mas tal ato, por si só, daria a Kephan motivos para se preocupar, então Terryn se manteve firme.

Ele continuava vendo um certo rosto em sua mente, um rosto que ele não pensava em muitos anos. Gentil Senhora Mylla. Ela sempre foi gentil com ele, sempre cuidou dele. Nunca o amou, mas então... nem ele a amava. Quando menino, ele sabia que deveria segurar a mão dela e chamá-la de “mãe” e fazer o que ela mandasse com obediência imediata e silenciosa.

E todas as tardes, ela o levava para o quarto particular da princesa e o deixava lá por um quarto de hora enquanto ela ficava de guarda do lado de fora da porta. Por isso, ela tinha a gratidão eterna de Terryn.

A imagem daquele esqueleto quebrado, daquele crânio esmagado, passou por sua mente. Ele estremeceu, engoliu em seco. Senhora Mylla encontrou seu fim há muito tempo. Sua pobre alma não tinha sido forte o suficiente para suportar o poder de Ylaire di Jocosa e sua sombra Anathema. Essas forças possuidoras venceram seu corpo e expulsaram seu espírito em questão de segundos.

Os dedos de Terryn se apertaram ao redor do punho de sua sela. A Bruxa do Ardor era a culpada. Por Mylla e por... muito. A Floresta da Bruxa era um fim bom demais para ela. Ela merecia muito pior. Ela merecia os Assombrados.

O calor se contorceu nas profundezas de sua mente, respondendo a sua raiva. Terryn empalideceu. As canções de supressão que ele tocou permaneciam fortes, mas ainda assim ele deveria ter cuidado. Não importava como ele a amarrasse, não importava como ele se forçasse para baixo, sua sombra permanecia irrevogavelmente ligada a suas emoções. Seu coração poderia se partir e desejar vingança, mas ele não ousava ceder a esses sentimentos. Ele deveria ter cuidado, ou ele acabaria como Mylla, um espírito deslocado, assistindo impotente enquanto outro ser caminhava vestindo seu corpo.

— Lá. Eu vejo isso. — Kephan disse calmamente. — Deusa! Sempre esqueço como... quão ruim está.

Terryn olhou por cima da cabeça de sua égua, olhando para o vale abaixo. Seu coração batia dolorosamente, embora ele tivesse tentado durante todo o passeio se preparar para o que ele sabia que estava por vir.

As ruínas do que antes era uma estrada poderosa desciam para o vale. Pavimentada com pedra oblidita, a Estrada da Rainha se estendia por Perrinion por cento e cinquenta quilômetros, levando finalmente à Cidade de Dulimurian, a sede do poder da Terrível Odile. Nenhuma estrada restou agora, apenas uma mera cicatriz deixada na paisagem. Sem o poder de Odile para sustentá-lo, o oblidito havia afundado no solo ou se desintegrado em pó fino. Não era uma substância destinada a este mundo.

Mas não foi a estrada em ruínas que atraiu a atenção de Terryn. Em vez disso, seu olhar se voltou para a fortaleza que, durante o reinado da Rainha Bruxa, servira de defesa na Estrada da Rainha.

Cró Ular, a Torre de Sangue e Olhos.

Kephan o observou novamente. Terryn se certificou de que seu rosto permanecesse totalmente em branco.

— Você estava lá, não estava? — Kephan disse baixinho. — Na batalha.

Uma respiração curta. Então: — Eu estava.

— Dizem que Gillotin du Visgarus matou todos os escravos humanos. Que ele enviou seus cadáveres para a batalha, enquanto Ylaire usava seu sangue derramado para criar uma barreira de sangue ao redor da torre.

— Sim.

Kephan hesitou alguns momentos. Ele não havia servido em Perrinion durante a guerra, tendo sido ainda aprendiz na época, em Campionarre, no extremo norte. Tudo o que ele sabia sobre as principais batalhas e eventos, ele aprendeu bem depois do fato.

— Como... — Ele fez uma pausa. Terryn sentiu a crescente curiosidade do velho venador e se voltou, desafiando-o silenciosamente a fazer sua pergunta. As sobrancelhas de Kephan se juntaram. — Como você escapou desse destino?

Os lábios de Terryyn se torceram. — Ylaire tinha outros usos para mim. — Ele olhou para a frente na sela novamente e esporeou o cavalo em movimento.

À medida que se aproximavam das ruínas da torre, Terryyn não podia mais ignorar o fedor no ar. Não era um fedor real, não era algo que ele sentia com consciência mortal. Mas não havia outra palavra em sua língua para descrever esse distinto cheiro pútrido que assaltava a alma. Isso fazia um homem querer voltar, fugir.

A própria torre havia caído. Como muitas das estruturas criadas por Terrível Odile durante seu reinado, foi reforçada com oblidite. Uma vez que a Rainha Bruxa morreu, seu poder lentamente se esvaiu, e até mesmo um edifício tão orgulhoso quanto Cró Ular havia cedido. Suas paredes haviam sido quebradas antes, durante a batalha com o Rei Gardin.

Os Diabos Carmesins estabeleceram uma defesa formidável aqui na torre de vigia. Mas mesmo a barreira de sangue levantada pela morte de todos aqueles escravos tinha finalmente quebrado. Ninguém poderia resistir à vinda do Rei Escolhido.

Os restos do feitiço da barreira de sangue ainda rastejavam sobre as pedras caídas da parede. Terryyn podia ver, massas vermelhas se contorcendo de magia Anathema, como teias de aranha vivas. A maldição em si foi quebrada, mas o poder que a colocou no lugar, a grande quantidade de sangue fresco derramado no momento de sua criação, tornou essa magia horrível difícil de varrer completamente. Não enquanto o lançador original, a própria Ylaire, permanecesse viva.

Então, a maldição, quebrada, doente e apodrecida, rastejava sobre as paredes e fedia no ar. Até mesmo um mortal não tomado a sentiria, poderia até ter um vislumbre dela, tão poderoso era o trabalho da Bruxa do Ardor.

Os cavalos estremeceram e sacudiram a cabeça, reagindo àquela maldição que não podiam ver. Quando Terryn tentou atrair sua égua para mais perto, ela se ergueu, gritando. — Uau, Fleeta! — ele disse, virando-a para longe da torre e acariciando seu pescoço para acalmá-la. Sua pele estremeceu sob seu toque. — Calma, menina, calma.

O cavalo de Kephan balançou a cabeça, batendo os pés, espumando no freio. — É melhor deixá-los. — disse o venador mais velho, e desmontou. — E devemos chamar nossas sombras. Apenas no caso.

Terryn assentiu e saltou da sela. Ele deu a sua égua vários tapinhas calmantes antes de tirar seus cachimbos Vocos da bainha.

Quando Kephan começou a trabalhar convocando os poderes dentro dele, Terryn fechou os olhos e começou a tocar sua própria canção mágica, a Canção da Busca. O mundo ao seu redor derreteu, e ele olhou para a paisagem de sua própria mente, a mente seca e dura que ele havia criado para si mesmo. Uma mente que não permitiria que memórias ou pensamentos mais fracos criassem raízes e florescessem.

A única falha na extensão ampla e plana era um monte enorme que, de alguns ângulos, parecia nada mais do que uma pilha de pedra. Mas quando abordado de um certo ângulo, ele se tornava um ser enorme e draconiano. Sepultado. Encurralado. Mas ainda vivo.

Sua sombra.

O zumbido de complexos feitiços de supressão vibrou através da alma de Terryn. A diferença de outros venadores, Terryn não se atrevia a permitir que seu espírito possessor pudesse ter ascendência, nem mesmo temporariamente. Era muito poderoso, muito perigoso. Em vez disso, ele aprendeu a colher pequenas quantidades de magia por vez, que ele poderia usar quando necessário ao entrar em uma situação perigosa.

Terryn cruzou a paisagem mental árida, aproximando-se do monte com cuidado. Seu eu espiritual estendeu uma das mãos, enquanto seu corpo mortal tocava flauta, mudando para uma nova melodia: a Canção da Colheita.

Qual é o meu nome? Você sabe meu nome?

Terryn parou. No mundo mortal, seus dedos hesitavam em tocar. Apenas anos de treinamento o capacitaram a sustentar sua respiração, sustentar a música. Ele sabia que não devia falar, sabia que não devia ouvir aquela voz. Mas a tentação permaneceu: a tentação de responder. Arriscar tudo.

Com um mergulho rápido, Terryn bateu com o punho na lateral do ser aprisionado pela pedra. Um grito ecoou pelo vazio pesado do céu acima dele, mas ele não parou. Ele se abaixou, mergulhando fundo para agarrar um grande punhado de poder.

Então, retirando o braço, Terryn abriu os olhos e deixou para trás o mundo de sua mente, reentrando no reino mortal. Ele resolveu o feitiço da música antes de deixar os tubos de Vocos caírem de seus lábios enquanto a magia invocada corria por seus membros, puros rios de luz branca estourando em suas veias.

Terryn respirou fundo, exalando lentamente. Esse sentimento era... Bom. Muito bom, realmente. Ele tinha que ter cuidado com a frequência com que se entregava a tal poder. Havia algo atraente, algo viciante sobre magia como essa. Se ele não fosse cuidadoso, ele poderia vir a desejá-la.

Kephan já havia completado seu próprio feitiço de invocação. Olhando para ele com visão de sombra, Terryn viu o brilho de uma sombra Feral enrolada por ele. Sua forma era diferente daquela que Venatrix di Ferosa carregava, e sem dúvida as habilidades que ela conferia eram igualmente únicas. Nunca houve duas sombras verdadeiramente iguais.

— Preparado? — Kephan perguntou, embainhando seus Vocos.

Terryn assentiu.

Eles desceram a encosta, evitando os restos da estrada quebrada. A cada piscar, a memória de Terryn voltava a muitos anos atrás, a uma criança tropeçando naquela estrada, suas novas botas machucando seus pés, seus captores o cutucando cruelmente por trás. O alto capitão da guarda da princesa tentou protegê-lo do pior daqueles golpes.

Pai...

Balançando a cabeça com força, Terryn voltou ao presente, recusando-se a pensar nessas imagens.

Eles não precisaram encontrar o portão. A parede estava tão destruída que eles facilmente encontraram um lugar para escalar. Evitando as manchas mais grossas de maldição quebrada, Kephan liderou o caminho e Terryn o seguiu. Eles ficaram parados nas ruínas do pátio, de frente para a estrutura principal do forte, do outro lado das pilhas de rocha quebrada da torre desabada.

— Esta é a nossa melhor aposta. — sussurrou Kephan. Não havia necessidade real de manter a voz baixa, mas era difícil falar em voz alta em um lugar como este. Embora os corpos tivessem desaparecido há muito tempo, suas almas há muito desapareceram ou foram arrastadas para os Assombrados, uma presença pesada de morte permanecia. As mortes dos escravos humanos assassinados para criar a barreira de sangue. As mortes dos bravos homens e mulheres do Rei Escolhido. E as mortes dos Diabos Carmesins que deram suas vidas para defender esta cidadela.

— Se Ylaire realmente escapou da Floresta da Bruxa... — Kephan continuou. — Ela provavelmente retornaria a este lugar. Quem sabe o que ela pode ter deixado para trás e que gostaria de recuperar.

Kephan estava certo. Com a alma da bruxa solta no bairro, a melhor chance de encontrar algum traço dela para segui-la estava aqui. Terryyn sabia disso.

E ainda assim seus pés permaneceram enraizados no chão.

O venador mais velho se virou para ele, uma expressão estranha brilhando em seus olhos. Ou talvez fosse simplesmente o brilho de sua sombra que Terryyn detectou. — Devíamos nos separar. — disse Kephan.

Terryyn franziu o cenho. — Isso parece perigoso. — Ele pigarreou e endireitou os ombros. — Estamos mais seguros juntos.

— Ela não está aqui. — respondeu Kephan imediatamente, olhando novamente para as ruínas. — Eu sentiria o cheiro dela se ela estivesse. Mas devemos vasculhar o lugar de qualquer maneira, ver o que podemos encontrar. Estamos seguros enquanto permanecermos alertas. Encontro aqui em meia hora, sim?

Terryyn não gostou. Mas Venador Kephan era seu superior, pelo menos até Gerard tornar oficial a nomeação de Terryyn. Então ele acenou um acordo relutante.

Enquanto Kephan fazia seu caminho certo, indo para a parte sul das ruínas, Terryyn avançou em direção à estrutura principal. As manchas restantes de maldição podre obrigaram-no a serpentear entre as pedras caídas ao longo do caminho e, quando deu dez passos, perdeu Kephan de vista.

Quando ele deu doze passos, ele ficou cara a cara com um fantasma.

CAPÍTULO 9

Santuário Elsinoe não estava em nenhum dos mapas armazenados nas prateleiras do posto avançado. Esses mapas, pelo menos, foram atualizados muito mais recentemente do que o que ela tirou da coleção de Hollis, mas aparentemente apenas os maiores santuários mereciam ser incluídos. No momento em que ela terminou de estudar cada um dos três mapas, ela encontrou os locais importantes detalhados dentro do bairro, ela estava pronta para arrancar seus cabelos.

— Hollen. — Ela murmurou por fim, a cabeça pesada em sua mão. Sua voz soou estranhamente alta na quietude do fortim. Desde que Terryn e Kephan partiram, ela se acomodou profundamente em silêncio, estudando mapas. — Hollen. — Ela repetiu com mais convicção, sentando-se ereta e girando os ombros cansados. — O diário de bordo dizia que o Santuário Elsinoe ficava ao sul da Vila Hollen. — A que distância ao sul, ela não podia adivinhar. Mas era um começo, pelo menos.

Ela puxou o mapa mais próximo em sua direção. As etiquetas foram escritas com a caligrafia distinta e em bloco de Venador Kephan, tudo claro e limpo. As linhas das estradas e os principais pontos de referência também pareciam blocos, levando-a a supor que este mapa era feito pelo próprio Kephan. Vila Hollen, se as medições de distância de Kephan fossem precisas, ficava a aproximadamente trinta quilômetros ao norte de Milisendis e a cerca de treze quilômetros a oeste das florestas periféricas.

Ayleth se recostou na cadeira e se virou para olhar pela janela atrás dela. O sol já estava bem alto no céu, bem depois de seu zênite. Ela já havia

cavalgado em Chestibor uns bons dezesseis quilômetros naquele dia. Ele era um animal duro, e ela sabia que ele poderia lidar com outros vinte, mas não tão rápido quanto ela gostaria. Levaria umas boas quatro horas para chegar a Vila Hollen, se o mapa fosse preciso. Se ela encontraria ou não o Santuário Elsinoe ao longo do caminho, ninguém sabia.

Ela deu um suspiro. Melhor começar agora e tentar encontrar o santuário antes de escurecer.

Chestibor ainda estava selado, então não demorou muito para voltar à estrada. As nuvens pesadas haviam passado, dando lugar a pequenas manchas de sol aqui e ali, o que fez um passeio mais agradável do que ela gostara naquela manhã. Embora ela odiasse que Venador du Tam a tivesse arrastado para esta tarefa menos interessante em vez de deixá-la caçar a bruxa, não adiantaria ficar de mau humor por causa disso. Melhor se lançar ao trabalho com cada grama de energia que pudesse reunir.

Seu espírito se iluminou quando a resolução se solidificou em seu peito. Ela iria encontrar este santuário, ela iria encontrar esta Mãe Vesta, ela iria encontrar esta criança inata, e então ela iria... ela iria...

O que?

Se ela encontrasse a criança, o que aconteceria?

Você acredita que não há diferença?

A voz de Hollis inundou sua memória. A última conversa delas, na noite anterior a Ayleth fugir de Gillanluòc, as palavras de sua senhora cheias de raiva. E aviso.

Você acha que vai caçar uma criança com a mesma facilidade? Você está pronta para tudo que esse papel exige de você, todas as mortes que você deve lidar em nome da Deusa?

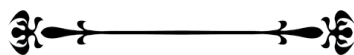
Ayleth não foi capaz de responder então. Ela se dedicou a honrar a Deusa e os ensinamentos de Santo Evander. Sua vida foi afiada para um único propósito: salvar almas da condenação dos Assombrados. Uma vocação nobre, que ela sempre procurou cumprir com paixão e coragem.

Mas uma criança.

Uma criança inata.

As chamas pareciam dançar diante de sua visão.

Ayleth cerrou os dentes, curvou-se sobre o pescoço de Chestibor e bateu com os calcanhares nas laterais do corpo dele. — Iah! — Ela gritou, e ele começou a galope, agitando a trilha sob seus cascos, cada vez mais rápido. Ayleth agarrou-se às costas dele, o rosto voltado para o horizonte, como se pudesse, de alguma forma, superar seu terrível propósito.



Um santuário ficava no topo de uma colina, separado das aldeias vizinhas. Os habitantes dessas aldeias e fazendas caminharam muitos quilômetros para se reunir em adoração. A estrutura dominava a paisagem, um edifício de pedra com uma torre circular erguendo-se do centro, com pelo menos quatro andares de altura. Nesta parte do bairro, onde as estruturas mais próximas eram todas cabanas de barro, vime e telhados de palha, parecia bastante grandioso em contraste.

Ayleth parou Chestibor e puxou o mapa de Venador du Tam. A menos que ela tivesse se virado completamente, aquele pequeno aglomerado de cabanas, galpões de ovelhas e celeiros em ruínas era a última Velda Hollen.

Ela enrolou o mapa e olhou para o santuário adiante, através de um campo inclinado pontilhado de ovelhas de rosto negro. Um pequeno dormitório ficava ao lado da própria estrutura sagrada, onde morava a sacerdotisa e um punhado de freiras, sem dúvida. Não era um lugar particularmente acolhedor.

Mas onde mais o filho inato de Jerlo du Bucheron poderia procurar refúgio quando caçado por um venador?

Enquanto Ayleth subia a encosta verde, espalhando ovelhas à direita e à esquerda, os sinos do santuário tocaram, sinalizando o fim do serviço noturno. Alguns dos aldeões mais devotos apareceram em sua porta logo depois, suas orações e petições completas, e se prepararam para a longa jornada de volta às suas aldeias natais. Eles avistaram Ayleth nos degraus da varanda. Seu capuz vermelho se destacava como um farol, uma declaração ousada de sua Ordem.

Ayleth viu os adoradores fazerem apressadamente o triplo sinal da Deusa, uma proteção contra a sombra. Seu coração afundou. O que exatamente eles viam quando olharam para ela? Não sua protetora, sua defensora que arriscava a condenação por causa deles. Apenas outro monstro possuído.

Algum dia, talvez, ela se acostumasse com o medo que inspirava nos outros. Hollis tinha. E Hollis nunca permitiu que esse medo a desencorajasse de cumprir seu dever.

Com a cabeça erguida, Ayleth continuou até a porta do santuário. O dia se alongou rapidamente, o sol poente lançando a sombra da torre como um longo dedo escuro sobre a paisagem, apontando para o leste para a Floresta da Bruxa. Alguém deve ter avisado a sacerdotisa da vinda da venatrix, pois assim que Ayleth se aproximou dos degraus da frente, uma figura alta e imponente com um capuz branco entrou pela porta.

Ayleth desmontou, deixando que Chestibor arrancasse ervas daninhas em torno de uma lápide inclinada. Ela olhou para a sacerdotisa e fez um sinal de reverência, tocando os dois primeiros dedos da mão direita no coração e abaixando a cabeça. — Saudações, boa mãe.

A sacerdotisa fez uma careta. O rosto que Ayleth vislumbrou sob o capuz branco era de meia-idade e severo. Sua testa, adornada com o adorno de prata da Ordem de Saint Alicen, estava contraída no que Ayleth supôs ser uma carranca permanente. As irmãs alicenianas eram devotadas ao serviço do Coração da Deusa e conhecidas por sua caridade para com os órfãos. Mas um órfão teria que estar realmente desesperado para recorrer a essa mulher em busca de conforto. Linhas profundas marcavam as bochechas da sacerdotisa em ambos os lados de sua boca severa, e se aprofundavam quanto mais ela estudava Ayleth.

— Vesta. — disse ela abruptamente. — Mãe Vesta. Eu servi a aqui em Wodechran quase vinte anos agora, e todo mundo me conhece e minhas irmãs. Somos almas puras. Livres.

Havia uma qualidade defensiva na voz da mulher. Ayleth sabia que não devia se ofender. Pelo menos agora ela sabia que tinha vindo ao lugar certo.

— Não estou procurando sombras entre os alicenianos, boa mãe. — disse ela. — Estou apenas procurando informações. Você conhece o nome Jerlo du Bucheron?

A face da sacerdotisa mudou quando a sobrancelha da sacerdotisa se contraiu em uma carranca ainda mais profunda. — Isso é sobre aquele filho dele manchado pela sombra?

Ayleth piscou. O diário de bordo de Nane dizia que a criança buscava refúgio aqui. Mas, pelo olhar da Mãe Vesta, nenhuma sombra receberia abrigo

sob seu teto. — O que você pode me dizer sobre a criança? — ela perguntou cuidadosamente.

A boca da sacerdotisa se torceu como se pensasse. — Já mandei Suvenne empacotando, se é para isso que você está aqui. Quando descobri o que ela estava fazendo, ela foi repreendida e voltou ao templo para limpeza e doutrinação.

Ayleth piscou lentamente. — Esta... Suvenne? Ela é irmã de Saint Alicen?

— Sim.

— Ela fez... — Ayleth estreitou os olhos, tentando ler a verdade no rosto ameaçador de Mãe Vesta. — Ela escondeu a criança do Bucheron? Aqui?

— Eu te disse, ela já foi punida. Ela não é tomada pela sombra, então isso não tem nada a ver com a sua Ordem.

Incomodada com o olhar cada vez mais agressivo da sacerdotisa, Ayleth assumiu uma postura de comando. — Diga-me... — disse ela. — O que puder sobre a criança. Por que dizem que ela é tomada de sombra?

— Sabia coisas que ela não deveria saber. — a sacerdotisa respondeu, sua voz sombria sob o capuz. — Não dava para saber, mais direto ao ponto.

Ayleth esperou que a sacerdotisa elaborasse. Mãe Vesta cruzou os braços nas mangas profundas de seu manto, tentando parecer ainda mais ameaçadora.

— Nós a descobrimos na véspera da festa de Uryene, quando todas as aldeias se reuniram para as orações da vigésima primeira noite. Mais tarde, soube que ela estivera escondida em nosso celeiro quinze dias antes. Mas naquela noite, quando toda a minha congregação estava reunida, ela apareceu de repente nesta mesma porta, bem durante a terceira canção de oração. Ela desceu a parte central, dizendo as mesmas palavras repetidas vezes.

— Que palavras? — Perguntou Ayleth.

— 'Onde ele está?' — Mãe Vesta estremeceu, fechando os olhos. — Ela continuou repetindo, ficando mais alto até que todos pararam de cantar, e havia apenas a voz dela, gritando para quebrar as janelas. 'Onde ele está? Onde ele está?'

— Quem ela quis dizer?

Os olhos da sacerdotisa se abriram e suas narinas se dilataram com uma inspiração aguda. — Ela parou ao lado do Journeyman Gosse. Ela agarrou o braço dele e começou a dizer... dizer...

— O que?

— Ela disse a ele onde ele havia enterrado o corpo de sua esposa assassinada.

Ayleth ficou olhando, sem saber o que acabara de ouvir. — Sua... sua esposa foi assassinada?

Mãe Vesta fixou o olhar em Ayleth, erguendo as sobrancelhas, movendo a faixa prateada para cima. — A senhora Gosse desapareceu há dez anos. Seu marido alegou na época que não sabia para onde ela tinha ido. Todos suspeitavam dele, homem violento que ele era, mas o corpo nunca foi encontrado e nenhuma prova poderia ser apresentada. Após as declarações da menina, o oficial de justiça de Hollen saiu naquela mesma noite e encontrou os restos mortais da mulher. Não sobrou muito depois de todos esses anos, mas o suficiente. Seu marido foi levado para o Príncipe Dourado para julgamento e devidamente enforcado por seus crimes.

Ayleth estremeceu com a última declaração. Ela não gostava de pensar no príncipe Gerard nesses termos, na cadeira da justiça, distribuindo sentenças de vida ou morte. Sua mente racional sabia que isso era parte de seu dever como senhor do bairro, mas ela preferia imaginá-lo acima de tais coisas, puro e imaculado pela sujeira deste mundo.

— Trancamos a criança no porão. — Continuou Madre Vesta. — A irmã Suvenne confessou em lágrimas que a escondeu. Ela sabia que a criança era tomada por sombras. Garota estúpida.

O que a sacerdotisa descreveu certamente soou como trabalho de sombra. Especificamente, o trabalho de um Visionário: um contador de visões do passado, do presente e às vezes até do futuro. Não é exatamente perigoso. Essas habilidades não se traduziam naturalmente em violência contra os outros. Mas poderes estranhos e imprevisíveis à sua maneira.

— E você tem certeza de que a menina não tinha simplesmente visto onde o Journeyman Gosse enterrou o corpo? — Perguntou Ayleth.

Mãe Vesta lançou-lhe um olhar de desgosto. — A senhora Gosse desapareceu há dez anos. A própria criança ainda não havia nascido. Ela não poderia ter visto tal coisa. Não, não. Foi definitivamente magia em andamento.

Ayleth concordou com a cabeça. — O Venador du Vincent veio para levar a garota?

Aqui a sacerdotisa pareceu surpresa. — Você não sabe? Vocês nunca falam entre si?

A notícia do desaparecimento e morte de Nane ainda não deve ter se espalhado por todo o bairro. Provavelmente bem. Ayleth ergueu a mão apaziguadora, sacudindo a cabeça. — Eu simplesmente quero ouvir o seu lado das coisas.

A julgar pela expressão perspicaz de Mãe Vesta, a sacerdotisa não se convenceu. Mas ela disse apenas: — O Capuz Vermelho chegou no dia seguinte. Assim como o pai da criança.

— Jerlo du Bucheron.

— O mesmo. Ele é um lenhador, um homem grande. Passa muito tempo nas florestas periféricas, ousa dizer. Os homens mortais não deveriam se

aventurar tão perto de um terreno amaldiçoado. Mas alguém deve manter nossas fogueiras alimentadas durante o inverno.

— E du Bucheron estava presente quando o venador levou sua filha embora?

A sacerdotisa acenou com a cabeça, sua boca uma linha sombria. — Ele era... perturbado, com certeza. Todos nós testemunhamos como ele lutou para levar a garota de volta. Ele queria arrancá-la dos braços do Capuz Vermelho e fugir com ela para algum lugar. Como se ele pudesse de alguma forma fugir daquele demônio dentro dela! — Mãe Vesta estremeceu. — Mas o Capuz Vermelho o venceu e carregou a criança. Sentei-me com Jerlo enquanto ele estava inconsciente bem aqui no quintal do santuário. Pensei em oferecer a ele o conforto da verdade da Deusa quando ele acordasse, mas no momento em que ele recobrou a consciência, ele se levantou e saiu em perseguição, perseguindo o Capuz Vermelho. A essa altura, já era tarde demais para ele fazer qualquer coisa, é claro. — A sacerdotisa baixou a cabeça brevemente e Ayleth se perguntou se ela vislumbrou apenas o mais leve indício de arrependimento no rosto duro da mulher. — Du Bucheron voltou algumas horas depois, de mãos vazias. A garota se foi. Cuidada.

Queimada.

Uma mão sombria pareceu agarrar o coração de Ayleth. Ela tentou se livrar disso, dizer a si mesma para não ser tão tola. A ação tinha que ser feita. O fogo era a única maneira de separar uma alma mortal de uma sombra inata. Se a criança tivesse alguma chance de ir para o céu, sua única esperança era o fogo.

No entanto, Ayleth não podia negar a dor que sentia, pensando em Jerlo, desesperado para resgatar sua filha, sua pobre e maldita filha. Como um homem como ele poderia começar a entender?

Como poderia alguém?

Respirando profundamente, Ayleth olhou para os olhos de pedra da sacerdotisa mais uma vez. — Diga-me onde posso encontrar Jerlo du Bucheron. — disse ela.

CAPÍTULO 10

Terryn parou em seu caminho.

Ela estava alguns metros à frente dele, cercada por grandes pedras quebradas. Sua cabeça estava baixa e inclinada tanto para um lado em seu pescoço fino que parecia descansar em seu ombro ossudo. Seus dedos se moviam estranhamente, girando uma pedra brilhante e facetada como um diamante brilhante, girando e girando, de modo que suas muitas pontas refletissem a luz.

Ela avistou Terryn no mesmo momento em que ele a viu. Mas enquanto ele recuava três passos, sua respiração presa dolorosamente na garganta, ela nem ao menos estremeceu. Seu rosto, desprovido de emoção, virou-se lentamente em sua direção, os lábios ligeiramente entreabertos.

Ela não era real. Ela não pode ser.

Querida Deusa acima, que ela não seja real!

Mas Terryn sabia melhor. Sua mente, não importa o quão nublada pelo medo, não poderia tê-la imaginado assim. A última vez que ele a viu, ela usava um vestido de noiva branco enfeitado com ouro. Seu cabelo ruivo estava amontoado em cachos na parte de trás de sua cabeça, alguns cachos delicados caindo sobre suas orelhas. Sua garganta estava adornada com joias e seu rosto se contorceu de puro terror enquanto ela gritava em um frenesi de dor.

Ele ainda a via assim. Naqueles poucos momentos perdidos em que ele ousava pensar nela. Sempre que Gerard falava o nome dela, as memórias voltavam.

Sua cabeça inclinada lentamente se levantou e se inclinou para o outro lado enquanto ela o contemplava. Ela ainda usava os restos de seu vestido de noiva. Um lampejo de ouro cintilou sob camadas de lama com crostas, fuligem e sangue, mas a maior parte da seda branca ficou preta. As saias outrora abundantes pendiam em farrapos, expondo suas pernas e pés nus. Seu cabelo tinha perdido o brilho, caindo em mechas opacas até os quadris. Ainda vermelho, entretanto. Mesmo sob a sujeira, ainda vermelho.

Ela piscou. Apenas um olho. Um enorme crescimento semelhante a um fungo escondia o outro e se estendia por sua bochecha e pescoço, branco e inchado e bulboso. — Eu conheço você. — Ela disse. Sua voz coaxou. Parecia doer falar, e ela estremeceu e engoliu em seco, o tumor em seu pescoço balançando estranhamente. — Eu me lembro do seu nome.

Terryn ficou como se tivesse sido atingido por uma ligação espiritual. Mas esta não era a presença avassaladora de uma sombra ascendente lançando sua alma ao Assombrados.

— Terryn. — Ela disse finalmente. — Você é Terryn. Estou certo? Gerard sempre amou você. Sempre manteve você à espreita em sua sombra. Mesmo quando éramos crianças. Terryn... Terryn com cara de cicatriz. Venador du Balafre.

— Fayline. — Ele respirou.

Sua boca, a metade visível, contorceu-se em um sorriso. — Você lembra de mim. Achei que você tivesse esquecido. Caso contrário, por que você me deixaria no escuro todo esse tempo?

Não poderia ser ela. Não poderia ser. Pode ser o corpo dela, mas não era ela. O ser dentro dela, olhando através de seus olhos atormentados, estava tentando manipulá-lo, tentando acalmá-lo até a complacência.

A mão de Terryn moveu-se para suas aljavas. Assombrados! Ele não tinha pensado em trazer a paralisia usada nos Evanescers.

Seus olhos tremeram enquanto o observava, e seu meio sorriso horrível cresceu. — Eu tomaria cuidado, se eu fosse você. Ela sabe o que você está pensando. Ela quer que eu te mate.

A frieza se apoderou do coração de Terryn. — Inren...

A garota gritou. Ela jogou a cabeça para trás, os braços voando para os lados, cada dedo tenso. Sua garganta convulsionou, e o grito saiu dela em cortes de som.

Algo cresceu dentro dela. Algo invisível aos olhos mortais, mas que a visão sombria de Terryn contemplou com horror. A escuridão subiu do fundo de sua alma, serpenteando como uma píton de luz negra. Ele se acumulou em sua garganta, em sua cabeça, derramou-se de sua boca e olhos. Mas através das lacunas na escuridão, a luz de outra alma brilhou, lutando para suprimir aquele aperto sufocante, resistindo com mais força do que Terryn teria pensado possível.

Ele tinha que fazer algo. O calor do poder de sua própria sombra percorreu a ponta dos dedos, mas soltar esse poder sobre ela arriscaria quebrar seu corpo mortal em um milhão de partículas de poeira. A intensidade de uma morte tão violenta fortaleceria sua sombra profundamente, poderia matá-lo ao sair de seu hospedeiro arruinado.

Não, ele deveria tentar atirar nela. Sem o veneno certo, sua única opção era a Morte Gentil. Seu coração se rebelou... mas que escolha ele tinha?

Ele arrancou o dardo de penas pretas de sua aljava, acertou seu escorpião e mirou, com o braço esquerdo dobrado para segurar o direito.

Ela olhou para ele. A escuridão jorrou de sua boca, de suas narinas e envolveu sua cabeça. — NÃO! — ela gritou, jogando os dois braços para cima.

Nesse mesmo momento, Terryn ouviu a voz de Gerard ecoar em sua cabeça: *Não, Terryn! Não a machuque!*

Ele hesitou.

A escuridão explodiu do núcleo de Fayline, envolvendo-a em uma nuvem de fios anti-luz se contorcendo e entrelaçados. Terryn disparou um instante tarde demais. O dardo assobiou através da nuvem, partindo em uma trilha estreita e arrastando fumaça para trás quando ricocheteou em uma grande pedra e caiu no chão.

Fayline, ou o que quer que possuísse seu corpo, havia sumido. Evanescido para Deusa-sabe-onde.

Terryn ofegava como se tivesse acabado de correr um quilômetro em alta velocidade. Ele observou a nuvem ondulante de escuridão enquanto ela encolhia para baixo e para baixo em si mesma, condensando-se em um nó apertado de nada, muito denso para continuar flutuando no ar. Afundou no chão, espalhou-se como uma xícara de água derramada e afundou ainda mais. Continuaria afundando, Terryn sabia, até atingir o centro ardente do mundo.

Oblivis. Não a forma diluída que ele respirou na Floresta da Bruxa. Isso era puro, direto do Assombrados. Derramado através da barra que Fayline tinha rasgado nos véus da realidade quando ela saiu deste mundo e entrou naquele reino caótico. Em algum lugar longe, em algum lugar que ele não conseguia adivinhar, ela já havia rasgado outra abertura e reaparecido no mundo mortal, atravessando realidades em um instante. Contanto que ela tivesse uma âncora plantada, ela poderia entrar e sair deste mundo à vontade.

Uma âncora...

Terryn se aproximou do pedaço de terra ainda se contorcendo. Tinha menos de trinta centímetros quadrados e o oblivis em si havia sumido, mas o

solo agora parecia o solo podre da Floresta da Bruxa. Ele estremeceu e ferveu, uma coisa morta que sentia a dor de sua própria decomposição. Acabaria parando, Terryyn sabia. Ele já tinha visto isso acontecer antes. Mas o próprio solo nunca se recuperaria.

Ele se agachou sobre a pequena mancha de dor, cobrindo o nariz. Uma bolha de lodo negro estourou e algo ficou exposto. Escuro e pequeno, mais ou menos do tamanho de um globo ocular, ficava no centro daquele pedaço de chão podre.

Terryyn fez uma careta, seu estômago revirou. Ele pegou sua adaga e cuidadosamente, usando a ponta, rolou o pequeno orbe para fora do pedaço de oblivis e sobre a poeira seca comum do pátio quebrado. As facetas brilhantes que captaram a luz enquanto Fayline brincava com ela em seus dedos agora estavam opacas. Algo escuro no centro da pedra explodiu.

— Maldito Assombrados. — Sibilou Terryyn enquanto ele criava coragem para finalmente pegar o objeto entre dois dedos e aproximá-lo para ver melhor. Estava quebrado. Mas era uma âncora. Alguns fios de maldição ainda flutuavam para fora de seu centro, visíveis à sua visão sombria.

Terryyn se levantou, deslizando a esfera na pequena bolsa em seu cinto. Ele não temeu um ataque imediato. Se Fayline fosse voltar, ela já teria feito isso. Com sua âncora quebrada, ela não poderia voltar a este local. Ela precisava de uma âncora ativa para evanescer dentro de uma milha de qualquer local. Provavelmente, ela se afastou desse encontro e, em seguida, quebrou a conexão com sua âncora para que não deixasse nenhum rastro, nenhum fio que ele pudesse seguir.

Uma pena que Venatrix di Ferosa não estivesse aqui. Ela poderia rastrear fios quebrados.

Terryn afastou esse pensamento imediatamente. Ele tinha coisas mais importantes a considerar. Como o fato de que não um, mas dois Demônios Carmesins escaparam da Floresta da Bruxa. A Bruxa do Ardor, a menos que ele estivesse muito enganado sobre a identidade da mulher morta nas florestas periféricas, e sua irmã. A Bruxa Fantasma.

Inren di Karel.

— Não Fayline. — Sussurrou Terryn. — Não Fayline. Não mais.

As duas bruxas estavam trabalhando juntas? Se Inren estivesse ascendente naquele corpo, então certamente ela teria se reunido com Ylaire, poderia até mesmo ter escapado da Floresta da Bruxa ao seu lado. Mas se Inren estava ascendente... por que ela não o atacou?

Terryn franziu o cenho, encaixando outra Morte Gentil em seu escorpião, girando lentamente no lugar, com os olhos abertos. Isso era possível... havia mesmo uma chance...?

Mais frustrado e com medo do que gostaria de admitir, Terryn abriu caminho através dos escombros. Ele foi para o sul, seguindo Kephan. Ele precisava ter certeza de que seu companheiro venador também não havia encontrado a bruxa, nenhuma das bruxas. Mantendo seu escorpião em pé e pronto, ele perscrutou cada sombra lançada pelas pedras caídas da torre. A qualquer momento, ele esperava ver outro pedaço de oblivis cortando o ar, e ver o corpo de Fayline passar, transbordando com o poder de um espírito ascendente.

Ele escalou até o topo de uma pedra grande e irregular e olhou para o outro lado. Por um instante, seu coração se elevou de alívio. Kephan estava lá embaixo, vivo e inteiro. Terryn soltou um suspiro, abrindo a boca para chamar o venador. Então sua respiração prendeu novamente.

Algo estava errado.

Naqueles poucos momentos desde que ele o viu, Kephan não se moveu. Nem um músculo. Ele ficou parado como se estivesse em posição de sentido, seu olhar fixo nas pedras da fundação da torre. O vento agitou seu cabelo, e uma grande rajada soprou o capuz de sua cabeça, caindo sobre seus ombros.

Chamejando brilhante com uma luz maligna e abrasadora, como uma marca ainda quente do fogo, um círculo destacou-se na bochecha do venador mais velho. Um sigilo, quente e pulsante com a magia Anathema.

O coração de Terryn parou. Ele conhecia aquele sigilo. A maldição implantada de Ylaire di Jocosa. A marca de ligação que ela colocava em todos os seus escravos.

Com um grito, ele se jogou da pedra, caindo com força no chão implacável abaixo, mas pulando de pé novamente de uma vez. Segurando seu escorpião alto, ele chamou, — Venador!

Kephan não se virou, não se moveu. Ele permaneceu enraizado no lugar. Apenas sua bochecha se contraiu de dor sob a queima da marca do sigilo.

Terryn se aproximou apressadamente, a cada passo virando para um lado e para outro, sua visão sombria procurando algum brilho de presença sombria entre as pedras caídas, as paredes desmoronadas. Seu olhar se voltou para Kephan. Ele deveria atirar? Ele deveria derrubar o homem com a Morte Gentil agora, antes que a maldição pudesse fazer efeito, antes que ela pudesse deformar ele?

O dedo de Terryn apertou o gatilho. Ele deu mais um passo, preparando-se para o tiro. Ele piscou.

Então piscou novamente. Quando de repente ficou tão escuro?

Terryn gemeu, estremeceu e torceu o queixo e o pescoço doloridos. O mundo parecia ter mergulhado abruptamente na noite. Ele deve ter estado tão concentrado no que estava fazendo que não percebeu quando o sol se pôs além do horizonte. Esticando o pescoço, ele olhou para as estrelas arqueando no alto, para o quarto da lua brilhando como uma lâmina curva de prata na noite.

— Oh Deusa, estou duro.

Terryn se virou ao som da voz de Kephan e viu o venador mais velho parado a apenas alguns metros de distância, esfregando o pescoço e gemendo. Terryn percebeu o quão tensos seus próprios músculos estavam, como se ele tivesse forçado todo o seu corpo para levantar alguma carga pesada nas últimas horas.

Girando os ombros, ele girou no lugar, observando os arredores. — Onde estamos? — ele murmurou. Eles pareciam estar no meio de um campo de feno recentemente colhido. Fardos perfumados de feno pairavam ao redor deles como pequenas montanhas eriçadas. Não muito longe, ele viu o brilho da fogueira através de um conjunto de janelas, indicando alguma casa de fazenda.

— Eu não... sei exatamente. — Kephan respondeu, a luz da lua destacando as rugas de sua carranca. Ele respirou fundo e exalou de alívio. — Ah. Nossos cavalos.

Terryn olhou por cima do ombro. Fleeta parou em um dos fardos de feno, se servindo, e o cavalo castrado escuro de Kephan mudou de posição ao lado dela.

Os dois venadores correram para suas montarias, tropeçando um pouco enquanto se reajustavam para usar seus próprios membros. Terryn deu um tapinha no pescoço de Fleeta. Ela parecia ilesa. Ela deve tê-lo carregado aqui, mas ele não conseguia se lembrar... não conseguia lembrar...

— Cró Ular. — Ele murmurou.

— O que é isso? — Kephán perguntou enquanto se colocava na sela.

Terryn franziu o cenho para seu companheiro venador. — Não estávamos indo investigar a Torre de Sangue e Olhos? Procurando por...

— Sim, claro. Acabamos de vir de lá. — Kephán acenou com a mão em um gesto rápido de desprezo. — Não encontramos nada digno de nota, lembra? Uma pilha de pedras e velhas maldições quebradas. Nenhuma pista a seguir. Se a Bruxa do Ardor esteve lá recentemente, ela se foi agora.

— Foi. Sim. Claro. — Terryn montou, acomodando-se em sua sela com algum desconforto. Ele lançou um último olhar para trás. Deste campo alto e inclinado, podia-se ver a massa escura de Floresta da Bruxa no leste, impenetrável ao luar. Nada. Apenas uma extensão negra de nada sob o céu noturno.

— Nada. — Ele sussurrou. — Não encontramos nada.

— Vamos, rapaz. — disse Kephán, estimulando o cavalo a se mover. — Voltar para Milisendis para uma noite de sono. Se di Ferosa estiver lá, ela pode ter encontrado algo interessante em Elsinoe. Se não, bem, decidiremos amanhã qual será nosso próximo passo.

Kephán liderou o caminho através do campo, e Terryn cutucou sua égua vermelha para segui-lo. Eles cavalgaram em silêncio por algum tempo, cada um perdido em seus pensamentos. Ou quase pensamentos. Terryn não conseguia colocar sua mente em ordem, e quando ele tentou, uma pontada aguda de dor cortou suas têmporas, atrás de seus olhos.

Uma hora se passou e outra. Por fim, a torre do posto avançado apareceu à vista e o coração de Terryn se elevou ante a perspectiva de dormir. Isso é tudo que ele precisava, realmente. Sono, uma chance de descansar sua mente, de deixar essa névoa de perplexidade se dissipar.

Uma mão soltou inconscientemente as rédeas de Fleeta e moveu-se para a bolsa em seu cinto. Ele beliscou o tecido, sentindo algo redondo e sólido por dentro. Algo não maior que um globo ocular. Mas ele não conseguia se lembrar o que era, e quando eles alcançaram o portão do posto avançado, ele havia esquecido completamente.

CAPÍTULO 11

O lenhador morava sozinho a alguns quilômetros da Vila Hollen, perto das florestas marginais. O sol já havia se posto quando Ayleth entrou cavalcando em seu quintal, mas ela viu a luz através das janelas de sua casa. Jerlo estava em casa.

O coração de Ayleth afundou com uma relutância cada vez mais profunda quanto mais ela se aproximava do chalé. Depois do que tinha ouvido de Mãe Vesta, a última coisa que ela queria era enfrentar o pai enlutado.

Mas a sacerdotisa não foi capaz de dar a ela mais informações sobre as ações de Nane após sua visita ao santuário, nem mesmo a direção que ele tinha ido quando partiu com a criança. Jerlo o havia perseguido. Ele provavelmente sabia mais.

Era possível que ele fosse o assassino de Nane? Ayleth não achou provável. Talvez ela pudesse se convencer de que um homem forte e motivado poderia se aproximar furtivamente de um venador experiente e derrubá-lo. Mas em Floresta da Bruxa? Algum homem, não importa o quão louco de raiva ou tristeza, perseguiria seu inimigo lá? Não fazia sentido.

Além disso, ela não podia acreditar que mesmo o mais forte e corajoso dos lenhadores conseguiria matar Venador Nane e a Bruxa do Ardor em rápida sucessão.

No entanto, ela precisava falar com o homem, descobrir o que ele sabia.

Tirando seu Vocos da bainha, ela tocou uma variação rápida da Canção de Comando. Laranta avançou em sua mente, aliviada com o afrouxamento

dos feitiços de amarração. *Caçada? Caçada?* ela perguntou ansiosamente, sua voz um grunhido na cabeça de Ayleth.

— *Agora não.* — respondeu Ayleth. — *Eu quero que você cheire esta propriedade. Procure algum vestígio de... do sangue de Venador Nane. Será antigo, como o traço que encontramos na floresta. E fique de olho nas sombras.*

Laranta saiu de sua mente e se manifestou no chão ao lado de seu cavalo. Com um pequeno latido de reconhecimento, ela partiu em um trote rápido, indo primeiro para o celeiro do lenhador. A corda de alma que a conectava a Ayleth foi puxada daqui para lá quando a sombra do lobo começou sua exploração.

Ayleth, por sua vez, desmontou e se aproximou da porta da frente do chalé. Embora ela tivesse tentado formar algum tipo de teoria com base nas informações que reuniu, ela se viu diante de mais perguntas do que antes. Com sorte, esse homem, esse pai enlutado cuja solidão ela estava prestes a invadir, pudesse lhe dar uma ou duas respostas.

Ela bateu com força e ouviu o som de passos lá dentro. Passos pesados, passos de um homem grande. A porta se abriu e ela olhou para cima... e um pouco mais. Uma figura enorme estava diante dela, preenchendo o batente da porta enquanto ele se curvava para espiar. Seus ombros eram tão enormes que ele teria que virar de lado para sair, e uma mão enorme e calejada agarrou o batente da porta.

Ayleth se endireitou o máximo que pôde, assumindo uma postura autoritária. Embora ela não pudesse competir com este homem em largura, ela poderia reunir uma quantidade impressionante de intimidação quando necessário. No entanto, sua mente procurou inconscientemente pela corrente de alma que a conectava a Laranta. Se a deusa quisesse, ela não precisaria usar a força de sua sombra de lobo, mas apenas no caso...

— O que você quer? — o homem exigiu. Seus olhos focaram em seu capuz vermelho. Ela viu o ódio brilhando ali. E ela não podia culpá-lo inteiramente.

— Eu sou Ayleth, Venatrix di Ferosa. — ela respondeu. — Estou aqui por sanção do Príncipe Dourado. Você é Jerlo du Bucheron?

— E se eu for? O que o Príncipe Dourado quer comigo? — Jerlo mudou de posição, saindo pela porta da cabana e pisando no degrau de pedra onde poderia se endireitar em toda a sua altura. Ele poderia até fazer Terryn parecer pequeno.

Ayleth se preparou, recusando-se a dar um único passo para trás. Ela optou por ignorar sua pergunta e, em vez disso, foi direto ao ponto crucial da questão. — Quando foi a última vez que você viu Nane du Vincent?

Os olhos do lenhador brilharam, um traço de medo misturado ao ódio. Mas ele disse apenas: — Nane du Vincent? Eu não conheço esse nome.

— Você teve uma alteração com ele no Santuário Elsinoe há seis semanas.

Uma veia na testa de Jerlo saltou. Ayleth ouviu seus dentes rangendo sob o arbusto de sua barba. Ele parecia estar pronto para quebrar alguma coisa. Possivelmente a cabeça de Ayleth.

— Você quer dizer aquele homem que apunhalou minha Fiola no coração? Aquele homem que arrancou minha Nilly dos meus braços e a carregou para queimá-la viva? É esse o homem que você procura?

Olhar nos olhos de Jerlo era ver um poço ardente de dor. Ayleth não estava preparada. Ela abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. Como ela poderia falar em face de tamanha agonia? Ela conhecia a lei de Evander, sabia que Nane agira bem com a garota, mas...

Pela primeira vez desde que deixou Gillanluòc, ela se perguntou se deveria ter ouvido Hollis. Caçar animais levados à sombra não era a mesma coisa. Não é a mesma coisa.

Laranta aproximou-se repentinamente pelo lado. Ela olhou para Jerlo enquanto se aproximava de Ayleth. *Não encontrei sangue. Nenhum sangue como o sangue do homem morto na floresta.*

— Nada? — Ayleth perguntou, olhando bruscamente para sua sombra de lobo.

Laranta simplesmente repetiu: *Sem sangue.*

A sobrancelha de Ayleth se contraiu, seu olhar se erguendo para o lenhador, que a observava de perto, possivelmente adivinhando suas interações silenciosas com a sombra. Nenhum sangue em sua propriedade não necessariamente o livrava de sua culpa. Ele pode ter se livrado de uma arma ou de roupas manchadas de sangue antes de voltar para casa. Mas, por enquanto, ela abandonaria essa linha de exploração.

— Esse nome que você mencionou. — Ela disse, escolhendo uma nova linha de questionamento. — Fiola é sua esposa?

— Ela era. Sim.

Se a criança era congênita, então um de seus pais deve ter sido levado à sombra na época de sua concepção. Se Nane havia matado Fiola, como Jerlo alegou, provavelmente a mãe era a parte possuída. Mas Nane deveria ter dado a ela a Morte Gentil, não apunhalado no coração dela. As coisas devem ter dado errado para o venador recorrer a tamanha violência.

— Diga-me... — Continuou Ayleth. — Quando você soube que sua esposa tinha se tornado uma sombra?

Jerlo meio que virou o rosto como se ela tivesse lhe dado um golpe. — Nós percebemos a verdade, Fiola e eu, quase quatro anos atrás. Antes... antes de Nilly nascer.

— Nilly? — A filha, percebeu Ayleth enquanto pronunciava o nome. Ela não se preocupou em aprender antes.

Jerlo continuou como se ela não tivesse falado. — Fiola estava esperando na hora. No começo, eu não queria acreditar. Conhecíamos a lei, é claro. Sabíamos que ela deveria se apresentar ao Capuz Vermelho... — Ele deu de ombros e seus olhos brilharam à meia-luz da lua crescente. Uma coisa era um homem conhecer a lei. Outra coisa para agir sobre isso.

— O que você fez... — persistiu Ayleth. — Quando percebeu a verdade?

A cor sumiu do rosto de Jerlo. Seus enormes ombros caíram, e todo seu corpo poderoso pareceu encolher diante de seus olhos. — Há uma Bruxa de Restrição que mora não muito longe daqui, uma Oma Githa. Levei Fiola para vê-la, para saber se ela poderia nos ajudar.

Ayleth sugou os dois lábios, mastigando-os com força para não dizer algo áspero. Bruxas de Restrições eram um problema comum em Perrinion nestes anos após a Guerra das Bruxas. Elas eram praticantes mortais de “magia baixa”, exercendo influência sobre os espíritos dos Assombrados, embora elas próprios não fossem tomadas pela sombra. Sem uma sombra possuidora por dentro, esses indivíduos tolos tinham pouco controle sobre os resultados de suas influências, que muitas vezes levavam ao desastre.

Mas as Bruxas de Restrições afirmavam oferecer alternativas para as pessoas desesperadas tomadas pela sombra em busca de um meio de se libertar ou de seus entes queridos sem passar pela Morte Gentil ordenada pelos seguidores de Santo Evander.

Jerlo deu a Ayleth um olhar encoberto. — Oma Githa afirmou que poderia expulsar o espírito de Fiola. Pagamos a ela tudo o que podíamos e ela realizou a cerimônia. Pensamos que Fiola estaria segura depois disso. Achamos que o bebê estava seguro. Não foi até Nilly ficar um pouco mais velha... até que ela começou a falar, que eu sabia...

Ayleth não teve coragem de pressioná-lo, então ela simplesmente ficou parada, esperando, sem olhar para Jerlo enquanto ele se recompunha. Por fim, ele continuou.

— Eu não sabia que Fiola ainda era tomada de sombra até o dia em que o venador veio a nossa casa. Ela escondeu isso o tempo todo. Ou se escondeu. Eu não sei qual. Mas então aquele homem apareceu. Ele queria fazer um teste em Nilly, ou tirar uma amostra ou... ou alguma coisa. Pensei, a princípio, que ele fosse buscar a própria Fiola. Eu fiz as duas se esconderem, mas o Capuz Vermelho as encontrou. — O lenhador balançou a cabeça e suas palavras seguintes saíram tensas e pesadas. — Fiola tentou proteger Nilly. Ela ergueu o homem sobre a cabeça e o jogou no quintal.

Ayleth ficou olhando. Ela não conseguia imaginar tal coisa. Por mais forte que estivesse no poder de Laranta, ela teria a habilidade de erguer um homem adulto acima de sua cabeça? Não sem uma sombra totalmente ascendente.

— Ele lutou, é claro. — disse Jerlo. — Eu pensei que ela iria matá-lo. Mas ele enfiou a adaga em seu coração e... — Ele engoliu em seco, e uma lágrima escapou de seus olhos e caiu em sua barba antes que ele pudesse afastá-la com força. — Quando Fiola estava morta, pensei que o Capuz Vermelho mataria Nilly em seguida. Em vez disso, ele apenas a inspecionou com seus estranhos implementos. Não me lembro exatamente o que ele fez, mas quando acabou, ele me disse para mantê-la comigo. Que ele deveria falar com seus

superiores. Mas que ele estaria de volta em breve. Eu acho que... — Ele suspirou profundamente. — Eu acho que ele pode ter me dado uma chance de escapar com a garota. Acho que ele não queria matá-la. — Ele pronunciou as palavras com ressentimento, como se fosse doloroso dar ao venador tal crédito.

— Por que... por que você não fez? — Ayleth perguntou baixinho. — Fugir, quero dizer.

Os olhos de Jerlo brilharam e Ayleth quase deu um passo para trás, meio que esperando um golpe de uma daquelas mãos pesadas. — Você acha que eu não queria? Mas quando eu enterrei minha Fiola, Nilly tinha ido embora. Saído correndo, eu não vi para onde. Eu procurei por ela. Procurei por semanas, em todos os lugares que pude pensar. Achei que aquele espírito perverso dentro dela a tivesse roubado de mim, que pode até tê-la levado a se esconder na Floresta da Bruxa. Mas não. Ela foi se refugiar em Elsinoe. E aquelas malditas irmãs a traíram, e o Capuz Vermelho voltou.

Ayleth o observou com cautela. — E você? — ela persistiu. — Disseram que você perseguiu o Venador Nane quando ele saiu com a garota.

Jerlo balançou a cabeça, sem olhar nos olhos dela. — Tentei. Eu nunca mais os vi. E eu estava com medo. De me aventurar muito longe. Eu não... Eu não aguentaria...

Ele não queria alcançar o venador enquanto matava sua filha.

Ayleth desviou o olhar, não querendo ver a expressão no rosto do homenzarrão. Por vários longos momentos, o silêncio os manteve cativos ali na porta de sua casa, enquanto cada um enfrentava pensamentos impensáveis.

Para ser honesta, Ayleth não achava que havia encontrado seu assassino. Quem quer que tenha matado Nane não tentou enfrentá-lo de frente, mas o pegou de surpresa, por trás. Ayleth não via sutileza nem dissimulação no homem grande à sua frente. Jerlo du Bucheron não conseguia se mover por

uma floresta silenciosamente o suficiente para pegar um venador experiente de surpresa. Muito menos na Floresta da Bruxa!

Mas ele estava escondendo algo dela? Difícil dizer. Alcançando os sentidos aguçados de Laranta, ela tentou detectar algum traço de emoção nele que a fizesse hesitar. Havia muita culpa, mas não o tipo de culpa acre que se poderia esperar de um assassino. E foi quase completamente dominado por pura tristeza, uma tristeza tão montanhosa que esmagaria a própria alma de Ayleth se ela se demorasse demais nisso.

Ela recuou suas percepções. Algo disse a ela que ela precisaria falar com Jerlo novamente, mas por enquanto...

— Preciso que você me diga onde posso encontrar essa Oma Githa. — disse ela.

CAPÍTULO 12

De acordo com Jerlo, a Bruxa de Restrição fez seu lar nas profundezas das florestas, não muito longe da Grande Barreira. Disse a Ayleth que seguisse a trilha do lenhador por cerca de oitocentos metros e depois começasse a procurar sinais da presença dela.

— Que tipo de sinais?

Jerlo olhou para ela. — Você os reconhecerá quando os ver.

Ele não ofereceu mais nada. Ayleth despediu-se pouco depois, montando em Chestibor e cavalgando para fora do quintal da cabana, com Laranta atrás dela em um riacho de escuridão. Ela respirou com mais facilidade uma vez que a noite se fechou em torno dela, protegendo-a do olhar do lenhador. De alguma forma, ela sabia que ele estava parado na porta muito tempo depois que ela desapareceu de vista. De alguma forma, ela sabia que ele olhava para a escuridão, vendo os rostos de sua esposa e filha, a quem sua Ordem havia roubado dele.

Não. Não sua Ordem. As sombras.

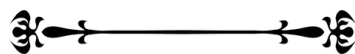
Tudo isso era obra das sombras. Sua maldade, sua malícia parasita. Amaldiçoavam tudo o que tocavam, e apenas a Ordem de Santo Evander, apenas a obra à qual Ayleth devotou todo o seu coração, toda a sua vida, oferecia esperança de salvação. Claro, homens simples como Jerlo du Bucheron não podiam entender isso. Esses homens levavam uma vida básica de sujeira, suor e trabalho. Eles não pararam para considerar as necessidades da alma, para considerar o custo de uma eternidade maldita. Sua visão mortal nunca se estendeu além do horizonte deste mundo.

Foi o que Ayleth disse a si mesma, reforçando seu espírito a cada passo que Chestibor dava pelos campos escuros iluminados pela lua. Laranta rosnava de vez em quando, sentindo a aflição de sua senhora. Ayleth a ignorou.

Viajando lentamente sob o luar fraco, eles encontraram a estrada do lenhador que Jerlo havia mencionado. Parando o cavalo, Ayleth endireitou-se na sela, olhando para a floresta escura à espera. Nuvens rolaram pelo céu e a escuridão se aprofundou. Com a luz da sombra em seus olhos, ela poderia navegar bem naquela escuridão, mas Chestibor certamente lutaria. Ela poderia deixá-lo, é claro, progredir a pé, mas...

Com um rápido aceno de cabeça, Ayleth tomou uma decisão. Ela não poderia completar este trecho da caçada agora. E, na verdade da Deusa, ela precisava descansar! Ela precisava de uma boa noite de sono. E não debaixo de alguma cerca viva, com aquele vento frio soprando e o gosto de tempestade no ar. Ela e Chestibor precisavam de abrigo.

Com os ombros curvados sob a capa e a cabeça enfiada no capuz, Ayleth virou o cavalo e olhou para o Santuário Elsinoe no topo da colina. Não era exatamente a visão mais acolhedora. Mas serviria.



— Você novamente? O que nos três santos nomes da Deusa você quer?

Ayleth piscou sob a luz forte do lampião erguido na mão de Mãe Vesta. Ela ergueu a mão para proteger os olhos, meio que se virando.

— É tarde, boa mãe. — Ela disse. — E está frio. Tenho negócios por aqui amanhã e peço um lugar para dormir durante a noite. Como a Ordem de Saint

Alicen é conhecida por sua caridade, você concederia uma cama para uma irmã a serviço da Deusa?

Provavelmente não era a melhor tática, considerando todas as coisas. Embora a Ordem de Santo Evander fosse reconhecida sob a liderança da Deusa, havia facções da fé que ainda as consideravam pouco melhores do que bruxas. Mas Ayleth não estava com humor para discutir teologia ou a validade dos escritos sagrados de Santo Evander com uma sacerdotisa inóspita no meio da noite. Ela estava cansada. Ela estava com frio.

Então, ela assumiu uma postura vagamente ameaçadora. Nada aberto, apenas uma expansão sutil de seus pés, um ajuste de seus ombros.

A sacerdotisa fez uma careta para ela. Então, com um rosnado, ela saiu do dormitório, fechando a porta atrás dela. — Você pode dormir na casa do santuário. — gritou ela por cima do ombro ao passar por Ayleth. — É tarde, minhas irmãs estão todas na cama, e não vou permitir que você as perturbe com suas esporas e suas armas.

Ayleth suspirou. Não era exatamente o mesmo que uma cama, mas pelo menos seria um telhado acima. Ela já havia implorado abrigo para Chestibor em um galpão de ovelhas a oitocentos metros de distância em Hollen, e a menos que ela quisesse caminhar todo o caminho de volta para se juntar a ele e às ovelhas, esta era sua única opção.

As primeiras gotas de uma tempestade iminente caíram enquanto Mãe Vesta destrancava uma porta lateral e conduzia Ayleth para o santuário. Elas entraram no corredor norte, que era forrado com alcovas de oração completas com cortinas de privacidade. A sacerdotisa puxou uma dessas cortinas, indicando a pequena cela de pedra dentro. Ayleth viu uma almofada ajoelhada sob a janela circular. Tanto luxo.

— Você sai antes do amanhecer. — Resmungou a sacerdotisa, observando com desgosto enquanto Ayleth baixava os alforjes do ombro para o chão da minúscula cela. — Minhas irmãs e eu nos reunimos ao nascer do sol para as orações matinais, e você não estará aqui quando começarmos a procissão.

Ayleth encolheu os ombros e acenou com a cabeça.

A sacerdotisa não deixou o lampião para trás e, com sua partida, uma escuridão semelhante a um túmulo se espalhou por toda a casa fria do santuário. Ayleth fechou a cortina de oração, envolveu-se com a capa e aninhou a cabeça na almofada. Cheirava a ovelha.

Ela ficou deitada por algum tempo ouvindo o tamborilar da chuva na janela se transformando em um aguaceiro ruidoso. A grande escuridão da casa do santuário além de sua cortina ecoou em seus ouvidos, um silêncio quase audível. Embora estivesse cansada até os ossos, sua mente continuava girando e girando, e não importava o quão quieta ela segurasse seu corpo, ela não conseguia parar seus pensamentos.

Era para a que sua vida estava destinada? Essas noites frias em superfícies duras, sozinha na escuridão? Nenhum amigo, nenhum companheiro além de um irmão caçador em algum lugar da noite, tão sozinho e frio quanto ela.

Era isso que ela queria?

Ela nunca antes havia parado para se fazer essa pergunta. Querer não tinha nada a ver com sua vida. A Deusa a chamava e ela respondia. Ela deveria servir a Ordem de Evander e salvar as almas daqueles que caminhavam no precipício mortal das assombrações. Ela deveria ser a pessoa mais forte, disposta a fazer aqueles atos terríveis de misericórdia, disposta a...

Matar crianças?

Como essa estrutura de pedra ao redor dela parecia vazia. Quão grande, quão desamparada. Antigamente, dizia-se que a presença da Deusa enchia Seus lugares sagrados com tal luz espiritual que mesmo aqueles limitados à visão mortal quase podiam ver Sua glória. Mas a visão sombria de Ayleth não detectou nenhum traço desse tipo agora. Nada que pudesse ser considerado glorioso. Apenas escuridão, escuridão oca.

A Deusa realmente a chamou para este trabalho? Ou ela simplesmente acreditou em seu chamado porque Hollis disse que era assim?

Hollis, que mentiu para ela. Hollis, que manipulou sua mente.

Hollis, que lhe ensinou que os mortais viviam em constante ameaça de condenação, e que cabia à Ordem de Evander salvá-los. Poderia haver um propósito maior para qualquer alma se empenhar?

Parece uma Deusa ineficaz que não pode salvar as almas de seus filhos.

As palavras pareciam sussurrar para ela, rastejando por baixo da cortina de oração, pelo chão de pedra e em seu ouvido. A princípio, ela não conseguiu identificar onde as tinha ouvido antes. Então ela se lembrou: Gerard. O Príncipe Dourado. A promessa da Deusa à humanidade feita de carne. Ayleth não havia percebido quem ele era quando disse aquelas coisas a ela, mas agora lhe parecia estranho. Poderia o cumprimento de uma profecia antiga duvidar do poder e da bondade de sua divindade? Aquela que o chamou à existência, que o enviou a este mundo de acordo com Seu grande propósito?

Ayleth percebeu que seus olhos estavam abertos. Era difícil dizer a diferença, mas quando eles começaram a doer, ela percebeu que estava forçando sua visão mortal, tentando dar sentido às sombras impenetráveis.

Talvez porque ela estava deitada em uma almofada em uma alcova de oração, uma necessidade repentina de orar se apoderou dela. Ela não conseguia se lembrar de nunca ter sentido tal necessidade antes. Hollis a

treinou intensamente em muitos aspectos de sua Ordem ao longo dos anos. A oração não estava entre eles. Mas agora que o pensamento estava em sua cabeça, Ayleth não podia ignorá-lo, não se ela esperava dormir aquela noite.

Lambendo os lábios secos, ela tentou falar, tentou reunir as palavras adequadas. A variedade certa de frases que levariam uma divindade a ouvir. Certamente ela deveria saber algum tipo de encantamento, algum tipo de canto? Nada veio à sua mente.

Mas agora que ela se preparou para isso, ela precisava dizer algo. Ela engoliu em seco. Respirei fundo.

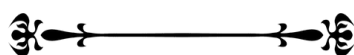
Então ela sussurrou: — Deusa?

A palavra pairou no silêncio e na escuridão diante de seu rosto, trêmula e pequena.

Ela esperou.

Sem resposta.

Um rubor quente subiu por suas bochechas, como se ela tivesse acabado de fazer algo incrivelmente tolo. Com um rosnado zangado, Ayleth rolou, ficando de frente para a parede em vez da cortina, e puxou a capa sobre a cabeça.



— Acorde, Capuz Vermelho. Já é hora de você seguir seu caminho.

Ayleth acordou com um sobressalto, as mãos se agitando como se para se proteger de uma queda, os olhos muito arregalados e temporariamente cegos pelo que parecia ser uma luz incrível. A luz se transformou no piscar de uma única vela lançando sombras dançantes nas paredes da alcova de oração.

Com um gemido, Ayleth colocou os cotovelos sob o corpo e se endireitou. Seus pés não se esticaram muito na pequena alcova de oração, e ela estava dolorosamente calçada, sua capa enrolada em suas pernas. Enquanto ela lutava para se livrar, a razão e a memória voltaram. Ai sim. Ela optou por passar a noite na casa do santuário, de todos os lugares.

Os olhos invernais de Mãe Vesta a fitavam enquanto ela segurava uma vela de oração com uma das mãos e puxava a cortina de oração com a outra. — Está quase na hora das orações do amanhecer. — Ela rosnou.

Fazendo uma careta, Ayleth colocou as pernas sob o corpo e conseguiu ficar de pé. Assoprando as mãos e batendo os pés formigando para fazer o sangue fluir novamente, ela pegou seus alforjes e seguiu atrás da sacerdotisa ao longo do corredor de oração.

— Boa mãe. — disse ela, com a voz rouca e grogue. — Você sabe alguma coisa sobre uma mulher chamada Githa? Oma Githa? Uma Bruxa de Restrição local, eu acho.

A sacerdotisa fez uma pausa em seu caminho em direção à porta ao longo do corredor de oração. Ela olhou para trás, suas sobrancelhas loiras erguendo-se lentamente, e fez um sinal de proteção sagrada no ar, fazendo com que a chama de sua vela tremeluzisse violentamente. — Há uma mulher com esse nome a quem algumas pessoas desta região recorreram em busca de ajuda, temendo-a menos do que temem... outros que lidam com essas coisas sombrias. — Ela inclinou a cabeça, fixando Ayleth com toda a concentração de seu olhar de desaprovação. — Eu não sei muito sobre ela. Ela raramente vem para os serviços sagrados, mas quando o faz, tem a audácia de se ajoelhar no altar da Deusa e dizer orações como uma mulher piedosa. — A boca de Vesta se franziu de extremo desgosto, e ela fez um gesto brusco com a mão que segurava a vela, espirrando cera quente no chão.

Respondendo ao gesto, Ayleth permitiu-se ser empurrada até a porta do santuário e sair na madrugada. Ela se despediu da velha sacerdotisa, que ofereceu uma bênção relutante em troca. Então, puxando o manto bem sobre ela, ela se apressou colina abaixo. A chuva da noite anterior havia deixado o solo frio e cintilante com uma fina camada de gelo. Suas botas rangeram a cada passo enquanto ela fazia seu caminho para a aldeia abaixo. Ela encontrou Chestibor aquecido e confortável em seu estábulo de ovelhas, e ele a lançou um olhar triste enquanto ela o acompanhava para a cavalgada do dia.

— Sinto muito, garoto. — Ela murmurou, levando-o para o ar úmido. — Eu não gosto disso mais do que você.

Ayleth deixou a casa do santuário para trás, cavalgando de volta à floresta periférica e à trilha do lenhador. Ocasionalmente, ela erguia as mãos do punho da sela para soprar de volta para os dedos. O sol estava começando a tingir o céu de rosa quando ela mergulhou na meia-luz sinistra da floresta, mas pássaros canoros ainda não voaram para o sul para o inverno que se aproximava cantando no alto, aliviando um pouco da escuridão. Um feixe de luz irrompeu pelas nuvens e galhos e caiu em seu caminho.

Amada.

Ayleth congelou na sela, todos os sentidos alertas e tensos. Ela não sentia frio. Ela não sentia a dor nos ossos por causa de uma noite no chão duro de um santuário. Ela não sentia a dor nas pernas por causa dos longos dias de cavalgada, a tensão em sua mente pelas terríveis perguntas, preocupações e medos acumulados nos últimos dias.

Ela sentia apenas... maravilha.

Estava lá.

E se foi.

Piscando, voltando à realidade, Ayleth baixou os olhos para as mãos e tornou a olhar para o mundo ao seu redor. Chestibor parou. Ele arrastou os pés e soprou os vapores escorrendo de suas narinas. Em seu espírito, Laranta agitou-se contra seus feitiços de supressão, rosnando baixinho.

Ela tinha sonhado? Que... não uma voz. Nem um som, nem uma música. Quase nem mesmo um sentimento. Uma sensação profunda para a qual ela não tinha nome, uma consciência. Um instante de pura consciência.

Seus lábios, rachados de frio, tentaram se mover, tentaram encontrar a forma de uma oração. Mas o vento soprou em seu rosto, fazendo-a ofegar, e ela abaixou a cabeça, puxando o capuz para baixo.

— Continue andando, Chestibor. — disse ela, aplicando pressão nas costelas dele.

Ela cavalgou para a floresta.

CAPÍTULO 13

Terryn abriu os olhos lentamente, com pesar. Ele ainda não estava pronto para acordar, e todo o seu corpo protestou, desde as pálpebras pesadas, passando pelos braços preguiçosos, até os pés frios projetando-se para fora do cobertor. O desejo de se enrolar e afundar no sono sem sonhos era quase forte demais para resistir.

O barulho de botas no assoalho do patamar do lado de fora de sua porta ecoou em seus ouvidos, alto o suficiente para trazer alguma razão de volta para sua mente letárgica. Terryn estremeceu, lembrando-se. Nane. Senhora Mylla. A Bruxa do Ardor.

As ruínas do Cró Ular.

Esse último pensamento doeu como um pingente de gelo atravessando sua têmpora e atingindo seu cérebro. — Maldito Assombrados. — Sibilou ele, pressionando a palma das mãos nos olhos e sentando-se ereto na cama enquanto o Venador Kephán batia na porta.

— Você está acordado, du Balafre?

— Sim. — Terryn mentiu, mas fez bem na mentira balançando as pernas pela beirada da cama e se forçando a ficar de pé. — Estou de pé.

— Bom. Cavalgaremos para Hollen em meia hora.

Com essas palavras, as botas batendo com força se afastaram da porta e Terryn os ouviu descer a estreita escada até o andar de baixo. Apenas um esforço de força de vontade o impediu de afundar de volta na cama. Em vez disso, ele se pôs em movimento, cambaleando até a bacia para jogar água fria no rosto. Ele então vestiu a camisa, o gibão, as botas e os braceletes.

— É ela. — Ele sussurrou.

Ele fez uma pausa no meio de prender as tiras de couro em seu peito. Sua boca estava aberta. O que ele acabou de dizer? Ele não tinha ideia. Mas a compulsão para falar voltou.

— É... ela...

É ela. É ela. Ela tem um controle sobre você...

Terryn respirou fundo, seus olhos se arregalando. Com uma maldição murmurada, ele alcançou as bainhas que tinha pendurado no pé da cama na noite anterior. Em sua exaustão, ele adormeceu sem ter tempo para reforçar as supressões em sua sombra. Agitava-se agora dentro dele, sob os feitiços de tensão.

É ela. É ela. Você tem que se lembrar. Você deve!

Terryn arrancou seu Vocos de sua bainha, colocou-o nos lábios e chamou à vida o tubo. No momento em que a reverberação baixa e escura tocou sua alma, a sombra recuou. Então ela surgiu novamente, mais desesperado do que antes.

Não! Não, não! É ela! É ela, é ela!

Com os dedos voando, Terryn habilmente tocou uma variação do feitiço canção Supressão. Primeiro uma variação, depois uma segunda, depois uma terceira, cada uma mudando para a próxima em rápida sucessão. Os fios da música se enrolaram dentro dele, envolvendo seu espírito possessor.

Por fim, Terryn deixou os dedos de sua mão direita parados, permitindo que a melodia se desvanecesse. Ele sustentou o tubo por mais algumas batidas antes de deixar que também caísse em silêncio. Tirando o instrumento de seus lábios, ele piscou várias vezes. O quarto voltou ao foco ao seu redor.

Sem mais vozes. Apenas o zumbido da canção do feitiço bem no fundo.

Ele embainhou seus tubos, pegou suas armas e cintos e desceu as escadas correndo para se juntar ao Venador Kephan.

Kephan estava no armário, prendendo braçadeiras nos braços. Ele acenou com a cabeça quando Terryyn emergiu da escada. — Coma rápido. Di Ferosa não voltou durante a noite e não enviou nenhuma mensagem. Devemos presumir que ela está atrás de uma pista e é melhor nos apressarmos se quisermos alcançá-la.

Terryyn fez uma refeição apressada com o estoque de carne seca e bolos de cevada na sala dos fundos. Então, colocando seu escorpião no coldre, ele seguiu Kephan até os estábulos. O tempo todo, sua mente girava. Por que eles estavam correndo atrás da venatrix assim? Kephan não confiava nela para fazer seu trabalho com competência? Eles fariam melhor em buscar o corpo do urso morto de ontem, para procurar na área circundante por sinais de uma possessão. Ou talvez eles tenham perdido alguma pista em Cró Ular...

Seus pensamentos pararam quando outro pedaço de gelo de dor atravessou sua cabeça. Terryyn, no meio de apertar a cintura na sela, parou e se apoiou no flanco da égua, respirando com dificuldade até que a dor passou.

Mais uma vez, seus lábios se moveram: — É... ela...

— Acertou em cheio, du Balafre. Temos um longo caminho pela frente.

Terryyn balançou a cabeça e olhou para cima para ver Kephan conduzindo seu cavalo para o pátio. Ele rapidamente terminou de montar sua sela e guiou Fleeta para fora de sua baia.

Eles passaram a primeira hora ou mais de sua viagem em silêncio, mas para algumas trocas. O sol saiu cedo e, embora não exatamente quente, pelo menos proporcionava uma pausa alegre da escuridão do dia anterior. Terryyn afundou no ritmo das batidas dos cascos de Fleeta na estrada, deixando o som reprimir os pensamentos clamorosos em sua

cabeça. Pensar... machucava. Melhor não pensar, melhor focar na estrada, focar em encontrar Venatrix di Ferosa.

Venatrix di Ferosa...

— Feral. — Murmurou Terry.

Kephan se mexeu na sela e olhou na direção de Terry. — O que você disse?

Terry grunhiu. Ele não percebeu que tinha falado em voz alta. Mas agora ele poderia muito bem compartilhar aquelas suspeitas que estavam crescendo lentamente no fundo de seu cérebro. — A lacuna na Grande Barreira. — disse ele. — Quando estudei ontem, confirmei que o poder original usado para a consertar era de uma sombra Feral.

— Como a minha. — Kephan acenou com a cabeça. — Mas eu não estava lá, como já disse. Eu me lembraria de algo assim. Eu nunca vou para a Grande Barreira. Esse era o trabalho de Nane.

Terry não respondeu. Ele deixou o silêncio falar por ele.

— Você está pensando em di Ferosa, não está? — Kephan disse depois de vários longos momentos. — Ela também está possuída por um Feral. E a chegada dela em Wodechran parece... sem precedentes, eu garanto. O Venador Dominus foi muito claro em sua mensagem de que você assumiria o cargo. Nenhuma menção foi feita a outros candidatos.

Novamente, Terry não disse nada.

— Mas o príncipe foi claro também. — Kephan continuou. — Eu li sua mensagem, sua descrição de seu encontro com a jovem venatrix. Aparentemente, ela salvou sua vida de uma isca. Você sabia?

— Um resgate conveniente. — Murmurou Terry.

— Então, você suspeita até mesmo dessa história, não é? — Kephan riu melancolicamente. — Eu concordo que é tudo um pouco estranho. Na

verdade, enquanto vocês dois estavam na orla da floresta ontem, tirei um tempo para escrever uma mensagem para o castra perguntando sobre ela, uma carta que pretendo enviar assim que a oportunidade se apresentar. Enquanto isso, concordo que seria sensato ficarmos de olho em sua concorrente. Eu odeio deixar a suspeita afetar minha visão de uma venatrix talentosa, mas...

Mas, mas, mas. Nane estava morto. Seu assassino estava foragido. A Bruxa do Ardor pode ou não estar deste lado da Barreira.

E como essa Ayleth di Ferosa se encaixa no quadro? Ela não disse. Ela não fazia sentido algum.

Por que Zilla e Zarc d'Utrehd não a mataram quando a tiveram à sua mercê?

A pergunta não tinha ocorrido a Terryn durante sua fuga de Floresta da Bruxa, quando seus sentidos estavam meio enlouquecidos de terror e a influência do oblivis em seus pulmões. Mas agora o atingiu, muito difícil de ignorar. Eles a paralisaram com seu próprio veneno, deitada indefesa na pedra do altar. Ela, uma venatrix, uma evanderiana, alguém da Ordem que quebrou o poder de sua rainha, que matou seus irmãos, que os levou ao exílio atormentado.

Por que eles não cortaram sua garganta?

Algo não estava certo aqui. A maneira como ela permitia a sua sombra tanta ascendência. A maneira como ela apareceu para resgatar Gerard no momento certo. A maneira como ela os levou direto para o corpo de Nane, seis semanas após seu desaparecimento.

Terryn baixou a cabeça mais profundamente nas sombras de seu capuz. Ela salvou sua vida. Várias vezes, na verdade. Se ela fosse sua inimiga, não o teria simplesmente deixado para morrer na Floresta da Bruxa?

Mas não. Não, ela precisava de sua habilidade para voltar a sair. Ela não podia deixá-lo, porque ela ainda tinha um uso para ele.

O mundo ao seu redor parecia subitamente sombreado, apesar da luz fria do sol. Terryrn estremeceu e suas mãos apertaram as rédeas. — É ela. — Ele sussurrou.

Foi por isso que ele acordou com essas palavras nos lábios? Seu subconsciente estava tentando avisá-lo, tentando fazê-lo juntar as peças desse quebra-cabeça? A resposta para todos esses mistérios parecia tentadoramente próxima, se ele pudesse ver o que os conectava. Se ele pudesse apenas...

— Ajuda! Ajuda por favor! Por favor!

Terryrn, assustado, virou-se na sela e olhou para a direita. Ele e Kephan percorreram um circuito de venador por um trecho de campos recém-colhidos. Um homem com roupas rudes de fazendeiro correu em direção a eles, acenando com o chapéu com uma das mãos como uma bandeira.

Isso não poderia ser bom. Via de regra, os cidadãos do bairro evitavam todo contato com venadores. A última coisa que alguém queria era ser objeto do interesse de um caçador de sombras. Mas o desespero desse homem o levou direto para eles. O que só poderia significar uma coisa.

Kephan olhou na direção de Terryrn. Sem dizer uma palavra, os dois homens puxaram as rédeas dos cavalos e esperaram que o estranho os alcançasse.

O fazendeiro, um homem de meia-idade com uma impressionante barba ruiva, parou ofegante, as mãos apoiadas nos joelhos ossudos. — Graças à Deusa vocês estão aqui! — ele engasgou, tentando não encontrar seus olhos enquanto falava. Mesmo agora, frenético como estava, ele os temia. — Vocês têm que me ajudar. Minha esposa!

— O que tem sua esposa? — Kephan exigiu. Terryyn mudou para a visão da sombra e perscrutou a alma do homem. Ele não viu nenhuma indicação de presença de sombra, nada prontamente visível.

— Ela enlouqueceu. — disse o fazendeiro, ficando de pé e girando o chapéu com as duas mãos. Seus olhos saltaram do rosto, enormes de terror. — Ela perdeu a cabeça, delirando como um monstro. Eu a fechei no depósito de lenha, mas ela está batendo na porta, e... e...

Kephan chamou a atenção de Terryyn novamente. — Devíamos ir com ele. — disse ele, com um suspiro na voz. — Precisamos ter certeza.

Terryyn encolheu os ombros. Ele queria protestar. Se o fazendeiro tivesse reclamado a posse de seu cavalo ou de seu cachorro, seria diferente. Mas em uma situação como essa... Infelizmente, não era incomum para um cônjuge difícil ser falsamente acusado de posse de sombra, especialmente em casos de insanidade.

Ainda assim, eles não podiam saber se a afirmação do fazendeiro era verdadeira sem ver por si mesmos. Terryyn concordou com a cabeça e Kephan se voltou para o fazendeiro. — Seu nome, cara?

— Foulke, Namon Foulke. — Veio a resposta rápida, junto com uma reverência desajeitada.

Kephan acenou com a mão, os fechos de sua braçadeira brilhando. — Lidere então, Fazendeiro Foulke.

A propriedade do fazendeiro ficava em dois campos. Examinando a casa e o quintal com visão sombria, Terryyn não detectou nenhum sinal da presença da sombra, mas sua visão sombria era limitada enquanto seu espírito estava sob supressões profundas. Ele viu sinais de luta no quintal, um machado caído na grama como se tivesse sido jogado lá, uma pilha de madeira derrubada, uma cesta de ovos derramada.

Sulcos na sujeira. Rasgado por mãos em garras.

O fazendeiro Foulke hesitou em entrar novamente em seu quintal. Sua mão tremia quando apontou para o depósito de lenha atrás de sua casa. — Lá. Eu a tranquei, mas você vê... — Ele engasgou com suas próprias palavras, incapaz de terminar.

O batente da porta do galpão estava quebrado, lascado. A própria porta estava em pedaços no chão. O que quer que tenha sido aprisionado lá dentro se libertou. Foi libertado, na verdade.

Isso não parecia bom.

Terryn desmontou e caminhou para o pátio. Kephan se conteve até que ele convocou sua sombra, então se juntou a Terryn, caminhando ao redor do galpão. — Eu sinto cheiro de sombra. — disse Kephan, seus sentidos de sombra Feral aguçados e perscrutadores.

Então, o fazendeiro não estava mentindo. Isso era algo, pelo menos. Terryn tirou seu escorpião do coldre e o prendeu na braçadeira. — Você pode sentir a variedade? — ele perguntou.

Kephan balançou a cabeça. Mesmo assim, a mão de Terryn moveu-se para suas aljavas e ele retirou um veneno de Anathema. Se a Bruxa do Ardor estava perto, ele queria estar pronto.

Movendo-se em sincronia, os dois venadores espreitaram pela periferia do curral antes de retornar ao Fazendeiro Foulke, onde ele ficou tremendo, olhando para os destroços da porta do galpão. — O que aconteceu exatamente? — Venador Kephan exigiu. — O ataque veio nela de repente?

O fazendeiro acenou com a cabeça. — Eu estava fazendo minha refeição do meio-dia lá dentro, e ela estava indo buscar ovos. Ela abriu a porta e... e gritou. — Ele cobriu o rosto com as mãos, seu corpo tremendo de terror. — Num minuto era ela, no próximo, ela era outra coisa. Algo terrível. Achei que

ela me mataria, achei que ela me mataria! Eu a coloquei no galpão e corri o mais rápido que pude.

Os olhos de Terryn se estreitaram. Uma tomada repentina não era algo inédito, mas era incomum. A maioria das sombras que recentemente possuíam seus hospedeiros permaneceram adormecidos por algum tempo, semanas, até meses, lentamente ganhando controle e ascendência sem nenhuma demonstração aberta de poder. Uma súbita avassaladora como essa indicava violência, uma sombra violentamente expulsa de seu hospedeiro anterior e, impulsionada por essa violência, possuindo um novo hospedeiro enquanto ainda sofria com a dor da morte de seu hospedeiro anterior.

Terryn encontrou os olhos de Kephan. — Deve haver um hospedeiro morto por aqui em algum lugar. — disse ele.

Kephan acenou com a cabeça e cheirou o ar, sem dúvida alcançando novamente com seus sentidos de sombra. — Lá dentro. — ele disse depois de um momento. Os dois passaram pela porta aberta da casa da fazenda para a sala da frente de teto baixo. Algo ardia no fogo. Kephan avançou imediatamente, pegando um atizador e cavando nas brasas.

Ele arrastou um corpo minúsculo queimado para a pedra da lareira. Terryn se agachou para olhar mais de perto. Um pássaro? Um pardal, talvez.

— É isso?

— Talvez. — disse Kephan. — Estou captando... algo fora disso.

Deslizando sua adaga de osso de sua bainha, Terryn cortou o minúsculo cadáver carbonizado. Com um assobio, sangue negro fervente se derramou, queimando a pedra. Esta pequena criatura certamente foi tomada pela sombra. Talvez por muito tempo, dado o estado de seu sangue. Ou talvez a sombra interna tenha simplesmente dominado e destruído seu frágil corpo

hospedeiro muito rapidamente, levando o pássaro a cometer esse ato de autodestruição em uma tentativa de impulsionar a sombra para um hospedeiro melhor. Pode ter a intenção de possuir o próprio Fazendeiro Foulke, que, a julgar pelos pratos de madeira espalhados pelo chão, estava comendo sua refeição perto da lareira.

Mas não foi Foulke quem se mostrou habitável. Em vez disso, a sombra havia levado sua esposa.

Terryn se sentou sobre os calcanhares e olhou para Kephan. — A Bruxa do Ardor. — Ele disse. — Tem que ser.

O rosto de Kephan estava tenso e sombrio. — Não podemos presumir isso. — disse ele. — Outras sombras podem e mudam de hospedeiro de vez em quando.

— Nós sabemos que a Bruxa do Ardor está solta em Wodechran. — Terryn persistiu. — Quando eu matei aquele urso ontem, ela poderia ter pegado o corpo do pássaro e ido à caça de um hospedeiro melhor. Ela poderia ter...

— Ela poderia ter feito muitas coisas. — disse Kephan. — Nós não sabemos. Nem mesmo sabemos ao certo se a mulher morta que você encontrou na floresta era a hospedeira de Ylaire di Jocosa. Supor qualquer coisa nesta conjuntura é perigoso. Mesmo um erro pode custar tudo.

Terryn respirou fundo, suas narinas dilataram-se. Ele viu novamente em sua mente o anel de Senhora Mylla. Aquele anel de ouro delicado com sua escultura da rosa. Não, ele não podia saber com certeza, mas... mas de alguma forma, ele sabia. Era o corpo de Mylla que ele tinha visto, e era a Bruxa do Ardor torcendo o corpo daquele urso. Ela estava perto.

Ele se levantou, erguendo seu escorpião. — Precisamos caçar essa mulher. — disse ele. — Precisamos encontrar o rastro dela.

Kephan o olhou de perto. — Eu concordo que essa tomada de sombra deve ser tratada. — Ele disse, sua voz muito calma, muito cuidadosa. — Ela não pode ter ido longe, e eu devo ser capaz de sentir seu cheiro. Então, vou rastreá-la agora e lidar com ela. Quero que vá até Hollen e encontre Di Ferosa. Se ela não descobriu nada de interesse em sua investigação, vocês dois podem voltar aqui e se juntar a mim, se eu ainda não tiver terminado o trabalho.

Terryn olhou fixamente, mal acreditando no que estava ouvindo. — Você não pode... Eu estou indo com você!

Kephan balançou a cabeça. — Eu não preciso de alguma bunda jovem em meus calcanhares, disparando os venenos errados na hora errada. Olhe para você, garoto! — Ele agarrou o braço escorpião de Terryn, puxou-o para baixo e arrancou o dardo, erguendo-o ao nível dos olhos de Terryn. — Você já carregou. Você não tem ideia do que está caçando, mas já decidiu, com base em nada além de suposições.

Terryn abriu a boca para protestar, mas Kephan o empurrou com firmeza. — Vá para Hollen e esfrie sua cabeça quente. Encontre di Ferosa. Você está me ouvindo, Venador du Balafre?

Com o coração batendo forte na garganta, Terryn engoliu sua frustração. Ele se recompôs e ofereceu uma saudação rápida. — Sim senhor.

Kephan o olhou de perto. Então ele deu um tapinha em seu braço e balançou a cabeça. — Estou desligado de você. Vá!

Sentindo-se como uma criança indisciplinada, Terryn saiu da casa da fazenda, passou pelo trêmulo Fazendeiro Foulke e caminhou rapidamente pelo pátio até seu cavalo. Tudo dentro dele dizia que essa era a escolha errada, o movimento errado. Cada instinto de treinamento o incitou a se virar agora, para encontrar o rastro da dona de fazenda levada à sombra.

Seus lábios tentaram formar as palavras novamente. — É... ela...

Terryn cerrou os dentes com força, montou em seu cavalo e deu as costas para a estrada do circuito.

CAPÍTULO 14

A trilha larga e esburacada do lenhador serpenteava lentamente pela floresta periférica, aparentemente sem objetivo. Ayleth a seguiu cada vez mais fundo, seus ossos tensos com a expectativa daquela sensação estranha e vibrante que ela sabia que anunciava a proximidade da Grande Barreira. Mas quem quer que tenha feito essa trilha, Jerlo, provavelmente, e outros lenhadores antes dele, devia estar ansioso para evitar a Floresta da Bruxa, então a estrada nunca chegava perto o suficiente para ela sentir o feitiço.

— Quem escolheria viver bem aqui? — Ayleth murmurou em voz alta depois que ela e Chestibor entraram na floresta por mais de uma hora. As Bruxas de Restrições sofreram muitas perseguições ao longo dos anos, tanto durante quanto após o reinado da Rainha Bruxa. Mesmo assim, se esconder nas profundezas da floresta parecia estranho. Qual era o sentido de praticar seu ofício estranho se esta Oma Githa não estava acessível às pessoas que ela supostamente ajudava?

Mas Jerlo disse que sinais de sua presença seriam visíveis o suficiente, então Ayleth manteve os olhos abertos e continuou seguindo a estrada.

De repente, Laranta se ergueu em sua consciência, os sentidos da sombra formigando curiosamente. Ayleth não se preocupou em reforçar os feitiços de supressão esta manhã, e ela sentiu sua frouxidão agora quando sua sombra puxou contra eles.

Olha, rosnou Laranta. Embora ela permanecesse dentro da cabeça de Ayleth, Ayleth teve a sensação de pele subindo ao longo de uma espinha. *Olha, olha, olha.*

Quase contra sua vontade, o olhar de Ayleth se voltou para a esquerda. Uma pequena árvore não ficava longe da pista. Teria ficado totalmente oculta se a abundância de suas frutas vermelhas não parecesse brilhar nas solenes sombras verdes. Uma árvore sorveira, sagrada para a Deusa e quase nunca vista crescendo selvagem. A visão chamou a atenção de Ayleth, assim como a de Laranta. Ela fez Chestibor parar.

Poderia ser este o sinal que Jerlo quis dizer?

Quase inconscientemente, Ayleth tirou o capuz vermelho da cabeça e o escondeu. Se ela estava agora no rastro da Bruxa de Restrição, ela não queria revelar sua identidade tão facilmente. Cacarejando para o cavalo, ela guiou Chestibor para fora da trilha e para a folhagem. A princípio parecia muito densa para muito progresso, mas quando eles se aproximaram da sorveira-brava, um caminho estreito apareceu a sua vista, quase como por mágica. Isso levou à floresta mais densa. Se ela não tivesse se aproximado da árvore, ela teria perdido completamente.

— Bem, é um lugar por onde começar. — Ela murmurou, e cutucou Chestibor.

Sorveira. Laranta estremeceu dentro dela. *Sinto o cheiro de sorveira. ECA!*

— *Eu sei, Laranta.* — Ayleth respondeu suavemente. — *Nós vamos superar isso em breve.*

Embora sagradas para a Deusa, as sorveiras repeliam as sombras. Frequentemente, os camponeses pregavam ramos de folhas e frutos de sorveira nas portas ou em torno dos berços dos bebês como proteção contra as influências do mal. Se funcionava ou não, Ayleth não sabia dizer. Ela sabia apenas que a prática não era sancionada por Santo Evander e considerada baixa magia. A julgar pela reação de Laranta, no entanto, poderia ser útil.

Elas passaram por mais sorveiras à medida que seguiam o caminho sinuoso e, amarrado em galhos de teixo, carvalho e bétula, Ayleth avistou estranhos aros de caules de salgueiro tecidos em padrões únicos e frequentemente lindos. Ela os reconheceu imediatamente como “apanhadores de espíritos”, outra forma de magia baixa. Eles tinham a intenção de prender qualquer sombra solta que escapasse dos Assombrados, impedindo-as de encontrar corpos de hospedeiros.

Ayleth cavalgou Chestibor perto de uma bétula amarrada com três dessas delicadas armadilhas. Mudando para sua visão de sombra, ela arrancou um de seus galhos e estudou a trama. Para sua surpresa, as hastes tecidas zumbiam com o que quase poderia ser descrito como um feitiço de música. Não era um feitiço complexo e também não era eficaz, pelo que ela podia perceber. Nenhuma dessas armadilhas realmente pegava espíritos. Mas algo sobre o feitiço parecia quase certo. Se o criador possuísse a habilidade de ver dentro do reino espiritual, ela poderia fazer com que funcionassem corretamente.

Ayleth franziu a testa e pendurou o apanhador de espírito de volta em seu galho. Não cabia a um dos seguidores de Evander entregar-se à curiosidade sobre magia baixa.

O caminho conduzia finalmente a uma pequena clareira na floresta. O solo era irregular com altas samambaias e touceiras de tojo, mas o sol da manhã caindo fazia com que parecesse estranhamente brilhante e acolhedor. Uma cabana ficava no centro da clareira, pequena e atarracada, ostentando uma palha mofada e uma porta da frente inclinada. Os apanhadores de espíritos estavam espalhados por toda a periferia, seu número gerando um zumbido audível aos sentidos de sombra de Ayleth.

Mas o que lhe pareceu mais peculiar foram as gaiolas. Dezenas e dezenas de gaiolas de salgueiro contendo vários animais, coelhos, ratos, uma raposa, um par de guaxinins, ouriços. Todos observaram a aproximação de Ayleth, seus corpos tão imóveis que ela teria pensado que estavam mortos e empalhados se não fosse a intensidade de seus olhares fixos nela.

O que foi que Jerlo du Bucheron disse? Que ele e sua esposa tinham vindo para a Bruxa de Restrição, procurando por ela para expulsar a sombra dentro do corpo de Fiola. Como a mulher havia tentado essa façanha, Ayleth não conseguia adivinhar, mas algo sobre aqueles animais... Ela estremeceu e estudou cada um deles cuidadosamente, procurando por algum sinal de sombras residindo. Ela não encontrou nada. Eram mais proteções, como os apanhadores de espíritos? Opções para qualquer sombra solta possuir antes de chegar ao dono da casa de campo? Ou a Bruxa de Restrição os mantinha para outros propósitos mais sombrios?

Ayleth desviou sua atenção das gaiolas para a porta da cabana. Tudo estava quieto lá dentro. A Bruxa de Restrição poderia não estar em casa. Ou talvez, ciente da abordagem de uma venatrix, ela simplesmente se agachou do outro lado da porta, sem vontade de sair.

— *Laranta.* — disse Ayleth. — *Verifique o interior.*

Laranta saiu de sua cabeça e flutuou entre as samambaias até a porta em ruínas. Conforme ela se aproximava, sua forma se solidificou na visão de Ayleth, tornando-se mais lupina e menos escuridão informe. No momento em que ela cheirou a porta, ela parecia quase real.

Um rosnado baixo vibrou sua corrente de ligação da alma.

Sombra, disse Laranta.

Ayleth, que havia desmontado e começado a se aproximar lentamente da cabana, parou abruptamente. — *Tomado pela sombra? Na casa?* — Isso era inesperado.

Laranta rosnou de novo e se afastou da porta, todos os pelos negros de seu corpo se erguendo. Um arrepio gelado desceu pelo pescoço de Ayleth. Sua mão moveu-se para os venenos em seu seio, mas ela não sabia que tipo de sombra esperava lá dentro. Se ela usasse o dardo errado, ela só pioraria as coisas.

— *Ele sabe que estamos aqui?* — ela perguntou, sussurrando até mesmo em sua própria mente.

Outro rosnado, longo e baixo, quando Laranta estendeu a mão para seus sentidos novamente. Então: *sim*.

Ayleth sacou sua faca de osso. O que quer que estivesse escondido dentro daquela cabana, tinha que estar usando um corpo de hospedeiro. E um corpo hospedeiro pode sangrar. Ela deu mais um passo em direção à cabana, depois outro. — Oma Githa? — ela gritou em voz alta. — Oma Githa, vim consultá-la. Você está aí?

Sem resposta.

Sombra, disse Laranta. *Sombra, sombra...*

— Só tenho algumas perguntas para você. — disse Ayleth, dando mais um passo cuidadoso, erguendo ligeiramente a faca, a lâmina em ângulo para se defender. — Eu quero te perguntar sobre Fiola du Bucheron. Você tentou ajudá-la alguns anos atrás. Você se lembra desse nome?

Algo se mexeu dentro da casa. Ayleth viu com sua visão sombria, um lampejo de alma. Duas almas?

Em seguida, uma voz baixa e queixosa gritou: — *Mamãe?*

A porta se abriu. Laranta começou a recuar, a corrente da alma faiscando com sua surpresa. Algo brilhou na visão de Ayleth, um brilho de alma tão brilhante que sua visão sombria ficou deslumbrada. Ela lutou para piscar de volta para a visão mortal, para ver o que estava na porta. Ela vislumbrou algo correndo pela porta, ao redor da lateral da cabana, indo para a floresta.

Uma criança?

Sombra! Laranta rugiu.

Ayleth pôs-se em movimento, movendo-se mais por instinto do que pela razão, sua mente ainda meio cega por aquele clarão de almas. — Pare! — ela gritou. — Pare aí mesmo!

A pequena figura caiu de cabeça, quase desaparecendo nas altas samambaias. Uma cabeça apareceu de novo, esticando o pescoço para olhar para Ayleth. Ayleth parou derrapando apesar das advertências frenéticas de Laranta sobre *Sombra! Sombra, sombra!*

A luz da sombra brilhou nos olhos grandes e cor de jade da criança. Olhando para dentro dela, Ayleth viu a poderosa pulsação de um espírito se apertando ao redor da alma mortal, de modo que os dois eram quase indistinguíveis um do outro.

— Nilly? — A voz de Ayleth falhou com o nome. — Nilly du Bucheron? É você?

A garota saltou, a magia fluindo por cada membro. Ela se afastou de Ayleth e fugiu para as árvores o mais rápido que suas pernas curtas conseguiram.

— Espere! — Ayleth gritou, estendendo a mão. — Por favor, aguarde! Eu não vou te machucar!

SOMBRA! Laranta rugiu.

Ayleth se virou para seu lobo, viu-a se enroscar e então saltar, perdendo toda a forma de lobisomem e se tornando uma coluna de puro espírito negro, disparando pelo ar direto para a cabeça de Ayleth. Não, não para a cabeça dela, sobre ela. Visando algo logo acima, logo atrás.

Ayleth percebeu. Com um suspiro, ela se jogou para o lado.

Não a tempo.

Um golpe terrível atingiu sua nuca. Sua mente explodiu com uma dor vermelha brutal. Então... Trevas.

CAPÍTULO 15

Os sinos do Santuário Elsinoe tocaram em toda a zona rural circundante, sinalizando o fim da hora de oração da tarde. Uma pequena coleção de fiéis, envolta em lenços para se proteger do frio, saiu apressada pela porta da frente. Muitos deles espiaram Terryn em seu capuz vermelho enquanto desciam os degraus da varanda e congelaram em seus passos, olhos redondos. Então, apressadamente fazendo o sinal da Deusa, eles se apressaram em seu caminho, abaixando seus rostos para evitar seu olhar.

Terryn esperou até que o último deles tivesse partido, então desmontou e se aproximou da porta. Uma sacerdotisa apareceu na porta antes que ele estivesse na metade da varanda. Ela cruzou os braços, assumindo uma postura e expressão proibitivas, como um anjo austero em suas vestes brancas, barrando o caminho para o céu.

— Bom dia, mãe. — disse Terryn respeitosamente, fazendo o sinal sagrado.

Ela retribuiu o gesto de má vontade. — Você é outro deles, não é? Os santos nos preservem, já não tivemos o suficiente de sua espécie por aqui?

A sobancelha de Terryn se contraiu. — Você falou com outro da minha Ordem recentemente?

— Sim. Uma garota. — Os lábios da sacerdotisa se curvaram. — Uma venatrix. Ela estava aqui perguntando sobre a criança Du Bucheron tomada pela sombra. Negócio desagradável isso.

— E o que você pode me dizer sobre esse negócio desagradável?

— Faça seu pedido, irmã. — Cruzando os braços profundamente nas mangas de seu manto, a mulher mais velha conseguiu ficar o mais grande possível. Mesmo assim, ela mal era alta o suficiente para olhar Terryn diretamente nos olhos, embora ele estivesse vários degraus abaixo dela. — Não vou recontar toda aquela miséria de novo. Já tivemos o suficiente de sombras por aqui. Dei à venatrix um lugar para dormir durante a noite e mandei-a embora esta manhã.

— Mandou-a para onde?

— Para a cabana da Bruxa de Restrição.

Terryn piscou. Este foi um novo desenvolvimento. — O que ela queria com uma Bruxa de Restrição?

— Abençoado se eu sei! — a sacerdotisa rosnou. As linhas em seus lábios finos se aprofundaram em uma condenação amarga. — Ontem ela estava aqui pedindo informações sobre a casa de Jerlo du Bucheron, hoje de manhã ela está me importunando com perguntas sobre a Bruxa de Restrição. Não quero ter nada a ver com você ou sua espécie. Eu a deixei dormir aqui ontem à noite, e pronto.

Com essas palavras, ditas com determinação, ela voltou para o santuário e fez menção de fechar a porta. Terryn deu os últimos três passos na varanda com um único passo e estendeu o braço comprido para bloqueá-la. — Perdão, boa mãe. — Ele disse enquanto ela olhava ferozmente para ele. — Mas se eu pudesse incomodá-la para apontar meu caminho para a casa du Bucheron?

Com um rosnado rouco na garganta, a sacerdotisa empurrou a porta o suficiente para que pudesse enfiar o braço e o ombro para dentro. Ela apontou para o norte, descendo a colina onde ficava o santuário em direção ao pequeno vilarejo aninhado em um vale abaixo. — Esse é Hollen. — disse ela. — A casa dele fica a leste da aldeia, perto da floresta da periferia. Ele é um lenhador.

Terryn se afastou da porta, oferecendo uma saudação rápida, que a sacerdotisa não viu, pois ela bateu a porta no momento em que pôde. Terryn revirou os olhos e desceu os degraus até seu cavalo.

O povo da aldeia o viu passar, seus rostos mascarados de puro pavor. Era ser desanimador, a ingratidão tantas vezes dirigida a ele. O que qualquer uma dessas pessoas gostaria que os venadores fizessem as malas e deixassem Perrinion? Com que rapidez os tomados pela sombra e as bruxas dominariam todos aqueles mortais que não tinham meios de contra-atacar? Deusa do alto, eles queriam retornar à escravidão que conheceram quando Terrível Odile governava essas partes?

Terryn ignorou esses pensamentos enquanto deixava a aldeia para trás, entrando no trecho mais solitário do país entre Hollen e a floresta periférica. Ele tinha preocupações suficientes enchendo sua cabeça do jeito que estava.

Uma Bruxa de Restrição. Por que Venatrix di Ferosa estaria perguntando sobre uma Bruxa de Restrição local? Ela tinha aprendido sobre algumas coisas entre a Bruxa de Restrição e Nane? Ou isso estava relacionado a algum outro propósito que ela perseguia?

Seus dentes cerraram-se com tanta força que sua mandíbula doeu. Ele não deveria estar aqui, seguindo os passos de di Ferosa como um cão perdido tentando farejar o caminho de volta para seu dono. Ele deveria estar caçando com Kephan. Sim, talvez ele tivesse sido um pouco cabeça quente, mas ele era um verdadeiro caçador, e suas habilidades seriam mais bem utilizadas na trilha de uma sombra do que vagando por essas aldeias no interior.

Então, novamente, se suas suspeitas sobre Venatrix di Ferosa se provassem verdadeiras... suspeitas que ele mal ousava nomear, suspeitas ainda não totalmente formadas...

Vendo uma humilde herdade, uma cabana e um celeiro, à frente, Terryn incitou Fleeta a um trote rápido, apressando-se em seu caminho. Esta era a casa de du Bucheron? Ele viu uma carreta no quintal, como um lenhador pode usar para transportar toras da floresta. E ele viu...

O coração de Terryn parou.

Um grande corpo de animal jazia de lado a vários metros da carruagem. Um boi, talvez. Sua lateral estava totalmente aberta, as entranhas derramando-se.

Fleeta sacudiu a cabeça enquanto o fedor de sangue era carregado pela brisa. Ela se empinou e relinchou até que Terryn saltou de sua sela, deixando-a para trás enquanto ele se aproximava da cabana para uma visão melhor. Seus sentidos acenderam, e abaixo dos feitiços supressores da música, sua sombra se mexeu em advertência.

A venatrix. Sua sombra era poderosa, viciosa. Viciosa o suficiente para rasgar um animal?

Terryn caiu no chão, tornando-se um alvo menor. A luz da sombra brilhou em seus olhos enquanto ele esquadrihava o jardim, em busca de almas. Um miasma de morte pairou sobre o boi abatido. Morte e... um traço de magia? Nenhum animal comum havia cometido essa matança brutal. Este foi um trabalho de uma sombra.

O assassino ainda pode estar por perto. Terryn forçou seu olhar, mas com sua sombra suprimida, sua visão sombria podia discernir apenas até certo ponto. O assassino ainda pode estar em algum lugar lá embaixo. Em casa. No celeiro.

Sua mão moveu-se para os tubos Vocos e, após um instante de hesitação, ele os libertou e jogou um feitiço rápido, pegando um punhado de magia da alma de sua sombra. O poder fluía por seus membros, canalizado em suas

mãos, brilhava na ponta dos dedos. Ele cerrou os punhos, segurando-o, guardando-o para o momento certo.

O fedor de sangue e morte agrediu seus sentidos mortais quando ele se aproximou do pátio. As moscas já haviam se acumulado no cadáver do boi. Há quanto tempo ele estava morto? Desde ontem? Desde a visita da venatrix? E onde... onde estava o outro boi? Olhando para a carruagem, Terryn notou que o cabresto era para um par. A enorme barra de encaixe da cabeça foi quebrada em duas.

Impossível.

Com a mão erguida, o poder queimando as pontas dos dedos, Terryn se aproximou da fera morta. Sua lateral havia sido totalmente aberta, os ossos de sua caixa torácica quebrados como palitos de fósforo. Isso não parecia que os dentes poderiam causar danos. A menos que ele estivesse muito enganado, isso era uma ferida.

Uma porta bateu.

Terryn saltou, girando em direção ao celeiro, as mãos erguidas e prontas para explodir. Nada ali. A porta do celeiro estava aberta, soprada contra a parede pelo vento, talvez. Mas o que era aquilo deitado no chão logo após a porta aberta?

Os olhos de Terryn se arregalaram. Deixando o corpo do boi, ele caminhou até o celeiro, os olhos fixos nas sombras lá dentro. Ele canalizou uma pequena quantidade de poder na palma da mão, criando uma esfera de iluminação.

O brilho iluminou o rosto de um enorme homem barbudo. Quebrado. Sangrento. Seu corpo quase irreconhecível como humano, mas seu rosto estranhamente intocado.

Terryn parou. Por um instante, ele ficou enraizado no chão como se estivesse preso em uma armadilha espiritual. Ele simplesmente não conseguia dar mais um passo. Ele tinha visto muitas coisas nos anos de seu treinamento, nos anos de seu serviço, mas isso... isso foi...

Um gemido profundo e gutural encheu o ar.

Galvanizado em ação, Terryn saltou para a porta, saltou sobre o corpo do homem quebrado, sua mão erguida. A pequena esfera de luz se transformou em um feixe mais brilhante, pronta para ser disparada como um raio. Por aquele brilho feroz, ele viu o monstro.

Ele estava em uma pilha de ruínas no centro do celeiro. Um enorme machado projetou-se de seu pescoço, e ele se esparramou, suas laterais arfando enquanto ofegava e gorgolejava para dar o último suspiro. Uma vez que pode ter sido um boi. Mas isso... essa coisa não parecia com nada neste mundo. Não mais. Os chifres eram enormes, curvos e manchados de sangue. Os ossos de sua espinha quebraram sua pele em grandes pontas. A cabeça estava empenada, a mandíbula desarticulada para conter enormes dentes parecidos com presas.

Ele já tinha visto esse trabalho antes. Ele sabia disso.

A Bruxa do Ardor.

É ela. É ela. É ela...

Terryn puxou sua adaga de osso e se moveu através do celeiro em direção à criatura moribunda. Não era nenhuma sombra, então nenhuma Morte Gentil seria necessária aqui. O único golpe que o lenhador conseguiu desferir antes de ser morto quase deu certo; o machado estava profundamente cravado no pescoço do monstro. Apenas a terrível magia da maldição da Bruxa do Ardor manteve a besta viva por tanto tempo.

Enquanto vivesse, o fio da maldição conectando-o a sua senhora permaneceu intacto. Se di Ferosa estivesse aqui, ela poderia lidar com isso com facilidade, sua sombra assustadoramente ascendente dentro dela. Mas ela não estava.

Um olho giratório, ainda estranhamente parecido com um boi, observou Terryyn enquanto ele se aproximava, enquanto ele puxava seu Vocos e o colocava nos lábios. Com extremo cuidado, Terryyn começou a tecer uma variação da Canção de Desvinculação. Ele precisava de mais acesso aos sentidos de sua sombra se quisesse ter alguma esperança de seguir um fio de maldição. Com cuidado, cautela, ele alcançou sua alma com a canção do feitiço e afrouxou as supressões que mantinham sua sombra à distância. Apenas um pouco, apenas uma pequena quantidade.

Sua sombra balançou em reação.

É ela! ela gritou. É ela! Lembre-se! Lembre-se, lembre-se!

— *Silêncio.* — disse Terryyn, falando em sua mente. Com seu corpo mortal, ele mudou o feitiço em uma variação poderosa da Canção de Comando. Ele chicoteou a melodia áspera em sua sombra, e o espírito preso dentro dele estremeceu em resposta, recuando. O suor gotejava na testa de Terryyn. Mas Fendrel o treinou bem ao longo dos anos.

Modulando entre as canções do feitiço, ele tomou posse do poder de que precisava, um aumento da visão da sombra que lhe permitiu olhar além do mundo mortal para o mundo do espírito.

Resolvendo os feitiços da canção com um floreio, ele embainhou seus Vocos mais uma vez e fixou seus olhos no monstro boi moribundo. Seus olhos brilharam com seu poder aumentado, e ele viu a maldição presa bem no fundo dele, implantada com um sigilo de sangue. Magia anathema, Terryyn a reconheceu imediatamente.

Ele sacou seu escorpião e o carregou com um dardo Anathema. Ele estava pronto. Agora, se a Deusa estivesse com ele, o boi deformado viveria neste sofrimento agonizante tempo suficiente para ele rastrear a maldição de volta à sua origem.

— Estou indo atrás de você, Ylaire. — Ele sussurrou. Ele saiu do celeiro, pisando nos restos do lenhador, e correu pelo quintal, seguindo a maldição tênue e tensa.

CAPÍTULO 16

Suas pálpebras pareciam pesos de chumbo. Ayleth lutou para abri-las, mas o esforço exigido era muito grande, então ela desistiu por enquanto. Em vez disso, ela estendeu a mão com seus outros sentidos, tentando fazer cara ou coroa com sua consciência despertando lentamente.

Ela sentiu um formigamento. Uma centena e mais de picadas que coçam para cima e para baixo em seus braços, no pescoço, na parte de trás da cabeça. Parecia... Palha? Um colchão de palha, talvez. Inalando profundamente, ela tinha certeza de que sentia o cheiro de palha também, junto com muitos outros aromas terrosos e almiscarados. Fumaça. E outro cheiro que ela quase reconheceu, mas não conseguiu nomear. O ar estava fechado e parado, e ela ouviu o crepitar de uma fogueira e o que poderia ser o arranhar de uma colher de pau na boca de uma panela.

— *Laranta?* — ela sussurrou, procurando dentro de si mesma. A floresta de pinheiros de sua mente estava escura e ainda exceto por um latejar surdo e pulsante. Sua própria dor, ela percebeu. Empurrando a sensação, ela encontrou sua sombra no fundo da floresta, agachada e trêmula. — *Laranta, venha aqui.* — disse Ayleth, sem nenhuma força real no comando.

A voz retumbante de Laranta respondeu das profundezas dos pinheiros negros. *Não. Ferro. Não.*

Esse era o cheiro que ela não conseguia nomear. O rosto de Ayleth se enrugou e, com a inalação seguinte, seu estômago se contraiu. Juntando suas forças, ela fez outro esforço para abrir os olhos e apenas conseguiu forçar as pálpebras para cima. Sua visão turva lentamente voltou ao foco.

Diretamente no alto, pendia uma variedade de ferraduras descartadas, amarradas em um robusto fio de lã e dispostas em um agrupamento estranhamente complexo. Ela girava ligeiramente, puxada por seus próprios pesos de contrapeso, e o ar ao redor zumbia com um feitiço de supressão fraco, mas eficaz.

— Ah. Você está acordada.

A voz tinha uma qualidade de zumbido, muito parecida com o som do feitiço. Mas, ao contrário do feitiço, ele não agitava as entranhas de Ayleth. Uma batida de pés e um rosto enrugado com uma variedade incrível de rugas delicadas surgiram no campo de visão de Ayleth.

— Não se mova muito rápido. Você levou um golpe feio na nuca. A proteção de ferro está mantendo sua sombra silenciosa, mas eu darei a você algo mais forte se você resistir.

Ayleth estremeceu. Seus últimos momentos de consciência lentamente se reformaram em seu cérebro. A criança. A menina correndo, caindo. Olhando para ela com tanto terror em seus olhos de jade. O espírito da sombra brilhando intensamente, entrelaçado com sua jovem alma.

O golpe por trás.

Com os dedos trêmulos, Ayleth ergueu a mão e tocou suavemente o local latejante logo atrás da orelha direita. As pontas dos dedos encontraram uma bandagem úmida com remédio ou sangue, ela não tinha certeza.

— Não se preocupe. — disse a velha. — Você levou um golpe de raspão, mas nenhum dano permanente. Um golpe direto como esse teria matado você.

Engolindo em seco para molhar a garganta ressecada, Ayleth piscou os olhos semicerrados. — Oma Githa? — ela resmungou.

A velha reconheceu isso com um sorriso e um aceno de cabeça. Ela ergueu um copo de madeira áspero cheio de alguma bebida fermentada. —

Tente engolir isso. — Ao olhar que Ayleth deu a ela, ela acrescentou: — Não é veneno nem magia fraca. Apenas uma mistura para reduzir o inchaço e ajudar a aliviar a dor. Você vai se sentir melhor com isso.

Embora provavelmente não devesse confiar em uma Bruxa de Restrição, a cabeça de Ayleth latejava com força demais para que ela pensasse em um protesto. Com dolorosa lentidão, ela se apoiou nos cotovelos e deixou a velha levar o copo à boca, tomando goles cuidadosos. A bebida era doce, o que a surpreendeu, e ela bebeu tudo com mais pressa do que planejava.

Cacarejando de satisfação, Oma Githa deixou o copo de lado e recostou-se em uma cadeira estreita. Ela cruzou um par de pés descalços absolutamente enormes e calejados, exibindo grandes dedos nodosos. Suas mãos, ao contrário, eram muito delicadas, e ela as dobrou sobre o estômago e se recostou, olhando Ayleth por baixo das sobrancelhas negras e eriçadas. — Diga-me, o que uma jovem venatrix está fazendo na minha porta?

Ayleth, que acabara de encostar a cabeça no colchão áspero, ergueu-a de novo rápido demais. A sala girou e ela fechou os olhos. Então, olhando para a Bruxa de Restrição, ela disse: — Você sabe o que eu sou?

A velha assentiu. — Já tive encontros com a Ordem de Santo Evander antes. — Ela riu, um brilho alegre iluminando seus olhos. — Há muitos anos que sou um espinho no pé de Nane du Vincent! Ele ficou tão cansado de lidar comigo que teve que enviar sangue jovem como você em seu lugar?

Ayleth abriu a boca, mas se conteve e escolheu as palavras com cuidado antes de falar. — Você... não sabe o que aconteceu ao Venador du Vincent?

Essas sobrancelhas eriçadas dispararam na testa da velha, juntando suas rugas em montículos. — Ele está morto?

Embora ela não falasse, Ayleth sabia que seu rosto revelava a resposta.

Oma Githa balançou a cabeça, rindo de novo, desta vez sem alegria. — Quando você passa sua vida caçando os indefesos, está fadado a ter um mau final.

— Os indefesos? — Ayleth se apoiou nos cotovelos e depois, com esforço, até a posição sentada. Ela olhou para a sebe. — O Venador du Vincent dedicou sua vida a purificar o mundo do mal. Espíritos possuidores de poderes extraordinários e perigosos dificilmente são indefesos!

Oma Githa a considerou com algum interesse. — Quanta devoção aos ensinamentos de seu santo. Então, você concorda com a queima de crianças?

— Eu... — Ayleth parou. Sua cabeça girou e ela fechou os olhos novamente, desejando não ter se sentado tão rapidamente. Baixando a cabeça, ela esperou que a tontura passasse. Mais uma vez, ela viu a menina em sua memória, o rosto pálido de terror, olhando para Ayleth por entre as folhas de samambaia. Uma criança que ainda não tinha quatro anos. Olhos tão arregalados, tão inocentes, tão assustados.

Olhos tão cheios de sombras de luz.

— Essa era a filha de Jerlo que eu vi fugindo desta casa, não foi? — Ayleth ergueu o queixo e olhou para a sebe. — Nilly du Bucheron.

Oma Githa acenou com a cabeça.

— Então... foi Jerlo quem matou Venador du Vincent e escondeu sua filha aqui.

A bruxa franziu a testa com isso. — Eu não saberia disso. — Ela chupou reflexivamente em um dos três dentes restantes para ela. — Só sei que Fiola apareceu na minha porta há quatro semanas, levando a filha e implorando para que a escondesse. Ela me disse que a garota foi tomada pela sombra, que um homem tinha vindo para matá-la. Para queimá-la. Concluí que Nilly era congênita... o que me surpreendeu, não vou negar.

Ayleth franziu a testa, lutando para entender o que acabara de ouvir. — Espere. Espere um momento. Fiola, você diz? Fiola du Bucheron?

A bruxa inclinou a cabeça para o outro lado.

— Mas... ela estava morta. — Ayleth persistiu. — Jerlo testemunhou a morte dela. Nane a matou há seis semanas.

— Matou o corpo dela, sim. — disse a velha.

A realização atingiu. Ayleth levou as duas mãos ao rosto, esfregando com força, como se pudesse, de alguma forma, colocar seus próprios pensamentos em ordem. Se Fiola du Bucheron foi violentamente assassinada, sua sombra interior certamente foi impelida a encontrar e possuir outro corpo. Mas seu espírito mortal deveria ter sido deixado vagando e desaparecendo a menos que... a não ser que...

— Ela era uma bruxa. — Ayleth sussurrou. — Ela se voltou para a bruxaria.

Somente as almas dos inatos ou bruxas permaneciam presas às sombras após a morte. Os inatos eram naturalmente entrelaçados com seus espíritos possesores, enquanto as bruxas fomentavam a ligação por meios não naturais. Com tal amarração, elas ganhavam controle sobre os poderes que habitavam neles. Se Fiola du Bucheron tivesse se voltado para a bruxaria, ela poderia ter assumido o controle de sua sombra e escondido com sucesso seus poderes até mesmo de seu marido por anos.

Bruxaria de todos os tipos era proibida sob pena de morte em Perrinion. Apenas a morte pelo fogo poderia separar uma alma presa de sua sombra, mas a Ordem de Evander nunca ofereceu tal morte a bruxas. Elas mereciam seu tormento final.

Piras eram salvas para almas inocentes.

Ayleth pressionou as mãos nos olhos. As peças do quebra-cabeça pareceram se espalhar diante de sua visão. Ela tinha todos eles agora? Se ela pudesse apenas fazer a pergunta certa, talvez ela pudesse ver como juntar tudo.

— O que... que forma Fiola usava quando ela visitou você?

Oma Githa coçou a barriga, depois estendeu um braço esquelético e tirou um cachimbo de uma mesa próxima. Ela começou a enchê-lo e acendê-lo, levando decididamente mais tempo do que o necessário. Ayleth se retorceu interiormente de impaciência, mas sabia que era melhor não empurrar. Ela esperou, sua pergunta pendurada sem resposta até que a bruxa tinha soprado várias nuvens grandes no ar, enchendo o quarto da cabana com o forte fedor de tabaco.

Por fim, Oma Githa bateu com a haste do cachimbo em um dente e disse:

— Sempre estive disposta a ajudar a Ordem na medida em que minha consciência permitir. Parece-me que você está investigando a morte de seu companheiro venador e, para esse fim, não vejo mal em lhe contar o que sei.

Após essa declaração, ela deu mais três longas tragadas em seu cachimbo, organizando seus pensamentos. Por fim ela começou:

— Fiola e Jerlo du Bucheron me procuraram há quase quatro anos, desesperados e assustados. Fiola havia sido tomada pela sombra e também estava grávida. A lei de Perrinion dita, é claro, que eles deveriam ir imediatamente aos Capuzes Vermelhos e se submeter ao fim necessário. Mas eles vieram até mim para ver se havia algo mais a ser feito.

— Minha primeira tarefa foi determinar se a captura era verdadeira ou não. Como eu mesma não estou possuída, não posso ver os espíritos como você vê. — Ela ergueu uma sobrancelha espessa e acenou com a cabeça para Ayleth. — Mas, neste caso, era simples o suficiente para verificar a

verdade. Pedi a Fiola que demonstrasse seus poderes e ela respondeu pegando seu marido e levantando-o sobre a cabeça.

Ayleth concordou com a cabeça. Era impressionante considerar qualquer mulher levantando um homem da altura e largura de Jerlo du Bucheron. Se a história fosse verdadeira, não poderia haver dúvida de que uma poderosa sombra Feral possuía o corpo de Fiola.

Oma Githa, dando outra tragada em seu cachimbo, riu da expressão no rosto de Ayleth. — Após essa pequena demonstração, comecei a difícil tarefa de transferir a sombra que ela carregava para um corpo hospedeiro diferente.

— Isso é impossível. — Ayleth desabafou. Imediatamente, ela desejou poder retirar as palavras, pois a velha olhava para ela com tal olhar que Ayleth meio temeu que ela fosse expulsa da cabana naquele mesmo instante. Mas a bruxa simplesmente deu mais algumas baforadas em seu cachimbo, esperando.

Ayleth abaixou a cabeça. — Peço desculpas, Oma Githa. Por favor continue.

— Hmmm. — Oma Githa tirou o cachimbo da boca e apontou a haste para Ayleth. — Só porque seu santo proibiu a prática de baixa magia não torna a magia baixa em si ineficaz. Você faria bem em se lembrar disso, criança.

Ayleth assentiu em silêncio. Com outro grunhido, a bruxa continuou:

— Eu tirei sangue de Fiola e sangue do animal que eu escolhi como o novo hospedeiro da sombra, um corvo que eu peguei na semana anterior. O pássaro estava com os olhos dilacerados, mas ainda não havia sido capturado. Uma criatura saudável e um hospedeiro digno o suficiente para um espírito como o de Fiola. Então, eu tirei o sangue de cada um, misturando-os, dizendo a corrida *gwedhíath*. — Oma Githa lançou um olhar estreito para

Ayleth. — Uma oração secreta e antiga à Deusa, que seu Santo Evander desaprovava. Quando as orações foram concluídas, usei isso.

Ela retirou um objeto curioso das profundezas de suas vestes esfarrapadas. Era um pequeno triângulo de cristal pendurado em um pedaço de estômago. Ele oscilou no ar, silencioso, exceto... As orelhas de Ayleth apitaram, seus sentidos de sombra se aceleraram. Ela detectou um zumbido fraco, além do alcance da audição humana, audível apenas para os espíritos. A própria bruxa provavelmente não podia ouvi-lo, não era tomada, embora aparentemente estivesse ciente da qualidade do som que fazia.

— Quando atingido por uma colher de prata. — disse Oma Githa. — Este pequeno instrumento abre uma conexão entre duas almas. Como uma ponte de alma. Uma vez que a conexão seja estabelecida, é apenas uma questão de gentilmente... Oh! Tão gentilmente! Persuadir a sombra de seu hospedeiro atual para o outro. O zumbido do triângulo ajuda. Assim como as orações. E o sangue.

A velha sorriu ao redor do cachimbo. — Eu posso ver a desaprovação em seu rosto, jovem venatrix. Mas diga-me, o seu santo ofereceu a você e à sua Ordem alguma dessas soluções? Você tem meios de salvar almas mortais sem destruir corpos mortais? — Como Ayleth não respondeu, ela balançou a cabeça. — Eu pensei que não.

— O que aconteceu com Fiola? — Ayleth pressionou. — Sua cerimônia... Funcionou?

— De certa forma, sim. — disse a bruxa, embora seus lábios se torceram em uma expressão engraçada. — Uma conexão entre as almas certamente foi feita, e eu pensei... Eu acreditei que a transferência tivesse acontecido. — Ela bateu com o cachimbo na lateral da mesa, derramando cinzas mortas no chão e as raspando com um pé descalço. — Fiola acordou muitas horas depois. Ela

estava desorientada, mas afirmou que a cerimônia funcionou. Pensamento positivo, talvez. Não vi nenhum sinal do poder da sombra no corvo, mas isso não me preocupou indevidamente. Frequentemente, as sombras se ocultam profundamente dentro de um novo corpo hospedeiro, não se manifestando em poder por semanas ou mesmo anos. Mandeí Fiola e seu marido para casa de boa-fé, para que meu trabalho fosse realizado.

— E o corvo? — Perguntou Ayleth.

— Levei o corvo para as Barreiras e o enviei. — Oma Githa brincava com seu cachimbo, girando-o em seus dedos delicados. — Esta tem sido minha prática com criaturas tomadas pela sombra. Elas são muito imprevisíveis para viverem livres neste mundo, mas não vejo razão para entregá-las a gente como Nane ou seu irmão de caça.

Sabendo o que havia além da Grande Barreira, Ayleth não considerou a escolha particularmente misericordiosa da parte da bruxa. Muitos prefeririam a morte à vida na Floresta da Bruxa.

Com um arrepio, ela continuou. — E os du Bucherons? Você ouviu alguma coisa deles seguindo a... a cerimônia?

A bruxa balançou a cabeça. — Raramente vejo meus clientes uma segunda vez. Mas eu os via de vez em quando, quando fazia minhas poucas viagens solitárias ao Santuário de Elsinoe para as orações do dia da festa. Eu vi Fiola com um bebê nos braços e mais tarde, uma criancinha engatinhando em seus calcanhares. Ela nunca me reconheceu. Eu nunca esperei isso. Mas fiquei feliz em pensar que os havia ajudado em um momento difícil. — Ela encolheu os ombros. — Ou então eu acreditava.

Ayleth dobrou as pernas em uma posição cruzada e estudou as mãos apoiadas no colo. Qualquer que fosse a bebida que Oma Githa lhe dera, parecia ter funcionado, pois sua cabeça não latejava mais de tanta dor. — Você me

disse... — ela disse. — Que Fiola veio até você há quatro semanas. Com a filha dela.

Oma Githa acenou com a cabeça. — Ela fez.

— Em que corpo?

— Fiola usava o corpo de um corvo.

Ayleth ficou olhando. Sua mente parecia ter atingido uma parede sólida e parado, incapaz de aceitar o que acabara de ouvir. — Ela... o que?

— Parece que a conexão que eu havia formado entre as almas funcionou.

— disse ela. — Só não como eu pretendia. Quando o corpo de Fiola foi morto por Nane, ela e seu espírito possessor seguiram essa conexão. Do outro lado da Grande Barreira, no corpo do pássaro.

Ayleth deu um longo suspiro. Sua boca tentou formular perguntas, mas ela não conseguia descobrir as palavras para falar.

— Tive que juntar os pedaços da história como pude nas últimas semanas. — Continuou. — A pequena Nilly está com muito medo de me dizer, mas Fiola comunicou o que pôde. Ela não tem mais habilidade de falar a língua mortal, não com a língua de um corvo. Mas ao longo dos anos, tornei-me sensível a... impressões de espírito. Pelo que entendi, Fiola se viu no corpo do corvo, presa do outro lado da Barreira. Ela não podia fazer nada por sua filha e se desesperou. Mas então, algumas semanas após sua armadilha, o inacreditável aconteceu, ela sentiu o espírito de sua filha próximo. Na Floresta da Bruxa.

— Algumas semanas depois de sua primeira visita à casa de du Bucheron, Nane voltou para levar a pequena Nilly embora. Estou confusa com os detalhes, mas de alguma forma a criança escapou dele e fugiu para as profundezas da floresta, através da Barreira. Venador Nane a perseguiu até lá, mas Fiola manteve sua filha escondida dele. Então, usando a abertura que o

próprio venador fez no feitiço de barreira, eles cruzaram de volta para o nosso mundo, e Fiola trouxe a criança para mim.

As mãos de Ayleth se fecharam em punhos. Teve a sensação de ter ouvido todas as palavras que Oma Githa optou por não contar ou que a própria Fiola optou por não contar. Os pedaços... as peças do quebra-cabeça lentamente se juntaram.

Jerlo havia perseguido Nane. Embora ele tenha dito a Ayleth que não os alcançou, eles devem ter tido outro confronto afinal. E durante essa luta, Nilly escapou de seu captor e fugiu para Floresta da Bruxa.

Nane não gostaria que uma criança sofresse os horrores da floresta amaldiçoada. O ar venenoso, os monstros, o mal desesperador que comia a alma. Enquanto a maioria das sombras ele abandonaria a seu destino, pelo bem de Nilly, ele foi atrás dela. Para encontrá-la, para salvá-la. Para queimá-la.

Mas quando ele não conseguiu encontrar a garota, Nane voltou para a Barreira, abrindo um portão para sua própria fuga. E Fiola, escondida perto de sua filha, viu sua chance. Ela mergulhou e desferiu um golpe mortal na nuca de Nane. Matou-o com um bico em forma de lâmina conduzido com o poder de uma sombra Feral. Então ela e sua filha escaparam de Floresta da Bruxa, de volta ao seu próprio mundo.

— Mas... mas isso não pode ser tudo. — Sussurrou Ayleth, seu rosto se contorcendo com algo parecido com dor enquanto ela tentava fazer o resto da história funcionar. E o diário de bordo tirado do corpo de Nane? E quanto à tentativa de consertar a ruptura na Grande Barreira? E quanto à mulher morta, a mulher que Terryn alegou ser a Bruxa do Ardor? Como ela se encaixava nessa imagem bizarra?

Ayleth se mexeu no colchão de palha para poder encostar as costas na parede da cabana. Não importava o quanto ela tentasse torcer as informações

em forma, ela não conseguia fazer tudo caber onde deveria. Ela olhou para a bruxa, que olhou para ela de volta.

— Por que você está me contando tudo isso? — ela perguntou finalmente. — Você está escondendo Nilly há semanas. Por que desistir de tudo agora?

— Bem, para começar, estou prestes a morrer. — respondeu Oma Githa. — Acho que é melhor transmitir o que sei agora do que levar tudo comigo. Por outro lado, Nilly me disse para fazer.

— O que? — Ayleth abanou a cabeça. — O que você quer dizer com Nilly te disse...? O que você quer dizer com está prestes a...? O que?

A bruxa jogou a cabeça para trás e riu alto e longamente, bufando e fungando a cada respiração. Quando finalmente o acesso de alegria passou, ela enxugou a pele macia ao redor dos olhos com as costas do dedo. — Oh, a cara em seu rosto, garota! Como se você não soubesse que todos nós morremos eventualmente. Não é como se fosse uma notícia tão chocante assim. Mas sim. — Ela cruzou as mãos sobre o estômago novamente. — Nilly é... uma vidente. Sua sombra permite que ela perceba coisas do passado, do presente e do futuro. Quando uma visão a leva, ela não consegue parar de falar para aquele a quem se destina. Tentar contê-lo causa uma dor terrível, e ela é muito jovem para aprender como conseguir. Ela me disse que eu morreria no dia em que a jovem venatrix viesse me visitar. O que significa que meu fim deve estar chegando em breve, eu acho.

Ayleth continuou sacudindo a cabeça, cada vez mais forte. — Eu não vou te matar. — Ela disse.

— Isso não significa que eu não vou morrer.

— Por que você me ajudou então? — Ayleth ergueu as duas mãos. — Quando você me viu, por que não se virou e correu para o outro lado?

— Fazer isso poderia muito bem ter acelerado minha morte. Achei que você gostaria de um pouco de chá calmante primeiro. E possivelmente uma chance de ouvir o que eu tenho a dizer. — O rosto da velha assumiu uma expressão severa, cada ruga se aprofundando. — Tanto para gratidão.

— E o que eu devo fazer agora? — Perguntou Ayleth. — O que devo fazer com o que você me disse?

— Seu trabalho, eu imagino. — Oma Githa chupou os dentes novamente antes de acrescentar: — A menos, é claro, que você não tenha gosto por assassinar crianças. Nesse caso, você terá que pensar em algo mais inteligente. — Ela encolheu os ombros. — Mesmo assim, não é mais da minha conta. Estou prestes a morrer e não posso mais proteger a pequena Nilly de gente como você. Ela ainda tem sua mãe, pelo menos, então ela não está totalmente sozinha no mundo. Mas você pode querer...

A velha parou quando um clamor repentino começou do lado de fora. Ayleth estremeceu, olhando através do quarto para a porta do chalé. Essas eram vozes de animais, diferentes tipos de vozes de animais, gritando, gritando. Todas as criaturinhas em suas jaulas do lado de fora.

— O que...? — ela começou.

Os olhos de Oma Githa se voltaram para o rosto de Ayleth, brilhando intensamente. — Ah. Então ela é quem vai fazer isso.

A porta se abriu com um estrondo.

Uma mulher apareceu na porta, tão alta que ela teve que se abaixar para entrar. Longos cachos de cabelos lisos e incolores emolduravam um rosto de feições duras, e olhos brilhantes e avermelhados fitavam a escuridão da cabana, cintilando com uma sombra não suprimida.

— Onde está a criança? — ela rugiu.

CAPÍTULO 17

A mulher tomada pela sombra abaixou a cabeça para passar sob o lintel, depois endireitou-se em toda a sua altura, a cabeça quase tocando as vigas do teto baixo. Seus lábios se curvaram em uma careta horrível, revelando dentes escuros e com manchas vermelhas. Mais manchas cercaram sua boca e cobriram seu queixo, e o fedor de sangue encheu a cabana. Seus olhos cintilantes queimaram Oma Githa, e ela ergueu uma mão trêmula e manchada de sangue, apontando.

— Onde está a criança?

Por um instante, a pergunta pairou no ar.

No instante seguinte, os instintos de Ayleth ganharam vida. Seus olhos dispararam para um lado, espiando suas armas em uma pilha em uma mesa do outro lado do pequeno quarto. Ela se lançou no mesmo momento em que a tomada de sombra se moveu para interceptá-la. Pegando o cabo de sua adaga de osso, ela puxou-a de sua bainha, virando-se a tempo de cortar a mulher. A lâmina fez um corte selvagem em seu braço erguido.

O rosnado da mulher tomada pela sombra transformou-se em um sorriso. Movendo-se com uma velocidade incrível, ela agarrou Ayleth pelo pulso e bateu o braço contra a parede. A casa inteira tremeu e detritos caíram do teto. Ayleth largou a adaga, mas apontou com o punho esquerdo para o rosto da mulher. Seu golpe foi bloqueado, e a próxima coisa que ela soube, foi jogada para o lado, atingindo a borda da mesa e caindo no chão.

— *Laranta!* — Ayleth gritou por dentro. Sua sombra de lobo avançou, lutando contra as restrições ainda potentes do feitiço de proteção de ferro. No momento, ela não podia oferecer força.

Um barulho em seus ouvidos. Ayleth, com a visão girando, mais sentiu do que viu seu escorpião cair no chão, empurrado com o impacto de sua colisão com a mesa. Embora ela não quisesse nada mais do que descansar a cabeça latejante, respirar, ela rolou, bem a tempo. A lâmina de uma adaga cantou uma nota viciosa ao atingir o chão onde sua cabeça estivera um instante antes.

Mexendo-se embaixo da mesa, Ayleth agarrou seu escorpião. Sem tempo para fixá-lo no braço, sem tempo para usá-lo como sempre treinara. Ela deve atirar com a mão livre.

Ayleth saiu de baixo da mesa, ficando do outro lado, do outro lado da sombra. Suas aljavas estavam diante dela, dardos espalhados pela mesa. Um único instante se espalhou como uma eternidade diante dela. Um único instante para pegar o primeiro veneno que ela pudesse colocar as mãos.

A mão de Ayleth pegou um dardo e acertou o escorpião. A tomada de sombra, rugindo como um demônio, se jogou na mesa, sua lâmina atacando, mas parou bruscamente, sufocando, engasgando com a mordida de um dardo estremecendo na cavidade de sua garganta.

Por um doce e lindo momento, a luz da sombra em seus olhos se desvaneceu.

Então ela gritou, abriu os braços e jogou a cabeça para trás. Uma explosão de magia bruta irrompeu direto do âmago de seu ser. Ela puxou o queixo para baixo, os olhos fixos em Ayleth.

Antes que Ayleth pudesse reagir, a adaga da vítima da sombra disparou, cortando a carne de sua própria mão. O sangue fluíu, explodindo com magia. Em um movimento rápido e cortante, ela enviou gotas de sangue em

um arco, e com elas voou uma erupção de poder tão grande que jogou Ayleth no chão. Ela se chocou contra a parede e o ar saiu de seus pulmões.

Fixada, paralisada, Ayleth não conseguia virar o rosto nem fechar os olhos quando a sombra se aproximava. A mulher jogou a mesa do outro lado da sala com um braço. Seus dentes rangendo com a necessidade de morte, ela puxou a faca de volta para atacar.

O golpe não caiu.

A boca da mulher caiu aberta, o rosnado de sede de sangue desaparecendo por trás de uma expressão de choque absoluto seguido por espanto. Seus olhos enlouquecidos por magia se arregalaram.

— V-você? — ela respirou.

Ayleth sentiu o batimento cardíaco desacelerar. Ela sentiu a pulsação do sangue em seus ouvidos, uma batida forte, um ritmo de destruição. Não a morte, mas pior. Algo estremeceu dentro de seu cérebro, alguma parede de proteção que ela nunca percebeu que estava lá, e além dela... além disso...

Uma nota brilhante, clara e viciosa de música mortal cortou o ar, queimando a alma de Ayleth. Isso atingiu ela e a mulher tomada pela sombra simultaneamente, e suas vozes se misturaram em um grito. A explosão de poder que prendeu Ayleth contra a parede se quebrou e ela caiu de joelhos. A própria medula de sua alma estremeceu de dor, mas ela percebeu que não era uma dor que a atacava diretamente. Era dirigida a Laranta. Sua sombra de lobo se contorceu dentro dela em agonia indefesa.

Bem no limite de sua consciência, Ayleth percebeu que a mulher tomada pela sombra também havia caído e estava se debatendo de maneira semelhante no chão.

O som agudo desapareceu e Ayleth, ofegante, ergueu os olhos. Ela viu Oma Githa, um pequeno triângulo de cristal em suas mãos delicadas tremendo

com a nota que ela havia tocado, uma nota que a bruxa não conseguia ouvir, uma nota ouvida e sentida apenas por almas sombrias e possuídas por elas.

Ayleth tentou se endireitar. Mas ela não conseguia dominar seus próprios membros. O ataque de Oma Githa a atingiu com muito mais força do que a sua adversária. Ela só pôde assistir com horror quando a mulher tomada pela sombra se levantou, girando sobre a bruxa.

Oma Githa ergueu a colher de prata, acertando o triângulo trêmulo novamente. Mas antes que a nota pudesse soar, a sombra atirou sua mão ensanguentada, enviando outro arco de gotas voando para a velha.

As gotas se transformaram em lanças pretas. Lanças de maldição. Elas rasgaram a carne de Oma Githa, perfuraram seu intestino, seu torso.

A bruxa soltou um único grito horrível e caiu, sangrando. As saliências da maldição estremeceram onde a perfuraram. Ela ficou ofegante, incapaz de se levantar quando a sombra se aproximou dela.

A mulher estranha se ajoelhou, pegando a bruxa pela garganta, puxando-a para rosar em seu rosto. — Onde está a criança? Onde está a pequena vidente? Estou rastreando ela há semanas, e todos os sinais me apontaram aqui. Eu preciso dela. Agora!

A boca de Oma Githa se mexeu como se tentasse formar palavras. Mas em vez disso, ela cuspiu uma grande gota de sangue diretamente no rosto da bruxa.

A bruxa recuou. Então ela bateu no rosto da velha, rugindo: — Diga-me! Diga-me onde ela está!

Era tarde demais. A cabeça de Oma Githa balançou enquanto o resto de suas forças se desvanecia. Ayleth, caída quebrada no chão, observou um fio de espírito mortal escapar do corpo quebrado e ensanguentado que fora seu hospedeiro.

A sombra também viu. — Não! — Ela gritou, agarrando-se com a mão ensanguentada como se fosse pegar a alma, que escorregou por entre seus dedos e saiu, subiu pelo teto e sumiu. Ela jogou o corpo no chão, rasgou sua carne com as unhas.

Então, ainda agachada sobre sua presa, ela girou de repente, seu olhar fixo em Ayleth. Com um silvo entre os dentes à mostra, ela se virou e rastejou pelo chão, arrastando a adaga enquanto vinha na direção dela. Ayleth, com o corpo ainda dominado pela dor do ataque de Oma Githa, não conseguia nem se encolher quando a vítima da sombra estendeu a mão para ela, segurou-a pela base da trança e puxou sua cabeça para cima, expondo seu pescoço. Ela olhou atentamente para Ayleth.

— Eu conheço seu rosto. — Ela disse, sangue escorrendo de seus lábios. — Eu conheço seu rosto, mas não te conheço. Quem é você?

Os músculos da garganta de Ayleth trabalharam, mas nenhuma palavra saiu. A tomada de sombra se aproximou, seu hálito fétido quente contra a pele de Ayleth.

— Só um pouco de sangue. — Murmurou ela, erguendo a adaga e pressionando a ponta delicadamente sob a orelha de Ayleth. — Só uma pequena gota. Eu não preciso de mais do que isso. Apenas o suficiente...

Uma dor ardente percorreu a pele de Ayleth. Ela gritou. Seu sangue escorreu quente pelo pescoço, fluiu para a adaga da sombra, preso nas ranhuras gravadas na lâmina.

— Afaste-se dela!

A voz profunda explodiu no cérebro de Ayleth como um raio. A tomada de sombra se virou, brandindo sua adaga. Ayleth, com a visão turva, viu uma figura alta enchendo a porta, viu a luz brilhando nas presilhas de um escorpião.

— Terry! — Ela tentou gritar. Mas sua boca não a obedecia.

Sibilando como uma cobra, a tomada pela sombra soltou o cabelo de Ayleth e pôs-se de pé. Com um estalo, Terryn atirou.

Não rápido o suficiente. A pessoa capturada pela sombra desviou-se para o lado e o dardo atingiu a parede acima da cabeça de Ayleth. Mas a sombra caiu de joelhos, carregada por seu próprio impulso, e antes que pudesse se levantar, Terryn recarregou e atirou novamente. Ela foi rápida, mas o dardo arranhou sua bochecha.

Ayleth olhou fixamente, sua visão sombreada esticando-se. Ela viu o lampejo do espírito Anathema dentro do corpo da mulher. Ela viu a explosão e o estremecimento do veneno, queimando.

Terryn havia escolhido o dardo certo.

Com um grito que iria despedaçar almas, a tomada pela sombra saltou sobre seus pés. Ela saltou direto em seu atacante, sua adaga brilhando. Ele não conseguiu recarregar rápido o suficiente, mas levantou o braço esquerdo, desviando a adaga dela com a ponta de ferro. A bruxa bateu em seu rosto com as mãos. As unhas dela cravaram em sua pele, desenhando arranhões de sangue na pele enrugada de sua cicatriz.

No instante seguinte, ela girou para longe, saltando para a pequena porta nos fundos da cabana. Terryn tentou agarrá-la, seus dedos se fechando em um punhado de cabelo, mas ela se soltou, deixando uma mecha cabelo desgrenhado entrelaçado entre seus dedos. Estourando pela porta, ela fugiu para o quintal enquanto o veneno pulsava em suas veias.

Uma batida de passos. A visão turva de Ayleth viu botas cruzarem sua linha de visão enquanto Terryn corria em busca de sua presa. Ela deixou sua testa afundar no chão e perdeu a consciência.

CAPÍTULO 18

Alguém a agarrou pelos antebraços e a rolou. Um braço deslizou sob seus ombros e a levantou. Em uma névoa semiconsciente, Ayleth tentou responder, tentou reagir. Seus músculos se contraíram, suas mãos se agitaram, desesperadas para agarrar algo, qualquer coisa.

Um breve instante de ausência de peso, então ela pousou com força. Seus dedos se apertaram por reflexo em torno de um punhado de tecido e, embora se sentisse fraca como um gatinho, puxou com força. Algo se moveu em resposta, e seus sentidos lentamente retornando sentiram o calor de um corpo sólido sobre o dela e a respiração em seu rosto.

Com um esforço de extrema vontade, ela forçou as pálpebras a se abrirem e se viu olhando para um par de olhos gelados a poucos centímetros dos dela. Ambas as mãos agarraram a frente do colete do Venador Terry, puxando-o para baixo sobre ela, onde estava deitada.

— Me solte, Venatrix. — A voz dele retumbou baixo em seu ouvido, marcada pelo perigo.

Por um instante, ela tentou recusar, resistir. Seus dedos apertaram seu aperto, mas o esforço exigido era muito grande. Um zumbido doloroso em seu ouvido parecia penetrar dentro dela, enfraquecendo não apenas seu corpo, mas também seu espírito.

Com um suspiro, ela o soltou e caiu para trás. Terry se endireitou e se afastou, então estendeu a mão para ajustar algo sobre sua cabeça. O zumbido aumentou e Ayleth, estremecendo, ergueu o olhar pesado e viu a proteção de ferro de Oma Githa ainda pendurada no teto acima dela. Seu coração se elevou

com a esperança de que Terryyn o estivesse derrubando, desmantelando, para que o feitiço de baixa magia se quebrassem.

Em vez disso, ele recuou. Seu olhar se moveu da ala para ela e de volta quando ele percebeu o que era.

— Pp-por favor. — Arfou Ayleth. Seu rosto era uma máscara sem nenhum traço de compaixão. Ele estava ou não estava aqui para ajudá-la? Ela fechou os olhos. O esforço necessário para ficar acordada era demais. A dor rastejou por seus sentidos: dor na garganta onde a lâmina cortou sua pele, e, pior ainda, a dor de uma maldição tentando penetrar em sua alma.

Seus dentes cerrados em um rosnado vicioso, rosnando. Ela tentou se sentar, mas não conseguiu. Com um sobressalto, ela voltou à plena vigília apenas para descobrir que Terryyn havia amarrado suas mãos e pés na cama. Ela ergueu a cabeça o máximo que pôde e olhou para baixo, onde ele estava agachado aos pés da cama, prendendo a última corda.

— O que você está fazendo? — As palavras rasgaram seus dentes cerrados.

Terryyn encontrou seu olhar enquanto ele apertava seu último nó. — Certificando-me de que você fique deitada.

— Me deixe ir. — O medo pulsou em sua garganta. Ayleth lutou contra as amarras, o que não deveria ser nada para a força de Laranta. Mas Laranta, embora freneticamente ativa em sua alma, não conseguia encontrar uma maneira de superar o feitiço de proteção de ferro. — Me deixe levantar! O... a mulher tomada pela sombra... nós temos que... Assombrados, droga! — Fortes pontadas de dor percorreram cada centímetro de seu corpo.

— Quanto mais você lutar, mais você se machucará. — Terryyn se levantou, pairando alto sobre ela, sua cabeça e ombros curvados para evitar bater nas vigas do teto. — A Bruxa do Ardor pegou você com uma maldição,

e ainda está passando. Parece um ataque básico para mim, mas não tenho certeza. Pode ser uma compulsão. Ela ainda poderia chamá-la para o jogo, assumir o controle de você, deformar seu corpo.

Ayleth respirou fundo várias vezes pelas narinas. A Bruxa do Ardor. Bruxa do Ardor! Aquela era a Bruxa do Ardor que ela acabara de enfrentar? Essa era a Bruxa do Ardor quem tinha... quem tinha...

Virando a cabeça para o lado, Ayleth olhou para dentro da cabana, procurando... ela não tinha certeza do quê. Só quando seus olhos pousaram na mesa ela percebeu. Suas armas se foram, espalhadas pelo chão. Em seu lugar, a mesa sustentava um cadáver envolto em um cobertor. Dois pés enormes e nodosos se projetavam da extremidade. Incontáveis manchas de sangue ensopavam as fibras retorcidas.

Ela me disse que eu morreria no dia em que a jovem venatrix viesse me visitar. A voz da sebe flutuou de volta na memória de Ayleth.

— Ela ia morrer hoje. — Sussurrou Ayleth. — O dia em que ela me conheceu...

Terryn agarrou uma cadeira, colocou-a entre a cama e a mesa e se sentou, bloqueando sua visão da mulher morta. Três linhas vermelhas de onde a Bruxa do Ardor o havia arranhado marcavam sua já marcada bochecha direita. Ele apoiou os cotovelos nos joelhos, inclinando a cabeça para olhar para ela, os olhos frios e encobertos. Ele não disse nada por um longo tempo, apenas a estudou, sua expressão ilegível.

Por fim, ele disse: — O que a Bruxa de Restrição te disse?

Seu cérebro estava tão entorpecido. Os lábios de Ayleth racharam quando ela abriu a boca. Em vez de contar sua história, ela só conseguiu resmungar: — Água?

Ele hesitou por um longo momento, observando-a de perto. Então, como se estivesse chegando ao fim de algum debate interno silencioso, ele acenou com a cabeça, levantou-se e saiu de sua linha de visão. Ele voltou um momento depois e, estendendo uma grande mão, pegou Ayleth pela nuca. Com surpreendente gentileza, ele a ergueu alto o suficiente para que ela pudesse tomar um gole da xícara que ele segurava em seus lábios. Seus braços ainda estavam amarrados, mas ela conseguiu se equilibrar nos cotovelos e bebeu agradecida.

No momento em que ela esvaziou o copo, toda sua energia parecia ter fugido dela. Ela se deitou de novo, estremecendo ao olhar para Terryn. Há quanto tempo ela estava inconsciente? Há quanto tempo ele estava bancando a babá para ela? A julgar pela luz fraca que entrava pelas longas rachaduras na porta, o dia estava bem avançado ao anoitecer. Ela pode ter ficado aqui por horas.

— Tudo bem, Venatrix. — Terryn disse, colocando de lado a xícara. — Diga-me por que você está aqui. Diga-me o que você descobriu com a Bruxa de Restrição.

Hesitante, Ayleth relatou suas recentes aventuras. A conversa dela com Madre Vesta, com Jerlo. A história da criança com visão e de sua mãe, e sua conexão com Oma Githa. Ela suspeitou que não contou tudo, não desenhou claramente as conexões necessárias dentro de sua própria história. Sua cabeça estava muito dormente, seu corpo muito perturbado pela dor.

Terryn não disse nada durante todo o tempo em que falou, exceto por uma pergunta aqui ou ali, quando suas palavras eram muito confusas para fazer sentido. Quando ela finalmente terminou, ele apoiou o cotovelo no joelho, segurando o queixo com a mão, olhando para algum espaço vazio sobre a cama, a testa franzida em uma carranca.

Agora era a vez de Ayleth observá-lo. A cicatriz em sua bochecha parecia se destacar totalmente, a pele enrugada vermelha contra sua pele escura. Com essa iluminação, parecia mais feia do que antes.

— Por que... Por quê você está aqui? — ela exigiu. — Por que você não está atrás da bruxa? Ou você já a pegou?

Uma estranha expressão passou pelo rosto de Terryn. Então ele balançou a cabeça rapidamente. — Você foi ferida. E amaldiçoada. Eu parei para... para fazer certo... — Outra expressão que Ayleth não conseguiu nomear brilhou em seus olhos. Era dor? Ele desviou o olhar, inclinando a cabeça estranhamente.

Ayleth abriu a boca para castigá-lo. Como ele poderia deixar aquela assassina tomada pela sombra fugir? Ela cerrou os dentes, querendo gritar de frustração, e ainda assim... ela preferia que ele a deixasse amaldiçoada no chão da cabana?

— Como você chegou aqui? — ela perguntou em vez disso, percebendo de repente o quão estranho era. A última vez que ela viu Terryn, ele estava cavalgando para o sul com Venador Kephan, os dois indo para algum destino secreto. — O que aconteceu com a sua investigação?

Terryn encolheu os ombros com desdém. — Isso provou ser um beco sem saída. Venador du Tam e eu estávamos cavalgando para nos juntar a você, mas ele foi chamado para outra trilha. Continuei para Hollen, e a Bruxa do Ardor me trouxe até aqui. Eu encontrei um fio de maldição ainda ativo perto do corpo de Jerlo du Bucheron, e...

Os olhos de Ayleth brilharam para encontrar os dele. — O corpo dele? Jerlo está morto? Ele estava vivo apenas por último... Diga-me o que você encontrou.

— Eu vou te dizer se você parar de puxar suas amarras. Fique quieta.

Uma sacudida de raiva quase a fez puxar as cordas com ainda mais força. Mas, na verdade, a cabana estava girando lentamente ao seu redor, e ela sentiu a escuridão se infiltrando nas bordas. Ela fez uma careta para o venador, mas aquiesceu o suficiente para recostar a cabeça no colchão de palha.

Terryn esperou para ter certeza de que estava realmente resolvida. Então ele contou a ela como encontrara o corpo de Jerlo e o monstro horrível em que seu boi havia se transformado. Enquanto ele descrevia o horror da cena, o estômago de Ayleth se revirou. Parecia impossível, de alguma forma, que o homem com quem ela falara na noite anterior pudesse ter tido tal destino.

— Mas por que? — ela sussurrou finalmente. — Por que a Bruxa do Ardor teria como alvo Jerlo? Como ela se conecta com tudo isso?

— Diga você. — Terryn respondeu. — Ela disse alguma coisa? Durante seu encontro, antes de eu chegar aqui.

Ayleth lutou para se lembrar. O terrível zumbido da barreira de ferro atingiu sua cabeça e ela estremeceu. — Eu não consigo pensar. — Ela disse, olhando para o estranho lançador de feitiço de baixa magia. — Derrube essa coisa. Dói e está bloqueando minha sombra.

— Eu sei. — disse Terryn. — Parece que esta Bruxa de Restrição tinha algum talento. Ela criou um feitiço refinado especificamente para afetar seu Feral. Posso ouvir, mas não me toca. Nem afetou a Bruxa do Ardor, aparentemente.

— Bem, isso me afeta. Então, acabe com a maldita coisa do Assombrados, certo?

Terryn balançou a cabeça. — Eu acho que não. — Ele se recostou na cadeira. — Não até que você me diga exatamente como você está conectada aos Diabos Carmesins.

Ayleth olhou para ele. O zumbido da ala de ferro pareceu se intensificar, dolorido em seu ouvido. — O que... o que você está...?

— Duas vezes agora. — Ele disse, seus olhos perfurando os dela. — Duas vezes você esteve à mercê dos Demônios de Odile. Você deveria ter morrido duas vezes. Mas aqui está você.

Ayleth abanou a cabeça. — Você está louco, du Balafre. Esta estava tentar me matar. Você a viu. Ela tinha uma adaga na minha garganta!

Terryn saltou de seu assento, curvando-se sobre Ayleth, seus dentes brilhando brancos em seu rosto moreno. — Se Ylaire di Jocosa quisesse te matar, você estaria morta. — Ele rosnou. — Então, eu pergunto de novo, Venatrix, qual é a sua conexão com Terrível Odile e seus Demônios? Quem é você realmente?

A memória voltou para ela do terrível momento em que foi esmagada aos pés da bruxa, sua cabeça presa e violentamente puxada para trás. A faca estava em sua garganta, o sangue escorrendo pelo gume.

Por que a bruxa parou? Por que ela não abriu o pescoço de sua presa?

Eu conheço seu rosto, mas não te conheço...

Ayleth fechou os olhos com força, mergulhando na escuridão de sua mente. Mas ali o zumbido do feitiço de proteção de ferro era muito penetrante e, além desse zumbido, outra coisa... algo poderoso... alguma magia que ela reconheceu...

A magia de Hollis...

Os olhos de Ayleth se abriram. Ela olhou para o rosto de Terryn e encontrou seu olhar, viu o brilho se contorcendo de sua sombra nas profundidades de suas pupilas. Ela cerrou os punhos, todos os músculos de seu corpo ansiando pela onda de poder da sombra, poder o suficiente para rasgar essas amarras, para lançar o venador através da sala.

— Eu sou Ayleth, Venatrix di Ferosa. — ela disse entre os dentes. — Fui treinada por minha senhora, Hollis di Theldry, no Posto Avançado Gillanluòc em Drauval Borough. Sou uma filha leal da Ordem de Santo Evander, devotada à caça, devotada à vontade de nossa Deusa. Isso é quem eu sou, isso é quem eu tenho sido. Isso é quem eu sempre serei. Então, desamarre essas cordas e me deixe fazer meu trabalho!

Terryn se afastou da cama, seu rosto caindo nas sombras. — Você não vai a lugar nenhum. — Ele disse, tirando seu escorpião do coldre.

Ele ia atirar nela? Ayleth rugiu e puxou suas amarras, apenas para uma pontada de dor ir de sua cabeça, sua espinha, até a planta dos pés. A proteção de ferro sobre sua cabeça zumbia e as ferraduras se retorciam suavemente em seus muitos fios suspensos. O suor gotejava na testa de Ayleth e ela ofegava, seus dedos se curvando, relaxando e curvando novamente.

Terryn arrancou um dardo de sua aljava e o carregou no escorpião, sem tirar os olhos de Ayleth. — Você vai ficar aqui. — disse ele, com a voz tão baixa que ela se perguntou se ele falava consigo mesmo e não com ela, sem se importar se ela o ouvia ou não. — Onde você não pode causar problemas. Voltarei para buscá-la quando esta caçada terminar. Então vamos chegar ao fundo disso.

— Não. Não, du Balafre, não! — Ayleth balançou a cabeça freneticamente e seu cabelo, solto de sua longa trança, agarrou-se ao rosto úmido. — Deixe-me levantar. Deixe-me ir com você. Você não pode caçá-la sozinho! Você precisa de mim. E a garota, Nilly. E Fiola du Bucheron. Elas ainda estão lá fora! Fiola matou Nane. Ela vai matar você também!

Mas Terryn já estava na porta. Ela poderia muito bem estar gritando com um surdo. Ele olhou para ela uma vez, a luz da sombra transformando seus olhos em duas brasas pontiagudas misteriosas.

— Nós vamos chegar ao fundo disso. — Ele disse novamente.

No momento seguinte, ele estava fora da porta, batendo-a com força atrás de si.

CAPÍTULO 19

— Terryn! Terryn! — Ayleth gritou. Seus dedos retalharam o colchão ao seu alcance. Palha mofada caiu no chão, mas as amarras em seus pulsos se mantiveram firmes.

— Assombrados, maldito seja, du Balafre! — ela rugiu. — Assombrados levem e condenem você ao esquecimento!

Ela desabou no colchão, olhando para as vigas acima, olhando para as curvas estranhas daquela ala de ferro. A luz do dia tinha quase desaparecido completamente lá fora, e a cabana caiu na escuridão. O brilho remanescente de uma pequena fogueira na lareira iluminava um canto, não o suficiente para oferecer muito auxílio visual. Ayleth tentou mudar para a visão das sombras, mas com Laranta presa atrás da proteção, sua visão estava turva e desconfortável, e ela logo mudou de volta para sua visão mortal.

O que ela poderia fazer? Suas escolhas eram limitadas o suficiente. Ela poderia apenas ficar aqui e esperar que Terryn voltasse. Deusa acima, mas ela estava cansada! Não seria tão horrível fechar os olhos e simplesmente adormecer.

Mas isso não era uma opção. A Bruxa do Ardor estava lá fora, e o assassino de Nane. E a criança. Nilly. A menininha inata.

Se Terryn a encontrasse, o que ele faria?

Seu dever, é claro. Ele era Terryn du Balafre, protegido do Venador Dominus. O evanderiano perfeito, o venador ideal, devoto em seu serviço à Deusa e seu santo.

Se ele encontrasse Nilly du Bucheron, ele a mataria. Para salvar sua alma.

A respiração de Ayleth estremeceu em sua garganta. Ela poderia ficar aqui, fora da luta, fora da caça. Ela não precisava se jogar nessa confusão. Não foi sua culpa se seu companheiro venador a amarrou a uma cama e a deixou presa sob o feitiço de uma Bruxa de Restrição. Ela poderia deixar o que quer que fosse acontecer fora de sua vista. Deixe que outros realizem essas ações sagradas.

Ela fechou os olhos. E ela viu aquele rostinho olhando para ela por entre as largas folhas de samambaia.

— Eu não vou deixar. — Ela sussurrou.

Talvez ela não fosse tão devotada como sempre acreditou.

Talvez ela não tenha sido feita para ser uma venatrix na Ordem de Santo Evander.

Talvez ela fosse uma maldita herege dos Assombrados.

Mas, pelos três santos nomes da Deusa, ela não deixaria ninguém queimar aquela garotinha viva!

Sua mão direita relaxou, ficando o mais mole e sem vida possível. Então, lentamente, muito lentamente, ela começou a se torcer. As fibras da corda penetraram em sua carne, mas ela cerrou os dentes e continuou girando, girando para frente e para trás muito suavemente. Os ossos de sua mão se esmagaram, a pele se rasgou e começou a sangrar. Ainda assim, ela girou e puxou.

Sua mão se soltou. Com um grito triunfante, Ayleth estendeu a mão e rasgou o nó que prendia sua mão esquerda. Era duro e bem amarrado, e ela não conseguia soltá-lo com uma mão. Em sua urgência frenética, seus dedos entorpecidos e sangrando se recusaram a trabalhar para ela.

— Acalme-se. Acalme-se. — disse a si mesma, recostando-se e fechando os olhos, obrigando-se a respirar várias vezes. — Acalme-se. Você consegue

fazer isso. — Ela abriu os olhos e rolou ligeiramente para obter um ângulo melhor do nó.

A porta da cabana se abriu. Ayleth ergueu os olhos. Seu coração disparou até a garganta com tanta força que quase engasgou.

Nilly du Bucheron estava parada na escuridão da noite que caía rapidamente, sua mão ainda no trinco da porta, seus olhos arregalados piscando lentamente enquanto ela olhava ao redor da sala. Seu olhar pousou em Ayleth e um gemido escapou de seus lábios trêmulos.

— *Sangue com sangue.* — ela disse em uma voz sussurrante. — *Ossos com ossos.*

Ayleth remexeu novamente nas amarras, os dedos ineficazes contra os nós de Terryn. O medo saltou em suas veias quando a criança deu um passo para dentro da cabana. Medo do que exatamente, ela não podia dizer, mas o medo mais palpável que ela já tinha experimentado.

— *Sangue com sangue.* — Nilly disse novamente. — *Ossos com ossos.*

A ala de ferro. Quando a garota deu mais um passo, Ayleth se retorceu na cama, com as pernas e a mão ainda amarradas, mas o braço direito livre. Ela olhou para a proteção suspensa sobre sua cabeça. Ela poderia alcançá-la?

— *Sangue com sangue. Ossos com ossos.* — A garota deu um terceiro passo para dentro da cabana. Seus pés estavam descalços, suas roupas esfarrapadas. Cabelo loiro espalhado sobre seu rosto redondo. — *A Rainha se levantará para reivindicar seus próprios.*

Ayleth esticou o braço. As pontas de seus dedos roçaram na ferradura pendurada mais abaixo. A mordida do ferro a fez recuar, assobiando bruscamente. Dentro dela, Laranta uivou. Mas ela poderia alcançá-la... se ela se esticasse um pouco mais alto...

— *Sangue com sangue.* — Nilly se aproximou do pé da cama. A luz da sombra em seus olhos a banhava em uma auréola cor de jade. — *Ossos com ossos.*
— Ela estendeu uma mão pequena.

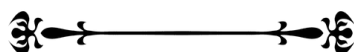
Ayleth se lançou o mais alto que pôde e agarrou a ferradura inferior. A dor percorreu sua mão, desceu pelo braço e foi direto para a alma, mas ela fechou os dedos com força e, com um grunhido, arrancou a ferradura das vigas, quebrando os fios. Todo o sortimento girou e retiniu, perdendo o equilíbrio. Três ferraduras caíram, uma delas por pouco não acertou sua cabeça ao pousar no colchão de palha e quicar no chão. O zumbido do feitiço da Bruxa de Restrição transformou-se em um guincho semelhante ao de uma lâmina e Ayleth gritou em resposta.

— *Laranta, dê-me sua força!* — ela gritou.

Sua sombra avançou em sua mente com um rugido. Ayleth se chocou contra os restos estilhaçados da barreira de ferro, e ela se espalhou até nada, desaparecendo em uma última explosão de som de divisão do espírito. O poder bruto percorreu os membros de Ayleth. Ela soltou o braço esquerdo das amarras e sentou-se ereta na cama. Uma perna se soltou e ela se abaixou para arrancar a última de suas amarras.

— *Sangue com sangue.* — disse Nilly e pegou Ayleth pela mão. — *Ossos com ossos.*

Ayleth gritou...



Ela subia uma escada estreita. Inúmeros degraus dando voltas e mais voltas, cada vez mais altas, enquanto as paredes se fechavam em torno dela. Não havia janelas, não

havia portas. Ela aperta, desesperada para chegar ao topo, desesperada para escapar das paredes esmagadoras.

Por fim, mais à frente, uma porta! Seu coração salta de alívio. Cerrando o queixo, ela sobe a última curva da escada, seus ombros raspando na pedra até que ela irrompe pela abertura e fica em um espaço aberto.

O ar parece rarefeito aqui. Cinco pilares de pedra a cercam, em forma de quatro dedos curvos e um polegar curvado, todos com pontas em forma de garras. Além desses pilares, ela vê o céu aberto e, muito abaixo, a extensão infinita de uma floresta escura e morta. O vento frio chicoteia as pedras, ferindo seu rosto, agarrando e bagunçando seus cabelos longos e soltos.

Uma figura está entre dois dos pilares. Ao vê-lo, uma pedra cai em seu estômago. Ela o conhece, ou acredita que sim, mas quando sua boca se abre para gritar seu nome, ela não consegue se lembrar, e apenas o silêncio emerge de seus lábios.

A figura começa como se ele a ouvisse. Ele vira. Sombras encobrem seu rosto, mas seu coração dá um salto, mesmo assim. Ela o conhece. Ela confia nele. Ela quer ir com ele.

A luz das estrelas cintila no fio da espada em sua mão direita.

— Eu sinto muito. — Ele diz, dando três passos largos em direção a ela.

Ela tenta falar novamente, mas não consegue. E de repente, terrivelmente, sua cabeça queima como se estivesse envolta em uma faixa de ferro queimado. A dor atravessa seu crânio, e ela vê seu cabelo esvoaçante pegar fogo, resplandecendo em fios de brasa, cinzas e fumaça.

O homem se aproxima. A luz que flui de sua própria cabeça em chamas incide sobre o rosto dele, e ela o vê claramente.

O Príncipe Gerard olha para ela, seu rosto marcado pela tristeza.

— Sinto muito, Ayleth. — diz ele.

Então ele balança sua espada e, com um único golpe, arranca a cabeça dela de seus ombros.

...e seu queixo bateu no chão primeiro, o resto de seu corpo desabou com força ao redor dela.

Por algumas respirações, ela simplesmente ficou lá, atordoadada.

Então suas mãos agarraram sua garganta. Seu coração batia descontroladamente, e ela sentiu o fluxo de sangue jorrando sobre seus dedos. Mas não. Não, não havia sangue. Apenas as bandagens sobre o ferimento de adaga da bruxa. Suas mãos trêmulas tocaram seu queixo, suas bochechas, correram lentamente por seu pescoço e bandagens. Com um suspiro doloroso, ela respirou fundo doce.

Então ela rosnou e se apoiou nos cotovelos.

Sombra! Sombra, sombra! Laranta latiu dentro de sua cabeça e Ayleth se virou, com os dentes arreganhados, para ver Nilly se afastando lentamente em direção à porta. A luz de jade, luz de uma sombra de vidente, girava no centro de suas pupilas, brilhante e brilhante com poder ascendente.

— *Sangue com sangue. Osso com osso.* — Ela disse naquela voz multitudinária que não pertencia a Nilly de forma alguma. — *A Rainha se levantará para reivindicar os seus. Sangue com sangue. Osso com osso. A Rainha se levantará para reivindicar os seus. Sangue com san...*

— Pare! — Ayleth gritou. Com grande esforço, puxou os joelhos para baixo e, valendo-se do poder de Laranta, pôs-se de pé. — Pare por favor! Você tem que me dizer! Me conte o resto! Que lugar foi esse? Por que eu estava lá? Por que o príncipe...?

Ela não entendeu. Nada sobre aquela visão fazia sentido para ela. Mas parecia tão real, tão agonizantemente real!

Nilly balançou a cabeça. Seu pequeno corpo estava emoldurado na porta, e ainda assim seus lábios se moviam, nunca parando enquanto as palavras derramavam: — *Sangue com sangue. Osso com osso. A Rainha se levantará para reivindicar os seus. Sangue com sangue. Osso com osso.*

— Espere! — Ayleth deu um passo em frente. A criança gritou com sua própria voz e saltou da cabana para o quintal escuro. Ela partiria noite adentro em outro momento, para a floresta onde Terryn rondava. Se Ayleth não a pegasse, não a escondesse, ela acabaria...

— Não vá! — Ayleth saltou para a porta que dava para o pátio.

Algo desceu da escuridão acima.

Laranta rugiu na vanguarda da mente de Ayleth, explodindo de poder e percepção. Ayleth, cedendo aos impulsos de sua sombra, se jogou no chão, rolando. Um grande corpo emplumado foi arremessado para o lugar onde ela havia estado. Um bico em forma de lâmina atingiu o chão logo após a porta da cabana.

Ayleth se levantou e viu o corvo. Mais do que isso, sua visão sombria contemplou o vórtice giratório de espíritos no centro daquela pequena hoste. Duas almas: sombra e humana.

O corvo arrancou o bico do chão, emitindo um grito rouco e totalmente anormal que rasgou suas orelhas. Atrás de Ayleth, na escuridão, Nilly gritou.

O corvo fixou um único olho no rosto de Ayleth. Com um poderoso pulso de asas, ele se ergueu no ar e mergulhou direto em seus olhos. Ayleth ergueu o braço esquerdo bem a tempo e as garras rasgaram a ponta de ferro. As garras se esforçaram para contorná-lo, e o bico estalou a poucos centímetros de seu nariz, lançando-se como se fosse empalá-la através do olho, direto para seu cérebro. Embora o corpo fosse pequeno, a força era muito maior do que

qualquer coisa que Ayleth havia preparado para enfrentar. A magia de Laranta queimava dentro dela, mas ela lutou para conter essa força primitiva.

Um espírito humano olhava através dos olhos do corvo, selvagem com ódio implacável.

CAPÍTULO 20

Terryrn rangeu os dentes enquanto se apressava pela floresta, sua mente flagelando seu coração com autocensura. Por que ele parou? Por que ele não ficou na trilha da Bruxa do Ardor? Ele a pastoreou com veneno e, embora não fosse o suficiente para derrubá-la, certamente a desaceleraria, inibindo sua capacidade de controlar sua sombra. Ele deveria ter armado seu escorpião com a Morte Gentil e deixado di Ferosa onde ela estava deitada no chão da cabana.

Então, por que ele não deu nem cinquenta passos da cabana antes de se virar e correr de volta para se ajoelhar ao lado da venatrix caída, seus dedos tremendo ao sentir o pulso?

Ele rosnou, frustrado, furioso. Os servos de Evander deveriam trabalhar sozinhos. Ele sempre pensou assim. A prática de irmãos e irmãs de caça era superestimada. No campo, preocupar-se com o bem-estar de um companheiro caçador era o mesmo que se distrair da tarefa em mãos. Se ele apenas tivesse continuado, ele poderia ter capturado a bruxa, poderia já ter encerrado sua existência neste mundo.

Agora seu rastro era antigo e o dia estava passando rápido. Terryrn estalou os dedos, segurando um punhado de luz brilhante para iluminar as sombras diante dele. Os sinais da fuga da bruxa eram claros o suficiente, ela cambaleou e caiu várias vezes enquanto o veneno da paralisia percorria seus membros. Mas não seria o suficiente para dominá-la completamente.

Sua trilha o levou em direção à Grande Barreira. Ela pretendia cruzar de volta? De alguma forma, Terryrn duvidava disso. Depois de escapar de Floresta da Bruxa, nenhuma alma sã voltaria voluntariamente.

É ela. É ela.

O pensamento pulsou no fundo de seu cérebro, inexplicável e ainda assim inegável.

É ela. E ela tem você. Ela tem um controle sobre você

— Não! — Terryn rosnou. Ele cambaleou até parar e de repente encostou-se a uma árvore. Ele fechou os olhos, a cabeça girando para o lado. A cicatriz em sua bochecha parecia apertar, queimar. — Não... ela não me tem. Não mais.

Memórias gravadas em seu cérebro. Uma batalha. Sangue escorrendo pelas paredes de pedra. Cadáveres marchando para enfrentar os vivos. Homens e mulheres capturados, deformados, transformados em monstros inumanos.

Um rei com armadura dourada.

Quando o derramamento de sangue acabou, quando todas as maldições foram lançadas, quando todos os espíritos dos mortos desapareceram deste mundo, Terryn se agachou escondido sob os cadáveres, tremendo para que ninguém o encontrasse. Mas alguém tinha. Fendrel.

Fendrel o havia retirado de entre os cadáveres. Fendrel pegou sua adaga e...

Terryn agarrou-se à árvore, mas não conseguiu impedir que seus joelhos se dobrassem. Eles atingiram o solo com tanta força que seus ossos estremeceram, e ele apenas evitou cair de cara. A dor atravessou sua bochecha. Mas era apenas uma memória, nada além de uma memória.

Fendrel o salvou. Fendrel purgou seu sangue, esculpiu o símbolo de Ylaire em sua bochecha. Ele estava com cicatrizes, sim, mas não estava mais amaldiçoado. A bruxa não podia mais obrigá-lo, não podia mais distorcer seu corpo e sua vontade. Ele era...

Um grito rasgou a floresta.

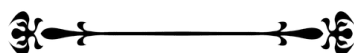
Terryn se endireitou bruscamente, virando-se para olhar por cima do ombro, na direção em que acabava de chegar. Seus olhos se arregalaram, olhando para as sombras. Quando ficou tão escuro? Há quanto tempo ele se ajoelha aqui embaixo desta árvore? Onde... onde estava...?

Outro grito. Seguido por um rugido estridente, totalmente antinatural. A voz de uma sombra.

— Droga! — Terryn rosnou, pondo-se de pé. — Droga, droga! — Ele deu dois passos correndo antes de quase cair com uma onda de tontura. Seu rosto teve um espasmo e ele esfregou a cicatriz. Sua mão saiu manchada de sangue. *Isso mesmo*, ele lembrou. A Bruxa do Ardor o havia arranhado durante o encontro na casa de campo. Ela o arranhou e...

Seus ouvidos se partiram quando outro grito horrível rasgou a floresta.

Terryn saiu correndo, dirigindo-se ao cabana. A cada passo, a dor em seu rosto diminuía até que ele quase se esquecesse completamente.



Laranta rugiu. O som saiu da boca de Ayleth e ela se lançou para agarrar o corvo pela garganta. Ele cortou sua mão, rasgando-a, então deu outra estocada em seu rosto. A ponta do bico tirou um mero sopro de seu globo ocular, cortando seus cílios.

O poder puro e não suprimido pulsava do núcleo do corvo, envolvendo Ayleth em uma névoa de magia Feral. O corpo do corvo se esforçou para explodir com a magnitude da força dentro dele.

Envolveu as garras no braço de Ayleth. Com um rápido bater de asas, ele decolou, levantando Ayleth do chão. Ela gritou, não de terror, mas de surpresa,

suas pernas chutando o ar inutilmente atrás dela. O pássaro subiu cada vez mais, por cima das árvores. Se a carregasse muito alto e a deixasse cair, ela poderia não sobreviver à queda. Laranta não estava ascendente o suficiente para oferecer proteção completa.

Com uma torção e um rasgo de garras cruéis pela manga e pelo braço, Ayleth se libertou no momento em que o corvo rompeu a folhagem mais alta da floresta da orla. Ela caiu com força, mergulhando para trás entre galhos e folhas, adicionando mais arranhões e cortes à sua coleção. Um braço agitado conseguiu se segurar em um galho e ela ficou pendurada a dez metros no ar. A qualquer segundo, ela esperava que aquele bico duro como ferro quebrasse sua cabeça por trás.

— *Laranta, dê-me sua visão!* — gritou ela, mudando totalmente para a visão sombria. Aproveitando a força de sua sombra, ela agarrou o galho com o outro braço e se ergueu. Seus pés ainda balançavam, mas seu aperto era seguro. Ela se contorceu no ar, seus olhos abertos em busca de qualquer lampejo de espírito sombrio.

Uma labareda de magia Feral iluminou o céu, através dos ramos entrelaçados acima de sua cabeça. Os olhos de Ayleth se arregalaram quando o pássaro mergulhou direto em sua direção. Com um suspiro aterrorizado, ela fez a única coisa que ela poderia pensar na fração de um instante que ela teve que decidir: Ela deixou ir.

Sua queda a levou mais rápido do que a abordagem do corvo. Ela bateu nos galhos, invocando a força de Laranta para proteger seus ossos. O chão pareceu subir e bater em seu corpo, tirando o ar de seus pulmões.

O corvo pousou no chão ao lado de seu rosto, apenas uma fração de seu olho. Seu bico cravado na terra tão profundamente que vibrou enquanto tentava se libertar.

Ayleth ofegou por um suspiro que não saiu. Ela não podia esperar. Seus pulmões explodindo com a necessidade de ar, ela forçou seu corpo a se mover. Um braço bateu no chão, pegando o corvo por uma asa batendo. Ele puxou o bico livre e golpeou ela, cortando seu braço, então se lançou em seu rosto. Ayleth lutou para manter o controle, lutou para respirar. Ela levantou um braço para se defender quando o poder da sombra não suprimida a atingiu com fúria.

De repente, uma explosão de som, não o grito de um corvo, mas humano. A voz desesperada de uma mulher clamando em agonia curta e aguda.

Um arrepio percorreu o corpo do corvo, reverberando no braço de Ayleth.

O corvo caiu, pousando em uma pilha de penas e garras, seus olhos redondos de choque e horror. O cabo de uma adaga de osso trêmula projetava-se por entre suas asas.

Arrastando uma respiração para os pulmões, Ayleth se apoiou nos cotovelos. Sua visão sombria brilhando em seus olhos, ela olhou através da clareira da cabana e viu Terryn de pé apenas entre as árvores. Seu braço ainda estava estendido de seu lançamento certo.

— O que é que você fez? — Ayleth respirou fundo. Então ela se endireitou, gritando: — O que você fez?

Uma morte violenta, ele causou uma morte violenta! Novamente! Ajoelhando-se, Ayleth olhou horrorizada para a sombra. A dor de sua morte irradiava dele em uma aura de espírito que era quase cega. Ela estendeu a mão para proteger seu olhar daquele clarão, sabendo que tinha momentos, meros momentos antes que a sombra dentro

daquele hospedeiro moribundo se liberasse, com poderes para procurar um novo corpo.

E havia todos aqueles animais com olhos rasgados em suas gaiolas ao redor da cabana, apenas esperando para serem possuídos.

Ayleth arrancou o tubo Detrudos da bainha. — *Laranta! Me ajude!* — Ela gritou, e soprou o tubo em vida. Sua sombra de lobo saltou para frente em sua mente, e a força bruta fluiu por ela, apoiando cada nota que tocava. A Canção da Vinculação encheu o ar, estendendo a mão para envolver o pássaro agonizante.

Assim que Ayleth tocou as primeiras notas da melodia, a sombra saltou livre de seu corpo hospedeiro. Ela se lançou contra a canção sedutora em uma explosão de magia tão forte que fez Ayleth ofegar e cambalear. Ela quase deixou cair a flauta, quase perdeu a música. Mas Laranta a apoiou por dentro, ela se preparou e continuou a tocar, passando para a primeira variação.

Ela sentiu a abertura do Assombrados. Ansioso por devorar, ansioso por recuperar o que havia perdido. Ela sentiu o caos escuro e agitado lá em cima.

A sombra gritou e se lançou com força redobrada contra o feitiço. Ayleth tocou uma segunda variação da melodia, ligando a sombra rapidamente. Ela precisava mudar para a Canção de Expulsão. Mas primeiro...

Primeiro, ela deveria procurar. Primeiro, ela deveria encontrar Fiola.

— *Ajude-me, Laranta.* — disse ela. — *Existe outro espírito?*

Os sentidos da sombra de Laranta se estenderam, afundando no emaranhado de terror que era o espírito Feral capturado no feitiço da música. Não tinha forma, não tinha substância, apenas rugia de raiva e medo, pulsava tão quente que ameaçava queimar a canção dos Detrudos. Ayleth tocou uma terceira variação, esta mais complexa que a anterior. Ela temia que

seus dedos tropeçassem, perdessem notas ou tocassem um trinado azedo. Mas ela manteve a música.

A visão de Laranta revelou o que ela procurava: um espírito humano enredado na sombra. Uma pequena e brilhante orbe de prata em meio ao rosnado da ira.

— *Fiola.* — Ayleth chamou em espírito, mesmo enquanto seu corpo físico continuava a tocar. — *Fiola, vejo você. Você pode me ouvir?*

O orbe prateado lutou, tentando escapar da armadilha da sombra Feral que o segurava tão rápido. Mas a pobre alma mortal foi totalmente apanhada na força parasitária que a dominou.

Se ela fosse uma bruxa, não haveria como salvá-la. Ayleth jamais poderia desfazer as amarras que soldavam a alma de uma bruxa à sua sombra possessiva. Mas... mas havia uma chance. A baixa magia de Oma Githa havia formado a conexão entre a sombra e o corvo. Pode ser que a alma de Fiola tenha sido atraída para este hospedeiro contra sua vontade.

Nesse caso, ela ainda poderia ser salva.

Mas como? Ayleth teria que tecer mais um nível de complexidade nesta música, misturando os feitiços Vinculação e Expulsão simultaneamente. Suas habilidades já estavam estendidas ao limite, simplesmente segurando esta sombra colérica no lugar. O chamado do Assombrados era intenso. Se ela afrouxasse a Amarração por um momento, ela sabia que a sombra seria imediatamente atraída para o reino de sua origem, arrastando Fiola com ela.

Ayleth moveu as mãos ao longo do tubo, tentando uma variação complexa que mesclaria a Ligação e a Expulsão em uma. Ela podia sentir o formato disso em sua cabeça, quase podia ouvir o que deveria ser. Mas seus dedos vacilaram. Ela não podia tocar assim! Ela não tinha a habilidade, não tinha o treinamento.

A sombra, sentindo sua falta de controle, se jogou contra a Amarração. Quase quebrou, e gritou ao perceber que ter sucesso significaria estar perdido para os Assombrados. O vazio escancarado apareceu mais perto, descendo de sua própria dimensão estranha, ansioso por sua presa. Apenas a canção de Ayleth mantinha a sombra de sua destruição final.

Sua força vacilou. Até Laranta estremeceu dentro dela. Ayleth se desesperou, percebendo que perderia. Ela não podia segurar o espírito mortal, nem um momento a mais...

A música explodiu. Brilhante e brilhante, envolvendo sua própria canção Detrudos, uma segunda canção apareceu. Uma nova melodia, profunda e pulsante, uma melodia que Ayleth nunca tinha ouvido antes. Escovou contra sua música, suavemente no início. Em seguida, apertou-se com força, como o abraço de um amante, e os dois se tornaram um.

Ayleth não abriu os olhos físicos. Fazer isso seria ficar distraída, e ela não podia pagar por isso agora. Todo o seu ser concentrado em manter a Ligação, em manter os dois espíritos neste mundo. Enquanto ela tocava, a nova música lentamente cortou os laços entre aquela sombra contorcida e a orbe prateada que era Fiola. A nova música pegou a alma de Fiola, afastando-a.

Uma voz profunda murmurou, falando de espírito para espírito: — *Está tudo bem. Eu a tenho agora.*

Imediatamente, Ayleth modulou a Ligação para Expulsão. A sombra Feral deu um último grito, desesperadamente agarrando-se a este mundo. Mas não conseguiu pegar nada. O Assombrados puxou, e a sombra girou para cima e para longe, ainda gritando até que os portões para aquele outro reino se fecharam.

Ayleth deixou cair seus Detrudos. O feitiço de Expulsão quebrou em um milhão de pontas puídas, cintilando enquanto murchavam em um instante. Respirando fundo, Ayleth abriu os olhos.

Terryn estava a apenas um braço de distância dela, as pernas apoiadas e a testa brilhando de suor. Ele tocou sua flauta de Detrudos, a canção tocando o espírito, mas silenciosa para os ouvidos mortais. Ayleth, olhando com visão sombria, podia ver como ele segurava suavemente o espírito dividido de Fiola nas linhas de sua estranha melodia.

Ela nunca encontrou ninguém que tocasse flauta como Venador du Balafre.

Antes que a música terminasse, antes que a alma desaparecesse, uma pequena figura saiu das sombras da porta da cabana. Nilly du Bucheron, com a luz da sombra brilhando em seus olhos, correu para a frente, colocando-se entre Terryn e Ayleth. Ela ergueu uma mão, alcançando aquela alma prateada. Ela pairou entre seus dedos e, com os olhos de seu espírito, Ayleth viu o rosto da criança iluminado por um brilho suave como o luar.

— *Mamãe!* — Nilly disse, sua voz uma mistura estranha de espírito e mortalidade. — *Mamãe, não me deixe!*

O espírito respondeu. Sua voz era tão fraca que Ayleth não conseguiu discernir as palavras, mas a garota sim. Duas lágrimas escaparam de seus cílios e caíram de seu queixo. A esfera prateada em sua mão alcançou fios de alma e pegou aquelas gotas antes que caíssem no chão. Segurando-as perto de modo que parecessem dois diamantes brilhantes na visão de Ayleth, o orbe subitamente disparou, subindo por entre as árvores e desaparecendo no céu noturno.

Ayleth inclinou a cabeça para trás, vendo a alma de Fiola disparar cada vez mais alto, como uma estrela cadente disparando para trás. Então ela se foi.

A canção de Terryn enfraqueceu. Ele baixou seus tubos de Detrudos. Com um suspiro estremecido, ele caiu de joelhos.

E Ayleth observou a criança tomada pela sombra ajoelhar-se ao lado do corpo quebrado do corvo, chorando e acariciando suas penas.

CAPÍTULO 21

Ayleth se voltou para Terryn, sua alma pulando de raiva, gratidão e confusão, tudo misturado em uma única emoção dolorosa e sem nome. Ele a deixou presa sob a proteção de ferro. Ele a acusou de conluio com bruxas. Ele a tratou como uma inimiga.

E ele salvou sua vida mais uma vez.

— Porque você fez isso? — ela exigiu, cuspidando as palavras em um sussurro afiado para não chamar a atenção de Nilly. — Por que você... me ajudou?

Não era a pergunta que ela pretendia fazer. Forçou seu caminho de seus lábios e agora pairava no ar entre eles. Ele poderia ter deixado o corvo matá-la, afinal. Ele poderia ter recuado e deixado o monstro resolver o problema da presença dela ali mesmo. Ninguém teria sido mais sábio.

Uma expressão perigosa passou por seu rosto quando ele encontrou os olhos dela. — Eu sou um servo de Santo Evander. — ele respondeu em um grunhido profundo de voz. — Nós cuidamos dos nossos. — Então ele apontou para o corpo do corvo. — Este é o anfitrião? De Fiola du Bucheron?

Ayleth acenou com a cabeça, olhando dele para o pássaro monstruoso e a menina agachada em lágrimas sobre seu corpo.

— Por que você insistiu em salvar a alma dela? — Terryn exigiu. — Ela matou Nane.

— Ela era... ela não era uma bruxa. — Ayleth encolheu os ombros. — Cabe à Deusa julgar os mortos. Nós não.

Ela não falou em voz alta a resposta que estava em sua mente: *Ela estava apenas tentando proteger sua filha. De Nane. De nós.*

Ela não precisava dizer isso. Seus sentidos aumentados pela sombra detectaram a tensão no espírito de Terryn enquanto ele também olhava para a criança e o corvo. Quando ele percebeu quem era essa garota. O que ela era. O que ela carregava dentro dela.

Percebeu o que a lei de Evander exigia de seus servos.

Ayleth deu um passo para o lado de Nilly e se agachou. A garota balançava para frente e para trás sobre o pássaro caído, acariciando suas penas com seus dedinhos e murmurando: — Mamãe! Mama! Mama! — A presença profunda de sua sombra ascendente a envolveu em uma aura de magia.

Estendendo a mão hesitante, Ayleth pousou os dedos de leve no ombro curvado de Nilly. — Nós devemos... Eu devo... — Ela lambeu os lábios secos. Ela deveria embalar o pássaro e levá-lo de volta a Milisendis para dissecação e inspeção.

Em vez disso, ela disse: — Devo enterrar o corpo. Devo cavar uma cova, Nilly?

A garota enxugou o nariz e acenou com a cabeça, as lágrimas ainda caindo pelo rosto redondo macio. Ela se sentou de pernas cruzadas no chão, e Ayleth ergueu o pássaro e o colocou em seu colo. A garota aninhou os restos mortais contra o coração, acariciando a cabeça suavemente.

Ayleth não tinha nada além de sua adaga para cavar no solo, mas isso, combinado com a força de Laranta em suas mãos, deveria ser suficiente. Ela olhou ao redor da clareira da cabana e descobriu um pouco do que poderia ser considerado um jardim próximo. O solo ali seria mais macio. Seu braço ensanguentado protestou, mas ela o ignorou o melhor que pôde e logo conseguiu cavar um buraco fundo o suficiente para um corvo.

Enquanto ela trabalhava, esperava que Terryn protestasse, apontasse todas as maneiras pelas quais ela quebrou o protocolo, para repreendê-la por desperdiçar seu tempo. Mas ele se calou. Quando Ayleth ousou olhar em sua direção, seu olhar estava fixo em Nilly, estudando-a de perto, sua expressão fria e calculista.

Ela estremeceu de dentro para fora.

Quando o túmulo ficou pronto, Ayleth se aproximou de Nilly, com as mãos estendidas. Ela não precisou dizer uma palavra. Nilly entregou-lhe o corvo, mas continuou chorando onde ela estava sentada. Embora Ayleth fizesse sinal para que ela viesse, ela não se juntou a ela ao lado do túmulo. Assim, Ayleth voltou à horta, baixou suavemente o pássaro até seu último local de descanso e colocou terra sobre suas asas. Ela fungou e limpou o rosto antes que uma lágrima pudesse escapar, então alisou o túmulo e o apalpou, determinada a nenhuma raposa ou outros necrófagos da floresta iriam encontrá-lo. Enquanto ela trabalhava, seus lábios murmuravam uma oração que ela tinha ouvido não muito tempo atrás:

— *Que a Mãe te receba, que te chamou, e que os espíritos celestiais te conduzam às Portas da Vida. Que o Coração da Deusa tenha piedade. Que a Alma da Deusa tenha compaixão. Que a Cabeça da Deusa, tenha misericórdia.*

Quando ela terminou, ela ficou alguns momentos em silêncio, simplesmente olhando para o túmulo. Então, com uma última fungada e um breve aceno de cabeça, ela se virou.

Seu coração saltou de surpresa.

Venador Terryn se ajoelhava no chão com Nilly du Bucheron em seu colo, seus braços em volta dela. À luz da lua pálida que se erguia sobre as árvores, Ayleth viu o rosto da pequena Nilly pousado no ombro do venador. As lágrimas mancharam as bochechas da criança, mas não corriam

mais. Seus olhos estavam arregalados, redondos e pacíficos, e uma pequena mão acariciou seu ombro, como se fosse ela quem o confortasse.

Foi a visão mais estranha e horrível.

Ayleth levantou-se lentamente, os pés apoiados na terra sobre o túmulo do pássaro. Sua visão sombria observava a tensão turbulenta na alma de Terryn enquanto ele apoiava sua cabeça contra a de Nilly, sua bochecha marcada pressionada contra seu emaranhado de cabelo. Com um lampejo de luz sombria, seu olhar se moveu para encontrar o de Ayleth.

— Vá em frente. — Ele disse, sua voz baixa e rouca. — Volte para Hollen. Encontre Venador Kephane. Eu vou... Eu te encontro lá em breve.

Ayleth olhou para ele. Ela ouviu suas palavras, mas por um momento não conseguiu responder, nem mesmo respirou.

— Você... não posso. — Ela engasgou.

Seus braços se apertaram ligeiramente ao redor da menina. — Não há mais nada a ser feito.

A mente de Ayleth girou em uma tempestade de pensamentos pela metade, nenhum dos quais poderia se formar completamente. A criança estava condenada aos Assombrados. Amarrada à sua sombra, destinada a segui-la até sua danação final quando seu corpo inevitavelmente cedesse. Hoje, amanhã, ano que vem... ou daqui a sessenta anos. Sempre que acontecesse, ela enfrentaria aquele destino inevitável. Sua única chance era a dor da morte, uma morte violenta o suficiente para permitir a separação daquele maldito espírito inato.

Eles podiam esperar, no entanto. Por que tinha que ser agora? Eles poderiam esperar um pouco, pelo menos alguns anos. Dar tempo a ela. Mas... seria mais fácil matar uma criança mais velha? Um adulto? Alguém que sabia o que estava acontecendo, que lutaria de volta? As sombras videntes

não eram naturalmente violentas, mas quem sabia o que alguém poderia fazer se fosse levada ao desespero? Seria difícil controlá-la agora, enquanto seu hospedeiro era tão pequeno, tão vulnerável.

Mas... mas...

— *Você está pronto para tudo que esse papel exige de você, todas as mortes que você deve lidar em nome da Deusa?*

Essa era a lei de Evander. Este era o ensinamento sagrado, a vontade transcrita do Divino.

— Deusa. — Sussurrou Ayleth, uma prece, um apelo, uma fonte de desespero subindo das profundezas de sua alma. Mas ela não conseguia encontrar palavras em sua língua para expressar sua necessidade. Ela só podia dizer: — Deusa. Deusa...

Terryn a observou. Ele se levantou, erguendo a garota com ele, os bracinhos dela em volta do pescoço dele. Ela tinha adormecido em seu ombro? Sua respiração ficou áspera e irregular, e seus olhos brilharam novamente, como um relâmpago frio.

— Você quer fazer isso sozinha? — Ele demandou. — Você é venatrix o suficiente para ver isso?

Ela tinha visto os Assombrados. Cada vez que os portões se abriam, ela tinha visões daquele horror, daquele caos, daquele abismo esmagador. Ela tinha ouvido o eco das almas atormentadas gritando por dentro.

A dor do fogo era temporária. Os Assombrados eram uma eternidade.

Ela olhou para a garota, dizendo a si mesma que sabia o que era certo. Dizendo a si mesma que tinha vontade de cumprir o propósito da Deusa nesta terra. Dizer a si mesma que a verdadeira compaixão significava infligir dor onde a necessidade ditava.

— Deusa. — Sussurrou Ayleth.

Uma resolução como aço apoderou-se de seu espírito, tão firme, tão agudo, que até Laranta estremeceu. Ela encarou o venador e falou com clareza, sem abaixar a voz: — Não.

Os olhos de Terryyn se estreitaram em fendas. — O que você acha que vai fazer com ela? Você não pode escondê-la. Você não pode mandá-la embora. Não há nenhum lugar onde você possa levá-la onde ela estará segura. Ela carrega seu pior inimigo dentro dela. A morte é sua única esperança de salvação.

— Talvez você tenha razão. — disse Ayleth. Ela flexionou os dedos e a magia da sombra cresceu dentro dela, cada vez mais poder, empurrando os limites da ascendência. O lobo em sua cabeça uivou e Ayleth mostrou os dentes. — Mas eu não vou deixar você levá-la.

Terryyn deu um passo para trás, depois outro. Sua visão sombria viu a magia crescente em sua alma. — Você percebe o que está fazendo, Venatrix di Ferosa?

Ayleth abaixou a cabeça, os punhos cerrados. — Sim.

Ela deu um passo.

Um movimento súbito para a esquerda atraiu sua atenção. Ayleth olhou, quase contra sua vontade, no momento em que uma figura emergia por entre as árvores. Ele usava um capuz vermelho sobre a cabeça e seu braço direito estava levantado, o escorpião apontado para Terryyn.

— Pare aí, du Balafre. — disse Venador Kephan. — Ponha a garota no chão e se afaste. Ninguém precisa se machucar.

CAPÍTULO 22

Era a Morte Gentil. De seu ângulo, Ayleth só podia ver a pena preta no dardo que Kephan mirou no rosto de Terryn.

Terryn olhou para Kephan, seus olhos se arregalando. Ele abriu a boca, mas não conseguiu falar, a surpresa roubando suas palavras. Ele também deve ter visto as penas pretas no dardo, pois seus braços se apertaram ao redor da garota. Ela ergueu a cabeça do ombro dele e olhou em volta para o grupo deles parado no quintal.

— O que... o que você está fazendo? — Perguntou Ayleth. Embora apenas um instante antes ela estivesse preparada para atacar Terryn com toda a força que Laranta tinha a oferecer, seu coração deu um salto ao ver aquele dardo apontado entre seus olhos. Uma pequena picada e Terryn morreria.

Kephan apenas repetiu: — Ponha a garota no chão. Cuidadosamente. E recue.

A confusão clamava na cabeça de Ayleth, deixando-a tonta. Kephan realmente mataria Terryn para salvar a garota? Mas por que? Ele se tornou herege? Ou ele estava...?

Terryn se virou de lado, inclinando-se para que seu ombro e braço protegessem Nilly da Morte Gentil. Mas ele não a colocou no chão.

— Então, o quê, Kephan? — ele disse, sua voz um grunhido áspero. — Você está do lado dela então? Vocês dois estão se voltando contra os ensinamentos de nosso santo?

Com a acusação de Terryn, o olhar de Kephan se voltou para Ayleth. Ele a viu se preparar, subindo nas pontas dos pés em preparação para uma

estocada. Balançando seu escorpião, ele treinou a Morte Gentil nela a seguir. — Afaste-se, di Ferosa. — disse ele, indicando com um movimento de cabeça que ela deveria se mover para ficar ao lado de Terryn. — Eu não quero que ninguém se machuque. Tudo que eu quero é a criança.

Com as unhas cravadas nas palmas das mãos, Ayleth se moveu com cuidado, aproximou-se de Terryn, embora ainda não estivesse ao alcance do braço. Terryn ajustou seu próprio ângulo, tentando manter Nilly longe de Ayleth ao mesmo tempo que a protegia da mira de Kephan. Seus dentes brilharam em uma careta.

— Foi você, não foi, Kephan. — ele rosnou. — Foi você quem fechou a Grande Barreira depois que Nane morreu. E você o matou também? Por causa de... do que ele pretendia com esta criança?

— Eu nunca machucaria Nane. — Kephan respondeu, cada palavra firme e tensa de seus lábios. — E eu nunca fui ao... Eu nunca vi a... — Ele engasgou, as cordas de sua garganta se esticaram. Seu rosto se contorceu em um lampejo de dor e, por um instante, seu braço de escorpião caiu. A um passo rápido de Terryn, ele o puxou de volta. — Eu nunca vi a Grande Barreira!

Laranta rosnou de repente na cabeça de Ayleth. *Errado*, ela disse. *Errado, errado, errado*.

A consciência de sua sombra aguçou suas próprias percepções. Ayleth olhou mais de perto para Kephan, olhou além de sua visão mortal para o mundo espiritual. Ela viu a alma de Kephan, retorcida, contorcendo-se em lampejos de dor. Sua sombra estava ascendente, convocada para a caça, mas não havia nenhum feitiço de canção vinculando-a. Em vez disso, um fio estranho e errado de magia negra envolveu as sombras e as almas mortais, torcendo-as em contorções não naturais.

Ayleth, usando seus sentidos de sombra, fixou seu olhar naquele fio de magia errada, seguindo-o de volta para onde se implantou no corpo de Kephan. Sua visão sombria viu o que sua visão mortal não podia, um sigilo em chamas esculpido em sua bochecha. Uma implantação de sangue e maldição, brilhando no mundo espiritual com a magia Anathema horrível e escaldante.

Kephan não estava sob seu próprio controle.

— A Bruxa do Ardor. — ela engasgou. Então ela abriu as mãos, tentando desviar o olhar de Kephan de Terryn e Nilly. — Venador du Tam! — ela gritou. — Você não quer fazer isso. Este não é você!

O rosto do venador se contorceu em uma expressão dolorosa de um sorriso. Um meio sorriso, pois a bochecha em que o sigilo brilhava não se moveu. — Eu não quero. — ele disse, balançando a cabeça. — Você tem razão. Mas eu... Eu preciso! — Ele balançou o escorpião de volta para Terryn, sua mandíbula apertada, seu dedo confortável contra o gatilho, pronto para apertar. — Coloque-a no chão e vá embora. Devagar.

— Não. — A voz de Terryn era áspera como pedra. — Você está amaldiçoado, Kephan. — Então, ele viu e reconheceu o sigilo implantado também. — Ylaire está segurando você.

O pescoço de Kephan torceu, primeiro para um lado, depois para o outro, e sua mandíbula se contraiu, tensa. Então ele virou o rosto, seus olhos focados e brilhando com uma luz muito forte. Uma estranha ondulação se moveu sob sua pele, como alguma coisa viva pressionando contra sua bochecha por dentro, então rastejando garganta abaixo em seu torso. Seu braço escorpião tremia mais forte, e ele teve que erguer o braço esquerdo para segurá-lo. — Ponha ela no chão. — ele disse novamente. — Coloque-a no chão, coloque-a no chão, coloque-a no chão, coloque-a noooooo! — Ele se interrompeu em um grito desumano, sua boca larga, sua cabeça balançando descontroladamente.

Ayleth se lançou, não para Kephan, mas para Terryn. Ela pegou o braço dele e, usando a força da sombra, puxou ele e Nilly para o chão. Ela sentiu mais do que viu o dardo passar pelo ar acima de suas cabeças, errando Terryn por um segundo.

Nilly gritou, mas Terryn se conteve para não cair com todo o seu peso em cima dela e rolou para o lado, um braço ainda segurando-a perto. A garota continuou gritando enquanto Terryn se endireitava. Seu olhar encontrou o de Ayleth por um instante quando ela se agachou.

Ayleth se virou, a longa trança caindo sobre o ombro. Venador Kephan se curvou, suas mãos rasgando sua própria cabeça. Ela assistiu a mesma mudança operando através dele como ela testemunhou no urso ontem de manhã. A magia anathema explodiu de seu núcleo, despejou-se de suas narinas, seus olhos, as pontas de seus dedos, rasgando sua carne. Seu esqueleto mudou, torceu, cresceu. De sua coluna vertebral curvada, terríveis saliências de osso rasgaram sua pele, suas pontas irregulares pingando com seu próprio sangue. Seus braços se alongaram, os ossos de seus dedos se estendendo em garras longas e afiadas. Sua mandíbula se desarticulou, caindo sobre o peito para dar lugar a uma gaiola de presas afiadas.

De repente, ele se endireitou, seus braços estendidos, sua cabeça jogada para trás enquanto ele gritava sua dor para o céu. Então ele virou seu rosto para frente com uma intensidade predatória, fixando seu olhar em Terryn e Nilly.

A mão de Ayleth foi para os dardos. Mas ela estava desarmada. A Bruxa de Restrição havia pegado todas as suas armas e empilhado sobre a mesa, e agora elas estavam espalhadas pelo chão. Ela não tinha venenos.

Mas ela tinha Laranta.

Kephan se agachou, suas garras de osso rasgando o solo. Com um rugido ele saltou, o poder de sua sombra Feral o impulsionando através do espaço. Seus braços alongados se estenderam, alcançando Terryn, que puxou Nilly para ele e se virou para protegê-la. Garras arranhando seu rosto passaram pelo cabelo de Terryn enquanto ele girava a cabeça.

Então Ayleth colidiu com Kephan, tirando-o do curso. O poder de Laranta pulsou em seus braços, que ela envolveu ao redor do torso do venador mais velho. Eles aterrissaram com força, e Ayleth mal teve a agilidade de se libertar antes de ser pega em um emaranhado de membros, garras e espinhos. Ela encontrou o equilíbrio, seus pés derrapando sob ela, então se jogou na cabeça de Kephan, seu braço puxado para trás para um soco. Ela não tinha um plano claro, mas em algum lugar no fundo de seu cérebro ela sabia que se pudesse deixar Kephan inconsciente, subjugando o hospedeiro mortal, ela poderia encontrar seus venenos e subjugar o poder interior.

Aquele rosto distorcido rosnou para ela em um lampejo de presas. Um braço fez um arco, bloqueou seu golpe e a atingiu na lateral. Garras rasgaram grandes cortes em sua capa, mesmo enquanto ela voava pelo ar. Ela aterrissou com força, o ar saiu de seus pulmões. A magia de Laranta cravou em sua cabeça, evitando que seus ossos se quebrassem, mas naquele espaço de tempo, enquanto ela lutava para respirar, ela não conseguiu forçar seu corpo a entrar em ação.

O monstro Kephan balançou a cabeça, espirrando cuspe espumante de seus lábios descascados. Braços enormes se estenderam e garras rasgaram o solo enquanto ele se puxava em direção a ela. Ele empinou-se, os dedos abertos, e Ayleth se atirou em um rolar antes que aquelas garras pudessem rasgar seu peito e arrancar seu coração. Em vez disso, elas cavaram na terra, arrancando um grande pedaço de terra.

Ayleth girou rapidamente, tentando colocar seus membros embaixo dela. O monstro se moveu rápido, agarrando sua cabeça. Ela foi rápida o suficiente para evitar ser espetada na orelha, mas uma garra comprida pegou em sua trança, prendendo-a no chão. Ela agarrou aquela mão, aplicando a força de Laranta na tentativa de quebrá-la no pulso. Mas o Feral de Kephan estava altamente ascendente, e Laranta ainda estava parcialmente presa pela supressão de canções de feitiços, impedindo-a de acessar sua gama completa de força. Ayleth gritou.

Um clarão de luz branca queimou na escuridão como um raio. Atingiu o monstro direto no peito, arrancou-o dos pés e carregou-o por vários metros no ar para se chocar contra o tronco de uma árvore. A cabeça de Ayleth saltou para o lado quando a garra emaranhada em sua trança se soltou e seu cabelo se desfez, caindo no chão e em seu rosto. Seus olhos, deslumbrados com o brilho da luz e da magia, olhavam cegamente na direção em que o monstro havia voado.

Ela sentiu mais do que viu a aproximação de Terry, o barulho de suas botas no chão enquanto ele corria para o lado dela. Ele se agachou e agarrou o braço dela, sua voz profunda exigindo: — Você está viva? Venatrix, você está viva?

— Sim, estou viva! — ela rosnou, permitindo que ele a colocasse de pé. Os dedos dele em seu braço estavam quentes o suficiente para queimar sua manga se ele segurasse por muito tempo. A magia pulsou de seu centro, passando por seus ombros, descendo até as palmas das mãos. — Avise-me da próxima vez que você for se soltar assim!

Ele não respondeu. No momento em que ela ficou de pé, ele a soltou e ela quase caiu esparramada de novo. Recuperando-se e sacudindo a cabeça rapidamente, ela correu atrás de Terry enquanto ele se aproximava da forma

caída de Kephan. O venador mais velho jazia em uma pilha de membros deformados, espirais de fumaça subindo de seu corpo.

— Ele está... você o matou?

Terryn ergueu as mãos brilhantes, curvando os dedos com força. — Não deveria ter...

Antes que ele pudesse terminar, um grito selvagem rasgou o ar atrás deles. Ayleth e Terryn se viraram para ver uma segunda forma horrível sair correndo das árvores. Assim como aconteceu com Kephan, seus braços foram alongados e espinhos terríveis explodiram de suas costas ensanguentadas. O queixo barbudo se abriu para dar espaço aos dentes grandes demais. Um rosnado de magia Anathema o cercou, brilhante e discordante, uma maldição poderosa que, como a de Kephan, estava ancorada em um sigilo plantado na bochecha do homem.

O monstro rasgou o chão enquanto corria, indo direto para Nilly du Bucheron.

A criança estava parada no meio do quintal, gritando, seu espírito da sombra girando em torno dela, mas incapaz de oferecer defesa contra a criatura que se aproximava. Terryn ergueu a mão e deu um tiro, luz pura irradiando de sua palma em um poderoso raio de energia. Ele gritou de dor, seus braços se contraíram com a queimadura da magia, e perdeu o controle da explosão. Ela passou por cima da cabeça do monstro, atingindo uma árvore com tanta força que o tronco se partiu em dois e os membros superiores caíram com força.

O monstro se lançou, evitando os galhos que caíam, e agarrou Nilly em um abraço apertado, pressionando-a contra o peito disforme. A garota gritou de terror.

Ayleth, ainda sem firmeza em seus pés, deu um único passo atrás do monstro quando ele se virou para fugir de volta para a floresta. Antes que ela pudesse dar o próximo passo, ela bateu no chão com força, uma perna puxada debaixo dela. Torcendo seu torso para olhar para trás, ela encontrou seu tornozelo preso por longos dedos em garras. O rosto torto de Kephan rosnou para ela enquanto ele lutava para se erguer, sua pele ainda fumegando com a explosão mágica.

Um grito de surpresa e choque escapou da garganta de Ayleth. Terry, já perseguindo o segundo monstro e Nilly, se virou para olhar para trás, os olhos brilhando com a luz da sombra, as mãos pulsando com magia. Ele cambaleou, hesitou.

— Vá! — Ayleth gritou. Eles não podiam deixar aquele demônio levar Nilly.

Com o rosto endurecido, Terry girou e continuou correndo.

Ayleth se retorceu nas mãos de Kephan. Ele a arrastou para suas mandíbulas maliciosas, mas ela ergueu o outro pé e chutou com toda a força que Laranta pôde lhe dar. Kephan, ainda se recuperando da explosão que recebera, gritou e se soltou, dando a Ayleth tempo suficiente para se levantar.

Então o monstro se levantou e disparou para ela. Ayleth se virou e correu. Ela não tinha acesso ao poder de Laranta suficiente para terminar esta luta. Seus sentidos de sombra faiscando, ela sentiu a criatura perseguidora atrás dela. Ela não precisou olhar para trás para sentir o quão rápido ele fechou a lacuna entre eles.

Movendo-se por puro instinto de sobrevivência, ela saltou no meio do caminho, alterando seu curso para a cabana ao invés da floresta. Kephan, despreparado para sua manobra, avançou pesadamente vários passos, dando a ela a chance de ganhar alguns passos.

Ela correu para a cabana e saltou para o telhado. Seus dedos se prenderam na palha e arrancaram dois grandes punhados antes de encontrar um apoio sólido. Erguendo as pernas, ela subiu até o topo do telhado. Por enquanto, pelo menos, ela tinha um terreno mais alto.

Kephan, menos ágil em sua forma amaldiçoada, bateu na parede da cabana. Toda a estrutura estremeceu.

Suas armas. A mente de Ayleth fixou-se em um único pensamento. Suas armas, seus dardos. Eles estavam lá embaixo, espalhados pelo chão da cabana. Se ela pudesse encontrar uma paralisia Feral, deveria funcionar em Kephan, com maldição ou sem maldição. Mas ela precisava entrar.

Com um uivo horrível, mãos retorcidas se agarraram à borda do telhado. Kephan se levantou, as garras rasgando a palha enquanto ele subia.

Ayleth respirou fundo e escorregou pela encosta mais distante do telhado, caindo no chão, os ossos estremecendo. Vendo a porta lateral escancarada, ela tropeçou nas mãos e escorregou, impulsionando-se através da abertura para o interior escuro da cabana.

A palha caiu dentro como chuva. Acima, as garras de Kephan abriram uma abertura, permitindo que raios de luz da lua caíssem no chão. Com o brilho daquela luz pálida, Ayleth avistou uma de suas pequenas aljavas.

— Deusa! — ela engasgou em uma oração desesperada e saltou para pegá-la.

Então ela estava caindo pela porta da frente assim que parte do telhado desabou e Kephan caiu de cima. Ayleth quase perdeu o equilíbrio, mas conseguiu se manter em pé enquanto se arremessava pelo quintal da cabana, em direção à floresta.

Só quando ela mergulhou nas sombras mais profundas das árvores ela se lembrou: ela não tinha seu escorpião. Para entregar este veneno, ela teria que se aproximar.

— *Laranta, prepare-se.* — disse ela.

Laranta rosnou com um deleite cruel. *Caçada! Caçada, caçada!*

Ela abriu caminho entre as árvores, cada vez mais fundo. Ela podia ouvir Kephan atrás dela e sabia que seus sentidos aguçados de sombra o levariam diretamente a ela. Enquanto corria, ela agarrou dois dardos da aljava, segurando-os para ver qual veneno havia pegado. Feral! De alguma forma, contra todas as probabilidades, ela agarrou dardos Feral. A Deusa deve ter ouvido sua oração.

Ela teve que desacelerar para desenvolver as pontas. Caso contrário, ela corria o risco de se picar e cair paralisada e impotente. Mas aqueles poucos passos lentos foram o suficiente para permitir que o deformado Kephan diminuísse a distância entre eles. Ela podia ouvir sua respiração pulsando selvagememente através de sua boca escancarada.

Pressionando as costas contra uma árvore grossa, ela ergueu os dois dardos em seus punhos, as pontas envenenadas para fora e prontas. — Deusa. — Ela murmurou uma última vez. Deixe a graça divina brilhar sobre ela mais uma vez esta noite.

Aqui! Laranta gritou.

Ayleth girou para fora de sua árvore, cara a cara com o monstro deformado pela maldição. Ele recuou por apenas um instante, tempo suficiente para deixá-la saltar diretamente em seu rosto. O poder de Laranta a arremessou para frente e, antes que Kephan pudesse se esquivar ou derrubá-la, ela cravou os dois dardos no pescoço dele, um de cada lado.

Uma mão enorme a agarrou pelo tecido em seu ombro, uma garra rasgando sua pele. O monstro a jogou no chão, direto para baixo, com tanta força que sua espinha teria se espatifado se não fosse pelas proteções de Laranta. Com dardos projetando-se de seu pescoço, o deformado Kephan pairou sobre ela. Mesmo com duas doses de veneno em seu sistema, a maldição o impulsionava, e sua sombra ascendente o fortalecia. Ele plantou uma palma no centro de seu peito, prendendo-a no lugar. Seus dentes enormes bateram juntos enquanto ele mordida seu rosto.

Ayleth conseguiu levantar as duas mãos para agarrar o monstro pelas mandíbulas superior e inferior. Seus dentes afiados cortaram seus dedos e o sangue fluíu, mas ela aplicou a força de Laranta, impedindo-o de fechar a boca e cortar seus dedos nas juntas. Ele se inclinou mais perto, mais perto, seu hálito quente em seu rosto, com a intenção de arrancar sua cabeça de seu corpo.

— *Laranta!* — Ayleth gritou.

Sua sombra de lobo explodiu em seu cérebro, lutando contra os feitiços de supressão. Ela lutou freneticamente, e Ayleth gritou e gritou enquanto o sangue escorria por suas mãos, braços e rosto. Essas mandíbulas babosas pressionaram cada vez mais perto.

Então, de repente, como um raio, o monstro desabou, caiu. O veneno fez efeito, paralisando corpo e alma. A forma disforme de Kephan desabou em cima de Ayleth, pesada e horrível. Ela não pôde fazer nada além de ficar deitada embaixo dela por alguns momentos.

Lágrimas caíram dos cantos de seus olhos e suas mãos estremeceram quando ela as puxou para fora daqueles dentes afiados.

A maldição que prendia Kephan se afrouxou, desapareceu. Ayleth sentiu a mudança em seu corpo quando as mutações deformadas voltaram à forma normal de um homem. Um homem ferido e ensanguentado.

CAPÍTULO 23

Terryn arrancou um dardo das aljavas em seu peito e armou seu escorpião enquanto ele corria. Ele não sabia dizer que tipo de sombra esse segundo monstro carregava, se houvesse, mas sabia pelo efeito de deformação em seu corpo que devia estar sob o controle da Bruxa do Ardor. O que significava que ela estava em algum lugar próximo. O veneno com o qual ele a pastou antes teria desacelerado seu corpo físico, motivando-a a enviar esses servos em seu lugar. Mas se ele pudesse encontrá-la, se ele pudesse matá-la, suas maldições sobre esses homens infelizes seriam quebradas.

Pobre Kephán, implantado com o sigilo de Ylaire di Jocosá! Há quanto tempo Kephán não era seu próprio mestre? Desde que se separaram naquela tarde? Ou desde antes de Terryn vir para Milisendis?

Terryn balançou a cabeça e redobrou o ritmo. Ele não tinha tempo para pensar nessas questões agora. Ele podia ouvir o monstro à sua frente, quebrando a folhagem. Ele se dirigia para a Grande Barreira, carregando a menina nos braços. O monstro deve ter pegado ela a pedido de sua senhora, mas o que a Bruxa do Ardor queria com Nilly du Bucheron era uma incógnita.

Não importa. Ele tinha que pegá-los. Ele tinha que salvar a criança. Ele tinha que salvar sua alma...

Sua visão sombria se esticando, ele viu a pulsação de três espíritos à sua frente. Dois mortais, uma sombra. E a armadilha fulgurante e ardente da maldição.

O monstro parou. Atingiu a faixa de clareira entre a floresta periférica e a Grande Barreira. Virando-se, rosnou para Terryn quando ele irrompeu por

entre as árvores e entrou na extensão de terreno aberto iluminado pela lua. A pequena Nilly, agarrada sob o braço do monstro e perto de seu corpo, viu Terryn e gritou, estendendo uma pequena mão para ele.

— Deixe-a ir! — Terryn gritou.

O monstro abriu amplamente sua boca aberta, mostrando seus dentes em forma de lâminas. Com uma onda de horror direto em seu coração, Terryn o reconheceu, Fazendeiro Foulke! O homem cuja esposa estava possuída naquele dia, o homem que tinha vindo correndo para Kephan e Terryn em busca de ajuda. A Bruxa do Ardor deve tê-lo implantado com seu sigilo. Ela pode até ter feito isso antes de ele vir para Kephan e Terryn, pode tê-lo usado para atraí-los para fora de seu caminho, para separá-los.

Seus venenos seriam inúteis contra um inimigo não tomado. Embora ele não quisesse machucar o homem amaldiçoado, Terryn sacou sua faca.

— Deixe-a ir. — Ele chamou novamente. — Eu sei que você está aí, Foulke. Eu sei que você pode me ouvir. Eu não quero te machucar, mas você tem que lutar contra essa maldição.

O monstro balançou a cabeça, uma língua longa e sinuosa saindo de seus dentes.

— Lute, cara! Lute contra ela e segure você! — Terryn insistiu. — Solte a garota.

Com um grito agudo, o monstro caiu sobre sua mão direita em forma de garras, ainda segurando Nilly em seu braço esquerdo, e avançou pesadamente em direção a Terryn com velocidade alarmante. Terryn se preparou, esperando até o último momento antes de correr para o lado. Incapaz de parar seu ímpeto, o monstro passou cambaleando por ele, e Terryn se agachou, se retorceu, cortando sua perna com a adaga enquanto passava. Seu golpe acertou; Terryn sentiu a lâmina cortar tendões e músculos.

O chão estremeceu quando o monstro caiu de joelhos. Nilly gritou com uma voz fina. Rangendo os dentes, o homem deformado balançou o braço livre em um amplo arco, conectando-se a Terryyn e fazendo-o cair no chão.

Impulsionando-se com a perna ilesa, o monstro se lançou contra ele. Terryyn mal teve tempo de levantar o braço esquerdo. Essas garras de ossos longos se chocaram contra a ponta de ferro com um anel de grade. Terryyn se encontrou cara a cara com Nilly. Ela olhou para ele das mãos do homem, o rosto coberto de lágrimas, os olhos redondos.

Terryyn viu como aquelas garras monstruosas a pressionaram mais perto, viu como facilmente podiam matá-la. Um pequeno movimento de seu pulso e sua cabeça rolaria.

Ele tinha que agir. Agora, enquanto ele tinha a abertura.

Com uma maldição que era quase uma oração, Terryyn torceu seu braço esquerdo, batendo de lado as garras do monstro. Seu braço direito disparou e ele enfiou a lâmina da adaga sob o esterno do homem deformado, direto no coração. Um golpe mortal.

Por um instante, o sigilo flamejante implantado na bochecha de Foulke brilhou como um sol, deslumbrando os olhos de Terryyn. No instante seguinte, extinguiu-se completamente, deixando o mundo negro como breu.

O homem deformado caiu, deixando Nilly cair de seus braços sem vida enquanto ele desabava em ruínas.

Com um suspiro estrangulado, Terryyn levantou a garota em seus braços. Com os braços magros tremendo, ela se agarrou ao pescoço dele, chorando enquanto pressionava o rosto em seu ombro. Terryyn se levantou, cambaleou para recuperar o equilíbrio e recuou do monstro. Ele não conseguia tirar os olhos daquela horrível destruição de humanidade. Enquanto ele observava, a alma mortal dentro de si se libertou da armadilha da maldição

Anathema e voou para o céu noturno, deixando a casca do homem-monstro para trás.

O peito de Terryyn se ergueu com respirações difíceis. Seus braços se apertaram ao redor do pequeno corpo de Nilly, mesmo quando ela se agarrou a ele. Ele nunca matou um homem não tomado antes. Ele nunca percebeu que era capaz de tal coisa.

— Eu não tive escolha. — Ele sussurrou. Mas as palavras tinham gosto falso em sua língua.

Nilly soluçou, sua voz finalmente rompendo o latejar do sangue em seus ouvidos. Terryyn a mudou em seus braços, embalando-a perto de seu coração, e a virou para ter certeza de que ela não poderia ver o homem morto. — Está tudo bem. — Ele murmurou em seu ouvido. — Está tudo bem agora. Você está segura. Shhh.

Seu estômago se revirou com um pavor nauseante a cada palavra que ele dizia. Por enquanto, ele percebeu, ele tinha que lidar com ela. Com a criança inata condenada aos Assombrados, a menos que ele agisse.

— Shhh. — Ele sussurrou, olhando fixamente para a escuridão da floresta, olhando fixamente como se ele pudesse de alguma forma discernir naquelas sombras algum caminho, algum caminho alternativo. Algo, qualquer coisa que ele pudesse fazer além do dever que pesava sobre sua alma. — Silêncio.

A menina colocou o rosto perto de seu peito. Seu corpo estremeceu, mas seus soluços se acalmaram.

— Ela confia em você, você sabe. Ela acredita que você é amiga dela.

Os membros de Terryyn congelaram. Nem com medo, nem com surpresa. Ele simplesmente... congelou. Como se ele tivesse se transformado em pedra.

As cicatrizes em sua bochecha arderam com uma dor repentina.

Uma figura se moveu por entre as árvores, balançando pesadamente a cada passo. Ela deixou as sombras para trás e o luar brilhou em seu rosto. Um rosto quadrado e duro, a metade frouxa e entorpecida onde o veneno da paralisia o havia tocado. A baba escorria de seus lábios flácidos, mas um lado se curvou em um sorriso malicioso.

— É uma pena, doce menino. — disse ela, arrastando cada palavra. — Aqueles evanderianos transformaram você em sua arma. Um assassino de crianças! Eu tinha planos muito melhores para você e para aquela sua estrutura forte.

Terryn tentou falar. Ele tentou se virar, colocar seu corpo entre Nilly e a bruxa. Ele tentou erguer seu escorpião, ainda armado com o dardo Anathema. Mas ele só podia ficar onde estava, segurando Nilly, enquanto a Bruxa do Ardor lentamente se aproximava dele.

— Vejo que eles tentaram esculpir meu sigilo. — disse ela, acenando com a mão para indicar sua bochecha. — Uma boa tentativa! Mas eles subestimaram quão profundamente minhas maldições penetram e quão bem posso escondê-las quando desejo. Eles só conseguiram estragar seu lindo rosto. Que vergonha! Que vergonha.

O coração de Terryn estremeceu. Ele se lembrou agora, de repente e horripelantemente. Ele se lembrou de ontem à tarde, abordando Venador Kephan nas ruínas de Cró Ular. Kephan havia pisado em uma armadilha de proteção que a Bruxa do Ardor havia armado, e quando Terryn se aproximou, ele caiu na mesma armadilha. Com seus sigilos ativados, eles obedeceram à compulsão da proteção: Afastem-se de Cró Ular e esqueçam o que viram.

Só agora ele se lembrava. Agora, quando sua maldição despertou mais uma vez.

Seu coração batia forte na garganta. Ele era seu escravo. Assim como Kephan. Assim como o pobre Foulke.

— Eu não solto meus brinquedos tão facilmente. — disse a Bruxa do Ardor, de pé diante dele, vestindo o corpo roubado da esposa de Foulke. Seu olhar louco estudou seu rosto com interesse. Ela levantou uma mão para acariciar sua bochecha onde seu sigilo queimava sob suas cicatrizes. — Eu ainda tenho um uso para você, menino bonito. Sempre soube que você me serviria de alguma forma.

Ela tirou Nilly dos braços dele. A criança gritou um pouco — Não! — e tentou segurar o gibão de Terryn. Mas a Bruxa do Ardor rangeu os dentes e a puxou de volta.

— Venha para mim, pequenina. — Ela disse, cuspiendo as palavras através de seus lábios entorpecidos pelo veneno. — Ele só iria queimar você e expulsar aquele belo espírito que você carrega. Tenho planos melhores em mente para você. Você vai me ajudar, criança. Juntas iremos restaurar esta terra. Vamos restaurar nossa espécie ao seu legítimo lugar de governo, e nenhum evanderiano ousará levantar a mão contra você de novo!

Ele não podia deixá-la escapar. Reunindo toda a vontade que ainda possuía, Terryn sacudiu a cabeça para um lado. Mas mesmo aquele único movimento aumentou a queimadura em sua bochecha. A maldição se acendeu tanto que ele sentiu como se a pele de seu rosto fosse derreter e o crânio embaixo se enegrecer e virar pó. Com um grito, ele caiu de joelhos, segurando o rosto, segurando a queimadura.

A bruxa se agachou sobre ele, Nilly ainda em seus braços. — Não se esqueça. Você é meu. Nenhuma sombra, nenhum feitiço de música, nenhuma oração à sua Deusa vai mudar esse fato.

Terryn praguejou. Então ele gritou e caiu de lado, se contorcendo e se debatendo enquanto a dor tomava conta de seu corpo. Seus ossos... seus ossos estavam quebrando, torcendo, mudando! Ele sentiu sua espinha estalar, sentiu algo tentar esfaquear sua pele. Ele não aguentou. Ele gritou novamente, e desta vez não era sua própria voz emergindo de sua garganta, era um rugido monstruoso.

— Não podemos ter isso, podemos? — a Bruxa do Ardor disse, colocando Nilly de lado antes que ela se jogasse contra ele e pegasse seu rosto com as mãos, seus dedos cavando em seu crânio. — Quietos. — ela disse, cuspidos em suas bochechas. — Quietos!

A dor diminuiu quase imediatamente. Terryn, seu corpo se contorcendo como se tentasse escapar de si mesmo, quase abençoou a bruxa pelo alívio que ela deu. Com uma lentidão agonizante, seus ossos se reduziram, voltando à sua forma adequada. Ele ficou ofegante, a escuridão fechando em torno de sua visão.

— Você era mais fácil de controlar como um perdido. — A Bruxa do Ardor disse, acariciando sua testa enquanto estava prostrado diante dela. — Mas não importa. Você será útil para mim com o tempo, tenho certeza. Meu querido animal de estimação.

Ela se curvou e pressionou aquela boca horrível e flácida em sua bochecha. Quando ela recuou lentamente, um rastro de saliva pendeu de seu lábio, brilhando ao luar até quebrar. — Estou tão feliz que nossos caminhos se cruzaram novamente. Mas, por enquanto, não conte a ninguém sobre nosso feliz reencontro. Não gostaríamos que ninguém tentasse quebrar essa maldição, não é? Você diz a seus companheiros que viu eu e essa garota cruzar a Barreira e desaparecer na Floresta da Bruxa. Diga a eles que partimos e nunca mais voltaremos. Então esqueça nossa conversa. Esqueça sua maldição.

Ela se levantou, ainda instável em seus pés por causa do veneno paralisante. A visão de Terryn ficou turva e ele não conseguiu ver nada além de um contorno vago e sombrio enquanto ela colocava Nilly em seu quadril e cambaleava vários passos. Mas ela se virou e olhou para ele mais uma vez, dizendo: — Até nos encontrarmos novamente, doce menino.

Com isso, ela desapareceu na floresta, carregando a garota com ela.

Terryn baixou a cabeça e deixou que a escuridão da compulsão o dominasse.

CAPÍTULO 24

Mordendo uma série de maldições, Ayleth rolou o corpo de Kephan para longe dela. Suas mãos ensanguentadas tremeram e sua cabeça girou descontroladamente, adrenalina e magia de sombra explodindo em seu cérebro. Ela se deitou no chão da floresta ao lado do maldito venador, olhando para o céu estrelado através dos galhos entrelaçados e concentrando tudo o que tinha em simplesmente respirar irregularmente.

Laranta cambaleou dentro dela. *Senhora? Senhora? Senhora?*

— *Silêncio.* — Ayleth acalmou, falando em sua mente. — *Eu estou... Estou bem. Calma, Laranta.*

Sua sombra de lobo se agachou, ainda fervendo de excitação e poder, ainda lutando contra suas supressões restantes. Mas ela se calou.

Ayleth, respirando fundo mais uma vez pelas narinas, rolou para o lado e se levantou para estudar Kephan ao lado dela. A visão sombria disse a ela que sua alma permanecia dentro de seu corpo, e quando ela pressionou seus dedos trêmulos e sangrentos em seu pescoço, sentindo seu pulso, ela o encontrou estável e calmo. Graças à Deusa! Sua dose dupla de veneno não o mataria de uma vez.

Ela voltou sua atenção para o sigilo em sua bochecha, seus olhos se estreitando enquanto sua visão sombria se concentrava. Era completamente invisível para a visão mortal, e agora desapareceu tão rapidamente que até mesmo seus sentidos de sombra mal podiam discernir. Somente quando ativado pela Bruxa do Ardor ele brilharia tanto, como ferros de fogo aquecidos na fornalha.

Com os olhos arregalados, Ayleth ofegou no momento em que o resto do sigilo desapareceu completamente de sua vista. Ela continuou olhando para a bochecha de Kephan por vários batimentos cardíacos assustados, mal ousando reconhecer a compreensão que tinha vindo a ela. Ela estava enganada? Ela tinha imaginado isso em meio à névoa de dor de seus vários ferimentos?

Era o mesmo padrão das cicatrizes esculpidas na bochecha de Terryyn?

Terryyn.

Ela se levantou de um salto. Cada corte, arranhão e corte em sua pele protestou violentamente, e suas mãos tremiam tanto que ela as pressionou contra o peito para tentar detê-las. Ela não podia ficar aqui. Terryyn foi atrás do segundo monstro. Terryyn foi atrás de Nilly. Ela tinha que... ela tinha que...

— *Laranta!* — Ela chamou, e sua sombra de lobo imediatamente saltou para cima em sua cabeça. — *Laranta, encontre o venador! Encontre Terryyn!*

Laranta se manifestou em sua enorme forma de lobo e partiu imediatamente por entre as árvores, com o nariz no chão enquanto procurava sentir o cheiro. Ayleth lançou um olhar para Kephan, onde ele estava deitado. Ela odiava deixá-lo. Ele parecia tão frágil, tão indefeso, suas roupas rasgadas onde seus próprios ossos se projetavam através da pele e do tecido, seu rosto contorcido de dor mesmo durante o sono. Mas a dose dupla de paralisia deve mantê-lo quieto por muitas horas. Ela voltaria e...

Aqui! Aqui, aqui!

Ao ouvir a advertência de Laranta, a cabeça de Ayleth girou rapidamente. Ela olhou através das árvores usando sua visão de sombra e viu o brilho de um espírito se aproximando. Um espírito que ela reconheceu.

— Venador du Balafre? — ela chamou, preparando-se para encontrá-lo. A conexão entre a cicatriz dele e o sigilo no rosto de Kephan estava muito clara em sua cabeça. Ela não sabia quem ele seria quando se aproximasse, mas

sabia que era melhor não o encontrar despreparado. — *Laranta, para mim.* — ela comandou.

Sua sombra de lobo fluiu ao longo da corda da alma conectando-a ao corpo de Ayleth e entrou na cabeça de Ayleth, rosnando, transbordando de poder. Ayleth se inclinou para esse poder, permitindo que a consciência das dores e necessidades de seu corpo fossem engolidas pelo pulso da magia. Suas mãos ensanguentadas cerraram-se em punhos.

— Venador du Balafre! — ela chamou uma segunda vez.

— Venatrix di Ferosa. — a voz profunda de Terryn retumbou em resposta. Ele não parecia amaldiçoado. Se isso significasse alguma coisa. — Você está machucada? Onde está Kephan?

Ayleth ajustou o pé, erguendo-se na ponta dos pés, pronta para saltar. Ela observou o brilho do espírito de Terryn se aproximando por entre as árvores. Então o próprio Terryn apareceu, empurrando a folhagem para ficar diante dela. A luz da lua iluminou seu rosto com um brilho fantasmagórico, revelando uma mandíbula tensa, olhos arregalados de medo e linhas tensas ao redor de sua boca. Mas nem sua visão mortal nem sua visão sombria captaram qualquer sinal de um sigilo sob as cicatrizes feias em sua bochecha.

Seu olhar disparou dela para o corpo caído a seus pés. Ele mergulhou ao lado de Kephan, as mãos estendidas, mas hesitante em tocar o corpo do companheiro.

— Ele está vivo. — disse Ayleth rapidamente, ajoelhando-se do outro lado do venador. — Ele está subjugado por enquanto.

Terryn assentiu. Seus olhos se levantaram para o rosto dela e lentamente examinaram o resto dela, notando em particular suas mãos sangrando. Ayleth enfiou as mãos sob os braços, sem se importar com as manchas que deixaria

no colete. — Era... áspero. — disse ela. — Não tão ruim quanto poderia ter sido. Você?

Um olhar aflito passou por seu rosto, mas ele o escondeu rapidamente, tão rapidamente que Ayleth quase duvidou que ela tivesse visto. — Eu o matei. — Ele disse sombriamente.

— Matou quem? — A garganta de Ayleth engrossou antes que ela fizesse a pergunta para a qual temia ouvir uma resposta: — Onde está Nilly?

— A Bruxa do Ardor a levou. — Terryn não a olhou nos olhos quando ele respondeu. Ele parecia de repente muito focado em Kephan. Talvez sentindo a intensidade de seu olhar fixo na lateral de seu rosto, ele ergueu os olhos rapidamente e, em seguida, desviou o olhar. Pigarreando, ele disse: — Kephan e eu encontramos um fazendeiro em nossa viagem para Elsinoe. Sua esposa estava possuída pela Bruxa do Ardor. Aparentemente, Ylaire amaldiçoou o marido também.

— E você não percebeu? — Perguntou Ayleth. O que era injusto da parte dela, ela sabia. Kephan quase certamente havia sido amaldiçoado muito antes de ela o conhecer, e ela não havia detectado nada. A Bruxa do Ardor escondeu suas maldições profundamente.

— Desculpe. — Ela murmurou. Então. — Foi o fazendeiro que levou Nilly?

Terryn assentiu, então contou a ela sobre sua luta com o homem amaldiçoado. Foulke derrubou Nilly durante a batalha, e depois que Terryn subjugou seu inimigo, ele foi atrás da garota imediatamente. Mas ele não foi rápido o suficiente. O rastro dela o levou direto para a Barreira, e quando ele chegou lá, a garota já havia cruzado.

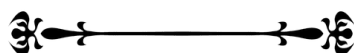
— Ela não estava sozinha. — Concluiu Terryn, a mão apoiada em seu joelho dobrado apertando com força. — Ela estava com a Bruxa do

Ardor. Tenho certeza que era ela. Eu dei um tiro, mas não fui rápido o suficiente. — Ele baixou a cabeça, passando os dedos pelos cachos grossos e escuros e praguejando baixinho. — Pelo menos elas se foram. A barreira é sólida e elas não escaparão novamente.

Ayleth queria estender a mão e dar-lhe um tapa no rosto cheio de cicatrizes, para deixar a marca da mão ensanguentada em sua bochecha. Em vez disso, ela disse em voz baixa: — Vou levar Kephan de volta para a cabana da bruxa. Ele vai descansar melhor lá, e podemos decidir o que fazer a seguir.

Terryn olhou em sua direção, seus olhos encontrando os dela por outro instante. Então ele acenou com a cabeça e se levantou, deslizando as mãos sob os braços de Kephan. — Não se preocupe. — disse Ayleth, empurrando-o para o lado. Reunindo a força de Laranta, ela ergueu o venador por cima do ombro, segurando-o com força com os dedos lacerados.

Ela fez uma careta contra a dor e acenou com a cabeça para Terryn. — Lidere, du Balafre.



A cabana de Oma Githa dificilmente poderia ser considerada um abrigo agora, com um grande buraco aberto no telhado. Mas a cama ainda estava intacta, e Ayleth deitou Kephan tão delicadamente quanto pôde, enquanto Terryn começou a acender o fogo na pequena lareira e limpar os destroços. O cadáver da pobre bruxa tinha sido jogado no chão durante a luta de Ayleth com Kephan. Ayleth recolheu cuidadosamente a pobre mulher, envolvendo-a mais uma vez em um cobertor, e acomodou-a em um canto da cabana.

Então, com os sentidos de Laranta aguçados em sua mente, ela foi caçar seus cavalos, deixando Terryn para vigiar Kephan.

Chestibor provou ser simples de encontrar. Seu fiel corcel não havia se afastado mais de um quilômetro e meio desde que ela desmontou pela primeira vez e o deixou no quintal da cabana. A égua vermelha de Terryyn provou ser mais difícil de localizar, e a noite estava bem avançada quando Ayleth, com os pés doloridos, exausta e sustentada apenas pela força mágica contínua de sua sombra, conduziu as duas montarias de volta à cabana. Seus ferimentos, todos arranhões superficiais e não sérios, em sua maioria pararam de sangrar, mas suas mãos estavam rígidas e doloridas.

O corpo alto de Terryyn, recortado pela luz do fogo, curvou-se para sair da porta da cabana quando Ayleth se aproximou do pátio. — Ele está mexendo. — disse ele.

Depois de amarrar os cavalos no pátio, Ayleth entrou na cabana atrás de Terryyn. Embora dolorosamente ciente do pobre corpinho quebrado da bruxa envolto em seu cobertor no canto, ela focou sua atenção no venador deitado na cama estreita. Seus olhos piscaram lentamente enquanto ele olhava para o teto quebrado acima.

Ayleth sentou-se ao lado dele. — Venador du Tam?

Ele piscou novamente e voltou seu olhar para ela.

Ayleth tentou sorrir, mas suspeitou que não parecia nada reconfortante. — Você está... você está bem, Venador. — Ela disse. — Eu tive que te dar uma dose de paralisia. Uma grande dose. Você vai ficar imóvel por um tempo, mas vai se recuperar.

Os músculos ao redor de seus olhos se contraíram. Sem dúvida ele queria falar, queria exigir o que ela estava pensando, drogando-o, seu superior! Quanto ele se lembra de seu tempo sob a maldição? Absolutamente nada, ela suspeitou.

— Sinto muito pelo veneno. — disse ela. — Você estava tentando... me matar.

Terryn entrou atrás de Ayleth, elevando-se sobre ela e atraindo o olhar do venador. — Você está amaldiçoado, Kephan. — disse ele. — A Bruxa do Ardor pegou você. Você não vai se lembrar, mas pode sentir dor na bochecha direita. É onde está o sigilo.

Conforme os olhos de Kephan se arregalaram lentamente, eles explicaram o que havia acontecido. Terryn ofereceu sua suspeita de que a maldição ocorrera mais cedo naquele dia, depois que ele e Kephan se separaram. Mas Ayleth balançou a cabeça. Ela tinha pensado nisso durante sua busca pelos cavalos. Kephan havia consertado a abertura na Grande Barreira. Ele deveria ter. Mas a Bruxa do Ardor o pegou e o fez esquecer tudo sobre o encontro. Fez com que se esquecesse tão completamente que ele continuou a acreditar que nunca estivera perto da Barreira na história recente.

Ela não tentou argumentar, no entanto. Não havia utilidade nisso, não quando as respostas completas estavam além de sua capacidade de compreensão.

— Fui amaldiçoado por Ylaire quando criança. — Terryn continuou, dando um passo para o lado e encostando o ombro na parede da cabana. Ele parecia prestes a cair, mas se recusou a sentar-se. — A menos que ela chame a maldição para a vida, ela permanecerá adormecida. Nem mesmo a visão da sombra irá discernir o sigilo, a menos que a influência esteja ativa. E o indivíduo sob seu poder não se lembrará de nada se ela não quiser. — Ele esfregou a mão na lateral do rosto, puxando as cicatrizes na bochecha. — Eu não lembrava de nada. Não até Fendrel purgar meu sangue.

Baixando a cabeça, ele ficou por várias batidas de coração em silêncio, lutando com memórias dolorosas, sem dúvida. Mas ele se recompôs e se

dirigiu a Kephan mais uma vez. — Você vai precisar ir para Castra Breçar e receber tratamento assim que se recuperar. Quando a maldição acabar, você será capaz de se lembrar dos detalhes de sua maldição, e talvez possamos resolver este mistério de uma vez por todas.

Kephan piscou desamparado várias vezes, olhando de Terryrn para Ayleth e depois para o buraco no teto acima. Suas narinas dilataram e estreitaram enquanto ele respirava fundo, e o canto de sua boca se contraiu. Ayleth teve pena dele, teve pena das revelações que enfrentou. Para perceber que ele não tinha sido seu próprio mestre por quem sabe quanto tempo... e ouvir que, a pedido de outro, ele tentou matar seus camaradas... seria muito para qualquer homem aceitar.

Em um impulso totalmente diferente dela mesma, Ayleth segurou a mão de Kephan. Ela sabia que ele não podia sentir, mas deu um aperto suave em seus dedos mesmo assim. — Descanse, senhor. — disse ela, tentando outro sorriso, que não parecia mais natural do que o anterior. — Durma. Esperaremos aqui com você e partiremos para Milisendis assim que você puder.

Kephan piscou novamente em reconhecimento. Então, obedientemente, ele fechou os olhos, ainda respirando com dificuldade. Uma lágrima escapou pelos cílios pálidos e correu rapidamente pelo lado de seu rosto, sobre o espaço onde o sigilo da bruxa havia queimado, invisível, mas potente.

Ylaire ainda poderia controlar seus escravos através da Barreira? Ayleth estremeceu com a pergunta e se levantou, afastando-se da cama.

Com apenas o mais breve dos olhares na direção de Terryrn, ela se moveu para o canto da cabana e pegou Oma Githa em seus braços. Embora ela quisesse mais do que tudo se aninhar na lareira ao lado do fogo e dormir como

um cão exausto depois da caçada, ela não suportava deixar os restos mortais da pobre velha empacotados de lado assim.

Então, ela carregou o corpo para fora e começou a cavar outra cova, esta muito maior do que a cova que ela cavou para o corvo, e ela estava muito mais exausta agora. Mas ela chamou Laranta para a frente em seu cérebro e, usando a força da sombra, rasgou com a adaga o solo do jardim da cabana, usando as próprias mãos como concha.

Depois de alguns minutos de trabalho, Terryn se juntou a ela. Ele carregava uma pá com ele. — Achei isso dentro. — disse ele. — Pá de segurança.

Ela assentiu com a cabeça, usando um braço para afastar o cabelo solto do rosto e enxugando as mãos nas calças. Terryn cavou silenciosa e ritmicamente, e embora Ayleth várias vezes tenha pensado que ela deveria se oferecer para substituí-lo, ela não conseguia falar.

A noite estava mais pesada, naquele limite escuro antes de cair para o amanhecer, e o ar estava extremamente frio quando Terryn finalmente se afastou, ofegando um pouco. Ele acenou com a cabeça para Ayleth, e ela jogou os restos mortais da bruxa na cova. Enquanto Terryn cobria o cadáver envolto no cobertor com o solo que ele acabava de revolver, Ayleth sussurrou a mesma oração que fizera sobre o corvo: — *Que a Mãe receba você que a chamou...*

Quando o trabalho foi concluído, eles permaneceram por alguns momentos em cada lado da sepultura. Sem falar. Não olhando um para o outro.

Por fim, Terryn disse: — Não entendo.

— O que? — Perguntou Ayleth.

Ele balançou a cabeça, segurando o cabo da pá com força. — Como ela acabou morta? A hospedeira de Ylaire, quero dizer. O corpo de Senhora Mylla.

Ayleth pensou no crânio despedaçado que encontrara na floresta. —
Fiola a matou. — disse ela. — Por tentar pegar Nilly.

— Mas o que Ylaire iria querer com a criança?

— Nilly carrega um vidente. — Ayleth encolheu os ombros. —
Talvez... talvez a Bruxa do Ardor esteja procurando por algo. Por uma visão.

— Se for esse o caso, por que ela cruzaria a barreira novamente? —
Terryr balançou a cabeça, olhando para o monte de terra diante dele. —
Mesmo que ela conseguisse dominar os poderes completamente imprevisíveis
de uma vidente, ela agora está presa de volta na Floresta da Bruxa. Que bem
uma visão pode fazer a ela lá?

O estômago de Ayleth deu um nó e ela decidiu não arriscar um
palpite. Agora não. Ainda não. Havia muitos outros problemas que exigiam
atenção imediata.

Ela se virou e voltou para a cabana. Em vez de entrar, no entanto, ela
mudou-se para as pilhas de gaiolas de madeira contendo os animais com olhos
rasgados. Algumas das gaiolas foram derrubadas e esmagadas durante sua
luta com Kephan, mas a maioria permaneceu fechada, os animais dentro
agachados e silenciosos.

Com movimentos rápidos do pulso, Ayleth começou a quebrar
fechaduras e a abrir completamente as gaiolas. Animais dispararam livres:
esquilos, pássaros, ouriços, um texugo.

— Diga-me, Venador du Balafre. — disse ela por cima do ombro
enquanto trabalhava. — Você ainda acha que estou de alguma forma aliada
aos Diabos Carmesins?

Ele não respondeu. Não por enquanto. Seu silêncio durou tanto que
Ayleth começou a se perguntar se ele simplesmente havia se afastado. Ela
parou com a mão apoiada na última porta da gaiola e olhou em volta.

Terryn ainda estava de pé sobre o túmulo, olhando para ela, com os braços cruzados. — Não sei o que penso de você. — disse ele por fim. Sua voz era áspera, seu rosto escondido nas profundezas de seu capuz. Apenas seus olhos frios brilhando com a luz da sombra eram visíveis.

Ela sustentou seu olhar através da escuridão do quintal. No silêncio entre eles, ela viu novamente aquele momento... aquele momento em que se encararam, ele com os braços em volta de Nilly, ela com os punhos cerrados, o poder de sua sombra aumentando com força. O que teria acontecido se Kephan não tivesse atacado? O que ela teria feito? Ela teria jogado fora tudo, sua vida de treinamento, seus votos de devoção, seu futuro, por causa de uma sombra inata?

Ayleth se virou. Ela se sentiu mal só de pensar naquela garotinha na Floresta da Bruxa. Mas pelo menos Nilly estava viva. Pelo menos ela não tinha caído nas mãos do Evanderianos. Por enquanto.

A voz de Hollis sussurrou no fundo de sua memória: — *Você está pronta para tudo que esse papel exige de você?*

Com um grunhido, Ayleth quebrou a última fechadura da gaiola, escancarando a porta. Ela viu uma jovem raposa se libertar e fugir para a floresta, mergulhando nas sombras mais profundas, para nunca mais ser vista. Por um momento, ela desejou de todo o coração poder seguir em frente. Correr, correr, correr e nunca olhar para trás.

CAPÍTULO 25

— Sua Alteza?

Gerard não tirou os olhos dos papéis espalhados à sua frente em sua mesa. Em vez disso, quando a porta de seu escritório se abriu e o chanceler Yves entrou no escritório, ele apertou o nariz entre dois dedos, apoiando o peso da cabeça em um cotovelo. — Sim, o que é? — ele perguntou de forma mais severa do que o necessário.

— Um mensageiro chegou agora mesmo. — Yves cruzou o escritório em passos rápidos e deslizou um pergaminho pela mesa sob o nariz de Gerard. — É a terceira mensagem deste mês. — Continuou ele. — Do duque.

Gerard não precisou perguntar a que duque Yves se referia. Ele olhou para o selo pressionado na gota de cera vermelha, o inconfundível cervo do duque d'Aldreda. Ele se sentou ereto, tirando os cotovelos da mesa e recostou-se na cadeira. Seu coração batia um pouco rápido demais, mas ele teve o cuidado de não deixar nenhuma emoção transparecer em seu rosto. Yves o observou de perto.

Sabendo que seu chanceler não iria embora até que ele tivesse certeza de que a missiva tinha sido lida, Gerard agarrou o pergaminho, quebrou o selo e desenrolou o pergaminho. Ele examinou as linhas rapidamente.

— Bem, Vossa Alteza? — Yves disse depois de um silêncio superficial.

— Bem, Yves. — Gerard deixou o pergaminho rolar de volta e cair na mesa em cima de seu outro trabalho. Trabalho que ele não iria continuar naquele dia. Ele olhou para cima e encontrou o olhar ansioso de seu chanceler. — Você deve me dar os parabéns. Vou me casar.

Um quase sorriso apareceu na ponta do bigode de Yves. — As bênçãos da Deusa estejam com você. Todos nós esperávamos que este dia voltasse... chegasse. Quando, posso perguntar, o evento feliz vai acontecer?

— Noite de Consagração. — Gerard respondeu.

— Santos, tenham misericórdia! — Toda a cor sumiu do rosto de seu chanceler. — Isso é apenas um mês a partir de agora! E... e todos eles virão? O rei? O duque? Suas famílias? Toda a corte de Telianor?

— Até onde sei. — Gerard encolheu os ombros. — É só o meu casamento. Não estou a par dos detalhes.

— Oh, Santos. — Sussurrou Yves de novo, parecendo ter acabado de ouvir o boato de exércitos invasores marchando para sitiar Dunloch. Ele fez o sinal sagrado e depois se virou para a porta, murmurando: — Vou começar os preparativos imediatamente, Alteza. A palavra deve ser enviada para as Irmãs Siveline. Certamente, a vovó Didienne pode ser convencida a realizar a cerimônia. E teremos que contratar mãos extras para dar conta do... — Sua voz sumiu quando ele alcançou a porta. Ele parou com a mão na trava e olhou para trás. — Eu quase esqueci. Os evanderianos estão aqui.

Assustado, Gerard ergueu os olhos bruscamente. — Os evanderianos? Quais?

— Todos eles. — Yves torceu o lábio em desgosto. — Venador du Tam, Venador du Balafre e aquela nova venatrix.

— Di Ferosa. — Gerard disse. — Venatrix di Ferosa. Aprenda o nome dela. Onde eles estão?

— Eu os fiz esperar no quintal da cozinha. — disse Yves. — Eles são um espetáculo para ser visto, seus uniformes manchados com não sei o quê. Eu não suportaria deixá-los passar pela porta.

— Há quanto tempo eles estão esperando, Yves?

— A última meia hora ou mais.

Gerard praguejou e se levantou na mesa, as pernas de sua cadeira raspando no chão. — Envie-os para mim de uma vez. E nunca, nunca faça nenhum evanderiano esperar para ser anunciado novamente. Eu fui claro?

Uma sobrancelha clara deslizou para cima da testa de Yves. — Muito claro, Alteza. — disse ele, e fechou a porta ao sair.

Gerard esperou até ouvir os passos de seu chanceler recuando no corredor. Então ele deu um soco na mesa e se virou para a janela atrás dele para contemplar a vista do lago brilhando sob o sol frio da tarde. Mas sua visão ficou vidrada, cega para a beleza da cena. Em vez disso, ele viu as linhas escritas naquele pergaminho na mão firme do duque.

Cerine concordou com o casamento e finalmente assinou os papéis. Depois de todos esses anos, estou ansioso para segurar sua mão como apertaria a mão de meu próprio filho.

E foi isso. Assinado com a letra firme de d'Aldreda.

— Cerine concordou. — Gerard sussurrou, seu rosto perto o suficiente da janela para embaçar o vidro. Ele não sabia se deveria acreditar. Não depois de tudo o que havia acontecido entre eles. Que ameaças, que influência o duque usou para forçar sua filha mais nova a se casar?

Ou havia uma chance, mesmo a menor chance, de que ela viesse por sua própria vontade?

Gerard praguejou novamente e começou a se afastar da janela. Assim que ele fez, um lampejo de vermelho chamou sua atenção. Ele se voltou. Seu coração saltou para a garganta. O brilho da luz do sol sobre a água ofuscou

seus olhos, mas ele ergueu a mão para protegê-los e olhou através do lago para a outra margem ladeada de árvores.

Quem era aquela parada atrás da cortina dourada de ramos de salgueiro outonais? Uma figura esguia, quase esquelética, em um vestido branco esfarrapado e manchado. Um fantasma, uma ilusão.

Se foi.

Gerard abriu sua janela. Ignorando a rajada de ar frio que penetrou em sua pele, ele se inclinou sobre o peitoril, tentando forçar seus olhos a ver mais longe, para estudar aquelas sombras vazias sob os salgueiros. Ele estava bravo? Ele estava sonhando? Isso foi duas vezes agora no espaço de cinco dias que ele pensou que a tinha visto. A primeira vez não foi nada mais do que uma ilusão lançada por uma sombra predadora de Isca. Mas isso...?

— Fayline. — Ele sussurrou.

Uma batida na porta o assustou. Ele puxou a cabeça de volta para o escritório e fechou a janela rapidamente. — Venha! — ele chamou.

A porta se abriu e o chanceler Yves entrou, varrendo uma longa manga de veludo. — Os evanderianos de Milisendis, Vossa Alteza. — disse ele e retirou-se rapidamente.

Os três caçadores de sombras entraram, primeiro Kephan, parecendo muito mal vestido com um uniforme surrado crivado de estranhos rasgos e buracos. Seu rosto estava abatido, como se tivesse acabado de sobreviver a uma provação terrível, os olhos fundos nas órbitas. Terryn o seguiu, parecendo sombrio e severo como só Terryn poderia.

Ayleth entrou por último, seu uniforme uma ruína de sujeira, lama e sangue, mas o cabelo trançado com força para fora do rosto. Ela tinha a aparência de um lobo enjaulado, cabeça baixa e olhos alertas. Aqueles olhos

fixaram-se fortemente em Gerard quando ela entrou, mas no momento em que o viu, ela relaxou visivelmente.

Kephan se aproximou da mesa do príncipe, e Terryn e Ayleth o flanquearam. Os três se curvaram, Ayleth um pouco mais tarde do que os outros dois. Gerard novamente se sentou atrás de sua mesa e gesticulou para que os três ficassem à vontade. A atitude de atenção deles quase não mudou, os ombros quadrados e as mãos em punhos nas costas. Gerard os examinou sem palavras, notando qualquer número de pequenos cortes, arranhões e hematomas.

— O que, pelos três santos nomes da Deusa, vocês têm feito?

Kephan deu um passo à frente, atraindo o olhar do príncipe. — Vossa Alteza. — disse ele. — Lamento informar que aparentemente fui vítima de uma maldição.

— Uma maldição? — As sobrancelhas de Gerard se ergueram. Embora tivesse sido instruído no entendimento básico da Ordem de Santo Evander e seu funcionamento, ele foi um pouco vago nos detalhes. — Como?

— Ylaire di Jocosa. — disse Terryn. — A Bruxa do Ardor.

Gerard sentiu como se uma lança o tivesse perfurado até o sabugo. Ele desviou o olhar de Terryn para Kephan e Ayleth e de volta para ele, na esperança de ver alguma dúvida em um de seus rostos. Ele leu apenas certezas. E medo.

— Relatório. — Ele disse, sua voz firme.

Terryn e Kephan se apressaram em informá-lo de tudo o que acontecera nos últimos três dias. Ayleth ficou parada, quase sempre em silêncio, oferecendo apenas uma ou duas palavras aqui e ali sobre sua própria participação nos acontecimentos.

Gerard ouviu com horror crescente. Uma brecha na Grande Barreira era inédita! Isso não acontecera, até onde ele sabia, nos quase vinte anos desde que Fendrel du Glaive havia tocado o feitiço da música. Para um dos Diabos Carmesins escapar foi certamente um desastre.

Mas então... se Ylaire di Jocosa tivesse de alguma forma escapado de Floresta da Bruxa, isso não significa que um de seus irmãos também poderia ter escapado? O que significava aquele vislumbre fantasma que Gerard teve entre os salgueiros...

Pode ter sido real.

— Eu devo me desculpar. — Kephan disse quando eles chegaram ao fim de sua história. — Que eu não me lembro de mais detalhes. Mas, como você sabe, du Balafre sofreu sob a mesma maldição em sua infância. O que significa que a cura é possível. Temo que deva temporariamente deixar meu serviço aqui em Wodechran e ir buscar a cura em Castra Breçar.

Gerard acenou com a cabeça. — Claro, Venador du Tam. Você deve cuidar de si mesmo. Não queremos perder outro homem bom.

O rosto de Kephan se contraiu com a menção indireta de Nane, mas ele não disse mais nada, oferecendo apenas um breve aceno de cabeça.

O olhar de Gerard deslizou para Ayleth, parada silenciosamente de lado, com o queixo erguido. Ela parecia mais lupina do que nunca em sua intensidade, mas algo sobre sua postura disse a Gerard que ela faria sua próxima pergunta.

— E a criança inata? — ele disse. — O que você fez com ela?

— Ela foi levada pela Bruxa do Ardor de volta para a Barreira, para a Floresta da Bruxa. — Terryn respondeu, mas Gerard nunca tirou o olhar do rosto de Ayleth. Ela olhou fixamente para a borda de sua mesa em vez de para

ele. Ele observou como sua mandíbula se contraiu, como suas narinas dilataram enquanto ela respirava silenciosamente.

Beliscando a ponta do nariz, Gerard mais uma vez apoiou a cabeça na mão, o cotovelo apoiado na mesa. Ele considerou tudo o que lhe disseram. Eles realmente iriam? ...queimar uma criança viva? A própria ideia o deixou doente. Doente e com raiva o suficiente para se voltar contra seu amigo de infância. Que tipo de justiça era essa?

Seu pai manteve uma política rígida de deixar a Ordem Evanderiana para cuidar de seus negócios sem ser questionada. O rei confiava em Fendrel para supervisionar o papel da Ordem no reino, e Gerard também foi educado para nunca interferir nos assuntos dos castra. Mas...

— Se vocês a encontrarem... — disse ele, dirigindo suas palavras especificamente a Ayleth. — Tragam-na até mim. Antes de fazer qualquer outra coisa. Tragam-na para mim. O mesmo vale para todos os inatos que vocês descobrirem no bairro de Wodechran.

A tensão no rosto da venatrix relaxou. Seus olhos duros piscaram para encontrar os de Gerard, falando volumes de gratidão esperançosa.

Gerard se dirigiu a Kephan mais uma vez. — Eu estarei ansioso para seu retorno rápido, Venador. — Ele disse. — Enquanto isso, espero que você ofereça conselho tanto ao Venador du Balafre quanto à Venatrix di Ferosa para ajudá-los enquanto eles gerenciam o Posto Avançado de Milisendis em sua ausência. Elogio a todos vocês pelo trabalho que realizaram. Embora a Bruxa do Ardor não tenha sido morta, pelo menos temos a garantia de que ela está de volta atrás da Barreira, onde pertence. E o assassino de Nane... ela também não é mais uma ameaça. Bem feito para todos vocês.

Os evanderianos fizeram uma saudação e se viraram para sair. Kephan foi à frente, Ayleth correndo atrás dele. Terryn ficou mais um momento, seus

olhos fixos no rosto de Gerard. Assim que ele se virou para se juntar aos outros, Gerard disse: — Espere, Terryn.

Kephan e Ayleth pararam na porta, olhando para trás por cima dos ombros. A um aceno do príncipe, eles continuaram a sair, fechando a porta atrás deles. Gerard se levantou e foi até o outro lado de sua mesa, de frente para Terryn.

— Eu vi Fayline. — Ele disse sem preâmbulos.

A raiva de Terryn desapareceu em um lampejo de surpresa. Ele não esperava por isso. Ele se recuperou rapidamente, no entanto. — Você está certo?

— Não. — Gerard respondeu pesadamente. — Eu não estou. Não tenho certeza de nada.

Seu amigo balançou a cabeça. Ele desviou o olhar de Gerard pela janela, uma expressão estranha em seu rosto. Tenso e um tanto confuso, como se tentasse se lembrar de algo, mas não conseguisse entender.

— O que há de errado? — Gerard perguntou.

— Eu... — Terryn engoliu em seco, seus olhos se estreitando. — Eu pensei, talvez... Não. Não importa. Não é nada. — Ele se recompôs e enfrentou Gerard mais uma vez. — Vou caçar todas as informações que puder. — disse ele. — Você tem minha palavra. Se houver uma chance de ela ter saído, eu irei encontrá-la.

— E você vai salvar a alma dela? — As palavras saíram pequenas, sem esperança. Mas ele tinha que perguntar.

Terryn não respondeu imediatamente, e um longo e terrível silêncio pairou entre eles. Por fim, ele sussurrou: — Se a alma dela ainda está lá para ser salva.

Gerard acenou com a cabeça. Ele sabia que não poderia pedir mais nada.

CAPÍTULO 26

Deixar a presença do Príncipe Dourado foi, pensou Ayleth, como sair da luz do sol para as sombras. Mas ela não podia negar que também foi um alívio escapar daquele escritório. A visão do belo rosto de Gerard só trouxe à mente o breve vislumbre que ela teve dele na visão que a sombra de Nilly pressionou em sua cabeça. Aquela visão de um céu noturno cheio de estrelas, do fio de uma espada, de um calor ardente ao redor de sua testa...

— *Sinto muito, Ayleth.* — Ele disse antes de erguer a espada.

Ayleth afastou a memória rapidamente. Os poderes dos videntes eram imprevisíveis, estranhos e, em última análise, indignos de confiança. Nada de bom poderia advir de se deter em imagens tão incompreensíveis, tão confusas.

Terryn se juntou a ela e Kephan nos degraus da varanda enquanto esperavam que seus cavalos fossem trazidos. Ayleth parou atrás dos dois homens, alguns degraus acima, e cruzou os braços. Nenhum deles falou.

Ao longo da entrevista com o príncipe, Ayleth meio que esperava que Terryn gritasse suas acusações enlouquecidas, ligando-a aos Diabos Carmesins. E como Gerard, com toda sua magnanimidade, reagiria às reivindicações de seu amigo de longa data? Ele ainda consideraria Ayleth uma candidata digna? Ou ele a veria de repente como uma ameaça?

Mas as palavras nunca cruzaram os lábios de Terryn.

Seus três cavalos foram trazidos eventualmente. Terryn se moveu rápido para reivindicar e montar sua égua vermelha. Ayleth e Kephan moviam-se com mais calma, parando para verificar seus estribos e freios antes de montar

e cruzar a ponte. Terryn já estava nos jardins externos quando passaram pelo portão.

— Bem, di Ferosa. — disse Kephan depois que eles deixaram Dunloch para trás. — Parece que devemos nos separar.

Ayleth lançou ao venador mais velho um olhar rápido e inquieto. Cavalgar ao lado de um homem que havia tentado, apenas na noite anterior, comer seu rosto parecia estranhamente... vulnerável.

— Não posso dizer que nosso encontro foi totalmente prazeroso. — Ele falou em um tom leve que contrastava estranhamente com a dureza em seu rosto. — Dito isso... — Kephan parou por um momento, então continuou na mesma linha: — Enquanto em nosso primeiro encontro eu achei estranho que nosso príncipe até mesmo considerasse você como competidora do Venador du Balafre, agora... Bem, agora acho que vejo a sabedoria em seu pensamento. Você é uma caçadora formidável e pode realmente ter o que é preciso para roubar o futuro de Terryn debaixo dele.

A maneira como ele disse isso não soou totalmente elogiosa. Sem saber ao certo como responder, Ayleth murmurou: — Obrigada?

Quando Kephan riu e rapidamente encontrou o olhar dela, Ayleth reconheceu uma espécie de resignação triste em seus olhos. Apesar da incerteza de seu futuro, ele reuniu um sorriso surpreendentemente sincero e o lançou casualmente na direção de Ayleth. — Tudo que eu peço é que você e aquele garoto à frente não se mostrem uma equipe muito eficaz. Quero ter certeza de que ainda terei uma posição aqui quando voltar do castra.

Ela bufou. — Não acho que haja perigo.

— Não é? — O sorriso ficou torto e Kephan balançou a cabeça. A estrada à frente deles se dividiu e o venador freou seu cavalo no momento em que Ayleth começou a virar Chestibor para o leste. — Vou embora imediatamente.

— disse ele, e acenou com a cabeça na direção de Terryn, cavalcando à frente pela estrada leste. — Diga adeus a du Balafre por mim. E não se deixe enganar, di Ferosa. Ele não é todo frio. Há fogo em seu núcleo, e vai queimar de verdade quando surgir a necessidade.

Fazendo uma pausa, Ayleth assentiu evasivamente. Ela não se importava muito com o que se escondia no âmago de Terryn du Balafre.

Kephan se virou como se estivesse pronto para cavalgar para o oeste, mas hesitou novamente. Apertando os lábios em uma linha, ele olhou para Ayleth de perto novamente. — Não me lembro muito dessas últimas semanas. Mas desde que aprendi sobre a garota... Nilly... algumas coisas voltaram para mim. Elas são nebulosas, como sonhos mais do que qualquer coisa. Mas... — Ele abaixou a cabeça e parecia estar considerando suas próximas palavras com cuidado. — Nane recebeu a confirmação do castra de que a criança era congênita. Eu mesmo vi a carta. Eles deram-lhe sanção para... fazer o que fosse necessário. Eu disse a ele que ele não poderia fazer isso. Eu disse que ele não devia. Eu disse a ele que o impediria se ele tentasse. Discutimos violentamente. E ele partiu sozinho para o Santuário de Elsinoe para encontrar a garota, para cumprir seu dever.

Ayleth ouviu, com o peito apertado, nem mesmo ousando fazer as muitas perguntas que se amontoavam em sua língua.

— Eu finalmente me recompus e segui Nane. Novamente, não me lembro muito, mas... Eu acredito que nós lutamos. Com violência desta vez. E eu tirei a garota dele e fugi com ela, levei-a para a Grande Barreira. Eu estava meio louco de tristeza, de horror que o homem eu... que alguém que eu respeitei tão profundamente pensaria em construir uma pira para uma criança.

Ele ergueu a mão como se esperasse protestos. — Eu conheço a lei. Eu conheço os ensinamentos do nosso santo. E estou lhe dizendo agora, di Ferosa, eu prefiro ser queimado vivo eu mesmo do que ser o único a acender o fogo.

Ele não continuou imediatamente. Ayleth, com as mãos agarradas ao punho da sela, esperou. Sua mente preencheu o que Kephan não disse: ele enviou Nilly através da Grande Barreira em uma tentativa de salvá-la. Então Nane entrou atrás dela, também com a intenção de resgatá-la, embora de um jeito diferente. Como exatamente as coisas aconteceram a partir daí, ela não podia adivinhar e duvidava que algum dia descobriria, não completamente.

— Não me lembro de tentar consertar a Grande Barreira. — Continuou Kephan. — Eu não me lembro de ter conhecido a Bruxa do Ardor. Não me lembro de nada realmente. Mas eu acho... Acho que vi Nane morrer. Não sei ao certo, mas há uma imagem em meu cérebro, uma imagem dele parado logo além da Barreira, a abertura se alargando enquanto ele tocava o feitiço da música. Em seguida, uma forma escura descendo do alto, atingindo-o. Ele caindo e... Eu querendo ir até ele... Talvez eu tenha. Talvez seja onde a Bruxa do Ardor me encontrou.

Talvez tenha sido a Bruxa do Ardor que ordenou que Kephan esquecesse seus esforços para fechar a Barreira. Talvez tenha sido a Bruxa do Ardor que o ordenou a esquecer seus momentos finais com Nane. Talvez ela tivesse pegado o diário de bordo de Nane para evitar que outras pessoas soubessem da presença de um Vidente em Wodechran. Talvez... talvez...

Kephan ergueu os olhos, encontrando o olhar de Ayleth. Pela primeira vez desde que o conheceu, Ayleth não viu nenhuma dureza em seu rosto, nenhuma torção sardônica em seu lábio. Não havia nada além de um coração partido aberto e honesto.

— Não somos o que pensamos que somos. — disse ele. — Nenhum de nós. — Ele engoliu em seco e desviou o olhar, para o horizonte ocidental, a direção em que Castra Breçar estava. — No final, temo que possamos descobrir que fomos os verdadeiros monstros o tempo todo.

Ayleth não sabia o que dizer. Ela tirou uma mão do punho, meio querendo estender a mão para o outro venador. Para dizer a ele que ela entendeu. Para dizer a ele que ela teria atacado Terryn para salvar a vida de Nilly. Mas não era a mesma coisa. Terryn nem era seu irmão de caça, não realmente. Não era a mesma coisa.

Kephan endireitou-se na sela e balançou a cabeça brevemente. — Deusa vá com você, Venatrix di Ferosa. — ele disse.

— Deusa vá com você, Venador du Tam. — ela respondeu, saudando-o solenemente, seu punho pressionado contra seu coração. — Espero que encontre a cura que procura no Castra Breçar.

Kephan acenou com a cabeça e a saudou em retorno. Sem outra palavra, ele esporeou sua montaria e partiu ao longo da estrada oeste, em direção aos limites do bairro de Wodechran. Ayleth o observou partir por algum tempo. Ele parecia derrotado de alguma forma, apesar da postura de seus ombros e de sua postura ereta na sela.

Por um momento, parecia que ela quase podia discernir o fantasma de um segundo cavaleiro ao seu lado, outro caçador encapuzado, nunca longe dos pensamentos de Kephan, mesmo agora que sua alma estava perdida.

Que existência solitária era servir à Ordem de Evander! Ayleth voltou para a estrada leste, empurrando Chestibor para uma caminhada rápida. O rosto de Hollis passou pelos olhos de sua mente e seu coração bateu forte em resposta. Ela nunca tinha entendido completamente por que sua patroa se recusava a deixá-la ir. Parecia injusto, arbitrário e até cruel.

Agora, ela se perguntava se a venatrix mais velha simplesmente temia a solidão que deveria seguir a perda de sua aprendiz.

— *Laranta*. — Ela sussurrou, buscando dentro de si algum sentido de sua sombra. Mas apenas o zumbido de canções de supressão de feitiços respondeu a ela. Ela enfrentou a longa jornada de volta a Milisendis sozinha.

Ou assim ela pensou até que, chegando ao topo de uma subida na estrada, ela viu Terryn à frente, sua égua vermelha pateando o chão com impaciência enquanto a mantinha sob controle. Suas costas rígidas estavam voltadas para ela, seu olhar fixo no horizonte oriental. Mas ele não seguiu em frente. Ele estava esperando que ela o alcançasse?

Assombrados, droga. Embora um momento antes ela estivesse suspirando por sua falta de companhia, esta não era a solução que ela tinha em mente. Mas Kephan havia partido agora. Para o bem ou para o mal, Terryn era seu irmão de caça pelas próximas semanas, possivelmente meses.

Cacarejando para Chestibor, Ayleth trotou com seu cavalo ao lado de Terryn. Ele, sem olhar para ela, fez seu cavalo voltar a andar, e eles avançaram lado a lado por algum tempo, sem falar, enquanto o sol se punha em suas costas. O coração de Ayleth batia desconfortavelmente. Por que ele esperou para cavalgar com ela? Simplesmente para enfatizar sua desaprovação com esse silêncio gélido?

— O que? — ela exigiu afinal, um latido simples e agudo de uma palavra. Ela se virou na sela para enfrentar o venador, sua sobrancelha se contraindo em uma carranca profunda.

Terryn engoliu em seco, os músculos de sua garganta se contraíram visivelmente. — Eu percebi uma coisa. — disse ele.

Ayleth ergueu uma sobrancelha, esperando.

— Percebi que nunca agradei a você. Por salvar minha vida.

Ele poderia tê-la derrubado da sela com um suspiro.

Ayleth balançou a cabeça, convencida de que devia ter ouvido errado.

Ele olhou em sua direção, o mais breve dos olhares de esguelha. — Da maldição. — Ele disse. — A maldição de Nane no portão. Eu teria morrido antes mesmo de colocar os pés em Milisendis se não fosse por sua ação rápida. Então, obrigado.

— Aquilo foi... isso foi há dias. — disse Ayleth. Parecia mais tempo. Pareceram anos.

— Sim.

— Eu... Por que você acha que deveria...? Quero dizer, o que você poderia possivelmente...? — Ela coçou a nuca sob a longa trança, voltando o olhar para estudar a paisagem entre as orelhas de Chestibor. Então, depois de um suspiro, ela disse: — De nada.

Outro silêncio se seguiu pelo próximo quilômetro. Diversas vezes Ayleth pensou em estimular Chestibor a seguir em frente, determinada a escapar da presença opressora do venador. Mas algo a segurou. Uma pergunta queimou em sua mente, uma pergunta que ela tinha que fazer. Uma pergunta para a qual ela deveria saber a resposta antes que pudesse suportar passar mais um momento na companhia deste homem.

— O que você teria feito?

Outro relance de soslaio. E silêncio.

Ayleth tentou novamente, tentou formular sua pergunta de forma mais direta. — Se eu tivesse ido embora ontem à noite. Na floresta. Se eu tivesse te deixado com Nilly. Você a teria matado?

Ele não respondeu imediatamente. Mas havia algo em seu silêncio, alguma qualidade que ela mal ousava definir. Alguma coisa...

A verdade veio a ela, tão claramente como se ele tivesse falado em voz alta. Ela quase podia ver, como uma visão, ela podia vê-lo observando até que ela tivesse sumido de vista, fora da audição. Ela podia vê-lo pegar Nilly pela mão e caminhar com ela na escuridão da orla da floresta, rumo à Barreira.

Ela podia vê-lo mandando a garota passar.

Ela sabia disso. Ela sabia com mais certeza do que sabia o que ela mesma teria feito em seu lugar. Algo no ritmo daquela alma cavalgando ao lado dela disse a ela a verdade: Venador Terryn não teria matado a criança.

— Somos servos de Evander. — disse ele por fim. — Pela vontade da Deusa nós servimos. Temos um dever para com as almas deste mundo. Devemos honrar esse dever, não importa o custo.

Uma boa resposta. A resposta de um venador.

Mas não era verdade. E ela sabia disso.

Ayleth olhou para ele com firmeza. Depois de um longo momento de luta consigo mesmo, ele encontrou o olhar dela, seu rosto como uma pedra com crosta de gelo. Mas havia algo em seus olhos, uma espécie de desespero. Ela viu em seu olhar a mesma pergunta que ela havia feito a si mesma.

Se não formos leais à lei de Evander... o que nós somos?

Hereges. Bruxos.

Dane-se.

Ayleth freou em Chestibor até que a égua vermelha de Terryn avançou bem. Ela então deixou o cavalo vagar ao longo da estrada sinuosa do circuito, lentamente, vagarosamente, até que o venador fez uma curva e passou além da vista à sua frente.

Só então ela liberou totalmente a respiração que estava segurando. Seu peito doeu, e ela pressionou a mão contra o coração, como se de alguma forma

acalmasse suas batidas frenéticas. Por um tempo, ela não pôde fazer nada além de respirar, expulsando os pensamentos tumultuosos de sua cabeça.

Laranta ergueu a cabeça, lutando contra suas supressões. *Senhora?* ela perguntou, sua voz quase inaudível acima dos feitiços da música. *Senhora, nós caçaremos?*

— *Ainda não, minha querida.* — respondeu Ayleth. — *Em breve, eu prometo. Em breve.*

EPÍLOGO

Nilly enterrou o rosto no ombro da mulher. Ela chorou, seu corpo estremecendo com onda após onda de terror. Ela ansiava por sua mãe, ansiava por seu pai, até ansiava pelos braços reconfortantes do homem alto que a segurou na floresta. Mas havia apenas esta mulher que a carregava agora, seus braços apertados ao redor do pequeno corpo de Nilly.

— Calma, doce criança. — A mulher continuou murmurando. — Silencie suas lágrimas agora. Silêncio, pois você está segura. Não vou deixar ninguém te machucar, nem um fio de cabelo em sua cabeça. Não você, e não aquela beleza que você carrega dentro de você. Cale-se agora, doçura, cale-se.

A voz era áspera, mas a qualidade rítmica de suas palavras era calmante. Nilly, exausta, cochilou finalmente, a cabeça pendurada naquele ombro duro e ossudo. Ela caiu agradecida em um sonho em que uma figura fantasmagórica apareceu ao lado dela. Como um pouco de luar moldado em um ser delicado, parecido com um gato, com delicadas asas peludas se espalhando de seus ombros. Envolveu aquelas asas protetoramente em torno da alma de Nilly, puxando-a para perto e balançando-a suavemente.

Não se preocupe, o ser sussurrou. Não se preocupe. Você não está sozinha.

— Mamãe! — Nilly chorou, as lágrimas escorrendo até seu rosto de sonho.

Mamãe se foi agora, o ser respondeu. Mas ela ainda te ama.

Nilly soluçou em um soluço, então apertou-se tanto contra a forma fantasmagórica que quase desapareceu dentro daquelas asas. — *Não me deixe.* — Ela implorou.

Nunca. Eu nunca te deixarei. Eles não podem me tirar de você.

Nilly acordou abruptamente, assustada fora do sonho, assustada fora do abraço do ser alado. Ela não era mais carregada nos braços da bruxa, não estava mais na floresta sob a copa das árvores. Em vez disso, ela olhou em volta para as paredes sombrias de uma sala grande e solitária. A luz do amanhecer penetrava pelas janelas quebradas e abertas, revelando móveis em ruínas, cortinas podres, um tapete meio queimado sobre um piso frio de pedra. Uma parede estava parcialmente desabada. A própria Nilly estava sentada em uma cadeira bamba coberta com brocado puído.

A mulher estava do outro lado da sala, abrindo caminho através das pedras caídas da parede quebrada, rolando algumas para trás, empurrando outras para o lado. Nilly a observou incerta, com medo de falar, com medo de se mover. Enquanto ela observava, a mulher descobriu um velho armário. Uma das laterais estava amassada e, quando a mulher abriu as portas, Nilly viu as prateleiras de dentro todas caídas, o conteúdo se espatifando e espirrando.

— Arruinada. — A mulher murmurou, pegando o que parecia ser a metade superior de uma velha garrafa de vidro. — Uma coleção com mais de um século, sangue de centenas de fontes, tudo desaparecido. Amaldiçoados esses venadores. Mas... ah!

Ela deixou cair o frasco quebrado. Sua mão disparou para os destroços e saiu com uma pequena garrafa intacta. Seus lados facetados negros brilhavam à luz do amanhecer. — Isso vai servir.

Com essas palavras, a mulher tirou uma adaga do cinto. Nilly se afundou ainda mais na cadeira, mas a mulher não olhou em sua direção. Ela ergueu a adaga, cuja lâmina estava manchada de sangue, e começou a falar em uma língua estranha e horrível. As manchas de sangue ao longo da lâmina se

moveram, mudaram, ondularam. A mulher inclinou adaga para que sua ponta ficasse suspensa sobre a borda da garrafa, ainda pronunciando seu encantamento. Sangue vermelho fresco derramou em um fluxo pela borda de aço, pingando delicadamente na garrafa, enchendo-a até a metade.

Por fim, com um suspiro, a mulher deixou cair a adaga de sua mão trêmula. Ela agarrou a garrafa perto do peito, seu rosto severo relaxando em um sorriso tão alegre que quase transformou suas feições severas. — É o suficiente! — disse ela, em seguida, ergueu a garrafa para espiar dentro, mordendo o lábio nervosamente. — Deve ser o suficiente. A própria graça de Odile ainda está conosco.

Ela se virou para Nilly, e seu sorriso ficou tão grande que a garota podia ver cada dente escuro e manchado de sangue.

— E agora, doce criança... — disse ela. — Com a sua ajuda, encontraremos nossa rainha.